



Dois mundos. Seis guerreiras. Uma história de fantasia moderna repleta de aventura, sensualidade e humor.

Quem disse que as raparigas não conseguiam ser sensuais e fortes ao mesmo tempo?

Noemi é fã de cinema e séries de acção e aventura. Mas nunca imaginou que ela própria faria o papel de uma dessas personagens que, de um momento para o outro, vêem a sua via normal dar uma volta de 180 graus. De uma forma pouco ortodoxa, descobre que é um Anjo, uma Guerreira ancestral renascida e que, numa dimensão paralela à da Terra, existe um mundo mágico regido por uma Deusa – Orbias.

Mas Noemi não terá apenas de lidar com os seus novos poderes e responsabilidades. Terá também de se confrontar com perigos e emoções aos quais não estava habituada, especialmente um sentimento em relação a Sebastian, um orbiano sedutor... Conseguirá ela superar a sua fragilidade e conflitos interiores para salvar os dois mundos da destruição?

Orbias é uma aventura fantástica repleta de acção, sensualidade, personagens e cenários surreais, humor e magia. Uma obra essencial para quem gosta de uma história cheia de surpresas e fantasia moderna.

Prólogo

Paixão e desespero. Essa mistura explosiva nos olhos dos dois amantes antevia a sua separação. Numa planície verdejante, manchada de vermelho pelo pôr do Sol, a suave brisa fresca ondulava os cabelos negros da mulher. O seu olhar cristalino e penetrante cruzava-se com os olhos negros dele, com uma ternura pura e intensa capazes de entristecer a infinita planície etérea.

– Eles vão encontrar-nos se ficarmos aqui. Não consigo aceitar esta separação! Tem de haver uma alternativa, não posso deixar-te fazer isto. Vamos fugir os dois! – disse o homem com seriedade, mas com uma certa dose de descontrolo a tomar conta da voz.

– Não posso! É o meu… o nosso dever. Como Guerreiras da Deusa, temos de cumpri-lo! Tu sabes tão bem quanto eu… – A mulher de voz suave como o veludo fez uma pausa desconfortável. – Promete-me que os nossos corações estarão sempre ligados, aconteça o que acontecer… Eu amo-te! Vou estar sempre contigo! – respondeu a mulher com as lágrimas a caírem pelos olhos de céu e já a largar as mãos do seu amado.

– Eu também te amo! – As lágrimas do homem eram trágicas e comoventes, como se fosse o seu próprio coração a sangrar de angústia – Estaremos juntos… para sempre! Nunca me esquecerei de ti… meu puro Anjo.

– Adeus, meu amor… Farás sempre parte de mim, viverás em mim para toda a eternidade!

O homem largou a mão branca e gelada da sua amada com grande dificuldade e, após alguma hesitação, começou a correr para além na planície, com uma velocidade sobre-humana até se perder completamente de vista.

O desaparecimento do seu amado deixou a mulher imóvel, apenas com dois finos fios de lágrimas a escorrerem pela sua face ligeiramente rosada pelo frio. Decidida, virou-se para trás, como se tentasse, sem sucesso, esquecer aquele momento de separação. Ergueu as mãos no ar e proferiu uma palavra imperceptível, com severidade na voz. Um enorme buraco negro apareceu magicamente por cima dela e engoliu-a.

Quando abriu os olhos, a mulher deparou-se com um cenário surreal. Estava no maior deserto que alguma vez vira e que se prolongava numa imensidão de terra avermelhada até onde a vista alcançava. O céu era de um outro tom vermelho bastante vivo, com um sol escarlate pouco poderoso. Facilmente identificável na paisagem homogénea, avistou uma espécie de oásis, com um grande lago de água cristalina e uma pequena porção de terra no meio. Essa ilhota destacava-se pelo facto de ser bastante verdejante e com flores de todas as cores. Era esse o seu destino.

Fechou os olhos com firmeza e das suas costas surgiram duas enormes asas de anjo que se abriram brilhantes e vigorosas. Voou até à pequena ilha e, quando lá chegou, apercebeu-se de que podia sentir o doce perfume das flores. Ao pousar, notou que não estava só. As suas companheiras também se aproximavam da ilha. Depois de um olhar trocado entre elas, era notório que estavam ali com o mesmo objectivo.

– Estão todas prontas? – perguntou o Anjo.

– Ela ainda não chegou. Temo que as nossas suspeitas sejam verdadeiras – respondeu a mulher com o olhar mais severo do grupo.

– Ela não era capaz de nos trair… de trair a Deusa! – disse uma rapariga loira.

Mal acabou de falar, sentiram aproximar-se ao longe um grupo de homens. O seu aspecto bruto e beligerante contrastava com a figura feminina que os guiava, uma mulher imponente, seminua e com a pele em tons de azul desmaiado e olhar gélido.

– Não acredito! Ela traiu-nos! – gritou a mais bonita entre elas enquanto empunhava as armas que trazia à cintura.

– Preparem-se! Vamos fazer já o ritual sem ela! – disse o anjo. As cinco mulheres formaram uma roda, erguendo as mãos no ar e murmurando palavras desconhecidas. Já perto da ilha, a veloz mulher de olhar gelado levantou a mão suavemente, apontando para as mulheres, como se estivesse a ordenar aos homens que as atacassem. Estes passaram por ela a correr, como animais famintos e lançaram-se para a água, perturbando a sua tranquilidade e harmonia. Mal atingiram a pequena ilha, a terra começou a tremer, assustando-os. Enormes fendas abriram-se no chão e do céu avermelhado caíram fortes raios azulados, criando o caos completo. Apavorados, alguns homens fugiram, mas a maior parte foi logo engolida pelo solo que desabou à volta da ilha.

As cinco mulheres continuavam a murmurar uma ladainha longe de toda a confusão. A mulher de gelo também. No seu olhar estavam espelhados o ódio e a ira. Num final dramático e irreal, tudo ficou silencioso: os homens tinham desaparecido, as mulheres já não falavam. Repentinamente, grandes estacas de madeira irromperam da pureza daquela ilha florida e perfuraram os corações de cada uma das cinco mulheres, erguendo-as no ar. Curiosamente, nenhuma gritou, agonizante, como se estivessem à espera daquele final. Uma morte tão horrenda quanto calma.

Pequenas gotas de sangue escorreram pelas estacas até ao chão, que ficou macabramente manchado com o tom de vermelho-vivo. Todas elas já estavam mortas, sacrificadas, à excepção do Anjo. A mulher de gelo não perdeu tempo.

– A separação dos dois mundos não resultará. Eu não participei no ritual! Vocês morreram em vão! – berrou cruel e friamente a mulher, em total descontrolo.

– Nós temos… um plano… Tenho muita pena… que tenha sido assim… Éramos tão amigas… – disse debilmente o Anjo com as asas brancas cobertas de laivos de sangue. – Eu… amo-te… – Olhava para o céu vermelho. O seu último suspiro foi de um dramatismo tal que todas as flores da ilha murcharam tristemente.

Do interior dos corpos das cinco mulheres agora mortas saíram cinco borboletas brilhantes, cada qual da sua cor: branco, azul-marinho, amarelo, carmesim e púrpura.

– Não!!! O Ritual de Reincarnação não! Não o permitirei! – gritou a mulher de olhar gélido com enorme raiva.

Na sua mão formou-se uma afiada espada de gelo. Agarrou-a com força, murmurou algo imperceptível e espetou-a no seu próprio coração. Quando caiu no chão, cheia de dor e amargura, já o vermelho se juntava ao azul da sua pele. Uma borboleta de um azul pálido saiu do seu corpo e juntou-se às outras. Voando para bem longe, desapareceram as seis borboletas.

Passada toda aquela triste história, houve novo caos no deserto, com novos terramotos e tempestades assustadoras, mas, desta vez, tudo participava para a criação de uma enorme fenda, infinitamente funda e até onde a vista podia alcançar. O grande buraco abriu-se precisamente à volta da ilha. As duas metades do deserto afastavam-se cada vez mais até chegarem a um ponto em que estacaram abruptamente. Uma cortina de vidro mágico ergueu-se desde as entranhas da terra até à infinidade do céu de sangue. Os dois mundos tinham sido finalmente separados… Só dali a milhares de anos é que aquele lugar voltaria a ser visitado.

Milagre

Acordei a muito custo com a iluminação fraca do pôr do Sol de Verão a invadir a sala. Tinha adormecido devido ao cansaço. Passei a mão e senti o relevo da almofada no meu rosto.

Ainda tinha algumas imagens do sonho presente na minha mente, mas dissipavam-se à medida que ia despertando. Olhei para a televisão à minha frente. Àquela hora, a única coisa que podia ver era os noticiários. Estava tão exausta do cansativo dia de trabalho que nem prestei muita atenção às reportagens. Até podiam anunciar a evacuação da cidade devido à eminência de um ataque nuclear que eu mantinha-me ali, meio deitada no sofá. Lembrei-me então da razão pela qual me deixei levar pelo sono, mesmo sem gostar de dormir durante o dia: estava aborrecida por estar a desaproveitar as minhas férias de Verão a trabalhar. Mas precisava do dinheiro, a vida universitária não era fácil. Sempre fui muito madura e responsável para deixar que a minha mãe, a minha única família próxima, suportasse todas as minhas despesas. Devia-lhe essa ajuda em vez de me preocupar com uma pele bronzeada ou uma bebedeira e saídas à noite.

Abanei a cabeça como que afastando todos aqueles pensamentos. Na televisão, uma jornalista de fato azul e ar sisudo anunciava uma notícia que me despertou alguma atenção:

*O conglomerado económico Asmodeus comprou dois dos mais importantes bancos dos Estados Unidos. O presidente Mefisto Asmodeus não fez qualquer comentário à mais importante compra do ano. Depois das manifestações dos desempregados da fábrica de automóveis Asmodeus, após a sua deslocalização para o Extremo Oriente, a empresa veio mais uma vez a público afirmar a sua posição de organização económica mais poderosa do mundo, sendo a detentora de sectores ligados à energia eléctrica, telecomunicações, armamento e tecnologia.*

O mundo estava cada vez pior. Uma empresa, que indirectamente controlava todo o mundo, não me agradava nada... Estava demasiado stressada para ouvir notícias daquelas. Normalmente, interessava-me pelos assuntos da actualidade, quanto mais não fosse porque tinha tudo a ver com o meu curso de Comunicação. Mas hoje não. Não tinha mesmo paciência nenhuma para isso. Não depois de ter trabalhado sem parar durante quase dez horas seguidas.

Decidi ir para a cozinha quando ouvi uma voz vinda de lá, anunciando: «Noemi, o jantar está pronto!» Levantei-me a custo do sofá e avancei descalça. Adorava sentir os meus pés nus no chão, até mesmo no Inverno, o que resultava em algumas constipações. Para meu mal, comecei a ouvir a televisão da cozinha, ligada num canal sensacionalista e «popularucho» a que a minha mãe assistia. Eu já tinha desistido de o fazer há muito tempo.

– Bem, um pouco mais de notícias objectivas e interessantes não faz mal a ninguém – ironizei.

Para variar, a minha mãe tinha feito comida para dez dias! Olhei para a mesa completamente polvilhada de travessas fumegantes e exalando um cheiro fantástico. Ela adorava empanturrar-me como se eu fosse um daqueles bebés rechonchudos, que pouco mais fazem durante o dia senão comer. Eu não me importava nada, pois adorava os seus cozinhados e conseguia manter uma figura elegante, sendo daquele tipo de pessoa que comia de tudo e não engordava – mas sem exagerar, claro.

*Continua desaparecida a menina de dez anos de Grand City. A menina, de nome Carolina, desapareceu ontem da sua escola num bairro em Grand City. Algumas testemunhas dizem ter visto uma mulher, ainda por identificar a sair das instalações. A Polícia está a investigar o móbil do crime, podendo tratar-se da acção de uma rede de raptores ou derivado de motivações pessoais. Se tiver informações…*

– Louvado seja Deus! Ao que o mundo chegou. Uma menina de dez anos… Para mim, prisão perpétua para esta gente! – sentenciou prontamente a minha mãe com os olhos arregalados e abanando a cabeça.

– Ai mãe, não exageres. Não confirmaram a causa do rapto. Além disso, deve ter sido alguma briga familiar pela custódia da menina. Está sempre a acontecer – respondi, acreditando verdadeiramente no que estava a dizer. Quando o disse, reparei que a mesa já estava limpa e a minha mãe começava a lavar a loiça. Então, saí em direcção à sala para assistir àquela série de agentes secretos de que tanto gostava e que tinha deixado a gravar.

\*

Eram dez da noite quando, no final do episódio, olhei para o relógio pousada na estante. Ainda estava cansada, apesar de ter dormido um pouco durante o dia. Que vida! Estava desejosa de regressar à universidade e tinha saudades de toda a movimentação de estudantes, aulas, palestras… Aquelas férias de Verão eram as piores que já tinha tido, nos meus vinte anos de vida. Mas, pensando bem, não deveria queixar-me tanto. Havia tanto mal no mundo, tanta gente com pouca sorte, sem saúde… Era um grande defeito meu, queixar-me de mais quando nem sequer reparava que havia pessoas em pior situação que a minha. Próximo passo: menos queixas, mais altruísmo.

Na ausência de sono e sendo ainda tão cedo, pensei em sair para passear e aproveitar o calor da noite. Há muito tempo que não o fazia. Agarrei no meu leitor de mp3 e saí para a rua, despedindo-me da minha mãe com um «Até já!». Coloquei os *phones*, carreguei no *play* e deixei que a música *rock* me invadisse os ouvidos até chegar à minha mente, e inevitavelmente, ao meu espírito. Nada melhor que *rock* comercial para levantar o astral. Era o meu estilo de música preferido, para mal dos pecados da minha mãe que preferia música popular e odiava «berros» e «guitarradas».

Pude então sentir aquela brisa fresca típica das noites de Verão. Eu adorava o vento. Desde pequena que me comprazia a brincar na rua naqueles dias de ventos fortes, quando o que todas as crianças queriam era abrigar-se em casa. Até houve uma vez em que um tornado de pequenas dimensões passou pela praia onde estava com uma tia, vento esse capaz de levantar uma criança do meu tamanho e arrastá-la para longe. Foi um pânico! Turistas fugiam apavorados, chapéus-de-sol, toalhas e bóias voavam pelo ar. Quando finalmente eu e a minha assustada tia conseguimos abrigar-nos num café de praia, sorri para ela, pedindo-lhe: «Outra vez!». Não que gostasse de emoções fortes – até era bastante medrosa; simplesmente, adorava o vento.

Não havia ninguém na rua. Para uma rapariga como eu, até poderia ser perigoso passear sozinha de noite. No entanto, a zona em que vivia era segura… dentro do possível. No mundo actual e principalmente num país desenvolvido, não se estava seguro em lado nenhum. Imaginei que a visão de uma rapariga frágil e jovem como eu seria o suficiente para motivar sentimentos pecaminosos no mais calmo dos predadores… nocturnos. Não que eu fosse convencida, mas sempre notei alguns olhares devassos de alguns vizinhos meus, principalmente quando se apercebiam que já não era a menina magrinha e pequena… Já era uma mulher. Olhei para o meu reflexo na montra de uma loja vazia. Reparei que os meus cabelos negros e lisos estavam cada vez mais compridos. Mas estava com uma péssima pele pálida. Nunca gostei muito de ser branca, mas a verdade é que o Sol era veneno para mim. A única coisa que sobressaía na minha cara eram os meus olhos azuis-escuros e os lábios que, com aquela brisa fria, estavam bastante avermelhados. Não me achava muito bonita nem atraente. Para ser sincera, nunca me preocupei muito com a minha aparência, até porque era bastante insegura e deselegante na forma de andar, falar, agir… E tinha uma tendência terrível para tropeçar e cair em todo o lado. Chegava ao cúmulo de tropeçar nos meus próprios pés. Mas, apesar de tudo isso, sentia-me bem comigo própria.

Na rua só se ouvia o som do vento. A pastelaria ao pé de minha casa estava fechada nesse dia, o que justificava a ausência de ruído. Eram as típicas ruas dos subúrbios. Só havia casas brancas ou amarelas, todas de arquitectura irregular, e diferentes umas das outras, pastelarias, minimercados, etc… A iluminação era insuficiente, principalmente com o café fechado. Era costume algumas vizinhas, já velhotas, estarem sentadas à porta de casa para pôr a conversa em dia e apreciar o calor de uma noite de Verão. Naquela noite, ninguém…

Olhei para o relógio de pulso. Já andava a vaguear há pelo menos uma hora, perdida nas músicas fortes e melódicas que ribombavam nos meus ouvidos. Já estava na hora de voltar para casa. No entanto, o meu regresso foi interrompido quando avistei um rapaz alto e atabalhoado. Era Jonas, o meu vizinho da frente e amigo de infância:

– JONAS!!! – chamei eu, mostrando que estava contente por vê-lo, sem me lembrar que muitos dos vizinhos já estariam a dormir. Era a minha faceta trapalhona a falar mais alto.

Quando a minha voz irrompeu no silêncio da noite, Jonas virou-se de imediato, sorrindo e exibindo uns descuidados dentes encavalitados. Ele tinha mais um ano que eu, de cabelo ligeiramente espetado, barbicha e grandes olhos pretos. Vestia uma *T-shirt* sem mangas e umas calças largas, como se usam – descaídas. Conhecia-o praticamente desde que nasci. Em crianças estávamos sempre juntos e brincávamos a toda a hora. Todavia, tomando rumos diferentes, fomo-nos afastando cada vez mais. Continuámos amigos, ainda assim, porque podíamos estar dez anos sem nos vermos. mas falávamo-nos como se tivéssemos estados juntos no dia anterior.

Jonas era daquele tipo de rapazes misteriosos, que se mantinham à parte de uma categoria. Tinha uma personalidade muito própria e peculiar, se bem que isso fazia com que tivesse alguma dificuldade em aproximar-se e comunicar com as pessoas. Era muito artístico com uma imaginação muito própria, e andava sempre perdido nos labirintos do seu mundo. Fora isso, era um rapaz normal. E eu, que sentia sempre uma necessidade de avaliar as pessoas, com uma meticulosidade de um psicólogo, ficava fascinada pela sua maneira de ser.

– Olá, giraço. Na rua a estas horas? Não deverias estar na «caminha»? – brinquei eu, com grande confiança.

– Noemi! Estava à tua espera. Tive um pressentimento que estarias aqui, linda como sempre, e decidi vir ter contigo – ripostou Jonas – Como vai o trabalho? Há algum tempo que não te vejo.

– Aaah... O mesmo de sempre. Aturar o psicopata desumano do meu patrão explorador e forreta. Os chatos dos clientes continuam chatos… Enfim, o habitual. Mas, sabes?, às vezes penso que tudo isto é um teste. Trabalho que me farto agora porque estou destinada a ser linda e famosa mais tarde, sem necessidade de mexer uma palha – continuava a brincar com ele, apenas para testá-lo.

– Bem, metade já conseguiste, não é?

– Achas que sou linda?! – perguntei com os olhos a brilhar estupidamente.

– Não. Acho apenas que já és famosa, mas por seres tão desastrada – disse Jonas, rematando com uma gargalhada.

– És mesmo mau para mim! – disse com um beicinho fingido. Estávamos os dois debaixo de um candeeiro de rua, que iluminava a cena como se marcasse o local exacto onde nos deveríamos encontrar. A meio da nossa animada conversa, começou a piscar até que se apagou de vez.

– Será que se avariou? – murmurou Jonas, olhando para cima.

Quando acabou a frase, olhei para o fundo da rua e vi que todos os candeeiros se iam apagando, um a um. A rua deserta e mal iluminada ficou ainda mais escura e assustadora, tão escura que mal conseguíamos ver o que nos rodeava. Provavelmente era uma avaria momentânea. Mas algo estava errado e eu estava realmente assustada. Não conseguia deixar de sentir um desconforto e uma grande ansiedade dentro de mim. Senti o meu coração a bater tão depressa que quase se via o meu peito a latejar. A minha respiração também se tornou irregular. Não me estava a sentir nada bem, o que não era normal. O ar estava carregado, havia silêncio a mais para uma zona residencial como aquela. Nem uma única janela deixava notar a existência de alguém dentro de casa. Percebi que Jonas conseguia sentir o meu medo. Agarrou-me a mão gelada firmemente, sempre alerta. O calor da sua mão a tocar na minha acalmava-me de certa forma.

– Há algo de errado. Mas não te preocupes que estou aqui se acontecer alguma coisa. Vou levar-te até casa – tentava acreditar nele, mas, no meu interior, sabia que ele estava tão assustado quanto eu. A calma transmitida pelo calor da sua mão dissipava-se aos poucos.

No meio da escuridão e no silêncio da noite, consegui ouvir, finalmente, um sinal de vida: passos. Parecia ser uma pessoa a andar muito depressa, provavelmente um vizinho que tentava dirigir-se para casa. No entanto, do meio de todo aquele breu, saiu uma figura bizarra e desenquadrada com aquele local. Mesmo no escuro, identifiquei a silhueta de um homem de cartola, colete brilhante e segurando um bastão. A forma como se vestia era totalmente inapropiada. Podia também ver dois temíveis olhos brilhantes no seu rosto desfocado, de alguém que estava pronto a atacar como se reflectissem uma qualquer perversidade. Os seus movimentos eram de uma perfeição inumana.

Paralisada pelo medo, Jonas puxou-me pela mão e começou a andar depressa, sem palavras, na direcção oposta donde vinha aquele homem ameaçador. Jonas nunca largou a minha mão e apertava-a com cada vez mais força, tanta que começava a magoar-me. Senti o leitor de mp3 cair no chão desde o pequeno bolso das minhas calças, mas nem me atrevi a parar para o ir apanhar. Começámos a correr quando ouvimos os passos do homem a perseguir-nos, cada vez mais rápido. O meu coração queria explodir no meu peito com tantas descargas de adrenalina provocadas pelo meu pavor. Não sabia quais as intenções do homem, mas, pela sua indumentária, deveria ser um louco, alguém que nos queria fazer mal. Nem conseguia pensar na hipótese de o homem estar inocente, por mais que tentasse.

– O que será que ele quer?! E porque é que a rua está cada vez mais escura? – sussurrei para Jonas. Pela ausência de resposta, notei que ele não tinha ouvido. Ou então a sua opinião era tão má que não me quis assustar ainda mais.

Comecei a convencer-me de que era por essa última razão quando, à medida que corríamos rua abaixo, ia deixando de ver tudo à minha volta e não era apenas por todos os candeeiros se terem apagado. Não conseguia encontrar uma razão racional para o que estava a acontecer. Naquele momento de angústia, ainda pensei que fosse a minha própria visão a estar afectada pelo meu temor. As casas brancas e amarelas, até mesmo a estrada e as estrelas do céu, davam lugar à mais negra escuridão. Uma situação completamente irreal. Comecei a entrar em pânico, sentia-me de novo paralisada.

– Ali, estamos a chegar a minha casa! Lá estaremos seguros – disse Jonas.

Mas não tivemos tempo. Tão repentinamente como começámos a fugir quando vimos o homem a perseguir-nos, ficou tudo escuro, a tal ponto que deixei ver Jonas a meu lado. Porém, ainda sentia a sua mão a apertar a minha. Parados no meio do breu, senti a minha respiração a tornar-se cada vez mais irregular, uma junção de medo e cansaço por ter corrido todo aquele caminho.

Com um resto de sangue-frio, de todo aquele sangue bombeado rapidamente pelo meu coração acelerado, consegui ouvir o homem correr à nossa volta, murmurando palavras estranhas. Tudo aquilo parecia um pesadelo! Repentinamente, senti a mão de Jonas a escorregar da minha até largá-la, não pela nossa transpiração, mas porque algo o puxava com força.

– JONAS!! Onde estás?! – gritei assustada.

Nem queria acreditar que aquele calmo passeio nocturno ia dar naquela confusão. Não conseguia ver nada e Jonas tinha desaparecido do meu lado. Estava quase a ceder perante inimigos piores que o estranho homem – o pânico e a insanidade. Porém, sentia um enorme e estranho calor dentro de mim, talvez devido ao meu coração batendo rapidamente. Mas era mais que isso. Sentia uma repentina coragem e determinação a arder dentro de mim. Não aguentei aquela explosão de energia e senti-me a perder lentamente os sentidos.

\*

Seria um sonho? Se era, parecia bastante real e não um daqueles sonhos em que nada faz sentido e não se vêem as coisas com tanta nitidez. Senti que me via numa tela de cinema, pois sabia que não estava presente naquele local. Estava apenas a observar secretamente aquela imagem projectada. Tinha plena consciência do que me tinha acontecido antes de perder os sentidos. Mas, naquela altura, não me senti minimamente perturbada com isso. Sentia uma grande paz e calma dentro de mim e queria ver aquele «sonho» com todas as minhas forças. Não conseguia controlar aquela enorme necessidade quase voyeurista.

Vi um homem vestido formalmente, como um executivo, numa sala fracamente iluminada, bastante ampla e minimalista. Sentava-se numa alta poltrona cor-de-vinho que, por sua vez, estava em frente a uma enorme mesa de vidro. Brincava com dois cubos de gelo num copo de *whisky*, acabado de beber. Atrás de si, enormes janelas, que iam do chão até ao tecto, mostravam lá em baixo uma grande e movimentada cidade. Parecia o escritório de um director de uma poderosa empresa. Soturnamente, ouvi o homem dizer para si mesmo:

– Acordou... – começou a rir para si mesmo – A Sociedade Escarlate não perde tempo... Tudo está a correr como planeado.

Levantou-se da poltrona e caminhou até às janelas, ficando a olhar para a cidade lá em baixo com um sorriso triunfante nos lábios. Antes de poder pensar ou formular qualquer pergunta, e contra a minha vontade, senti a sala implodir e os meus sentidos a transportar-se para outro local longe dali.

\*

Vi Jonas deitado na estrada. Por mais que tentasse, não conseguia agir e ajudá-lo. Sentia a mesma calma, a mesma paz que sentira dentro de mim na sala ampla daquele homem. E também sentia que não estava ali em pessoa, não estava ali fisicamente. Era algo que não compreendia, mas que também não queria compreender, porque aquela paz interior era já uma droga para mim. No lugar de mera observadora, vi o inanimado Jonas vir a si e limpar pequenos resquícios de alcatrão da sua cara. Inexplicavelmente, conseguia ver também alguns dos seus pensamentos: a pancada que deu com a cabeça num muro, o puxão que alguém lhe tinha dado no braço, e que fez com que caísse e largasse a mão da sua amiga... «Noemi!» Nesse momento, senti-me cair de um enorme precipício, mesmo sem sair dali. A paz interior abandonou o meu corpo e deu lugar a pensamentos e preocupações mais terrenas. Senti que estava a voltar a mim, como se estivesse a acordar de um sonho demasiado real.

Quando retomei a consciência, reparei que estava de pé no meio da rua, em frente a Jonas. Ainda estava a tentar organizar as ideias a tentar encontrar um sentido em tudo o que se tinha passado desde que o maldito candeeiro se tinha pagado, quando um foco intenso de luz me rodeou e desapareceu rapidamente. Olhei para o meu corpo e vi que a minha roupa tinha mudado! As calças de ganga e a *T-shirt* tinham dado lugar a um lindo corpete vermelho e a uma saia preta pelos joelhos, repleta de folhos e rendas que caíam sobre umas botas pretas até aos joelhos. Os meus cabelos pretos pareciam ainda mais compridos, voando ao sabor do vento. Senti então uma dor lacerante nas minhas costas, como se duas afiadas facas estivessem impiedosamente a perfurá-las. Uma sensação de alívio veio de seguida quando duas enormes e fabulosas asas brancas saíram das minhas costas e se abriram à minha volta. Vi duas singelas penas brancas caírem à minha frente à medida que sentia as asas baterem através do meu controlo. Era algo… estranho! Dois novos membros. Controlava-as como se tivesse dois novos braços! Ainda não acreditava naquilo que me estava a acontecer! Teria morrido pelas mãos do homem? Seria agora… um Anjo, destinado a ajudar Jonas?

Jonas fixava-me com choque. Se eu realmente tivesse morrido e fosse um Anjo, ele não deveria ser capaz de me ver… Certo?

De súbito, senti o homem aparecer atrás de mim para me atacar com o seu bastão, com uma rapidez tal que, dificilmente, numa outra altura, conseguiria escapar daquele ataque violento. Porém, com a mesma rapidez com que o homem me atacou, cobri todo o meu corpo com as minhas asas. Foi como se os bastões tivessem atingido uma parede. Eu nem senti dor! Abri-as novamente e vi o homem recuar, sempre com um sorriso lunático. Tinha de defender Jonas, tinha de fazer alguma coisa! Como se estivesse habituada a fazê-lo, concentrei toda a minha força interior e determinação e senti todo o meu corpo arder quando comecei a lutar contra o homem, com uma força e agilidade que eu sabia não ter. Era algo de sobrenatural! A forma como me desviava dos seus murros e pontapés, quase sem me aperceber de que o fazia, era algo que parecia fazer há muito tempo. Com todos aqueles ataques rápidos, parecia que dançava com ele numa coreografia graciosa. Acabei por derrotá-lo sem grande esforço, mas também porque sentia que ele não estava a usar toda a sua força.

Ao ver o homem à minha frente a rir como se eu tivesse contado uma piada, senti o corpo fraquejar. As minhas pernas falharam e caí de joelhos no chão. Tinha vontade de vomitar! Dobrada no chão sujo, senti um vazio nas minhas costas e as minhas asas brancas desapareceram, tal como a nova roupa. Sentia-me agoniada e cheia de dores no corpo. Completamente perdida e esgotada no chão de uma das ruas do meu bairro, consegui sentir o maléfico homem aproximar-se de mim.

Queria fazer alguma coisa para me defender. Mas já não era aquele Anjo poderoso. Aliás, naquela altura, senti-me mais humana que nunca. Afinal não tinha morrido… Fiquei feliz por não ter partido estupidamente daquele mundo, mas, ao mesmo tempo, era iminente a minha morte pelas mãos do homem. Quase a perder os meus sentidos pela segunda vez naquela noite, senti o homem agarrar no meu corpo inanimado, mas com bastante delicadeza. O seu perfume era completamente extasiante e atractivo. Olhei para os seus olhos, mesmo com a minha visão a desfocar, e senti-me completamente perdida na sua profunda cor negra. Repentinamente, senti-me afundar no solo com o homem a agarrar-me, à medida que diversos braços brancos nos puxavam para baixo com gentileza. Foi aí que perdi completamente os sentidos…



Beleza

(Lorelei)

Já me doía o rabo de estar sentada há tanto tempo. O bar estava apinhado e só me apetecia dançar em vez de estar sentada com os cotovelos apoiados numa mesa pegajosa a olhar para copos vazios e a ouvir a conversa fútil das minhas amigas. Estava na zona turística de Handyport, num daqueles bares que também são discotecas. Uma típica saída à noite, típica de uma rapariga da minha idade que só quer aproveitar a vida.

Aquela zona era famosa pela activa vida nocturna. Ruas intermináveis de bares, discotecas, restaurantes, lojas, publicidade, muita luz, muita gente, muito barulho... muito calor. Enfim, um cenário típico de Verão. No Inverno era o oposto: tudo fechado, ruas desertas, frio, abandono. No entanto, como noite de Verão que era, havia rios intermináveis de pessoas que passeavam e saboreavam a brisa fresca da noite permeada pelo calor do divertimento. E eu não era excepção. Apesar de viver em Grand City, adorava divertir-me à noite naquela zona. Mas naquela noite não me estava a divertir tanto assim. Tinha bebido de mais e estava bastante indisposta. Não estava habituada a beber quando saía. Porém, naquele dia preferi não fazer a desfeita aos amigos e bebi um pouco. Foi uma necessidade de pertença ao meu grupo de amigos. Mas já começava a ver tudo à roda e a conversa de galinhas das raparigas ainda me enjoava mais.

Tinha plena consciência de que era muito vaidosa e talvez um pouco convencida. Seguramente, eu era um género de *girl next door.* E sabia que não era a única a pensar assim. Eu notava os olhares de desejo dos rapazes e de inveja das raparigas. Era sensual e bonita e adorava os meus cabelos castanhos e ondulados, a minha pele bronzeada, lábios carnudos e curvas que justificavam tanto assédio masculino. Tinha traços latinos. Mas ser assim dava trabalho! Passava horas a cuidar de mim e do meu corpo.

No campo amoroso, não me interessava por nenhum rapaz. Era demasiado independente e autónoma para andar presa a alguém. Preferia viver a vida à minha maneira, sem grandes compromissos. Melhor dizendo, preferia divertir-me com os rapazes, do que ficar presa a eles. E manter a imagem de inacessível era a melhor estratégia para atrair rapazes para a minha rede… Consciente da minha voluptuosidade, aproveitava a minha beleza para atrair alguns rapazes e obter o que queria. Por exemplo, levei um rapaz a tentar seduzir-me, só porque odiava a namorada dele. Resultado, a namorada deixou-o – infeliz! Também fiz com que um rapaz da minha turma me deixasse copiar num teste só porque não tinha estudado. Resultado, tive melhor nota que ele só porque ele passou mais tempo a mostrar-me as respostas do que a melhorar suas. Conseguia tudo isto com acções subtis, como piscadelas de olho ou uma locomoção mais exuberante quando passava por eles. Era claramente uma pessoa que fazia tudo para atingir os seus objectivos...

A noite estava calma. O bar ficava num ponto elevado, com vista para a praia. Estava rodeado por plantas exóticas que contrastavam um pouco com o ambiente futurista do bar: cadeiras de metal, tubos fluorescentes na parede, no chão vários círculos pretos e cor de laranja que hipnotizavam quem passasse mais de dois minutos a olhar para eles. Estava muito pouco iluminado, para que os clientes se sentissem mais descontraídos. Não era o meu caso. Tudo naquele bar aumentava a minha indisposição. Só me apetecia vomitar. De preferência, para cima de algumas das minhas amigas que não se calavam. Para não dar nas vistas, aproveitei para usar uma técnica que me fazia sentir melhor: como estava perto do mar, conseguia sentir a brisa e o aroma do mar e concentrava-me nisso para controlar a respiração. Além disso, bastava aquela visão do mar à noite para melhorar. É certo que não conseguia ver a sua cor e toda a sua extensão, mas conseguia ver o reflexo da Lua deitado na água e os pontos brilhantes, que deveriam ser barcos.

– Vá, Lorelei! Mais um *shot*! Não sejas cortes! – disse uma amiga do outro lado da mesa.

– Aaah... É melhor não, eh, eh!... Não estou habituada! – tinha consciência de que estava com um sorriso cínico.

– Vá lá! Aquele rapaz giro da mesa ao fundo não tira os olhos de ti. Não queres parecer betinha, pois não? – disse Bianca, a minha melhor amiga.

– Olhem, eu acho é que vou um pouco até à praia para ver se me sinto melhor. Não me sinto nada bem – decidi eu, percebendo que as minhas amigas não iriam desistir.

– *Okay*. Tu é que sabes. Mas não te demores! E cuidado com os tarados! – disse Bianca, brincando.

– Sim, uma rapariga gira como tu… já sabes – ouvi alguém dizer na minha mesa, mas não identifiquei quem porque já estava a caminho das escadas.

Para minha sorte, o acesso à praia era logo ao lado do bar. Desci as escadas de pedra que pareciam nunca mais acabar. Estava mesmo desejosa de me sentar de frente para o mar. Quando finalmente cheguei lá, tive de abotoar o meu blusão de ganga, pois, à medida em que avançava, ia ficando com mais frio. Nessa altura, arrependi-me de ter levado mini-saia, de tipo colegial, para a minha saída nocturna. A noite ali estava fresca de mais!

Ao ver e sentir a rebentação das ondas, foi instantânea a minha melhora. O mar transmitia-me tanta calma e serenidade!... Sentei-me devagar numa espreguiçadeira e contemplei aquela visão maravilhosa. Uma extensão enorme de água salgada, misteriosa e bela. A indisposição começou a desaparecer aos poucos.

Lembrei-me da minha «técnica» e de uma aula de ioga que tinha tido há uns tempos por insistência da minha neurótica mãe.

– Calma... tranquilidade... – comecei eu a dizer para mim

*Craque…*

O barulho parecia vir da minha retaguarda. Virei-me para ver de onde vinha o som, mas não dediquei muita atenção. Provavelmente era o vento que abanava as espreguiçadeiras de madeira. Voltei ao meu exercício:

– ... serenidade... – continuava eu.

*Craque … Craque…*

Tive de interromper a minha tentativa de neutralizar a indisposição provocada pelo álcool. Mesmo por cima do meu ombro, inesperadamente senti uma respiração pesada e irregular. Nesse preciso momento, percebi que o segundo som que tinha ouvido estava mais perto que o primeiro, o que significava que talvez não fosse o vento a provocá-lo, mas sim «alguém». Alguém me tinha seguido até ali, possivelmente algum tarado, como Bianca tinha dito. Tinha sido estúpida ao ponto de me arriscar a ir para a praia sozinha de noite! Com o coração aos pulos e cheia de arrependimento, virei-me lentamente para enfrentar quem quer que fosse que me tinha seguido. Até podia ser uma amiga que tentava maldosamente assustar-me.

Gritei de horror quando, mesmo em frente da minha cara, a pouquíssimos centímetros, surgiu uma máscara de porcelana branca. Após o choque inicial é que pude ver que, por trás da máscara assustadora, escondia-se o que parecia ser uma mulher enorme, muito gorda, com um horrível vestido às flores, cheio de rendas e botões e exibindo uma gadelha desmedida. A mulher balofa estava paradoxalmente em cima de duas andas de madeira muito finas. Parecia uma doida, acabada de sair do hospício. Perante aquela visão surreal da mulher que se mantinha em silêncio e assustadoramente perante mim, disse a coisa mais acertada.

– S… sim?... – perguntei, consciente de que sempre fui mais bonita que esperta, e que, em situações de pânico, não havia melhores comentários que os meus…

– Aaah, ah, ah, ah, ah!!! – gritou a «monstra», saltando para cima de mim. Aquele riso, saído de dentro da máscara, tão estridente, era pior que qualquer filme de terror que já tinha visto. E já tinha assistido a muitos! Era perturbador uma prova cabal de insanidade.

Só tive tempo de saltar da espreguiçadeira e cair na areia fria. A «monstra» começou a mexer-se nas suas andas, como se, a qualquer momento, fosse saltar dali e atacar-me com elas. Comecei a correr o mais que podia, fazendo apelo de toda a adrenalina que consegui concentrar no meu coração.

– Surreal! O que hei-de fazer agora?! – deixei escapar entre dentes, dando graças a Deus por ter levado as novas sapatilhas *All Star;* mesmo que não ficasse bem no conjunto, conseguia correr muito melhor com elas.

Iniciou-se uma perseguição terrível ao longo da praia. Parecia uma cena saída de um filme de terror para adolescentes. Mas aquela situação, apesar de não parecer, era bem real, e eu era a actriz principal. Neste caso, a parva da vítima que passa o tempo a fugir.

Mesmo com aquela imensa massa de carne e gordura em cima de andas, a mulher desvairada conseguia alcançar-me, sempre com o mesmo riso altissonante e horrível. Tentava correr o mais que podia e, apesar de ter uma boa constituição física, começava a ficar exausta. O «elefante» era inacreditavelmente rápido e eu já não aguentava *sprintar* tanto.

De repente, fez-se luz na minha cabeça. Tive uma ideia que poderia salvar-me. Decidi entretanto mudar o rumo da minha fuga ao longo da praia, em direcção ao mar. Sempre fui uma excelente nadadora e, como estava escuro, poderia despistá-la. Além disso, a rapidez com que o monstro se movia em terra não poderia ser a mesma no mar. A mulher era gorda e grande de mais. E aquelas andas… Eu era ágil e estava habituada à água, nadaria mais depressa mesmo que o «hipopótamo» me seguisse. Ou, pelo menos, acreditava nisso com todas as minhas forças.

Quando toquei com os pés na água, ainda pensei em mudar de ideias. Estava gelada! Todavia, preferia sacrificar-me ao frio do que ser espancada pela mulher doida. Nadei até não ter pé. Estava enregelada e bastante cansada da fuga. Era melhor parar e analisar a situação. Não ouvi som algum dentro de água, o que queria dizer que a mulher não me tinha seguido até lá. Estava bastante escuro, mas, olhando para a praia, consegui distinguir a silhueta deformada da minha perseguidora, inerte e silenciosa. A minha ideia parecia ter sido eficaz, mas algo não estava certo. A mulher parecia preparada para ficar ali à espera a noite toda. E eu já não aguentava mais, estava cheia de frio e quase que não conseguia manter-me à tona de água, pois os meus músculos estavam rígidos de mais.

– Será que se vai embora? – disse baixinho, sabendo que ninguém me ouviria, mas numa tentativa de materializar a minha esperança com palavras.

*Chape…*

*Chape … Chape…*

O que era aquilo?! Parecia qualquer coisa que tinha sido atirada para a água. Olhei de novo para a praia e consegui ver que a enorme bola de carne agarrava nas maiores pedras e rochas que encontrava para atirar para água. Ou melhor, para me acertar! Comecei a entrar em pânico, já que, dentro de água, era mais complicado esquivar-me dos ataques. E podia levar com uma pedra na cabeça. Podia mergulhar, mas aí ficava sem ar e não conseguia antecipar os movimentos dela.

Comecei a deixar-me dominar pelo pânico. No escuro, dentro da água gelada, sozinha, com uma louca a atacar-me, não sabia o que fazer, estava sem ideias. Os meus membros começavam a perder a coordenação e ficaram duros devido ao frio. Estava quase a afogar-me e tinha plena consciência disso. E logo eu que era tão boa nadadora! Mesmo na confusão que se instalava em mim, vi uma das andas a ser lançada a grande velocidade na minha direcção, mergulhando com força na água, a meu lado. A segunda já foi mais certeira e acertou-me num ombro, ferindo-me. A dor foi tão grande e dilacerante que nem percebi se gritei ou não. Senti o sangue quente a escorrer pela minha pele. Já não aguentava mais...

Sem saber muito bem o que se passava, percebi por momentos que o local onde estava ficou calmo. A movimentação da água, provocada pela minha débil agitação, acalmava. Na realidade, estava a afundar-me, embora ainda me debatesse para tentar voltar à tona. Mas não conseguia, não conseguia pensar racionalmente. Perdi os sentidos, parei de me mexer... Sozinha ali... Sem ninguém para me ajudar. Estava perdida. Uma beleza perdida no belo mar…

\*

Como se acordasse repentinamente de um longo sono, despertei. A sensação assemelhava-se a quando acordava num salto por estar atrasada para as aulas. Vi que estava de pé, a pairar sobre o mar. Sabia o que me tinha levado ali, mas não percebia porque estava inesperadamente acima da água, completamente molhada e consciente. Estaria morta? Se estava, a sensação de paz era fabulosa!

Olhei para a areia e vi a minha atacante parada, calma, como se ainda estivesse à espera de alguma coisa, como se abater-me não chegasse. Só se ouvia a fraca rebentação do mar calmo. Ao fundo, o som distante das discotecas, dos bares e da movimentação nas ruas. No bar onde estava antes do ataque, ninguém fazia ideia do que me tinha acontecido. Senti um certo rancor por ninguém me ter procurado ainda, mesmo depois de todo aquele tempo ali.

*Calma, tranquilidade...*

Toda aquela calma foi violentamente perturbada por uma enorme coluna de água, uma espécie de géiser, que emergiu do local onde supostamente me tinha afogado. Rodeou-me completamente e pensei que era tão grande que talvez se visse do planalto onde as pessoas estavam sentadas a beber um copo. Apareceu tão repentinamente que a ameaçadora mulher se assustou e recuou.

Quando a coluna se desfez e se diluiu no mar, tudo parecia ter voltado ao normal, apesar de me sentir ainda mais molhada, sem me poder mexer. Os mortos também se sentem molhados? Esta pergunta idiota distraiu-me da mudança maravilhosa que tinha ocorrido em mim.

Ali, no preciso local onde supostamente me afoguei, onde ainda restava alguma espuma deixada pela coluna, sentada numa espécie de trono feito somente de água, como se fosse uma escultura, estava eu. Apalpei umas esguias e lindas barbatanas azuis que saíam de trás das minhas orelhas. No meu tronco, apenas uma pequena parte dos meus volumosos seios estavam cobertos por uma camada extremamente fina de coral azul, que se colava à minha pele morena. No pescoço e pulsos, uma grande gargantilha de ouro, cravada com várias pedras, e duas pulseiras idênticas. Os meus cabelos estavam muito compridos, chegando para além da cintura, e ainda mais ondulados. Porém, o mais surpreendente era o facto de, no lugar das minhas pernas, estar uma grande cauda de peixe, lindíssima e em vários tons de azul cintilante. Tinha-me transformado numa bela Sereia! O espantoso é que me sentia ainda mais bonita e sedutora. Como se isso fosse possível!

Sentada no meu trono de água, abanei subtilmente a minha cauda, que, estranhamente, controlava como se tivesse nascido assim. Sentia-me como se, não apenas tivesse ficado mais bonita, como também me tivesse tornado poderosa e mortífera, e só pensava em vingar-me da louca da praia.

A tensão era tanta entre nós que era quase possível tocar-lhe. Apenas quinze metros nos separavam. A mulher doida foi a primeira a avançar. Com uma rapidez que parecia irreal para alguém daquele tamanho, jogou-se à areia para agarrar o maior número das maiores pedras que encontrava para me lançar a mim, a Sereia Lorelei. A junção destas duas palavras agradavam-me tanto que quase fiquei embevecida com a sua sonoridade. Sempre alerta, preparei-me para me defender do que aí vinha. O ataque não tardou e a mulher começou a atirar as pedras que tinha recolhido, mas, desta vez, com muito mais força e rapidez, e com fortes intenções de me acertar. Pareciam pequenos jactos, prontos a magoar-me seriamente, talvez até matar.

Surpreendentemente, e sem consciência de que era capaz de fazê-lo, saltei do meu trono de água, que imediatamente se desfez no mar. Velozmente, nadei até à praia como se fosse um tubarão em perseguição da sua presa, como se estivesse sedenta e esfomeada por atingir o meu objectivo. Quando já estava perto o suficiente, dei um salto enorme de dentro de água, com a graciosidade de um golfinho, e, em pleno ar, estiquei os braços em direcção à praia. Algas, conchas e caranguejos mortos adquiriram nova vida e tentavam atingir a mulher gorda como balas. Fazia-o com tanta facilidade e agilidade e eram tantos os seres que repentinamente renasciam para a vida, que a mulher acabou por ser derrotada por mim.

A força da gravidade acabou por me devolver à água. O meu viçoso desejo de vingança tinha sido saciado. A mulher doida estava ferida com gravidade, enfraquecida e sentada na areia. Um sinal de derrota. Ainda não estava bem consciente do que se estava a passar, mas, pelo menos, comprazia-me por ter vencido a minha mais recente inimiga.

Inesperadamente, a mulher levantou-se, como se não lhe tivesse acontecido nada. Olhou para o céu e deu um enorme grito, tão estridente e horrível que fui obrigada a tapar os ouvidos com as novas guelras. Quando o grito cessou, no ar, abriram-se dois círculos de cada lado da mulher gorda, como se dois buracos para outra dimensão estivessem ali disponíveis. Era uma coisa que pensei que fosse impossível de acontecer. Mas, com tudo o se estava a passar naquela noite… De dentro dos círculos, saíram vários braços brilhantes que agarram em cada braço da doida e a levantaram – para alguém daquele tamanho, teriam de ser braços mesmo muito fortes! À medida que a levantavam, um novo círculo surgia por cima dela, grande o suficiente para ela entrar. E foi o que aconteceu – a mulher foi lançada lá para dentro. Tanto os buracos de onde saíram os braços como o novo buraco desapareceram assim que a mulher entrou lá para dentro. Só a máscara da mulher tinha sido deixada para trás, já rachada pela força do meu ataque.

Calma... Serenidade... A praia tinha voltado ao normal; parecia que nada tinha acontecido ali. Eu continuava dentro de água, transformada em Sereia e sem saber o que pensar ou fazer. Depois de me ter vingado da mulher e esta ter desaparecido é que pude recapitular com sensatez tudo o que tinha acontecido. Tudo me pareceu bastante irreal, como um sonho. O que se estava a passar ali? O que se tinha passado comigo?

Enquanto me debatia com toda esta confusão, senti qualquer coisa puxar-me para dentro de água. Só quando me agarrou é que percebi que tinha voltado ao normal e tinha duas pernas de novo. A minha cabeça estava num estado tão caótico que nem tinha percebido que tinha voltado à velha Lorelei. Continuava a debater-me, mas, graças à fraca luz da Lua, consegui ver que vinham quatro braços da escuridão do mar para me apanhar as pernas e puxá-las com toda a força.

Afundando-me… Estava perdida… Afundando-me outra vez… Ninguém me viria buscar… Afund… Senti-me desaparecer, fundindo-me com o mar.

Triganjas

*Toque… Toque…* Quem… Quem é que me estava a bater na cabeça? Pisquei os olhos, tentando focar. Ainda confusa, sentia-me toda dorida, como se tivesse sido atropelada por três camiões e, de seguida, por três ambulâncias. Como estava deitada de barriga para baixo, a primeira coisa que vi perto de mim foi trigo. Trigo? Tinha adormecido em cima de trigo? Não havia trigo na zona onde morava… Levantei a cabeça e só vi trigo à minha volta. Onde estava eu?! Quando me sentei, tentei procurar o que me estava a bater na cabeça. Olhei em volta do meu corpo e nada. Talvez atrás de mim. Voltei-me e soltei um gritinho abafado com o choque. Fiquei estupefacta quando vi à minha frente um bichinho pequenino, muito fofo, com uns olhos enormes e muito pretos, quase tão grandes como a sua cara. Nas pequenas mãozinhas de três dedos, segurava um diminuto galho de árvore, com o qual me tinha batido na cabeça. Era, de facto, um animal que nunca tinha visto. Estava paralisada!

– Que... que bicho tão FOFO!!! – disse eu ainda na minha demência. A minha paralisia tinha sido de maravilha e não de medo.

– Kutchy? KUUUUUTCHYYYYY!!!!! – gritou o bichinho quando me viu saltar na sua direcção para tocar nele com os meus dedos esguios.

O animal foi obrigado a fugir adentro do alto campo de trigo. Desaparecido o bichinho, tentei perceber se estava a sonhar, se tinha adormecido nalgum piquenique e não me lembrava, ou até se tinha sido drogada. Os meus olhos estavam inchados por ter estado a dormir, mas ainda não me lembrava de nada. Estava com a cabeça à roda e, no entanto, não me sentia muito preocupada com o que me tinha acontecido para estar ali. Estava estupidamente calma e não conseguia largar a sensação de já ter estado naquele local, mesmo sem nunca o ter visto.

Levantei-me para perceber onde realmente estava. Trigo e mais trigo, só via trigo à minha frente. Conseguia ver alguns espantalhos, muito assustadores, duas casas de pedra e telhados de palha, duas árvores caducas e cercas que delimitavam o campo de trigo. O céu vermelho, de fim de tarde, dava a todo aquele cenário rústico um tom de filme de terror, talvez um filme de Tim Burton.

Aos poucos, a visão daquele local fez-me despertar do estado desordenado em que me encontrava. Comecei a ficar assustada. Definitivamente, não conhecia aquele lugar, nunca ali tinha estado. Então, como um turbilhão, todas as lembranças daquela noite voltaram à minha cabeça. Parecia que me estavam a espetar alfinetes na memória: o homem assustador, Jonas, eu, um Anjo! A última coisa que me lembrava era de estar no chão, prestes a desmaiar de exaustão e nos braços do tal homem estranho enquanto mergulhava no solo. Curiosamente, também me lembrava do perfume dele e dos seus misteriosos olhos… Quanto tempo teria passado? E quem me levou para ali? Teria sido raptada por alguém? Todas estas súbitas perguntas fizeram com que cambaleasse. Estava perturbada e precisava de encontrar ajuda o mais rapidamente possível. Olhei para o relógio, mas este não funcionava. A situação estava má!

Considerava que tinha uma boa capacidade para analisar as situações e encontrar as melhores soluções. Parecia que essa clareza de ideias estava a levar a sua avante em relação à minha ansiedade. Decidi atravessar o campo de trigo e dirigir-me para as casas para ver se encontrava alguém que me dissesse onde estava, talvez pudesse até utilizar um telefone. Atei o cabelo negro num rabo-de-cavalo com um elástico que tinha no pulso e parti, ciente do receio que o meu olhar transmitia.

À medida que atravessava o campo, não podia deixar de reparar que não cheirava a… trigo... cheirava a laranjas. Podia ser uma nova espécie de trigo, talvez modificada geneticamente, até porque a cor do trigo era cor de laranja fluorescente. Passei pelas árvores completamente despidas de folhas, completos esqueletos que davam um ar triste e monótono àquele lugar. Passei pelos espantalhos, mas nem olhei para eles. Tinha um medo de morte de espantalhos! Se tivesse olhado, de certeza que veria as suas cabeças ocas virar-se para mim, com os olhos a brilhar como abóboras do *Halloween*, tal era a minha imaginação. Aliás, aquele silêncio corrompido pelo som de corvos ao fundo e pelo vento a amaciar o campo não ajudavam a desanuviar aquele cenário horrífico.

Cheguei, finalmente, às casas de pedra. À porta, estavam alguns montes de palha e abóboras encavalitadas umas nas outras. Pude também ver foices e forquilhas encostadas à porta de madeira. Tentei chamar por alguém, mas ninguém me respondeu. O céu vermelho já cedia lugar ao roxo da noite e eu começava a desesperar.

Então, apercebi-me de uma presença humana. Ao longe, consegui ouvir passos que se dirigiam até mim. Por um lado, fiquei feliz porque podia pedir ajuda e perguntar onde estava. Por outro, podia tratar-se de alguém perigoso. A noite anterior tinha sido o exemplo de uma má experiência dessas. Quando vi a pessoa, notei logo que não haveria perigo algum. Era uma senhora idosa, baixinha, com uma touca de banho na cabeça, um vestido com diversas flores bordadas e um avental verde que contrastava horrivelmente com o resto do vestuário. Observei também que a velhota só tinha um dente no maxilar inferior, que saía para fora da boca, e uma enorme verruga peluda no nariz. Tentava correr até mim com os seus pequenos pezinhos, mas era a mesma coisa do que andar.

– MENINAAA!!! Procurámo-la por todo o lado! – gritou a velhota.

– Aaa... a senhora conhece-me? Pode dizer-me onde estou? – tentei lançar eu antes que ela pudesse falar de outra coisa.

– Eu nem acredito que estou perante o fantástico e maravilhoso Anjo! – disse a velha agarrando-me a mão tão vigorosamente que jurava que não poderia ser uma senhora daquela idade a apertar-me a mão daquela forma.

– O… o que a senhora quer dizer com isso? Anjo? – eu sabia que ela se referia ao que me tinha acontecido na noite passada. Eu é que ainda não tinha assimilado todos esses factos – Eu estou perd...

– Mas a menina é ainda mais linda do que eu pensava! Nem as lendas e histórias conseguem equiparar-se à sua beleza – interrompeu a velha com os pequenos olhos, cheios de rugas em volta, a brilhar.

– A senhora começa a irritar-me. Eu estou muito nervosa, não sei como vim aqui parar. Estou bastante confusa e preciso de alguém que me ajude. Se me puder indicar alguém... – tentei em vão, mais uma vez, percebendo que aquela senhora talvez fosse senil.

– Desculpe, menina… – A sua respiração estava irregular e ofegante, como se estivesse prestes a ter um ataque. – É que estou tão feliz que nem me apercebi que você não está a perceber nada do que lhe estou a dizer. Ah, ah, ah, ah, ah! Mas venha, venha para minha casa. O senhor Sebastian vai lá ter daqui a pouco e explica-lhe tudo. – Eu voltava à minha infância, lembrando-me daquelas histórias de bruxas velhas que raptavam as criancinhas e levam-nas dentro dos sacos.

Não sabia onde estava, não sabia como tinha ido lá parar e precisava de toda a ajuda que encontrasse. Estava num sítio estranhíssimo, com uma mulher ainda mais estranha, e talvez o melhor fosse segui-la até casa.

Durante o caminho de terra batida ladeado pelos campos de trigo (que cheiravam a laranjas), reparei na quantidade de abóboras encavalitadas que percorriam aquela estrada improvisada. A minha cabeça continuava a ser bombardeada com perguntas. Tentei seleccionar as mais importantes para tentar, uma vez mais, colocá-las à velhota. Já tinha passado algum tempo, por isso ela podia estar mais calma:

– Desculpe, será que ao menos me pode dizer onde estamos?

– Claro, isso acho que estou autorizada a dizer. – A voz dela era pausada, como se medisse todas as palavras. – Espere só um pouco para iluminar o caminho.

Só quando a velha disse isso é que notei que já tinha escurecido. O céu vermelho tinha perdido o combate com o negrume da noite. A velhota tirou uma esfera muito pequena de dentro da bolsa do avental. Empunhou-a à nossa frente e todas as abóboras que ladeavam o caminho iluminaram-se como que por magia.

– Como é que fez isso?! Isso é alguma nova invenção dos japoneses ou algo assim?

– O quê? A menina diz com cada coisa! Aqui nos campos de triganjas de Orbias é normal este tipo de lanternas arcaicas. Este orbe já é velho, mas ainda funciona.

– Bem, eu vou desistir. A senhora é completamente louca. – Fiquei com um ar carrancudo, tentando não parecer demasiado indelicada com a velhota.

Tinham passado aproximadamente trinta minutos quando eu e a velha senhora chegámos a uma casinha de pedra cinzenta e telhado de palha, tal como as outras mais atrás. Tinha duas pequenas janelas de madeira. Por trás da casa, erguia-se um enorme moinho de vento, também de pedra como as casas. No meio do escuro da noite, parecia um monstro, pronto a atacar a casinha indefesa.

Entrámos as duas dentro de casa. Curiosamente, por dentro, parecia acolhedora, ao contrário da aparência desconsolada do exterior. Tinha uma cama de casal bastante colorida, uma lareira com um caldeirão lá dentro, uma mesa no centro com flores numa jarra, e, claro, diversas abóboras e alfaias agrícolas. Estava tão compenetrada a observar a casa que nem me dei conta de um velho magro, de bengala, curvado, que se abraçou a mim vindo de um canto.

– É ela!!! O fantástico e maravilhoso Anjo! – disse o velho roucamente, denunciando a sua idade avançada.

– Oh, meu Deus! Os senhores devem estar a confundir-me com alguém. Eu não sou esse tal Anjo. Eu estou simplesmente perdida e quero voltar para casa o mais depressa possível. – Mas eu sabia no meu interior que, supostamente, me tinha transformado em Anjo.

– Olha como ela é bonita, Crisálida. O cabelo longo e preto, a pele macia e pálida, os lábios vermelhos... e aqueles olhos azuis-escuros! – o velho estava tão emocionado que quase chorava.

– Bem... *okay*! – Esbocei um sorriso tímido, não querendo ser indelicada. – Os senhores não têm um telefone ou qualquer coisa?

– Um *tlafón*? É para comer? A menina tem fome? A sopa está quase feita! – disse a velha, ansiosa.

Desisti! Era de noite, estava cheia de fome e cansada. Decidi ficar-me por ali com os dois velhos doidos, até amanhecer. Nessa altura, iria procurar outra pessoa que me ajudasse, ou uma povoação onde pudesse usar um telefone. Nem queria imaginar a preocupação da minha mãe e o seu nervosismo extremo e neurótico. Afinal, tinha saído de casa na noite anterior e, passadas quase vinte e quatro horas, ainda não tinha regressado…

A sopa, que entretanto foi servida pela velha, estava inesperadamente deliciosa. Nunca tinha provado nada assim. Era uma espécie de mistura de laranjas, cenouras, tomates… Nunca pensei ser possível misturar todos estes alimentos numa sopa, mas estava a arriscar-me a comer aquilo. Estava tão saborosa!

Os velhos estavam na outra ponta da mesa, sentados um ao lado do outro, mãos a apoiar a cabeça e os olhinhos brilhantes a piscar para mim. Sentia-me tão desconfortável com toda aquela atenção centrada em mim... Nunca tinha gostado de demasiada atenção, era muito discreta.

– Chama-se sopa de laranja choque. O ingrediente principal é triganjas. Gosta, menina? – disse por fim a velha, pondo fim ao silêncio incómodo.

– Está muito boa, obrigada. Mas nunca ouvi falar desse alimento. O que é? – perguntei, embora soubesse que, pela lógica, era uma mistura entre laranjas e trigo.

– Triganjas. Não sabe o que é? Então temos um campo interminável de triganjas à porta de casa... É o que dá esse sabor especial à sopa! – Ela pareceu desiludida.

Não era só a laranja da sopa que estava em choque; eu também estava. Nunca pensei que todo aquele trigo lá fora não fosse de facto trigo, e sim uma mistura entre trigo e laranjas. A aparência do trigo, mais o sabor e odor das laranjas. Nunca pensei ver ou saborear tal coisa até porque nunca tinha ouvido falar disso. Mas estava habituada a viver num mundo movimentado e complexo onde todos os dias surgiam coisas novas e originais.

Bateram secamente à porta. Rezei para ser o tal Sebastian que os velhos disseram que vinha para me «explicar tudo». A velha levantou-se com dificuldade para deixá-lo entrar.

– Senhor Sebastian! Entre, entre! A minha casa é a sua casa – disse a velhota fazendo vénias ridículas. De facto, eram pessoas um pouco excêntricas, mas muito simpáticas e educadas.

Engasguei-me com a água que estava a beber quando vi Sebastian. Era o homem que me tinha atacado na noite anterior! Todas aquelas lembranças tornaram-se mais presentes na minha memória quando o vi, inocente e falso à minha frente. Todavia, limpando a água dos meus lábios por me ter engasgado, notei algo de muito diferente. Como já não estava no escuro, Sebastian apresentava-se muito menos ameaçador e com um ar muito afável e divertido.

Envergava um *blazer* verde-seco, um colete e calças pretos, uma camisa e sapatilhas brancas. No seu ombro trazia uma mochila. Não trazia a tal cartola, o que revelava um lindo cabelo castanho brilhante, mas muito curto e rente à cabeça. Mas o que mais me fascinou foram os olhos negros dele, como duas brilhantes azeitonas, rodeados por umas pestanas compridas. Eram bastante misteriosos e ainda me lembrava deles desde a noite passada. E eu adorava olhos negros! Era bastante mais jovem do que eu tinha pensado. Talvez um ou dois anos mais velho que eu.

Foi naquele momento, naquele preciso segundo em que olhei para Sebastian, e o azul dos meus olhos e o negro dos dele de cruzaram, que senti algo que nunca tinha sentido antes, que não conseguia explicar. O meu coração acelerou furiosamente, como se quisesse saltar até à minha boca e sufocar-me. Senti as minhas mãos ficarem frias como o gelo. Não consegui perceber se era pelas memórias de medo da outra noite ou por outra coisa que não compreendia.

Aquele momento em que estive perdida nos olhos dele desvaneceu-se quando me lembrei da alhada em que estava metida. Levantei-me irritada da cadeira, sabendo que Sebastian tinha provocado toda aquela situação, mesmo sem conhecer as suas razões.

– É o senhor Sebastian? É bom que me explique o que se passa aqui! Sei que foi você a atacar-me ontem e que está envolvido no meu rapto!

– Finalmente, encontramo-nos de novo. Não fazia ideia do local para onde te tinhas transportado. – O seu sorriso era um misto de charme, sedução e gozo, como se a minha atitude o divertisse. – Temos muito que conversar, Noemi Ethereal. Muitas explicações. É melhor voltares a sentar-te. – O tom arrastado da frase revelou que se preparava para contar uma longa história. Percebi que ia ficar muito tempo acordada até que me explicassem toda aquela situação.

Fãs

(Lorelei)

Estava deitada numa praia, pois sentia o sal do mar no ar que respirava e a textura da areia que tocava na minha face e lábios. Sentia as ondas a molhar-me os pés, o que me fez acordar.

Estava tão tonta e dorida! Quase nem consegui levantar-me! O primeiro pensamento que me veio à cabeça foi que me tinha embebedado e tinha adormecido na praia. Não me conseguia lembrar da noite passada. A última coisa que me lembrava era de sair de casa com Bianca em direcção a Handyport. Senti uma forte dor no ombro e, tocando-o com os meus dedos, reparei que tinha uma imensa nódoa negra. Talvez devido ao sal do mar, não me doía como normalmente podia doer. Quando por fim me levantei, sacudi a areia da minha roupa, enrolei o cabelo cheio de sal e olhei em volta. Só então coloquei a hipótese de ter sido drogada. Pelo menos, o facto de estar num sítio estranho, não me lembrar da noite passada e ter uma nódoa negra que não fazia ideia de como tinha sido provocada, pareciam sintomas de quem tinha sido drogado. Mesmo que isso tivesse acontecido, ao menos não me parecia ter sido… violada. Confiante, criei uma história na minha cabeça onde corajosamente tinha dado um pontapé no meio das pernas do meu atacante, embora ele se tivesse vingado, atirando-me ao mar… Abanei a cabeça para abandonar aqueles pensamentos ridículos.

Fiquei admirada quando não reconheci a paisagem onde me situava. Definitivamente, nunca tinha estado naquela praia. Nem as rochas eram do tipo das da costa marítima da região onde vivia. Eram rochas altas, negras, mas com rasgos de azul. A erosão do mar tinha provocado a formação de diversas grutas e buracos que davam uma certa beleza à praia. A areia estava coberta de pequenas conchas triangulares que variavam em tons de rosa e azul, ou então de estrelas-do-mar de seis pontas amarelas ou castanhas. A vegetação era a única coisa que me parecia normal ali, apesar de abundante. Continuava verde e sem irregularidades, porque, de resto, toda aquela fisionomia me parecia estranha.

Acordar numa praia estranha poderia ser motivo de ansiedade para a maior parte das raparigas. Mas não para mim. Era muito decidida e diligente. Estava tão zangada comigo própria por estar naquela situação, fosse qual fosse a razão, que disparei pela praia fora, resmungando. Ainda por cima, tinha o cabelo, numa desgraça, cheio de sal, super volumoso e pastoso. Parecia palha!

Tentei procurar um caminho para sair da praia, alguma escada ou ladeira. Precisava de voltar para casa rapidamente. Os meus pais iam dar-me uma sova de todo o tamanho. Quer dizer, se estivessem realmente em casa. Andavam sempre em viagem… Ainda assim, se descobrissem, nunca mais sairia de casa até atingir os sessenta anos.

Continuei a procurar uma saída, mas estava difícil. E o final da praia ainda estava bem longe. Entretanto, vi uma figura humana ao fundo e comecei a correr desesperadamente até ela para pedir ajuda. À medida que ia correndo, notei que era uma mulher, toda vestida de preto, num vestido que parecia saído de há dois séculos. Tinha o cabelo apanhado, com algumas manchas grisalhas, e uns brincos de ouro em forma de medalha. O vento fraco e abafado ondulava o xaile de lã nos seus braços. A mulher olhava para o mar com uma expressão taciturna.

– Ei, por favor! Pode dar-me uma inf...

*Pof, catrapof.*

Uma pedra azulada tinha interrompido o meu passo de corrida. Tropecei atrapalhadamente, caindo para a frente e rebolando na areia. Foi quase como se tivesse voado. A mulher virou-se imediatamente para a origem do som de queda e, após uma certa hesitação, correu até mim. Que figura ridícula!

– Estás bem? Magoaste-te? – perguntou a mulher. A sua voz era distante e as palavras pausadas.

– Au!... Acho que me magoei no pé, mas não é nada de especial... obrigada – respondi, sentada na areia, agarrada ao pé. Ainda não me doía muito, mas tinha a certeza de que, quando me levantasse, iria gritar de dor. Sacudi mais uma vez a areia do cabelo. Só pensava que, quem olhasse para mim agora, não imaginaria que eu era a tal Lorelei, «*sexy* e gira».

– Vem, eu trato-te desse pé torcido.

– Não, não é preciso, eu estou bem… AIAI!

Eu não estava nada bem! Quando a mulher me ajudou a levantar, quase desmaiei com as horrendas dores no pé. E parecia que havia uma estranha ligação nervosa com a nódoa negra do ombro, que entretanto inchava e teimava em doer também. Coloquei o braço à volta do pescoço da senhora e caminhei para a suposta saída da praia, coxeando nas minhas *All Star* molhadas. A mulher tinha um agradável cheiro a ervas aromáticas.

– Ai, meu Deus, os meus pais vão matar-me! – comecei a lamentar-me.

– Não penses nisso agora. O que interessa é que trates desse pé e, pelos vistos, desse ombro. Tenta não pensar nas dores. Eu ajudo-te. Como te chamas?

– Sou a Lorelei. – Quando pronunciei o meu nome, a mulher estacou e podia jurar que tremeu.

– Hum... Tens um nome muito bonito. Eu sou a Fedra.

– Hã?... Tem um nome... único. – Na realidade, pensava que o nome era ridículo. Não tinha bem noção se tinha feito uma expressão cínica o suficiente para passar por educada.

– Vou levar-te para a cidade. Tenho em casa o ideal para esse tipo de dores. Ficarás boa num instante.

– Cidade? Sabe por acaso se estou muito longe de Handyport?

– Handyport? Nunca ouvi falar... Mas estamos muito longe das grandes cidades. Julgo que tu vens de uma delas, pelas roupas que usas.

Os meus piores receios concretizavam-se. Estava, de facto, longe de casa. Não sabia era como tinha ido ali parar. As correntes tinham sido assim tão fortes ao ponto de me arrastar, inconsciente, para um local tão longínquo? E, tão de repente como um predador caça a sua presa, lembrei-me! Lembrei-me da fatídica noite anterior, da mulher gorda, da perseguição, da minha transformação em Sereia… de me ter afogado. O sangue fugiu-me do rosto como se tivesse escorrido até ao chão. Engoli em seco e percebi que, no momento, não podia fazer nada. Tentaria pensar nisso mais tarde e perceber se aquilo tinha acontecido de facto ou se era resultado da bebida, talvez até da suposta droga que me teriam dado.

Agarrada a Fedra, chegámos a uma escadaria feita de rochas acinzentadas, como se fossem escadas naturais, cheias de pequenas ervas. Subi as escadas com extrema dificuldade devido às dores. Quase nem conseguia mexer o pé e sentia-o explodir com o inchaço. Quando o apoiava demasiado no chão, as dores eram tantas que dava por mim a apertar o vestido preto e rendado de Fedra. As escadas pareciam intermináveis, até porque as rochas eram enormes e, para chegar ao topo, parecia ser necessário muito tempo.

Estava tão cansada e cheia de dores que demorei alguns segundos para processar a informação que a visão me transmitia ao cérebro quando, finalmente cheguei lá acima – precisava ainda de todo aquele sangue que me tinha fugido. Então lembrei-me da noite passada. Estava perante uma grande praça que tinha no meio uma estátua, já muito gasta, de uma sereia muito bonita. Aos pés da estátua estavam várias algas, conchas, estrelas-do-mar e rochas, como se fossem oferendas. Não pude deixar de reparar que a escultura era muito parecida comigo. Devia ser só coincidência, mas, de facto, ao tocar na minha cara e em algumas partes do corpo, para tirar a prova, senti que era mesmo uma estátua feita à minha medida. Ou talvez fosse a minha vaidade, através do meu subconsciente, a falar mais alto.

Rodeando a praça, havia diversas casas – uma espécie de pequenos prédios acinzentados, para ser mais clara. Eram todos semelhantes, como se tivessem sido construídos na mesma altura, seguindo um estilo vitoriano. Com o tempo cinzento daquele dia, toda a aldeia parecia triste e sombria. A ausência de cor era a principal causa desse facto. De repente, senti que estava algures em Praga, cidade que visitara há poucos anos.

Pela praça, deambulavam mulheres também vestidas de preto, como Fedra. Parecia, autenticamente, uma moda monótona e de mau gosto. Além de só ver mulheres, estavam todas vestidas de igual, quase como se estivessem de luto. Algumas delas carregavam cestos com peixe ou frutas. Uma mulher, que passava perto, levantou os olhos do chão, virou-se distraidamente para nós e voltou para os seus pensamentos. Porém, de imediato levantou a cara, de olhos bem abertos e fixados nos meus. Parecia que estava em choque, que tinha visto um fantasma.

– É ela... É ELA!!! A linda Sereia!!! – gritou a mulher, histérica, deixando cair o cesto de maçãs que trazia e despertando a atenção das outras mulheres.

– Vamos, Lorelei! É melhor irmos para minha casa o mais depressa possível. Não é seguro ficarmos aqui. – Fedra estava com um ar preocupado, apressando-se.

Fiquei admirada com aquelas palavras. Porém, quando vi todas as mulheres a correrem na nossa direcção, completamente desvairadas como se fossem uma legião de fãs atrás do seu ídolo, decidi acompanhar o passo acelerado de Fedra, apesar das dores lacerantes. A nossa sorte foi a casa dela situar-se perto da escadaria para a praia. Fedra tirou uma chave dourada de um bolso do vestido e abriu a porta rapidamente. Ajudou-me a entrar e fechou o trinco, deixando uma multidão de mulheres histéricas a bater à sua porta numa confusão de palavras e berros.

– O que se passa? Que raio aconteceu aqui? – perguntei, indignada e ofegante. A minha perplexidade fez-me esquecer as dores por breves momentos.

– Elas estão só um pouco agitadas. Mas não estou autorizada a dizer muito mais.

– Autorizada? Por quem? A dizer o quê?

– Brevemente vais perceber tudo. Vem! Precisamos de tratar do teu pé – Fedra dirigia-se para o que parecia ser a sala de estar – Senta-te nesta poltrona.

Sentei-me numa poltrona vermelha com uma toalha de renda preta por cima. Fedra saiu para uma outra divisão da casa, mas voltou minutos depois com uma tigela com água quente, algodão e dois frascos com ervas. Sentou-se num sofá a meu lado e pediu-me para colocar o pé em cima dos seus joelhos. Tirou-me a sapatilha e de lá saiu uma bola inchada e negra que outrora era o meu pé. De seguida, misturou algumas ervas dos dois frascos na água. Agitou a tigela, molhou o algodão e passou no meu pé em desgraça.

– O que é? – perguntei, aliviada quando senti instantaneamente as dores abandonarem o meu pé delicado.

– São ervas «especiais» que crescem aqui na praia. Têm propriedades curativas. Estas, especialmente, acalmam qualquer tipo de dor. Mas não te posso dizer o nome delas. Uma boa especialista em ervas nunca revela demasiadas informações para evitar que sejam usadas pelas piores razões. Sabes que existem plantas para tudo, até para matar.

– Pois, já tinha ouvido falar. Nunca foi um tema que me interessasse muito… – disse, esboçando um pequeno sorriso para parecer simpática. Era o mínimo que podia fazer para retribuir a amabilidade daquela mulher. – Sabe, é muito estranho, mas esta cidade até tem uma certa beleza. Não pude deixar de reparar naquela estátua no meio da praça. É para homenagear quem? – Eu estava deveras curiosa e esperançosa em conseguir arrancar alguma coisa a Fedra. As minhas técnicas de persuasão e sedução estavam sempre presentes na minha personalidade.

– Como já disse, não posso dizer nada. Terás de esperar. – Fedra encarava-me com uma expressão séria, como se tivesse percebido a minha estratégia. Era uma mulher astuta. – Já está. As dores deverão ter diminuído. Precisas de repousar o pé um pouco. Sugiro que te mantenhas sentada aí e com o pé levantado. Queres alguma coisa para comer? Beber?

Eu ainda estava um pouco enjoada e cansada de toda aquela confusão; supostamente, estaria até de ressaca. Decidira recusar, mas aceitei o convite para descansar um pouco. Foi então que ouvi abrir-se uma porta ao fundo do corredor e que deveria ser a porta dos fundos. Apareceram três figuras de preto com lenços brancos nas mãos. Eram três jovens que caminhavam muito próximas umas das outras e parecia que tinham estado a chorar.

– Ah, Lorelei, estas são as minhas três filhas. Meninas... esta é a Lorelei. Por favor apresentem-se – ordenou Fedra severamente.

– Eu sou a Camélia – disse a rapariga da direita. Era exageradamente alta e magra, com a cara muito longa. Quase que a roupa não lhe servia.

– Eu chamo-me Maristela. – Foi a vez da rapariga da esquerda. Era o oposto da primeira, muito gorda e muito baixa. A cara era redonda e bochechuda. Os botões do vestido quase rebentavam.

– Eu, Jesabel – apresentou-se a do meio, uma rapariga de estatura média, com cabelos oleosos, olhos fundos, nariz adunco e uma verruga no queixo. Era muito feia.

Fizeram uma vénia ao mesmo tempo. Quase me babei, pois fiquei de boca aberta com aquela cena. Não sei se foi pelos nomes ou pela aparência bizarra daquelas raparigas. Talvez estivesse surpreendida com as duas coisas.

O silêncio que se instalou depois das apresentações era deveras incomodativo. Só se conseguia ouvir uma certa comoção à porta de casa, provavelmente das mulheres loucas. Entendi que aquele sítio era estranho de mais para mim, tão estranho que poderia tornar-se perigoso.

– Eu... eu acho que é melhor ir embora. Muito obrigada por tudo, dona Fedra – disse, levantando-me devagar.

– NÃOOOOO!!! – gritou Jesabel.

– Queremos estar perto de si! – disse Maristela, com as lágrimas a escorregar pelas suas bochechas gordas.

Camélia limitava-se a chorar.

– Meninas! Comportem-se! – A voz rigorosa de Fedra fez com que o choro das três irmãs cessasse de imediato. – Por favor, Lorelei, peço-te: fica mais um pouco. Se não pelas minhas filhas, ao menos para descansares mais um bocado.

Enquanto decidia se ficava naquela casa de doidas, uma voz sobressaiu de toda a confusão que se fazia à porta de Fedra. Era uma voz de mulher.

– Deixem passar, deixem passar! Membro da Sociedade Escarlate a querer passar, por favor... SAIAM JÁ DA FRENTE! – Ao mesmo tempo que gritava, ouviam-se sons de reprovação por parte das mulheres que eram empurradas. – Não vale a pena entrarmos em confli... Ei, não me arranhem! Suas doidas varridas, voltem mas é para o canto escuro onde estavam a chorar!

– Nós queremos ver a linda Sereia!!! – berrou uma voz ao longe.

– Sim, queremos pedir-lhe ajuda e… autógrafos! – bradou uma outra.

– SIIIM!!! – gritaram todas as outras em uníssono.

– Este é um assunto a ser tratado exclusivamente pela Sociedade! Se não querem que algo de mal vos aconteça, sugiro que voltem para vossas casas e rezem ou costurem, ou seja lá o que vocês fazem o dia todo. Fui clara? Agora... DESAPAREÇAM! – depois do enorme berro, pigarreou e disse suavemente: – Um bom dia para todas. – Reparei que a voz da mulher era bem grossa. Quem quer que fosse, parecia ser uma mulher enorme e abrutalhada.

Bateu à porta. Fedra mandou Jesabel abrir. Esta ficou esmagada contra a parede quando uma enorme mulher gorda abriu a porta violentamente. O seu vestido florido e cabelo mal arranjado eram-me violentamente familiares… Era a mulher da praia! Era mesmo a louca que me atacou antes, se bem que estava diferente sem a máscara. Mas não era só isso. Parecia mais sóbria, mais sana. No entanto, patenteava ser a mesma brutamontes e foi isso mesmo que me ajudou a identificá-la de imediato. O meu primeiro impulso foi fugir dali para fora. Decidi não o fazer e enfrentá-la à minha maneira, mais venenosa.

– Que bom que te encontrei aqui. Procurei-te por todo o lado. Vá, vá, senta-te. Temos muito que falar, não há muito tempo a perder – disse a enorme mulher entrando desastradamente em casa de Fedra. Jurei ter visto um olhar de desagrado desta.

– Hum... – Dirigi-me à mulher, lenta e ameaçadoramente: – Obviamente que TEMOS de falar. Eu quero saber já, agora, neste momento, o que a levou a perseguir-me na praia e a tentar matar-me ou eu chamo a Polícia! – A minha voz ficou descontroladamente furiosa e só então vi que estava a apontar o dedo à mulher. O facto de ela me tratar por tu sem sequer me conhecer tinha sido a gota de água para mim. As três irmãs estavam agarradas e tremiam de pavor. Fedra mantinha-se imóvel.

– Meninas, vamos sair da sala por um alguns momentos – disse Fedra, agarrando nas suas três filhas e dirigindo-se para fora da sala.

– Ve… vejo que continua com o mau feitio que as lendas referem... Eh, eh!… – Mesmo com aquele tamanho, a «mulher-elefante» parecia ter medo de mim. – Eu explico tudinho, está bem? Peço-te só um pouco de calma. – O tom de voz antecedia o início de uma longa conversa.

Explicações

Batia insistentemente na mesa de madeira com as minhas unhas pintadas de cores diferentes. Vários mosquitos colidiam estupidamente com o candeeiro a óleo que estava pendurado mesmo por cima de nós. Sebastian bebia o seu chá com grande calma. Todos os pormenores, todos os sons daquela casa pareciam irritar-me ao ponto de querer gritar bem alto. Mas o que me chateava mais era a tranquilidade de Sebastian, que ainda não tinha dito uma única palavra desde que tinha mandado o casal de idosos para a rua, para ficar mais à vontade comigo e poder «conversar sem limitações». Crisálida também me tinha servido uma chávena de chá, mas já tinha visto tantas coisas estranhas nesse dia que nem me atrevi a bebê-lo e arriscar-me ainda mais.

– Não leve a mal… mas quando me vai *explicar* tudo? – A acentuação da palavra «explicar» mostrava que tinha decidido partir para a ironia.

– Sabes que a *paciência* é uma virtude muito apreciada nos seres humanos… – retaliou Sebastian. – Além disso, estou a pensar na melhor forma de começar a minha história.

– Que tal começar pelo início? Pelos vistos, não vou sair daqui tão cedo, por isso tenho *tooodo* o tempo do mundo…

– Hum… Estamos espevitados hoje, dona Noemi – Sebastian exibia agora um sorriso matreiro. – Muito bem. Presta bem atenção ao que tenho para te dizer, pois não vai ser fácil de entender e aceitar.

– O seu sorriso rapidamente se desvaneceu. De repente, já não me parecia tão bonito. Pigarreou. – Apesar dos avanços da Ciência, aquilo em que ainda muitas pessoas acreditam é que, após ter criado o mundo, Deus criou o primeiro homem, Adão, e pouco depois a primeira mulher, Eva, os quais deram origem à raça humana. Pelo menos, é isso que trata o Génesis. No entanto, a verdade é que Deus não foi o único criador do Universo e da raça humana. Como já deves ter estudado, existem teorias que afirmam que para tudo na vida há um oposto. E tal como ele próprio criou esses dois opostos específicos, homem e mulher, também ele tinha o seu oposto, uma entidade feminina, a Deusa.

Ao contrário do que as pessoas pensam, os dois têm uma personalidade, não são assim tão… «omni» e perfeitos como os pintam. O que aconteceu é que, de facto, a Deusa invejava intensamente Deus por este ter criado dois seres tão belos. Caprichosa e dotada dos mesmos poderes, criou também um homem e uma mulher, Merco e Aallya. Todavia, para que as suas criações fossem superiores às de Deus, sacrificou alguns dos seus poderes para dotar os dois humanos de habilidades que Adão e Eva não possuíam, habilidades que só um deus possui. Além disso, ainda sacrificou alguma da sua beleza e inteligência para que se aproximassem o mais possível dela, para que fossem criados o mais possível à sua imagem. De facto, os dois humanos eram superiores a Adão e Eva. Furioso e mais poderoso que a Deusa, Deus criou um paraíso puro, verdejante, cheio de animais para que Adão e Eva vivessem na mais pura felicidade. Merco e Aallya foram literalmente lançados por Ele para uma terra de miséria, sem vida. Vendo as suas belas criações forçadas a viver numa terra de sofrimento, desprovida de vida e alegria, a Deusa nada pôde fazer, pois estava mais fraca que Deus…

– Espera aí. Isto é alguma brincadeira? – Eu estava muito incomodada com esta história e levantei-me da cadeira. – Realmente é uma boa história de ficção. Mas como é possível que em poucos minutos tenha assassinado uma história com milhares de anos em que grande parte do mundo acredita? E é ridículo haver uma Deusa e que tanto ela como Deus tenham uma personalidade. É daquelas verdades inquestionáveis e dogmáticas. É tabu. E mais, a Ciência fez diversos avanços na pesquisa da evolução humana. Supostamente, nós somos uma evolução dos macacos que, por sua vez, são uma evolução de outras espécies… Não sei, isso parece saído de um livro de histórias para adolescentes. Eu sou muito racional para acreditar nisso tudo, é muito fantasioso!

– Não me parecias tão efusiva quando te vi. Deixas-me continuar? – Sentei-me com uma certa vergonha, notando que Sebastian não tinha gostado da interrupção. – Obrigado. Bem, a verdade é que o «paraíso» ficava numa metade do Mundo, enquanto que o «deserto» ficava na outra metade. Adão e Eva, acarinhados por Deus, acabaram por decepcioná-lo quando lhe desobedeceram no tal «episódio» da tentação da maçã, que, por acaso, foi provocado pela Deusa. – Esboçou um sorriso triunfante. – Deus castigou-os, expulsando-os de lá. Ao mesmo tempo que isso acontecia, Merco e Aallya continuavam a lutar pela sua sobrevivência numa terra onde o alimento escasseava e onde eram constantemente atacados por monstros horríveis. Eventualmente, Deus acabou por estabelecer uma espécie de tréguas com a Deusa, perante as suas derrotadas súplicas. Misturou as duas metades, tornando-as num espaço neutro onde o mal e o bem não se distinguiam. Os dois casais nunca se encontraram, por estarem tão longe uns dos outros, mas tiveram vários filhos, que tiveram mais filhos e deram origem à raça humana tal como a conhecemos.

Os filhos de Merco e Aallya herdaram as suas habilidades mágicas, o que facilitava as suas vidas diárias, tanto na construção de autênticas civilizações, como do seu próprio desenvolvimento. Embora com mais dificuldade, os filhos de Adão e Eva também seguiram com a sua vida e desenvolveram aos poucos as suas civilizações.

A partir dessa altura, Deus e a Deusa perceberam que as suas criações tinham autonomia suficiente e que a História deveria seguir o seu curso natural. Decidiram nunca mais interferir directamente na vida dos Homens, embora os observassem incessantemente, como estivessem a assistir a um longo espectáculo de teatro.

Eventualmente, chegou uma altura em que os dois tipos de humanos se encontraram, mas curiosamente, os dois tipos co-existiam em harmonia e aceitando-se tal como eram. Mas, tal como já disse, existe sempre um oposto no Universo. Neste caso, a paz e a calma que vieram a desenvolver-se, deram origem ao mal e à destruição. Os Humanos de Deus invejavam os poderes mágicos da outra metade da humanidade, um olhar de cobiça e ciúme. Conflitos e incidentes multiplicaram-se e os dois povos foram-se separando em dois mundos opostos… novamente. Os Humanos iniciaram uma autêntica chacina dos mágicos, o que acabou numa declaração de guerra das duas partes. De um lado, os orgulhosos e beligerantes Humanos, com uma inimaginável quantidade de armas de destruição criadas por eles, numa cegueira por se apoderarem da magia que eles não possuíam. Do outro lado, os belos e calmos mágicos, contando apenas com a sua magia e o seu desejo de viver em paz. Estes eram liderados por seis generais lendárias, cada uma com uma grande concentração de poder da Deusa dentro de si. Esta guerra teve contornos gigantescos e dramáticos. Morreu muita gente; o Mundo foi quase destruído, tais eram os poderes dos dois opostos. – O olhar de Sebastian era agora distante e o brilho dos olhos apagava-se lentamente.

Para evitar a extinção das suas duas preciosas criações, Deus e a Deusa foram obrigados a voltar a agir e tomar uma decisão: separar o Mundo em duas dimensões diferentes e isoladas. Uma regida por Deus, a dos Humanos. Outra regida pela Deusa, a dos mágicos. Cada um acabou por tomar certas decisões pessoais. Deus lançou sobre os Humanos certas, digamos, restrições, incutidas desde logo nos bebés, que os mantinha afastados das teorias da existência de um mundo paralelo ou do que tinha acontecido no passado. Além disso, também lançou sobre a Terra falsas provas de uma outra História da evolução da Vida e do Homem. Esse encobrimento de tudo o que se passou viria a ser chamado de Ciência. Deus foi tão meticuloso nesta nova criação que, cada vez mais, a Ciência se torna inquestionável e os Humanos, racionais.

Do outro lado, por já não ser tão poderosa, a Deusa pediu o sacrifício das seis Guerreiras (as generais da grande batalha), suas representantes máximas, para separar definitivamente os mundos, com receio de que a guerra épica se voltasse a repetir. De todos os mágicos, eram realmente as únicas que possuíam maior concentração de poder da Deusa no seu sangue. A sua morte significava libertarem-se desse poder, que então podia ser usado pela Deusa para a separação dos mundos. A morte das Guerreiras e o derramamento do seu sangue puro e cheio de magia fez com que, para cada um dos lados, o outro mundo não existisse. É como se houvesse uma gigantesca barreira invisível entre os dois. Numa tentativa de começar do zero e esquecer o tumultuoso passado, o mundo mágico passou a chamar-se Orbias, muito por causa do seu recurso natural, a magia, que se materializa em orbes mágicas. No entanto, a Deusa nunca escondeu as informações do passado e sobre si mesma, ao seu povo… Não existe um único orbiano que não saiba de toda a história.

Eu estava sem palavras. Como é que ele queria que eu acreditasse numa história tão… ficcional? Eu não conseguia acreditar que existia um mundo paralelo ao nosso, por mais que tentasse enfiar na minha cabeça já confusa e enfraquecida. Existia uma Deusa?! Como é isso possível?! Sebastian parecia tentar ler as minhas expressões. Como que a responder às dúvidas que me colocava mentalmente, disse:

– Não quero que fiques nervosa, mas, neste momento, estás no mundo oposto ao teu… em Orbias. – Sebastian esboçou um largo sorriso – Bem-vinda ao mundo dos mágicos!

Mundos

(Lorelei)

Todavia, a Deusa nunca escondeu as informações do passado e sobre si mesma ao seu povo… Não existe um único orbiano me tinha revelado o seu nome, estava a contar-me uma história estúpida e da qual eu não entendia metade. O facto de ela estar a ler a história em pequenos bilhetes escondidos na sua mão rechonchuda não ajudava a que eu acreditasse em tudo aquilo. Um mundo mágico chamado Orbias?! E eu estava nele?!

– Uau! – Fingi estar maravilhada para parecer ainda mais venenosa. – É simplesmente fantástico! Você… – o meu tom de voz mudava intencionalmente – pensa que me vai enrolar com essa história mal contada? Pensa que dessa forma me vou esquecer do que me fez na praia? Eu devia era chamar a Polí…

Cordélia levantou-se da cadeira em que estava sentada. Estava bastante irritada com a minha imaturidade e arrogância, o que fez com que se enfurecesse comigo e eu, de facto, tivesse ficado assustada.

– Agora és tu que me vais ouvir, menina Lorelei! Eu não escolhi estar nesta situação e muito menos falar com alguém tão arrogante como tu, mas vais ter de me ouvir, a bem ou a mal! Tudo isto que tenho dito tem muito a ver contigo. Agora sentas-te, calas-te e ouves o resto do que tenho para te dizer e que te explica porque fiz o que fiz e porque estás aqui!

Sentei-me devagar, amuada, como se fosse uma menina a ser repreendida pela mãe. Pelo menos era isso que sentia por ter uma mulher intimidante e atrapalhada a gritar-me na cara. Mas a minha consciência lembrou-me de que a repreensão tinha razão de ser. Era a décima quinta vez que interrompia Cordélia. Ela voltou a sentar-se, mas, desta vez, como tinha vencido a «batalha», mudou a sua expressão para a de uma mulher trapalhona e gentil.

– Continuando a história. Mais uma vez, a História seguiu o seu curso, desta vez com um olhar mais atento de Deus e da Deusa. Tudo o que aprendeste até hoje foi, de facto, o que aconteceu no teu mundo, a Terra. As civilizações clássicas, o nascimento do revolucionário Jesus, a Idade Média, o Renascimento, os Descobrimentos, a Revolução Francesa, as Guerras Mundiais, o espantoso avanço da Ciência… Todavia, ao contrário do que muitos pensam, tudo isso foi produto do Homem; Deus não teve qualquer intervenção na Terra desde a separação dos mundos.

– Mas custa-me a acreditar nisso. A Ciência é tão exacta, já fez tantas descobertas, até já colocou a existência de Deus em questão. Como quer que acredite numa história assim? É ainda mais fantasiosa do que o que a própria Igreja nos tem dito. E os dinossauros? E os macacos? Estou muito confusa com tudo isto! – Agora eu estava de facto a ser muito sincera, não conseguia acreditar em tudo aquilo.

– É simples. Como eu disse, Deus lançou um plano sobre a Terra de tal forma que o Homem nunca descobriria outro mundo paralelo. Ele próprio colocou na Terra as supostas provas da existência de uma outra História diferente daquela que realmente aconteceu. Os Humanos, pensando que estão esclarecidos sobre muitos assuntos devido à Ciência, estão suspensos numa ilusão de que nunca sairão.

– *Okay*, está bem fundamentado. Mas, ainda assim, é uma história difícil de engolir. Além disso, continuo sem perceber o que isso tudo tem a ver comigo e o porquê do ataque ontem à noite. – Sabia no meu coração que não queria ouvir mais aquela história, não porque não acreditava, mas porque tinha dificuldade em entendê-la. Não era assim tão boa aluna na escola, embora nunca tivesse chumbado.

– Bem… é aqui que entra toda a situação em que nos encontramos. Quando os dois mundos foram separados, houve um incidente no ritual de sacrifício das Seis Guerreiras. O falhanço parcial do ritual não permitiu a separação definitiva dos mundos. Provocou brechas na barreira, sendo que ainda existem pontes entre os dois. Por exemplo, estás farta de ouvir falar de aparições de fantasmas, extraterrestres, monstros, ou então de mitos de fadas, sereias, ou até mesmo da existência de magia na Idade Média. A verdade é que todas as testemunhas desses factos conseguiram, de alguma forma, ver coisas que existem aqui neste mundo e até experimentar algumas delas.

– O quê?! Vocês têm sereias, fadas e essas coisas aqui?! – perguntei, arregalando os olhos.

– Claro. Nós aqui temos acesso à magia e temos criaturas muito diferentes das vossas.

– Mas isso é tão estranho. Eu sempre pensei que as pessoas que viam fadas ou monstros em lagos eram loucas ou tinham uma grande imaginação para conseguir fama e dinheiro.

– Se achas isso estranho, imagina o que é alguém deste mundo ver homens de fato e gravata com telemóveis e computadores portáteis, ou então mulheres completamente vestidas de cabedal, cabelo verde e brincos por todo o lado, a passearem na rua! – Fiquei sem perceber muito bem. Tentei estabelecer um paralelo entre as duas situações e cheguei lá…

– Avancemos na história. Ao que parece, essas brechas foram, de alguma forma, descobertas pelos Humanos há alguns anos. Séculos de paz foram interrompidos quando estes criaram laços secretos com importantes figuras de Orbias. Resultado: ao longo dos anos, essas relações fortaleceram-se e convergiram na criação de uma Sociedade… a Sociedade Índigo. Essa sociedade é o culminar do falhanço da separação dos dois mundos e revela os interesses egoístas dos seus habitantes. Os do vosso mundo querem apoderar-se de todos os recursos naturais e explorar toda a magia para que consigam implantá-la na Terra. O nosso mundo ficou cego com toda a vossa tecnologia e com as facilidades que isso poderia trazer, assim como toda a cultura urbana, vícios e fanatismos que trazem um prazer efémero. Chegaram à conclusão de que seria melhor unirem-se nessa troca de interesses. Os seus esforços têm sido nesse sentido.

»Cada vez mais, existem adeptos poderosos que contribuem secretamente para a aproximação dos dois mundos. Redes de espionagem, traições e utilização da mais poderosa magia e tecnologia para descobrir os melhores meios de juntar os mundos. Porém, nós acreditamos que essa união não é o único objectivo da Sociedade. Ainda não se conhecem as verdadeiras intenções deste grupo de homens.

»Com receio de que o cenário do passado se repetisse, alguns voluntários de Orbias decidiram criar uma contra-sociedade secreta, a Sociedade Escarlate, rigorosamente organizada e da qual faço parte. Temos agentes infiltrados na Sociedade Índigo e tudo. Acabámos por descobrir que um outro objectivo desses homens é procurar as Guerreiras renascidas. Ao que parece, perante o falhanço do ritual, as suas almas pairaram no Tempo até renascerem nos dois mundos quando estivessem em verdadeiro perigo. Os seus poderes também viriam renovados, embora adormecidos. A nossa prioridade agora é encontrá-las antes da Sociedade Índigo. Não sabemos qual a sua intenção de as encontrarem, mas para nós significa fortalecer esta frente da batalha. Segundo as lendas, as Guerreiras da Deusa são dotadas de poderes tão grandes que, reunidas, poderiam até destruir os dois mundos…

»E é aqui que entras tu e aquilo que se passou ontem. Eu andei à tua procura, encontrei-te naquela praia, e, assim que te vi, percebi que eras… a famosa Guerreira Sereia da Vida!

– O… O quê? Eu sou uma… Guerreira? Uma Sereia? – Cordélia não tinha referido o facto de eu me poder transformar numa Sereia, mas lembrava-me bem da noite de ontem; fingi estar a representar uma peça dramática, com gestos exagerados para expressar o meu desagrado e falta de convicção naquela história. – Que raio anda a tomar? Cogumelos mágicos? – disse-o com um ar muito arrogante. – E que história é essa da «Vida»?

– Como eu já tinha dito, a Deusa sacrificou os seus poderes para criar as suas criaturas. As Guerreiras concentravam grande parte dos seus poderes. Assim, têm poderes divinos que normalmente só associarias a Deus aqui na Terra. O teu poder é o da Vida. Consegues curar e renascer seres vivos. Quem sabe até humanos. – Ela sorriu para mim como uma criança.

– Ah, ah, ah, ah! É muito engraçada Cordélia. Que coisa mais ridícula!

– Já vi que vamos ficar aqui muito tempo… – suspirou Cordélia, sabendo que aquela rapariga linda e que se chamava Lorelei não era pêra doce. Nunca o fui!

Transporte

-E é aqui que entras tu e aquilo que se passou ontem. Ao contrário de um orbiano vulgar, e, sendo agente da Sociedade Escarlate, posso viajar entre os dois mundos. Após um intenso treino, já nos é possível isso. – Sebastian sorriu alegremente. – Para fazer despertar os teus poderes, precisei de te colocar numa situação extrema. Coloquei-te sob um feitiço de ilusão com a ajuda de um orbe. Obviamente que nunca te iria fazer mal. Fiz-te pensar que estavas prestes a ser assassinada por mim. – Um Sebastian fanfarrão abria os braços como se se estivesse a apresentar. – Mas resultou; consegui que te transformasses no fantástico Anjo que és. O teu verdadeiro Eu revelou-se quando percebeste que tu e o teu amigo estavam em perigo. Sentiste necessidade de te defender e salvá-lo. É essa a verdadeira essência da Guerreira da Omnisciência, a líder das Guerreiras da Deusa, tu, Noemi!

– Eu? Guerreira da Deusa? – estava atónita. – Como é que algo assim me pode acontecer? Sou apenas uma rapariga normal e desajeitada. – Ao ouvir as minhas palavras, apercebi-me de que parecia uma personagem de desenhos animados que tinha acabado de descobrir que era uma super-heroína.

– Noemi, eu sei que é um fardo muito grande sobre ti e tu pareces sinceramente boa rapariga, mas tens de perceber que tens de ajudar os dois mundos. Estás destinada a isso desde o teu nascimento. O teu poder natural e a tua luz interior podem salvar muitas vidas. Podem salvar os dois mundos! Com o tempo, vais adquirir mais informações, os teus poderes vão despertando e vais conhecer melhor Orbias e… a ti própria. Por enquanto, tudo o que te disse é o suficiente para entenderes a situação. – Seguiu-se um longo silêncio após palavras tão bonitas como um poema.

A mão de Sebastian agarrava na minha. Era tão quente, macia, mas ao mesmo tempo máscula. A minha mão estava muito fria e aquele toque transmitiu-me mesmo muita calma. Mais do que a de Jonas na outra noite. O meu coração começou a bater intensamente e eu continuava sem perceber porquê. Teria medo de Sebastian?

– É tudo tão repentino. – A minha voz baixa era como um murmúrio de um fantasma. – Até ontem eu era uma universitária normal, a trabalhar no Verão para pagar os estudos. Agora estou num mundo paralelo ao meu e acabo de descobrir que sou uma guerreira que vai salvar os dois mundos… É demais para mim! Se estivesses na minha situação, de certeza que também te custava a acreditar. A única coisa que me prende a essa história é o facto de ter a certeza, e contra toda a racionalidade possível, de que me transformei num Anjo a noite passada e lutei contigo. – Só então me apercebi que já o tratava por tu há algum tempo. Afinal, éramos quase da mesma idade.

– Fico feliz por já me tratares por tu. Não precisas de me tratar por «você». Temos praticamente a mesma idade. – Fez uma pausa como se estivesse a medir as palavras. – Eu já pertenço à Sociedade Escarlate há muito tempo. Já vi e vivi as situações mais irreais e penosas que possas imaginar. Olhando para ti, sei que te vais sair bem. E, se for caso disso – Sebastian aproximou-se lentamente da minha orelha e disse muito baixo, arrepiando toda a minha pele –, eu protejo-te!…

Tive de me lembrar que não estava a respirar. Se não fosse o alarme do meu coração a saltar para fora do meu peito e da explosão de sangue a ruborizar a minha face, eu estaria morta dali a segundos. Por alguma razão, conseguia ouvir e sentir o coração de Sebastian bater à mesma velocidade que o meu. Estaria assim tão intimidada por ele? Aquele momento foi quebrado por uma imensa vontade de dormir, provocada pelo cansaço. As inconvenientes das pálpebras teimavam em querer fechar-se. Senti que nunca tinha estado tão cansada física e psicologicamente como naquela altura.

– Se não se impor… tas – sorri levemente –, eu estou bastante cansada. Não sei onde vou dormir, pois só vejo uma cama, mas agradecia que me indicasses.

– Queres dormir aqui? Pensei que quisesses ir para casa.

– Para casa? Mas… não era suposto eu estar no «outro» mundo? Como é que vou para casa agora? – perguntei, completamente atónita.

– Acho que me falhou alguma informação. É do cansaço… – Sebastian levantou-se da cadeira, retirou o candeeiro a óleo que estava pendurado no tecto e colocou-o em cima da mesa, deixando os mosquitos desorientados. – Tal como a Sociedade Escarlate e Índigo, sendo uma das Guerreiras reencarnadas, podes viajar facilmente entre os dois mundos. E é bastante fácil e rápido. O único senão é que vais sentir algumas tonturas quando chegares à Terra, mas acho que já tiveste uma experiência dessas. Além disso, a Sociedade Índigo está a vigiar os transportes, por isso nem sempre é possível fazê-lo. Felizmente, agora não é uma dessas alturas.

– Mas então, porque me trouxeste para este mundo? Não podias ter explicado tudo no meu? – Tinha a certeza de que a minha excessiva palidez repentina mostrava que me lembrava bem de quando acordei no meio do campo de triganjas, enjoada e confusa.

– Achei que ao trazer-te para o meu mundo seria mais fácil fazer-te acreditar na minha história. Ver para querer, não é o que se diz? Bem, a forma de te transportares é muito simples. Basta que penses em coisas da Terra, coisas que te liguem a ela. Amigos, familiares, objectos, qualquer coisa que queiras muito voltar a ver.

Eu estava já bastante concentrada no foco de luz, tentando pensar numa coisa que fosse forte o suficiente para me transportar para o meu mundo. Pensei na minha mãe, que devia estar preocupada; no Jonas, cuja última visão dele foi a de estar deitado no chão, inconsciente. Pensei no meu quarto, o meu santuário quando estava triste ou confusa. Estava pronta!

– Até já, Noemi…

Abri os olhos e interrompi toda a minha concentração quando senti uma série de braços brancos a agarrarem-me. Não resisti, pois não sentia medo algum. Aquela sensação era-me familiar, de alguma forma. Fui atirada para dentro de uma grande parede negra que se formou à minha volta. E, de repente, foi como se tivesse adormecido. A última coisa que vi foi Sebastian, e o recém-chegado casal de velhotes atrás dele. A imagem dele ficou-me impressa na mente, enquanto fechava os olhos.

Regresso

Estava completamente ofuscada pela luz que me rodeava. Sentia que estava a flutuar, que andava à deriva pelo ar. Nem sequer sabia onde ia parar. A resposta à minha dúvida surgiu quando, do nada, acordei daquela viagem, vi tudo escurecer e a gravidade puxou-me para o chão.

Estava muito tonta e sonolenta depois daquela «viagem», tal como Sebastian disse que aconteceria. Tinha-me estatelado ao comprido. A textura onde a minha cara estava colada era-me familiar. Sentia a suavidade de um tapete e um cheiro a perfume fresco de cereja no ar. Levantei a cabeça e, apesar de os meus olhos não se terem ajustado ainda à escuridão, percebi que estava no meu quarto. Estava realmente feliz por estar de volta, mas essa felicidade rapidamente se dissipou quando me lembrei de que tinha estado fora um dia inteiro, sem que ninguém tivesse tido notícias minhas. O pensamento prendeu-me a respiração, como se tivesse uma laranja muito seca atravessada na garganta. Corri até à porta fechada do meu quarto, mas algo me despertou a atenção antes de abri-la. Um bilhete branco dobrado em dois olhava para mim da porta de madeira negra. Arranquei-o de lá e abri-o. A letra era-me desconhecida, mas muito bonita e trabalhada. Li o seguinte: «Tratei das coisas por aí. Boa Sorte. Sebastian.» Acabei por não perceber o que ele quis dizer. Porém, Sebastian transmitia-me uma estranha sensação de segurança e estava mais intrigada com o facto de ele me ter escrito do que propriamente com o conteúdo do papel com perfume de homem. Sorri e coloquei o bilhete no bolso de trás das minhas calças de ganga.

Abri a porta, desta vez mais calmamente. Chamei pela minha mãe e esta depressa me respondeu da sala. Corri para lá e deparei-me com a minha mãe sentada no sofá, de camisa de dormir, a ver televisão como se nada se tivesse passado. Nem estava a olhar para mim de tão entretida com a novela da noite. Olhei inexpressiva e expectante para ela à espera de uma outra reacção ou que ela falasse sobre a minha ausência. Tinha a certeza de que eu estava tão branca como as paredes da casa.

– Não te ouvi chegar, Noemi. Então, como foi o teu dia na casa da Sofia? Dormiste bem? Comeste bem? Não gostei que tivesses ido para lá deixando-me só uma mensagem de telemóvel, mas não faz mal. És boa filha e isto passa – disse a minha mãe com um sorriso rápido e a habitual preocupação.

– Sofia? Aaah… – Lembrei-me do bilhete de Sebastian e pus uma cara de parva, como se estivesse a alinhar na história falsa. – Sim, claro. Diverti-me imenso com ela. E sim, dormi e comi bem. – Sorri para ela e virei-me para sair em direcção ao meu quarto, mas hesitei. – Hum… Mãe, sabes se aconteceu alguma coisa ao Jonas?

– Como assim? Que eu saiba, não. Hoje estive com a mãe dele no supermercado e disse-me que ele tinha ido passar uns dias à casa de uma tia, no campo. Acho que até foi esta manhã.

Eu estava bastante aliviada, pelo menos no que tocava ao «alerta: mãe preocupada». Jonas também não tinha saído mal daquele incidente, embora não soubesse até que ponto ele se lembrava da noite anterior. Parecia que Sebastian tinha arranjado uma forma subtil de encobrir aquela pequena viagem. Após uma hesitação, decidi mandar-lhe uma SMS a perguntar se estava tudo bem. Quando liguei o telemóvel, já bastante danificado devido a todas as suas quedas fatais, reparei que tinha duas mensagens escritas. Uma era da Sofia, a minha amiga, que perguntava onde eu me tinha metido o dia todo. Por momentos, recordei que tinha um programa marcado com ela naquele que era o meu dia de folga. Dia de folga esse que, em vez de ter sido pas sado a descansar ou a passear, foi passado a viajar de mundo para mundo, a conhecer gente estranha e a ficar enjoada e confusa. Só o pensamento do quão ridícula era a situação fez-me soltar um riso abafado no escuro do meu quarto. A outra mensagem era de um número desconhecido e dizia: «Ñ sbs ond t metest! A tua vida ñ será fcl a partr d agr!» Estremeci com a violência da ameaça. O coração ficou gelado, tanto que quase o partia e estalava se me mexesse demasiado. Quem é que já me desejava mal sem me conhecer? Seria assim tão mau ser uma Guerreira? Eu não estava preparada para lidar com aquele tipo de perigo, pelo menos não me sentia capaz. Era tão fraca! Liguei de imediato para o tal número para confrontar quem quer que fosse que me queria fazer a vida negra. Do outro lado, uma gravação dizia que o número não existia. Muito estranho… Decidi não me preocupar com isso. Já tinha muito em que pensar e certamente um dia confrontaria aquela pessoa ou grupo.

Estava, de facto, surpreendida com Sebastian. Se bem que ainda não acreditava plenamente naquela narrativa mal contada. Havia diversas falhas e omissões na história que ele me contara. Ou, então, ainda havia muita coisa por explicar. Fiquei com a sensação de que apenas tinha ficado com a versão resumida de toda a história e arrependi-me bastante por não ter feito mais perguntas. Afinal, se eu era uma figura assim tão importante naquela história, deveria ter mais conhecimento dos factos. Mas acreditava que em breve iria tomar conhecimento de todas as respostas às perguntas que se organizavam no meu apoio ao «cliente» mental. Talvez Sebastian tenha notado que eu estava morta de cansado. Talvez não tenha querido massacrar-me com uma quantidade massiva de novas e inacreditáveis informações. Ou então tinha reparado que eu receava conhecer. E era verdade.

Fechei a porta do quarto atrás de mim. Fui até à janela, mesmo no escuro. A única luz era a do candeeiro de rua que iluminava fracamente o meu quarto. Olhei para a minha cama encostada à parede. Ainda tinha uma boneca de pano em cima dela que eu mantinha por razões sentimentais. O armário tinha algumas camisas penduradas cá fora, mas estava arrumado. Era um quarto pequeno, mas simples. O meu santuário para os bons e maus momentos e que sempre se manteve assim durante toda a minha vida. Olhei também para a cruz que tinha na parede. Não era muito religiosa, mas sentia-me bem por saber que tinha ali algo que me protegia. Pensei naquela doce ironia. A cruz de Cristo era um dos símbolos mais importantes da Igreja Católica. Os anjos também… Pelos vistos, eu era um, mas nem por isso me senti mais católica. E aquela história de ser a reincarnação de uma Guerreira ancestral queria dizer o quê? Que tinha a alma dela? Que eu não era eu, era outra pessoa à espera de acordar do seu sono de milhares de anos? Naquele momento, eu queria ser apenas a velha Noemi…

Coloquei o meu cabelo atrás das orelhas. Olhei para a rua. Àquela hora da noite, não passava muita gente por lá. Uma ou outra pessoa que iam para o café, despreocupadas e desconhecedoras de uma suposta invasão secreta de indivíduos de um mundo paralelo. O meu próprio pensamento pareceu-me completamente irrisório. Pensava que aquelas situações só aconteciam em séries como a que vi antes do ataque de Sebastian naquela noite.

Eu estava a tentar digerir na minha mente o facto de ser uma espécie de super-heroína. E se era uma super-heroína como aquelas que via em filmes ou videojogos, qual era verdadeiramente a minha missão? Ajudar os inocentes… Mas que inocentes? Salvar os dois mundos? Mas eu nem conhecia o outro. E o meu mundo tinha problemas bem piores que um bando de mágicos escondidos. Que tipo de malfeitores iria eu combater? Seriam mais poderosos que Sebastian? A minha cabeça parecia um turbilhão de perguntas. Sentia que o meu cérebro esmurrava o meu crânio até se cansar de pensar.

Fui à casa de banho. Quando olhei para a minha cara ao espelho, nem reconheci aquela Noemi de olhos fundos e escuros e pele pálida como o sal. Só então me lembrei que estava exausta e precisava seriamente de dormir. Todo o meu corpo ansiava por descanso, cada poro, cada fio de cabelo. Mudei de roupa para uns calções e uma blusa de mangas cavas. Atei o cabelo num rabo-de-cavalo, apaguei a luz e deitei-me finalmente na cama. Estava calor, por isso bastou tapar-me com um lençol fino. Estava já de olhos fechados, preparada para dormir. Finalmente! Um suave e doce cheiro masculino impediu-me de adormecer de imediato. O bilhete de Sebastian permanecia à minha frente, em cima da cama. Quando estiquei o braço para alcançá-lo, adormeci sem dar por isso.

\*

Três dias tinham passado. Não tive qualquer notícia de Orbias ou de Sebastian. Foi boa aquela pausa. O volume de informação… aliás, o volume de informação inconcebível tinha sido demasiado para a minha cabeça. Tudo aquilo me parecia um capítulo complexo de um livro onde os eventos tivessem sido despejados à pressa sem permitir que o leitor conseguisse absorver tudo. Eu precisava de organizar a minha cabeça. O facto de ter trabalhado que nem uma escrava naqueles três dias ajudou-me a distrair daquela incursão por o que me parecia um sonho. Por vezes, demorava minutos até perceber que de facto tudo aquilo tinha acontecido. E que eu era uma Guerreira. Não que eu percebesse bem o que isso significava e implicava.

Era já de noite e eu estava deitada na minha cama a olhar para o bilhete de Sebastian na minha mão. O perfume dele ainda perdurava, mesmo depois de o ter inalado tantas vezes. Quando o fazia, sentia uma enorme vontade de voltar a Orbias ou de saber mais sobre esse mundo, sobre as Guerreiras. E sobre Sebastian. O som da televisão da sala despertou-me daquele momento.

*…Interrompemos a nossa emissão para dar conta de uma notícia de última hora. Dezenas de pessoas foram feitas reféns no Centro Comercial de Grand City por indivíduos não identificados. O nosso enviado especial conseguiu filmar uma mulher que, ao que parece, está a comandar a operação terrorista. Ainda não são conhecidas as suas exigências. Voltaremos daqui a pouco com mais informações…*

Por alguma razão, senti um impulso para sair da cama e correr até à sala para ver aquela notícia. Cheguei à sala a tempo de ver as imagens amadoras de uma mulher oxigenada, de fato de cabedal verde, dentro do edifício do centro comercial. Toda a situação chocou-me de certa forma, pois conhecia bem o local e poderiam lá estar muitas pessoas do meu grupo de amigos. Seria altura para eu intervir? Estariam aqueles terroristas ligados a Orbias e à Sociedade Índigo? Algo dentro de mim dizia-me que aqueles reféns precisavam de mim. Mas não havia nenhuma razão plausível para pensar isso, apenas sentia que tinha de agir. A vibração do telemóvel no meu quarto interrompeu o meu pensamento. O número era desconhecido, mas decidi atender, arriscando-me a ouvir a voz de quem me tinha enviado a ameaça anteriormente.

– ‘Tou?

– Aí tens a tua primeira prova de fogo. A mulher do centro comercial pertence à Sociedade Índigo. Chama-se Jynx. Anda à procura de um rapaz «especial» no centro comercial. Vai e derrota-a. Ele não pode cair nas mãos dela. Pode ser que tenhas uma ajuda adicional. Depois explico melhor.

– Espera!

Tinha desligado. Identifiquei desde logo a voz quente de Sebastian. Não entendia era como ele tinha conseguido o meu número. Porém, percebi que ele era capaz de muitas coisas enquanto membro da Sociedade Escarlate. O mistério que o envolvia adensava-se cada vez mais e isso deixava-me ainda mais intrigada e irritada por não saber mais sobre alguém que sabia de mais sobre mim.

Vesti-me à pressa, sem preocupaçôes quanto à combinação de estilo ou cores, e saí de casa a correr, dizendo à minha mãe que ia tratar de «assuntos pessoais». Entrei no meu carro e arranquei tão depressa que deixei alguns vizinhos a resmungar sobre a «juventude de hoje».

Estava bastante ansiosa. Não sabia com o que ia lidar. Quando olhei para o porta-luvas, vi um bilhete semelhante àquele que Sebastian me tinha deixado na porta do quarto. Sem tirar os olhos da estrada, tirei de lá o bilhete e esperei por parar num semáforo para lê-lo. Eu tinha uma condução bastante defensiva e era muito certinha no que tocava a estradas e carros. «Concentra-te em ti própria para te transformares.» Este Sebastian adora bilhetes. Como é que ele conseguia colocar bilhetes naqueles sítios? Será que ele tinha estado ali antes de eu entrar no carro?

Grand City ficava a uma hora de caminho, mas consegui chegar lá em menos de quarenta minutos. Era de noite e não havia muito trânsito. Ao longe, avistei o edifício do centro comercial. Parecia-me uma enorme catedral que arranhava atrevidamente a noite estrelada. Estacionei nos arredores, pois toda a área circundante ao centro comercial estava vedada pela polícia da cidade. Quando desliguei o carro, fiquei uns momentos a pensar no que realmente queria fazer: levar uma vida normal ou seguir o meu novo destino. Eu tinha o direito de escolher ou não? Ou só por ter a alma de outra pessoa seria obrigada a seguir o caminho que lhe estava destinado? Acabei por ceder perante a segunda opção, não por achar que era o meu destino, mas porque eu própria sentia que tinha de ajudar aquelas pessoas. Sempre senti necessidade de ajudar os outros, por isso não podia ficar indiferente. Maior altruísmo tinha sido a minha resolução do dia anterior. Saí do carro, sabendo que tinha de entrar no centro comercial de qualquer forma. Se me podia transformar em Anjo, poderia voar até ao telhado do edifício e entrar por aí. Mas tinha de ter cuidado para ninguém me ver. Não era muito comum ver pessoas de asas brancas a esvoaçar pela cidade.

Sabia que estava na hora de me transformar. Depois daquele infeliz incidente na noite anterior, ia transformar-me de novo. As minhas mãos geladas tremiam de ansiedade. Ia arriscar a minha própria vida para salvar a vida daquelas pessoas e lutar contra alguém de outro mundo, com poderes mágicos cujos efeitos desconhecia. Lembrei-me das palavras de Sebastian, «Concentra-te em ti própria». Com as palavras dele na mente, enchi-me de coragem. Olhei em volta para ver se ninguém me via. Fechei os olhos e pensei no quanto queria voltar a ter asas e poder voar livremente.

A fé na minha voz mental deu lugar a uma intensa luz que irradiou do meu corpo. Reparei que a minha roupa mudava para o corpete, botas e saia da noite anterior. Nas minhas costas, nasceram-me duas enormes asas brancas, de penas brilhantes e puras, mas desta vez não me doeu tanto. Olhei para mim própria e pude afirmar que ali estava o lindo Anjo puro e negro da noite anterior, com o branco das asas e da pele a contrastarem com o cabelo longo e indumentária negros. Sentia-me bem, mais forte, determinada, corajosa e bonita, adjectivos que não costumava associar a mim. Estava disposta a arriscar tudo para salvar aquelas vidas inocentes. Olhei em volta de novo, abri as asas e tentei levantar voo. No entanto, fui atingida por uma intensa pontada na minha cabeça que me deixou tão tonta que caí no chão duro. Aquele momento heróico, digno de um filme, estava estupidamente estragado. Comecei a ver tudo à roda e perdi os sentidos, mas percebi que era a mesma sensação que tinha tido quando fui transportada para a sala ampla do homem de negócios na noite em que me transformei pela primeira vez.

Destino

Vi-me num quarto de rapaz. A calma e paz viciosas estavam de volta e apoderavam-se de todo o meu corpo inerte. Vi um relógio em cima de uma mesa e marcava duas horas antes do meu desmaio. Um movimento atrás de mim alertou-me e vi um rapaz deitado na sua cama. Pelo BI que estava espalhado com outros documentos na sua mesa-de-cabeceira, soube que se chamava Adam. Tal como tinha acontecido com a minha visão do homem de negócios e de Jonas deitado no chão, eu sabia que ninguém me podia ver porque eu não estava realmente ali. Era novamente uma espectadora. Conseguia ver tudo, até o que aquelas pessoas pensavam e sentiam.

Adam parecia fazer o que mais gostava em momentos de nostalgia: pensar. O quarto estava escuro, apenas iluminado pela luz alaranjada do candeeiro de rua perto da janela. Aquele tipo de ambiente era ideal para que a mente negra e depressiva de Adam florescesse. Olhou para a sua pulseira da sorte e notou que lhe apertava um pouco o pulso. Tinha tanto significado para si que nem se importou. Aliás, nem poderia tirá-la ou os seus desejos perderiam efeito…

O rapaz sentia-se excluído pela sociedade e pela vida em geral. Tinha dificuldades em comunicar com as pessoas e fazer amigos. A vida familiar também não era a melhor. Para os seus dezanove anos, era demasiado maduro e introvertido. Talvez por isso fosse marginalizado por algumas pessoas. Não aceitavam o facto de Adam não gostar de sair à noite ou de se embebedar como os demais jovens. Mas ele estava-se nas tintas para isso, embora se sentisse muito sozinho e incompreendido. Por isso mesmo, refugiava-se no seu mundo, nos seus pensamentos, na sua imaginação…

Até ao segundo ano de Universidade em que estava, sempre tinha tido excelentes notas, embora não se considerasse inteligente. Aliás, quem olhasse para ele, nem punha sequer a hipótese de ser bom aluno. Era o típico rapaz roqueiro com ar de rebelde. Cabelo pintado de negro, despenteado, olhos grandes e verdes, barba por fazer, *T-shirt* preta, calças azuis escuras, *piercing* na sobrancelha e uma enorme tatuagem no braço direito, mas cujo simbolismo não consegui perceber ao ler-lhe a mente confusa… Levantou-se da cama, indo até à janela, e vi que tinha os olhos vermelhos. Podia ter estado a chorar, mas quando sacou de um maço de cigarros e começou a fumar, concluí que o péssimo aspecto dos seus olhos se devia àquele vício.

O toque melodioso da campainha acordou-o da sua divagação. Sem conseguir explicá-lo, eu parecia já saber que alguém tocaria à campainha naquele momento. Adam apagou o cigarro rapidamente e saiu em direcção ao *hall* de entrada do apartamento, ignorando o facto do seu companheiro de casa estar ausente. Eu segui-o. Olhou pelo minúsculo buraquinho na porta para ver de quem se tratava. À sua frente, viu uma enorme cabeça disforme que reconheceu como sendo a de Rafael, o seu colega de casa. Abriu-a.

– Desculpa, não levei a chave de casa. Estavas ocupado? – disse ele, alegremente.

– Não faz mal. Não estava a fazer nada – respondeu Adam, de forma educada.

Rafael era o seu melhor amigo. Eram bastante diferentes, tanto física como psicologicamente, embora partilhassem de alguns interesses em comum. O seu amigo era bastante mais vaidoso, sempre vestido com cores muito claras e alegres e roupas caras. Tinha um ar muito limpo e arrumadinho, resultado de horas passadas à frente do espelho. Adam costumava compará-lo a um bobo da corte, no bom sentido, pois andava sempre aos saltinhos, alegre e muito brincalhão. O divertimento de Adam não passava do sarcasmo e ironia, que nem toda a gente compreendia. Gostava muito de Rafael, sentia-se bem a seu lado e ele aceitava-o. Os dois compreendiam-se na perfeição, daqueles casos em que amigos com personalidades diferentes se complementam.

Dirigiram-se para a cozinha para jantar. O tema de conversa foi o regresso às aulas e a chegada de caloiros. Adam imaginou uma série de rapazes e raparigas vestidos de palhaços de circo, rebolando-se pela relva, com as faces numa explosão de cores, cantando verdadeiros hinos de loucura. Mordazmente, Rafael perguntou-lhe se este ano não sairia mais à noite, para conhecer raparigas e, finalmente, arranjar uma namorada. Ele respondeu soturnamente que não precisava de sair para ter uma namorada.

Na verdade, Adam nunca tinha namorado na sua vida. Não por falta de oportunidade ou por ser exigente de mais, mas porque era um sonhador. Estava à espera da sua princesa a cavalgar num cavalo branco para que pudesse dar tudo de si. Um amor arrebatador e explosivo, daqueles em que o casal pode passar uma tarde inteira deitado na cama simplesmente a olhar para todos os pormenores do corpo um do outro. A maneira como Adam se sentia e pensava comoveu-me imenso, mesmo naquela espécie de transe em que eu estava. E eu identificava-me imenso com ele. Sorri perante aquele rapaz genuíno, mesmo sabendo que ele não me via. Ele acreditava verdadeiramente no amor, embora também acreditasse que poderia nunca encontrá-lo. Essa era uma das razões para ser um rapaz tão introspectivo e soturno. Estava na sua natureza. Mas a falta de alguém a quem chamar de alma gémea intensificava o seu frequente estado de espírito.

No fim do jantar, o seu amigo foi para o quarto para pôr o estudo em dia, já que naquele início de aulas estava mais preocupado em matar saudades com as colegas… durante uma semana. Adam foi para o seu quarto também, mas não para estudar. Decidiu puxar a persiana branca para cima e entrar na varanda. O calor que o Verão tinha insistido em instalar naquele prenúncio de Outono tornava-se insuportável. O ar fresco da noite jovem tocou-lhe na pele como um lençol macio. A sensação era bastante agradável, a julgar pelo seu rosto mais desanuviado.

À sua frente, a vista não era muito bela. Casas velhas, prédios, obras, terra batida, carros. A típica imagem urbana. Naturalmente, toda a rapidez e rotina que emanavam de uma grande cidade provocavam todo o tipo de reacções nas suas vítimas: cansaço, stresse, hiperactividade, doenças respiratórias e digestivas. Porém, o mais grave era a depressão, a doença da moda, nomeadamente nos jovens. Ainda havia aqueles que consideravam a depressão como uma «doença de fracos» ou de «quem não quer trabalhar». Adam não era desse género de pessoas. Já por diversas vezes esteve quase a ceder à maldita praga. Dificuldades na sua vida escolar, incompreensão por parte dos outros, solidão, conflitos interiores… Uma série de factores que se enrolavam numa bola de neve imaginária, abatendo-se sobre uma mente já fraca. Todavia, Adam tinha uma técnica muito própria de se livrar desses momentos em que a depressão levava a melhor. Aproveitava todos os seus pensamentos negros para a sua inspiração, seja para a escrita, desenho, pintura, fosse o que fosse. Sentia-me mal por invadir a mente daquele rapaz, mas a verdade é que também sentia cada vez mais empatia com ele. A forma como ele pensava fazia sentido e eu estava com a sensação de me estar a ver ao espelho numa espécie de voyeurismo retorcido.

Adam tinha uma imaginação muitíssimo fértil. Bastava olhar para qualquer objecto e conseguia imaginar um mundo fantástico. Qualquer frase ou palavra fervilhavam na sua mente até se transformarem numa linda história ou letra de música. No entanto, não gostava de mostrar os resultados das suas fantasias. Era demasiado fechado nesse aspecto. Preferia imaginar os seus castelos e princesas adormecidas para seu próprio e íntimo prazer.

Porém, nesse momento em que se preparava para a introspecção, alguma coisa dentro de si dizia-lhe para sair de casa. Era estranho, mas sentia uma necessidade imensa de ir para algum lado. Sem pensar duas vezes, pegou nas tilintantes chaves e nos documentos que estavam sobre a mesa, e saiu de casa, mesmo sem se despedir de Rafael, que achou estranho ouvir a porta bater àquela hora.

Eu segui-o lentamente, tentando, no entanto, acompanhar o seu passo rápido. Dentro do minúsculo elevador, Adam pensou em ir até ao centro comercial em Grand City. Normalmente, não era tão espontâneo. Ligava muito aos pressentimentos e há minutos tinha tido um dos mais fortes da sua vida. Como se algo ou alguém o estivesse a atrair para lá. Percebendo que ele ia para o local onde ocorria o ataque dos terroristas de Orbias, tentei impedi-lo socando-o e empurrando-o. Devido àquelas perversas calma e paz que sentia, os meus movimentos eram lentos. De qualquer forma, a minha tentativa de pará-lo era ineficaz, já que eu não estava ali fisicamente. Decidi ceder e continuar a segui-lo.

Passados vários minutos, chegámos de carro ao *shopping*. As portas de vidro escorregaram, permitindo a nossa entrada num enorme e luxuoso centro comercial, repleto de lojas e pessoas. Ao tocar com a sua sapatilha azul no interior do palácio, uma rapariga morena de cabelos castanhos ondulados com uma fragrância marinha chocou contra ele, mas depressa se desculpou. Ia com muita pressa. Hoje em dia, quem não está, pensou Adam. Eu não conhecia a rapariga, mas fiquei com a sensação de conhecer alguém parecido. Não sabia quem.

À nossa frente estava um opulento repuxo de água, a meio do centro comercial. À noite, as luzes artificiais entranhavam-se na água, criando lindos efeitos coloridos. Adam decidiu sentar-se na sua berma, ficando a olhar as pessoas a passar. Pessoas de todos os tipos, estilos e feitios, cada uma com um propósito para ali estar. Olhei para um grande relógio ao fundo do centro comercial e notei que eu deveria estar quase a chegar. Este pensamento rapidamente se esvaneceu quando percebi que algo de grave estava para acontecer ali. Havia tanta gente! E Adam também ali estava.

Comecei a notar uma certa confusão entre as pessoas à nossa volta. A maior parte estava a fugir para fora do centro comercial com um pavor pálido nos seus rostos. A admiração de Adam transformou-se em medo quando, ao longe, apareceu uma mulher loira, com um fato de cabedal «verde-veneno» a aproximar-se de nós. Ou melhor, dele. Ainda não conseguia aceitar o facto de eu não estar realmente presente naquele local. Era mera observadora. Sabia intimamente que aquelas visões só poderiam ser um dos poderes que ser Anjo me garantia. Talvez a tal Omnisciência. Teria de falar melhor com Sebastian sobre as mudanças que ocorriam em mim. Voltando a mim, olhei de novo para o rosto de Adam e que transbordava receio só de olhar para a mulher. Realmente, era como se ela tivesse uma aura de horror à sua volta.

As pessoas ao nosso redor não paravam de correr, criando um clima de caos e confusão. Ele mantinha-se imóvel, como se a loira ameaçadora exercesse algum poder sobre ele. Parecia paralisado, sentado na berma do repuxo como se estivesse estupidificado, enquanto as pessoas fugiam dali para fora. Quando a mulher ficou apenas a centímetros de distância, pude ver o que assustava todas aquelas pessoas. Das costas da loira oxigenada saía uma comprida cauda afiada, semelhante à de um escorpião, esverdeada como a sua roupa. Tudo indicava que era um fato de Carnaval, mas a cauda mexia-se autónoma e ameaçadoramente.

Tinha um certo ar de mulher fatal, um charme assustador. Aproximou os lábios verdes da boca de Adam e disse baixinho:

– Eu sou a Jynx e tu tens uma coisa que eu quero muito!

Um arrepio percorreu a espinha de Adam, pelas palavras murmuradas e pelo medo que estas incutiam. Perante a confusão das pessoas e dos seguranças do centro comercial que se aproximavam com os cassetetes, Jynx levantou-se e, com um estalar dos dedos, as portas de entrada fecharam-se, prendendo alguns reféns lá dentro. Com outro estalar de dedos, fez emergir do chão seis humanóides viscosos e verdes. Quando olhei para aquela visão horrenda, só conseguia imaginar alienígenas com armaduras como a melhor descrição para as criaturas. As pessoas estavam horrorizadas com o cenário macabro e surreal. Eu tinha a certeza de que aqueles seres provinham de Orbias e senti revolta por haver tanta exposição na Terra por parte de orbianos.

– Acho bem que não tentem fugir ou os meus subordinados venenosos tratarão de vocês… – disse Jynx com uma voz calma e cínica. – Preciso de máxima concentração para tentar perceber se este é o rapaz que procuramos.

Os monstros verdes rodearam as pessoas que se deram conta de que eram reféns de uma terrorista assassina e carnavalesca. Lá fora, a Polícia já colocava uma fita amarela para delimitar o local do atentado, mostrando que aquela rapidez impossível resultava de um aviso falso, ainda antes do incidente. Adam continuava perplexo com toda a situação. Mais do que isso, não entendia o que ela queria dele. Os seus problemas existenciais e depressões pareceram-lhe estúpidos e imaturos naquela altura.

– Eu não entendo… O que quer de mim? – perguntou desesperadamente Adam.

– Hum… É ridículo como alguém com algo tão especial não se apercebe de que realmente o tem.

– Mas o que é que eu tenho! – replicou Adam, lutando contra o seu estado de paralisia.

– Cala-te ou vais provar do meu veneno fatal! – gritou Jynx, já irritada. – E ainda bem que temos um público tão fabuloso. – A maldita sensação de paz e calma fugiu do meu corpo quando Jynx olhou fixamente para as pessoas apavoradas atrás de si.

A mulher levantou a sua cauda de escorpião preparando-se para espetá-la no peito de Adam. As pessoas à sua volta olhavam para a cena, horrorizadas. Lá fora, a Polícia, as televisões e os curiosos aperceberam-se da situação e agitaram-se por trás da fita amarela. Jynx estava prestes a matar Adam. Tudo e todos antecipavam aquele crime. Todo o cenário à minha volta ficou escuro e eu voltava de novo para o meu corpo, fora daquele espaço e tempo.

Combate

Estava de volta ao meu corpo terreno. Descolei a minha cara da relva onde estava deitada e reparei que ainda estava transformada em Anjo, com as asas encolhidas como se me protegessem por vontade própria. Não me sentia enjoada nem confusa como da última vez. Apenas um grande impulso de voar a toda a velocidade para o centro comercial para impedir Jynx e ajudar Adam e aquelas pessoas. Quando me preparava para levantar voo, ainda trôpega, reparei que alguém tinha estado ali. Uma palmeira abanava suspeitamente com vestígios de gelo. Quando a rodeei, não estava lá ninguém. Mas o facto de haver gelo nela, em pleno Verão, intrigou-me bastante. Abanei a cabeça, abri as asas e lá fui eu.

Afastei-me o mais que pude da confusão de pessoas, polícias e jornalistas à entrada do *shopping*. Aterrei no terraço e procurei a porta mais próxima. Estava num corredor vazio, possivelmente onde eram os escritórios do departamento administrativo. Corri o mais que pude em busca de uma porta que me levasse ao grande átrio do centro comercial. Estava no terceiro andar, o último. Olhei para baixo e vi o momento em que Jynx levantava a cauda para matar Adam. Supostamente, a Noemi imaterializada estaria ali. Num ímpeto que desconhecia em mim, gritei:

– Pára!

Jynx estava prestes a desferir o golpe quando a minha voz, estranhamente melodiosa, a interrompeu. Olhou na minha direcção, mas apenas viu uma pena branca e brilhante a cair no chão. Já tinha voado para a outra ponta do terceiro andar. Estava a gostar bastante de ter asas e poder voar, era uma sensação de liberdade e agilidade fantástica. Os reféns acompanhavam o olhar despistado de Jynx para ver quem tinha falado.

– Para proteger os inocentes e indefesos de criminosas como tu, chega o Anjo de Luz Resplandecente. – Aquele pequeno discurso encheu-me de orgulho. Afinal, se eu era de facto uma espécie de super-heroína, mais valia que o fosse com estilo.

Jynx olhou para cima e finalmente viu um lindo Anjo de asas grandes e brilhantes e longo cabelo negro, numa pose soberba, agarrada ao corrimão castanho e subestimando aquela adversária. A sua expressão era a de uma mulher mortalmente irritada.

– Como te atreves?! Quem és tu para me interromper?... És uma Guerreira da Deusa, não é verdade? A chamada «Salvadora dos Mundos». Pensei que não tivesses coragem de vir até aqui. Não depois do espectáculo que organizei! – Jynx alternava entre o descontrolo e a tentativa de parecer calma e charmosa. Aquelas palavras confirmaram-me que ela sabia que eu tinha estado ali de alguma forma. Mas não acreditava que tivesse alguma coisa a ver com isso.

– Hum… Digamos que sou nova por aqui. E não só te vim interromper, como te vou mandar embora daqui. – A minha determinação crescia cada vez mais.

Saltei daquele andar para o pátio do *shopping*, abrindo e batendo as minhas asas. Voei célere até ao local onde Jynx estava. Ia enfrentá-la! A loira agarrou no apavorado Adam e atirou-o para longe dali. Agarrei em dois caixotes do lixo e atirei-os ferozmente a Jynx, mas, com a sua cauda, conseguiu desviá-los como se o seu singular membro fosse de metal. Aterrei no chão, ficando de frente para Jynx. Preparávamo-nos para um duelo renhido. Eu tinha consciência de que era uma recém-acordada Guerreira, com muitos dos meus poderes adormecidos, e que lutava contra uma mulher poderosa, experiente e treinada. Mas, pior que isso: letal.

Fomos tão rápidas a lançar-nos uma sobre a outra que, por momentos, a luta entre nós as duas se assemelhava a uma bola de branco e verde. Sentia-me num baile de golpes infligidos e esquivas. Certamente que nenhum dos reféns, nem mesmo Adam que estava mais perto, nos conseguia acompanhar.

Acabámos por nos separar, assumindo que os nossos golpes não tinham sucesso. Decidi mudar de estratégia. Tinha de garantir a segurança de Adam e dos reféns em vez de partir para o ataque a Jynx e aos humanóides que «guardavam» os reféns. Mas ela não me dava tempo sequer de pôr em prática o meu plano. Investiu sobre mim com tamanha rapidez que só tive tempo de fechar as duas asas para me proteger. Como se tivesse adivinhado aquela defesa, Jynx atirou-me com um líquido esverdeado que saiu da cauda de escorpião. Só podia ser veneno. O choque do líquido com as minhas asas foi demasiado ardente. Parecia ácido! Saltei e comecei a tentar tirar aquele líquido com as mãos, como se estivesse a afastar um enxame. Distraída com aquilo, senti um golpe doloroso da cauda de Jynx e caí no chão.

Um pouco atordoada, senti o chão frio na minha face. Apercebi-me que aqueles segundos deitada podiam dar vantagem a Jynx e isso faria toda a diferença no combate. A diferença de ela me vencer e eu poder morrer às suas mãos. O súbito pensamento de estar ali a arriscar a minha vida assumiu dimensões catastróficas na minha cabeça quando me virei para trás, para descobrir Jynx de pé e pronta para trespassar o meu peito acelerado com o espeto de escorpião. No seu rosto podia ver-se a ira e a loucura de alguém que não admitia opositores.

Fechei os olhos cobardemente, lembrando a altura em que era uma rapariga normal, e não uma heroína em forma de Anjo. O golpe fatal estava a demorar. Decidi arriscar e abri um olho. Jynx tinha um olhar vidrado e vazio. Estava hirta, pálida e pronta a cair no chão. E foi isso que aconteceu: a mulher de cabedal verde caiu dura no chão mesmo a meu lado. Olhei em frente, boquiaberta, pois o que via não poderia ser mais inesperado.

Atrás dela estava uma rapariga voluptuosa, como uma *Barbie*, com uns excessivamente longos cabelos castanhos ondulados, lábios carnudos e curvas lascivas. Envergava uma pequena saia que deixava a coxa direita à mostra. Os redondos seios estavam pouco cobertos com uma camada de coral maravilhoso. O vestuário, em vários tons de azul, opunha-se às suas várias jóias de ouro e rubis e pele morena. Não pude deixar de reparar que tinha duas barbatanas atrás das orelhas e outras duas dos calcanhares dos seus pés descalços.

– Olá! Desculpa o atraso, mas parece que ainda cheguei a tempo. Sou a Lorelei. Já vi que vamos ter muito que conversar, ‘né? – disse a formosa rapariga, sacudindo a farta cabeleira e estendendo uma mão alegre e esguia para me ajudar a levantar.

– Eu sou a Noemi. Tu… também és uma Guerreira como eu? E o que fizeste para derrotá-la? – Eu até podia pensar que ela era uma orbiana, possivelmente da Sociedade Escarlate, como Sebastian, mas algo nos seus olhos castanhos me dizia que ela era como eu, uma Guerreira recém-acordada. Terrestre e muito confusa.

– Sim, também sou uma Guerreira. Transformo-me em Sereia. Mas só quando estou dentro de água é que tenho esse aspecto. Acho que é para me adaptar melhor aos ambientes. E, quanto à Jynx, apenas tive a sorte de apanhá-la distraída. Como estava de costas, não conseguiu defender-se. Ah, ah, ah, ah, ah! – Lorelei ria-se insolentemente.

– Cuidado! Ela está atrás de vocês! – A voz de Adam vinha do fundo do pátio.

Abri as asas num movimento repentino e protegi-me a mim e a Lorelei do ataque surpresa da cauda de Jynx. Com a investida falhada, Jynx parecia ainda mais irada.

– Ufa, parece que não podemos ficar desatentas! – A Sereia não parecia levar aquele combate muito a sério. As suas palavras eram as de alguém imaturo que pensava estar num filme. – Vamos atacá-la, ao mesmo tempo. É agora que ela vai abaixo, *baby*! – Corremos as duas e os olhos saltitantes de Jynx não sabiam para qual das duas se virar. O ataque foi inevitável e eficiente. Socámo-la e pontapeámo-la tanto que Jynx caiu debilitada e desordenada no chão. Virou a cara para nós e jurei ter visto as profundezas do Inferno passar pelos seus olhos.

– Isto… não vai… ficar assim. Terão notícias minhas… brevemente! – disse, soberba e com os cabelos desalinhados e molhados na frente dos olhos.

Jynx estalou os dedos com dificuldade e os seis monstros humanóides desapareceram com ela, puxados por diversos braços para dentro de seis buracos negros que se abriram no chão.

– Temos de sair daqui depressa. Vamos para minha casa. Agarra o rapaz e vamos. – Lorelei tinha começado a correr exasperada sem eu ter sequer reparado.

– Desculpa. Prometo-te que te vamos explicar tudo. Por agora, o mais seguro é vires connosco. – Adam estava atónito por ter um Anjo a falar com ele.

Todos os reféns se mantinham imóveis perante os acontecimentos ali passados, ignorando todos os polícias de intervenção que entravam dentro do edifício. Eu imaginava que, na memória deles, perdurava o último momento daquele incidente: uma Sereia, um Anjo e um refém que corriam em direcção ao fundo enegrecido do centro comercial.

Enquanto fugíamos do local para não sermos identificados e causar ainda mais confusão entre as pessoas, descobrimos um atalho que nos levou a uma saída reservada ao pessoal e que não estava a ser vigiada pelas autoridades. Acabámos por encontrar uma que dava acesso a um terreno de terra batida. Sem parar de correr ou olhar para trás, vi Lorelei concentrar-se e voltar à sua aparência normal. Lembrei-me do que Sebastian tinha dito. Concentrei-me no meu aspecto normal e a minha roupa mudou também. Só então reparei na mistura horrível de cores e estilos devido à pressa com que saí de casa. Tínhamo-nos transformado nas raparigas vulgares que sempre fôramos. Calças de ganga, casacos, sapatilhas… Ninguém diria que éramos secretamente duas Guerreiras, um Anjo e uma Sereia. Adam exibia uma expressão de quem não conseguia assimilar e conceber o que se estava a passar naquela noite, mas continuava a correr connosco, como se também ele fosse uma bizarria do episódio do centro comercial. Ele claramente confiava nas duas raparigas que o tinham salvado. Desta vez, não conseguia saber o que ele pensava. Mas reparei num rasgo de mudança na sua expressão ainda confusa e amedrontada. Mudança para melhor.

Amizade

Realmente, a casa de Lorelei era mesmo perto do centro comercial, num prédio perto da Biblioteca Municipal de Grand City. Mas a proximidade não significava que não estivéssemos os três bastante cansados só de andar aquele bocado. Os anos sem Educação Física fizeram-se sentir quando quase senti os pulmões a saltarem pela minha boca, numa respiração seca e dolorida. Senti-me bastante envergonhada por ter tropeçado imensas vezes no caminho até lá, mas, como estávamos apressados, ninguém fez observações.

Da porta de entrada do prédio dela, consegui ver as luzes das sirenes e o barulho que vinha do *shopping*. Ainda estava admirada com a facilidade com que tínhamos conseguido escapar do edifício sem que ninguém notasse. Senti um certo orgulho típico de uma agente secreta ou ladra profissional, algo que sempre apreciava em filmes ou séries. Tinha a certeza de que era aquele tipo de prazer que sentiam. Mas havia preocupações mais prementes. E a imprensa que nos tinha filmado? E as testemunhas? Todos nos tinham visto! A Jynx e os humanóides alienígenas também. Ia dar confusão. Sem palavras, entrámos no edifício onde morava Lorelei.

O apartamento dela ficava no primeiro andar. Era bastante espaçoso, moderno e perfumado por dentro. Contraditoriamente, por fora, o prédio aparentava ter uns velhos trinta anos. Percebia-se que não estava ninguém em casa, pois estava escuro e silencioso.

– Entrem. Podem sentar-se no sofá da sala – disse uma alegre e educada Lorelei.

A sala era linda, com paredes brancas, sofás e mobiliário pretos e ultra-modernos, cortinados vermelhos e uma infinidade de livros, DVD e pequenas estatuetas que pareciam ser caras. Além do bom gosto, percebi de imediato que Lorelei usufruia de um certo grau de riqueza. Nada a ver com a minha modesta casa. Por momentos, invejei-a, cega com toda aquela abundância e beleza. Mas, afinal, eu não conhecia nada da sua vida, por isso não quis prolongar essa má faceta da minha personalidade.

Lorelei agarrou no comando da sua gigante televisão LCD e ligou-a. Como era de se esperar, em praticamente todos os canais em que passavam informação falavam do caso dos reféns no centro comercial. Ao que parecia, o chefe da Polícia de Segurança Pública de Grand City ia fazer uma rápida conferência de imprensa. Nenhum de nós falou devido ao nervosismo.

Um senhor gordo, baixo, com um bigode farfalhudo e com o seu fato de polícia quase a rebentar pelas costuras, aproximou-se dos inúmeros microfones e gravadores das televisões e rádios. Atrás de si estava um senhor austero, de fato, e que, ao pé do chefe da Polícia, parecia um gigante. O gordo pigarreou.

*Boa noite. Em consequência dos acontecimentos aqui passados no Centro Comercial de Grand City, vou-vos dar algumas explicações. Atrás de mim está o director do centro comercial que explicou toda a situação à Polícia. Assim, tudo o que os senhores presenciaram aqui hoje foi consequência… das gravações de um filme. Os actores e os efeitos especiais podem ter assustado muitas pessoas, mas foi tudo devido ao acordo entre o director do centro comercial e o realizador do filme. Pedimos desculpa pela confusão e pela ausência de aviso prévio. O responsável pela falha de comunicação já foi chamado à atenção. Como consequência do incidente, as pessoas que «supostamente» estavam reféns vão ser indemnizadas pelo centro comercial. Não faço mais comentários. Obrigado e boa noite.*

Fiquei calada. Nem precisei de olhar para Adam e Lorelei para perceber que deveria ter a mesma cara de parva que eles. Estava pasmada, não só pela aparência estúpida e incompetente do chefe de Polícia (principalmente pela quantidade de «consequência»), mas também porque a história era completamente falsa e mal inventada. Por momentos, pensei na Sociedade Índigo que Sebastian me tinha referido e que poderia exercer influências no funcionamento da cidade. De certeza que tinham mexido uns cordelinhos para encobrir aquele incidente. Era assustador pensar que uma sociedade secreta pudesse controlar até a Polícia de uma grande cidade. Lancei um breve olhar a Lorelei e percebi que ela pensava o mesmo que eu. Provavelmente tinha sido informada de toda a história da mesma forma que eu. Era espantoso como eu conseguia comunicar tão bem com ela. Bastava um olhar apenas, mesmo sem a conhecer. Seria a alma das Guerreiras ancestrais que estaria a comunicar?

– Olhem lá, alguém me pode explicar o que se passa? Acho que vou dar em doido esta noite! – Adam sacava de um cigarro para acalmar os nervos, mas foi interrompido pelo toque frenético da campainha.

– Estás à espera de alguém? – perguntei, cautelosa.

– Não… É melhor termos cuidado. – Lorelei levantou-se do sofá para abrir a porta.

Daí a segundos, vi entrar na sala uma mulher enorme e mal arranjada, seguida de Sebastian. Os meus olhos lacrimejaram de emoção quando vi o rapaz aproximar-se. Não entedia se estava com vergonha dele ou se era de novo o meu medo, porque o meu coração disparou como o motor de um *Ferrari*.

– Bem, antes das explicações, as apresentações. Esta é a Cordélia e este é o… o… – Lorelei não sabia o nome dele.

– O Sebastian… – Sorri timidamente enquanto os três se sentavam no enorme sofá que adornava aquela divisão. Cordélia quase que ocupava o lugar de duas pessoas.

– Vamos então começar a lição número dois. Parece que afinal vai acontecer mais cedo do que eu planeava. – Sebastian olhou ironicamente para mim. Iria ser a segunda vez em que me iria dar explicações e informações sobre Orbias. A primeira tinha sido há apenas três dias… – Vocês já sabem mais ou menos a nossa história e o porquê da vossa situação. Mas não sabem tão bem o nosso objectivo e quem é realmente o nosso inimigo.

»Antes de mais, devem estar a perguntar-se o porquê da adulteração dos acontecimentos pelas televisões. Pela tua cara, vejo que já te apercebeste porquê. Noemi, queres explicar? – Sebastian mantinha o sorriso matreiro. Analisando-o a fundo, percebi o quanto ele era juvenilmente atraente.

– Pelo que me contaste, a Sociedades Índigo é muito poderosa e, possivelmente, tem poder suficiente sobre a Polícia e os meios de comunicação social.

– Exactamente. Além de ter elementos presentes em todo o mundo, os seus membros são talvez as pessoas mais importantes do planeta. Têm cargos de chefia e direcção em diversas empresas, nos exércitos, nos meios de comunicação social, e até na política. Podemos dizer, sem exageros, que a Sociedade Índigo comanda a Terra a partir dos bastidores, tal como num filme ou numa peça de teatro. Por isso, o facto dos acontecimentos desta noite terem sido encobertos, para que aos olhos do cidadão comum pareça uma coisa normal, é apenas uma brincadeira para eles. Porém, acaba por ser um ponto a nosso favor. Eles acabam por esconder a vossa existência, assim como a existência de um outro mundo. Mas a Sociedade não tem intenção de manter esse segredo por muito tempo. Só até atingir os seus verdadeiros objectivos.

– E que são?... – perguntou Lorelei, algo arrogante e impaciente. Pareceu-me que ela não fazia de propósito para ser assim tão impertinente. Era apenas a sua maneira de ser.

– Não sabemos ao certo. É uma sociedade bastante secreta. Nem conseguimos ainda determinar a verdadeira identidade dos seus membros. Como já vos dissemos, um dos seus objectivos, e que a Sociedade Escarlate conseguiu confirmar, é a união dos dois mundos, aproveitando os nossos recursos naturais e magia até chegar ao domínio total. É cliché, eu sei. Mas afigura-se como o propósito mais fiável. O que vocês precisam de reter é que os dois mundos não podem, de modo algum, ser unidos. As consequências podem assumir proporções catastróficas, como no passado. Por isso é que vocês são importantes para todos nós. Como actuais Guerreiras da Deusa, é vosso dever impedir esta junção. – O epíteto «Guerreiras da Deusa» pareceu-me imponente e depressa duas toneladas de responsabilidade pesaram sobre mim. A voz quente de Sebastian foi, entretanto, interrompida pela voz estridente de Cordélia.

– Mas há um problema. Até agora só conseguimos fazer despertar duas de vocês: a Guerreira da Omnisciência e a Guerreira da Vida. As antigas Guerreiras da Deusa eram seis, o número mágico que simboliza os seis sacrifícios da Deusa. Para além de vocês, havia ainda as Guerreiras da Criação, da Destruição, da Morte e… da Omnipresença.

– Porque é que hesitaste nessa última? – Embora não parecesse, Lorelei era perspicaz.

– Bem, as seis Guerreiras da Deusa foram sacrificadas para a separação dos mundos, tal como vos dissemos da última vez. O ritual teve lugar numa outra dimensão onde é impossível distinguir a realidade da irrealidade: Deep Hollow. Porém, quando estavam prontas para o pôr em prática, descobriram que tinham sido traídas pela Guerreira do Gelo. O seu plano tinha sido vendido aos Humanos em troca de uma infinidade de riquezas. No último momento, as seis Guerreiras decidiram fazer o ritual assim mesmo. Mas, para que os mundos fossem totalmente separados, as seis tinham que ser sacrificadas. Sabendo disso, as Guerreiras lançaram um feitiço de reincarnação para que as suas almas deambulassem pelo Tempo até reincarnarem quando os dois mundos voltassem a precisar delas. E parece que essa altura é agora, porque estou a olhar para duas Guerreiras… reincarnadas.

Depois do esclarecimento, seguiu-se um período incómodo de silêncio que pareceu durar horas. Adam decidiu arriscar e perturbar aquele momento. A minha cabeça já era um turbilhão de pensamentos e perguntas que iria colocar no final daquela «lição».

– Desculpem… Eu sinto-me como se estivesse sob o efeito de drogas porque tudo o que ouvi neste quarto me parece estúpido e surreal. Além disso, não sei porque tenho de ficar aqui ou porque fugi convosco.

– Peço desculpa. Temo-nos esquecido de que não estás a par de toda a situação. – Sebastian continuava a fazer uso de um misto de educação e sarcasmo. Irritava-me um pouco o facto de parecer que Sebastian brincava com toda a situação. – Adam, imagina que mundos paralelos e magia não fazem apenas parte da ficção a que estás habituado. Que, de facto, existe um mundo algo semelhante a este, com a supervisão de uma Deusa e onde a magia existe. Imagina ainda que o teu mundo e o outro mundo, Orbias, tinham pessoas mal intencionadas que se uniram para levar a cabo os seus objectivos, podendo resultar em muitas mortes, destruição e caos. E, para completar, que dentro de ti está um artefacto, que, juntamente com outros três, podem permitir a junção dos dois mundos.

– Espera aí. Como assim dentro dele? – perguntou Lorelei, algo incrédula.

– Quando Deus e a Deusa criaram os primeiros quatro seres, dentro deles incluíram quatro artefactos mágicos, uma espécie de assinatura de autor. Quando reunidos, os quatro permitirão efectuar um dos rituais mais poderosos, o da união dos mundos com a quebra completa da barreira que ainda se mantém a dividi-los. Foi por isso que a Jynx te perseguiu, tu tens o artefacto de Adão, que foi passado de Adão para os seus filhos, netos, perdendo-se na extensa prole da humanidade. – Sebastian parou de falar quando viu os confusos olhos de Adam dirigindo-se ao chão em profundo abalo.

– Isso quer dizer que a Jynx está mesmo ao serviço da Sociedade Índigo. – Algo insensível, Lorelei não reparou em Adam que se debatia para perceber tudo isto.

– Sim, considerem-na a vossa primeira inimiga, Jynx, fatal como um escorpião. Embora ela não possa ser subestimada, a Sociedade Índigo tem pessoas muito mais fortes e poderosas na sua organização. Por isso é que vocês precisam de encontrar as outras Guerreiras. Juntas serão muito fortes e terão algumas hipóteses. – Cordélia tinha muita esperança na voz.

– Se fosse a velha Noemi, não acreditaria no que me está a acontecer. Mas sinto no meu coração que tudo isto é real e tenho o dever de proteger os dois mundos. – Eu acreditava sinceramente no que estava a dizer, embora duvidasse de que era capaz de fazê-lo. Auto-confiança era algo que me faltava muitas vezes.

– Eu sinto exactamente o mesmo – disse Lorelei com um largo sorriso –, e não é só isso. Quando te vi pela primeira vez, no *shopping*, parecia que já te conhecia há imenso tempo. Que estranho! Bem, parece que vamos ser grandes amigas. Ou melhor, acho que já o éramos antes de nos conhecermos.

– Pois é. – Esbocei um sorriso tímido. Por alguma razão, tentei ler a expressão de Lorelei e achei que ela me achava um pouco cínica. Na realidade, eu não estava a sê-lo; acreditava mesmo no que estava a dizer. Ainda assim, achava ridícula a ideia de ter uma alma estranha dentro de mim e que tentava dominar a minha própria alma, relações e forma de pensar.

– Olha, já agora, porque é que teve de ser a Cordélia a acordar-me enquanto Sereia e não foi o Sebastian? Sempre eras mais giro e apresentável que ela. – Lorelei estava a ser demasiado desagradável com Cordélia e muito ousada com Sebastian. Estremeci de raiva.

– Nós os dois fomos destacados pela Sociedade Escarlate para iniciar a busca pelas Guerreiras e acordar os seus poderes. Mas a escolha foi aleatória. Talvez tenha sido o destino. – Sebastian lançava-me um olhar tentador, mas eu ainda estava a fazer uma careta quando me lembrei da tal ilusão que tinha lançado sobre mim e Jonas. Havia qualquer coisa que ainda me incomodava.

– Como é que, de entre milhões de pessoas, vocês sabiam que eu e a Lorelei éramos Guerreiras? Ou até mesmo que Adam tinha o artefacto de Adão dentro dele? – Todas as caras que se viraram para mim comprovaram que eu tinha feito uma pergunta bastante pertinente no meio das histórias cheias de lacunas que Sebastian e Cordélia contavam. Foi esta que começou a falar.

– Bem, isso é uma longa história que teremos oportunidade de contar mais tarde. Digamos que a Sociedade Escarlate conseguiu obter os vossos nomes e localizações através de meios pouco convencionais… Bem, podemos fazer uma pausa e falar disso amanhã? Vocês precisam de dormir, devem estar exaustos depois daquele combate! – Senti o corpo ficar repentinamente dormente quando percebi que realmente estava esgotada. – Sabemos que os teus pais estão em viagem, Lorelei. Sei que é pedir muito, mas será que podemos dormir todos em tua casa? É bastante tarde e amanhã podemos continuar com a conversa e avançar com a nossa missão.

– Claro, acho que não há problema nenhum. Hum… o Sebastian e o Adam podem dormir no quarto de hóspedes, a Cordélia na minha cama, e a Noemi pode dormir comigo na cama dos meus pais. Que dizem?

Fiquei admirada com a hospitalidade e eficiência de Lorelei. Senti-me mal por ter achado que ela era uma miúda rica que não ia deixar um grupo de estranhos dormir em sua casa. Mas, por outro lado, fiquei feliz por gostar cada vez mais dela e entender que estava a ganhar ali uma verdadeira amiga. Agarrei no telemóvel para telefonar à minha mãe enquanto sorria para ela.

Sede

Acordei suada e numa cama que me era estranha. Ainda estava escuro e um profundo sossego pesava sobre toda a casa. Sentia que estava a dormir há séculos, mas, olhando para o relógio de mesa, vi que ainda só tinha dormido duas horas. Lorelei dormia pacificamente a meu lado. Dava gosto olhar para o seu sono tranquilo e pesado, de quem estava cansado há muito tempo. A casa dela era quente de mais para mim e estava cheia de sede. Levantei-me silenciosamente e, mesmo no meio da escuridão, dirigi-me à cozinha em plena madrugada. Estava vestida com uns curtos calções e com um *top* que Lorelei me tinha emprestado para dormir.

Demasiado sôfrega, senti a água fria a escorregar-me pela garganta. Sentia-me tão quente que parecia que a água se ramificava por todo o meu corpo ardente. Tirei o elástico branco do meu pulso fino e fiz um rabo-de-cavalo para aliviar mais o meu calor. Gostava de ver o meu pescoço esguio e bonito com o cabelo apanhado, embora estivesse um pouco suado naquele momento. Passei a mão pela pele dos meus ombros para limpar aquelas gotículas de suor. Quando me virei para voltar ao quarto dos pais de Lorelei, esbarrei contra Sebastian, que também se dirigia à cozinha. Prendi um grito de susto com a mão trémula e só então vi como ele se apresentava. Estava de camisa banca aberta, descalço e com uns justos *slips* pretos. A minha cara emitiu o «alerta tomate» e senti a minha cara encher-se de sangue envergonhado. Olhei para a cara dele e percebi que também estava embaraçado e não esperava encontrar alguém ali no escuro. A minha cabeça começou a ser invadida pela noção do prazer que senti ao tocar na sua pele macia e ao sentir o perfume adocicado do seu corpo.

– Desculpa, não esperava encontrar ninguém aqui a esta hora – disse Sebastian a murmurar para não acordar ninguém. Ele estava atrapalhado, algo que ainda não tinha visto nele no pouco tempo em que o conhecia. – Não precisas de ficar envergonhada, não levei a mal. Não fiquei negro nem nada.

Ri timidamente como uma adolescente. Cada bafo de ar que ele lançava com cada palavra segredada arrepiava-me desde a parte de trás das orelhas até ao fim da coluna.

– Vim só beber um copo de água, estava cheia de sede. Bem, vou voltar para o quarto. Até amanhã, Sebastian. – Eu também falava baixo, mas soava como um cochicho.

– Até amanhã, Noemi. – Ele entrou na cozinha com um sorriso manhoso e estava já a escolher um copo para encher com água. Pegou no meu próprio copo, sem qualquer medo de encostar os seus lábios no mesmo vidro onde os meus lábios quentes e ávidos tinham tocado.

Retomei o caminho de regresso para a cama. Num impulso louco, voltei para trás para falar com ele. Por momentos, julguei que tinha ficado muda e surda. A minha boca não emitia qualquer som. Tudo porque olhei para o corpo de Sebastian, ali, perfeito, à minha frente. Todo ele me parecia esculpido por deuses. Tinha consciência de que ele não tinha o ideal de beleza convencional, nem era excessivamente musculado ou bonito. Mas era encantador o suficiente para me deixar louca. Os pés perfeitos, as pernas lindas como uns madeiros, o peito másculo e viril, os braços fortes…! Ele estava ligeiramente suado pelo calor e o seu corpo brilhava cintilantemente à fraca luz que vinha da rua. Enquanto bebia a água, vi a sua maçã-de-adão saliente a movimentar-se harmoniosamente. Mesmo ali à porta da cozinha, eu conseguia sentir o seu odor perfumado que me punha fora de mim… Não estava a reconhecer-me, não era possível! Nunca tinha experimentado aquelas sensações nem tinha sentido tamanho desejo por alguém. Principalmente, alguém que eu mal conhecia. Só o conhecia há apenas alguns dias! Isto sem contar com a noite em que ele me despertou e em que pensava que era um assassino psicótico. A atracção física era demasiado intensa e eu não sabia o que fazer com ela. Era como se não soubesse onde colocar as mãos quando falava com alguém, buscando desenfreadamente os bolsos. Não estava habituada! Nunca tinha estado intimamente com um rapaz nem nunca tinha sentido algo tão intenso. Enquanto me debatia com o conflito tentador da minha pulsão sexual, Sebastian interrompeu-me. Estava a olhar para mim, inocente e maravilhoso.

– Noemi, estás bem? Precisas de mais alguma coisa? – O sorriso lascivo rondava a sua boca.

– Aaah… – Parecia uma boneca encravada a precisar de pilhas. Fui forte o suficiente para disfarçar os meus pensamentos impuros. – Queria falar-te sobre duas experiências que tive. – Vi um certo grau de apreensão e fruição no seu rosto. Só então percebi que a pausa naquela frase não tinha sido boa. – Ah, não! Não é nada disso que estás a pensar… – Se eu fosse uma bonequinha *Anime*, tinha uma enorme pinga na cabeça. – Eu ainda sou v… – Cada vez me enterrava mais. – Ah, esquece, deixa-me começar de novo. Tive o que penso terem sido visões quando me transformei nas duas vezes. Conseguia estar presente em locais, mesmo sem estar realmente lá. Além disso, parecia que conseguia ler os pensamentos e emoções das pessoas. Queria que me elucidasses sobre isso. – Ele já tinha apagado a expressão divertida causada pelos meus comentários estúpidos sobre a minha inexistente vida sexual.

– Bem, julgo que esse é o poder ancestral da Guerreira, a Omnisciência. Deves ter a capacidade de ver o que se passa noutros locais e na cabeça das pessoas. Mas nós não temos completa noção de todos os poderes das Guerreiras nem da sua magnitude. É um poder bem interessante, esse. Conta-me o que viste. – A curiosidade nos seus olhos negros era adorável.

– Bem, nesta última visão, acompanhei o Adam até ao centro comercial e estive com ele até a Jynx estar quase a matá-lo. Deduzo que essa visão tenha tido como objectivo criar um elo com a pessoa que iria salvar, o Adam, e preparar-me para o combate através do conhecimento da minha inimiga, Jynx. – Sebastian assentiu, concordando com a minha ilação sobre os meus poderes estratégicos. – Na noite em que supostamente me atacaste, estive na sala do que parecia ser um importante homem de negócios. Ele até referiu o nome da Sociedade Escarlate. – Sebastian ficou repentinamente sério, o me levou a pensar que realmente tinha tomado contacto com a Sociedade Índigo. Só não entendia porquê.

– Possivelmente, tiveste uma visão aleatória que nada tinha a ver com esta batalha. Como foi a primeira vez que tiveste visões desse tipo e ainda não aperfeiçoaste esse poder, é normal que não seja nada de especial.

Ele estava a esconder-me alguma coisa. Odiava isso nele! Parecia que não confiava em mim para me informar sobre todas as situações daquela guerra. Eu tinha a certeza que aquela visão era importante, mas, por vingança, não lhe dei mais pormenores. Fingi concordar com ele, encolhendo os ombros

– Bem, o melhor é irmos dormir. Amanhã vamos ter um dia longo – a sua voz continuava a bombardear-me com arrepios libidinosos.

Eu estava encostada à ombreira da porta. Sebastian nem pediu licença e saiu da cozinha por aí. Senti o corpo dele roçar no meu, propositadamente. Fiquei sem ar nem batimentos cardíacos mais uma vez devido ao seu cheiro apetitoso e ao toque da sua pele fogosa e aveludada. Enquanto o vi desaparecer na escuridão da casa, irritei-me primeiramente comigo por ser tão fraca perante o entusiasmo e excitação físicas. Mas depois irritei-me com ele porque sentia que eu o divertia e ele me seduzia de propósito. Aquela cozinha tinha presenciado diversas mudanças na minha cara pálida: vermelho de vergonha, vermelho de desejo e agora vermelho de fúria.

Dirigi-me pesadamente até ao quarto dos pais de Lorelei. Ela continuava a dormir sossegada na mesma posição em que a tinha deixado. Deitei-me ao lado dela e tapei-me com o fino lençol rosado. O meu rosto estava agora mais quente do que antes de ter ido à cozinha. Dei uma volta na cama. Não gostei da posição, porque ainda pensava em Sebastian. Mudei de posição de novo, mas ele não me saía da cabeça. Coloquei-me de barriga para cima e olhei derrotada para o tecto branco. Estava raivosa com Sebastian, já não o suportava, mesmo só o conhecendo havia pouco tempo! Estava irritada por ele me ter lançado naquela situação como Guerreira. Estava irritada porque nunca me contava nada até ao fim. Estava irritada porque ele gozava comigo. Estava irritada porque ele me seduzia para divertimento dele. Estava irritada porque ele tinha feito com que estivesse completamente e perdidamente… apaixonada por ele!

Flores

Acordei zonza e com a noção de que tinha dormido muito pouco. Tinha passado a noite a mudar de posição na cama porque não conseguia dormir, mesmo estando podre de cansada. Ouvi sons pela casa e deduzi que já houvesse quem tivesse acordado. Bateram três vezes à nossa porta e de lá espreitou a cabeça da Cordélia.

– Toca a levantar e a despachar, meninas. Há novidades e temos muito para fazer. – Como a minha cabeça estava, a voz dela parecia um gigante sino repicando por cima de mim. Lorelei parecia pensar o mesmo porque tinha acordado a resmungar qualquer coisa muito malcriada, mas imperceptível.

Depois de ter tomado um banho rápido a seguir a Lorelei, ela emprestou-me alguma roupa para não ter de usar os meus trapos suados da correria da noite anterior. Ela era bastante gentil e eu sentia que nunca lhe poderia agradecer o suficiente por aquilo. Vesti-me rapidamente, dei uma escovadela rápida no cabelo e saí em direcção à sala onde já estavam todos com alguns bolinhos e sumo em cima da mesa para tomarmos como pequeno-almoço.

Reparei em Adam que estava inexpressivo e descorado, perdido nos seus pensamentos. Fumava nervosamente mais um cigarro, inundando aquela sala com um cheiro tóxico. Ainda não tinha tido oportunidade de falar decentemente com ele. A sua cabeça devia estar desfeita com tantas informações graves e irreais como aquelas. Eu compreendia porque já tinha passado por esses conflitos interiores e dúvidas existenciais. Aliás, ainda estava a passar. Sebastian quebrou o meu raciocínio e o som da sua voz criou uma bola feita de raiva e sedução nos meus ouvidos.

– Noemi, estava agora mesmo a falar com a Cordélia. Parece que a Sociedade Escarlate conseguiu descobrir novas pistas sobre outra Guerreira. – Ele parecia muito feliz.

– Sim, recebi uma mensagem de telemóvel de um membro da nossa Sociedade: «Orbias. Flores. Guerreira Criação». – Mostrou-me a mensagem que estava num telemóvel preto que mais parecia um tijolo.

– Vocês também têm telemóveis? – perguntou Lorelei, chocada e ao mesmo tempo zombeteira.

– Claro! Há que estar a par das novas tecnologias. Facilita imenso a comunicação na Terra, mesmo para nós, Orbianos – respondeu Cordélia, seriamente.

– Vá, não há tempo a perder. A Sociedade Índigo pode estar já a caminho. Transportem-se já para Orbias. Têm de encontrar a próxima Guerreira. – Cordélia já se estava a levantar do sofá com dificuldade – Basta que se concentrem em encontrar a Guerreira da Criação e vão lá dar. Sabem como é…

– Não vão connosco? Somos duas terrestres, não conhecemos nada de Orbias! – Somei mais uns pontos no capítulo das perguntas pertinentes.

– Eu e a Cordélia temos alguns assuntos mais urgentes na Sociedade Escarlate. Mas vão-se dar bem, não te preocupes, anjinho. – Deu-me vontade de esbofeteá-lo com duas mãos gigantes quando me chamou de anjinho com tamanho gozo!

– E o Adam? E o tempo que vamos passar fora? – Lorelei impediu o meu acesso de demência.

– Parece que ainda não confias nas nossas capacidades extraordinárias. Nós tratamos de tudo, Noemi. Se há coisa em que somos tão bons como a Sociedade Índigo é a encobrir. E, quanto ao Adam, nós vamos levá-lo connosco para a sede da nossa Sociedade. Vamos conversar com ele com mais calma. Além disso, lá ele estará mais seguro. Vá, não se preocupem com isso e prossigam com a missão. Vamos mantendo o contacto. – Sebastian esboçou um sorriso malandro quando acabou de falar, o seu típico sorriso de menino com que me derretia toda.

Olhei para Lorelei e acenei para mostrar que estava preparada. Dei-lhe a mão, fechei os olhos e concentrei-me ao máximo numa imagem criada por mim da nova Guerreira. Imaginava-a como uma mulher linda, de pernas altas e com um cabelo longo até ao chão. Como uma deusa! Surgiram, então, dois buracos negros, de onde saíram braços de luz que nos puxaram. Consegui ainda ver um dos olhos negros de Sebastian piscar para mim e a expressão triste e desorientada de Adam. Depois disso, entrei no tal sono curto, escuro e forçado.

\*

Quando abri os olhos, depois do transporte, estava numa formosa floresta verdejante. As folhas das árvores pareciam esmeraldas. Era tão cerrada que o Sol tinha dificuldade em penetrar na barreira verde. Apenas alguns tímidos e desobedientes raios solares conseguiam chegar até nós. O ar era ligeiramente mais fresco e húmido, pelo que, instintivamente, esfreguei os meus braços despidos.

– Chegámos! – Lorelei exibia uma expressão feliz, mas receosa.

– Pois é, estamos de volta! – Eu estava de facto feliz por voltar. Talvez fosse a alma da Guerreira ancestral que estivesse feliz por voltar… a casa. Suspirei e comecei a rondar o local com Lorelei.

A floresta parecia-me como outra qualquer da Terra. A leve brisa agitava as folhas, cheirava a verde, ouvia o som dos pássaros. Rapidamente mudei de ideias quando avistei mais à frente uma multiplicidade de cores berrantes e psicadélicas que nos ofuscavam. E as culpadas eram as flores gigantes que víamos à nossa frente. Nunca tinha visto nada assim! Eram enormes, excessivamente coloridas e, no entanto, lindas. Formavam uma floresta cerrada, dentro daquela em que estávamos. Quando nos aproximámos, repararei que, para além das flores gigantes, nos seus caules e no chão cresciam inúmeras florzinhas pequeninas.

Tentámos entrar lá para dentro, pois tanto eu como Lorelei sentíamos que era onde estaria a nossa colega, a Guerreira da Criação. Afastei a minha ideia de que teria sido ela a criar aquela mesma floresta. Entrar lá dentro parecia mesmo muito difícil, tal era a densidade daquele aglomerado de flores. Repentinamente, como se nos convidasse a entrar, as flores enrolaram-se para fora e uma abertura formou-se para que entrássemos. Assim que o fizemos, as flores enrolaram-se de novo, fechando-nos dentro daquela agonizante floresta de flores.

O ambiente lá dentro era completamente diferente daquele em que estiveramos anteriormente. Já esperava a imensa quantidade de flores, mas aquilo era um exagero! Em vez das árvores grandes, havia flores altas que formavam uma espécie de tecto colorido. No lugar das raízes de árvores, folhas mortas, pequenas plantas e arbustos, havia uma interminável manta de florzinhas que embelezavam o solo. Lá dentro, a brisa fresca da floresta verde dava lugar a uma atmosfera pesadamente perfumada. Com tanta cor psicadélica e atmosfera asfixiante, senti que estava numa discoteca. Decidimos arriscar e enveredámos pelo local misterioso.

Trauteando mentalmente uma música de um filme da *Disney* (aquele local fazia-me lembrar isso), senti-me mal por pisar aquelas lindas flores. Fazia um enorme esforço para evitá-lo, mas parecia uma bailarina trapalhona sempre na iminência de cair. Realmente, não havia nenhum trilho ali perto, como se nunca ninguém tivesse estado ali. Comecei a pensar se realmente a Guerreira estaria ali ou se o nosso transporte tinha falhado. Achava um local estranho para se estar ou viver. Porém, estava num mundo mágico, diferente do meu, e não conhecia nem um por cento de toda aquela nova dimensão. Podia ser normal viver naquelas condições.

Olhei brevemente para a calada Lorelei que franzia o nariz de desagrado com todo aquele local sufocante. Talvez achasse que eram flores a mais, perfume a mais. Eu começava a não gostar daquelas plantas todas. Parecia que nos… observavam, que todas aquelas flores estavam, inexplicavelmente, a conspirar contra nós, quase segredando umas com as outras. Talvez fossem flores mágicas! E se, afinal, a magia era o recurso natural daquele mundo, aquelas flores tinham nascido daí mesmo. Percebi que não queria ficar ali durante muito mais tempo.

Caminhávamos há meia hora. A cada passo que dávamos, a floresta parecia cerrar-se e ficar mais escura. Conversámos durante todo o caminho, trocando experiências da nossa primeira transformação e transporte para Orbias. Soube que a tinham informado melhor que eu em relação a algumas partes da História de Orbias. Mais uma vez, Sebastian deixava a sua história cheia de lacunas. Mentalmente, atirei com umas seis setas a uma foto dele na porta do meu quarto. Mas a chegada dela a Orbias não tinha sido nada pacífica com todas as suas fãs loucas, perseguindo-a. Contou-me também que, quando se transportou de volta à Terra, algo tinha corrido mal e apareceu num contentor do lixo à porta de casa. Tinha passado essa tarde a tomar banho e a lavar o cabelo. Não quis ser indelicada com ela e fiz um esforço de um tonelada nas minhas costas para não rir na sua cara séria. Mas, na minha cabeça, eu já era um «Atlas mijadinho»! Ela era tão engraçada com a sua paradoxal trapalhice…

Por fim, demos com um cenário diferente no meio de tantas flores. Ao longe, numa clareira, estava uma pequena casa feita de pedras cinzentas e telhado de palha, semelhante àquelas do campo de triganjas. Quando olhei com mais atenção, vi que não era propriamente uma clareira. O tecto de flores era apenas mais alto, iluminando mais o local.

Enquanto nos dirigíamos cautelosas para a casa, para ver se alguém lá estava, deixei de ouvir os passos de Lorelei a meu lado. Virei-me para trás e vi-a desesperada com as mãos na cabeça. Acabou por cair na colcha de flores almiscaradas, completamente adormecida. Ainda gritei por ela e corri até ao seu corpo inerte. Fui interrompida por uma enorme vontade de dormir, tão forte que não consegui evitar adormecer. Forçava os meus olhos para não se fecharem e consegui ter um breve vislumbre dos vultos de duas mulheres à minha frente. O meu corpo entorpecido tombou sob as suaves pétalas no chão enquanto um dos vultos se aproximava dos dois corpos…

\*

Sono… tinha muito sono. A minha cabeça era como água agitada violentamente numa garrafa de plástico. Abri os olhos com muita dificuldade, pois tinha a visão desfocada. Senti os movimentos do corpo presos, mas ainda não compreendia porquê. Os cabelos macios de Lorelei tocavam-me nas minhas costas. Quando consegui ver com mais clareza, reparei que estava amarrada a ela com fortes cordas de caules de flores, no chão da casinha colorida. O meu pânico inicial apenas serviu para me castigar mentalmente por ter sido tão descuidada. Já mais calma, tentei analisar a situação. Lorelei não se mexia, pois estaria ainda a dormir. Olhei para a divisão à minha volta. Era realmente parecida à casa dos velhotes do campo de triganjas, com o mesmo ar rude e campestre. Mas a mesma atmosfera pesada da floresta de flores sentia-se ali e não o ambiente agradável e acolhedor da casa deles. Um delicioso aroma a sopa de legumes perdurava no ar. Vinha de um grande e grosseiro caldeirão preto ao lume, com um líquido borbulhante lá dentro. No meio da divisão estava uma mesa de madeira com um machado e uma faca grande pousados em cima dela. Tinha também uma enorme mancha vermelha que me arrepiou a espinha…

Juntei todas as peças: as duas amarradas, caldeirão gigante ao lume, machado e faca, mesa com sangue… Tínhamos de sair dali depressa! Um pensamento horrendo do que aquelas pessoas nos poderiam fazer começou a bulir com as bolachas e o sumo que tomara ao pequeno-almoço. O meu estômago contorceu-se de medo e nojo enquanto me debatia em vão para me livrar das cordas. Alguém irrompeu pela porta adentro, acordando Lorelei. Era uma velha horrível, atarracada, cheia de rugas, vestida com um conjunto irregular de tecidos mesclados. Os cabelos brancos estavam enrolados em dois cornos na sua cabeça.

– Ah, já acordaram, meus docinhos? Ainda bem. Assim podem apreciar a dor de serem cortadas aos pedacinhos! Adoro o som dos gritos de rapariguinhas novas como vocês. – A velha parecia completamente tresloucada, com os olhos esbugalhados a olhar para nós.

– Que se passa Noemi?! Porque estamos amarradas?! – perguntou Lorelei, assustada e escondida atrás de mim.

– Fomos enfeitiçadas por aquela velha. Parece… que ela nos quer cortar aos bocados! – Só então imaginei que aquela situação parecia vinda de um livro de contos de fadas, com bruxas que comem criancinhas (neste caso, jovenzinhas).

– Huuum… – A velha lambia os beiços repugnantemente, revelando a falta de dentes. – São espertas também! Vão saber melhor, têm mais vitaminas! Mas, apenas uma pequena correcção, meus pequenos nacos de carninha tenrinha. Não fui eu que vos enfeiticei. Nos tempos que correm, nem todos podem usar a magia que gostariam. Curiosamente, esta jovem tem magia que chegue… ANDA CÁ, LILY-VIOLET!!!

À porta apareceu uma rapariga esguia e magra, pouco mais nova que eu e Lorelei. Tinha um lindo cabelo loiro, dourado e solto, e uns grandes e curiosos olhos esverdeados. Exibia um vestido pelos joelhos, verde e encardido.

– Ajuda-me com elas! Vá, rapariga burra e teimosa! Maldita hora em que não te comi juntamente com o teu irmão quando eras pequena! – A velha agarrou numa vassoura e estava pronta para dar com ela em Lily-Violet. Para uma idosa, tinha muita genica.

Apontando com a cabeça para nós, a velha mandou a rapariga desamarrar uma das duas para ser deitada na mesa maculada. O som arrepiante de metal com metal indicava que a velha estava a afiar os seus instrumentos cortantes para proceder à chacina. O meu estômago ainda agonizava e o coração juntava-se aquela *rave* de órgãos loucos no meu corpo. Numa tentativa desesperada, virei-me para a rapariga loira que estava agachada para nos soltar.

– Tu não precisas disto. Nós sabemos que és uma Guerreira. Viemos buscar-te! Solta-nos e seremos capazes de acabar com ela. Por favor! – A minha voz era baixa e suplicante, para que a velha não nos ouvisse. Não tinha a certeza se ela era realmente a Guerreira que procurávamos, mas algo nos seus olhos dizia-me que sim.

Lily-Violet parou de mexer nas cordas de plantas e fixou-me como uma gatinha assustada. Porém, recomeçou a desamarrar-me e agarrou-me o braço com força para me levar para a mesa. Os seus dedos finos cravavam-se na minha carne com uma violência inconsciente e eu nada pude fazer, pois as minhas próprias mãos estavam amarradas atrás das costas. Nem sequer me conseguia transformar em Anjo, pois, naquela situação extrema, não me conseguia concentrar. Se saísse viva daquela situação, tinha de me certificar que treinava a concentração para que situações de crise como aquela não acontecessem.

– Perfeito, perfeito! Vamos lá então começar. Lily-Violet, vai mexendo a sopa. Daqui a pouco, passa de sopa de legumes para sopa de carninha! – disse a bruxa tarada de olhos arregalados.

A rapariga obrigou-me a deitar-me na mesa e eu obedeci cobardemente. Na minha cabeça, a sala de cinema da minha vida começava a preparar-se para me receber. A senhora que limpa as pipocas já estava a sair. Estava na eminência de morrer da forma mais estúpida e horrenda que podia imaginar e num mundo que ainda me era estranho. Tremia por todo o lado. Fechei os olhos para não ver o que me ia acontecer. Lorelei gritava histérica por mim enquanto forçava as cordas para se soltar. Abri timidamente um dos meus olhos para ver porque demorava tanto. A velha maníaca estava a demorar a afiar as facas mais do que devia. Lily-Violet caminhou até ao caldeirão e agarrou numa comprida colher de pau para mexê-la. Porém, vi-a estacar com a colher na mão. A velha estava já a empunhar alto o machado para me cortar uma das pernas já sem pinga de sangue. Era o fim… Subitamente, a rapariga começou a rir que nem uma louca, o que interrompeu a bruxa. Eu, Lorelei e a bruxa virámo-nos para ela estupefactas.

– Rapariga estúpida! Não vês que me desconcentras? Queres levar com a vassoura de novo? – berrou a velha.

– Ah, ah, ah, ah… Desculpe, ama Marzanna! É porque tem imensa piada! Está um insecto gordíssimo na sopa! Acho que é um gorguralho que está a agonizar lá dentro! – A rapariga continuava a rir loucamente. – Venha cá ver. – A sua voz era extremamente fina, quase irritante.

– O quê?! Esse bicho nojento a estragar a minha sopa?! Vou esmigalhá-lo até desaparecer. Onde está?

Quando a velha se chegou perto do caldeirão, Lily-Violet empunhou a colher de pau e bateu na velha com uma força desumana e incessante. Parecia uma máquina repetitiva de uma fábrica a bater na bruxa. Espantada, a velha berrou, desequilibrou-se e caiu para dentro da sopa a ferver no caldeirão. Mesmo com as pernas agitadas no ar, Lily-Violet continuava a bater-lhes com a colher de pau. Só a minha voz a chamar por ela é que a despertou do acto de loucura. A rapariga correu até nós e desamarrou-nos. A velha continuava a debater-se dentro do caldeirão.

– Temos de sair daqui. Ela não vai morrer tão cedo. E ainda lhe resta alguns orbes de magia – disse Lily-Violet com um riso estúpido e inoportuno na cara.

Eu e Lorelei não pensámos duas vezes e saímos porta fora a correr com Lily-Violet, não sem antes ouvir o caldeirão a cair e rebolar no chão num som molhado, e a velha a gritar de dor e raiva. Estava completamente amedrontada e só pensava em fugir da floresta o mais depressa possível. Ouvi, então, um estrondo. Arrisquei olhar para trás e vi a pequena casa elevar-se do chão, criar uma espécie de patas de aranha e começar a andar atrás de nós. No telhado, agarrada à chaminé, estava a velha, com cara de louca, muito vermelha e ainda a fumegar. Tinha um orbe vermelho na sua mão e ordenava à casa viva que nos perseguisse. Não tínhamos hipóteses, a casa sempre era maior e tinha seis patas!

Enquanto corríamos, em aflição, uma das flores gigantes que adornava o tecto da floresta mexeu-se e engoliu Lily-Violet que soltou um fraco gritinho. Eu e Lorelei parámos e chamámos por ela. Imediatamente, quis voltar atrás para ajudá-la, mas Lorelei agarrou-me no pulso para me impedir. Não compreendia aquela atitude, ela era uma Guerreira como nós! Mas não era só por isso que queria ajudar Lily-Violet. Sentia pena daquela rapariga, uma vida inteira escrava de uma velha. Ela merecia mais que aquilo, não podia acabar assim, com a vida interrompida! Foi então que vi uma intensa luz amarela a sair pelos orifícios das pétalas fechadas. A flor abriu-se gentilmente e lá dentro já não estava a anterior Lily-Violet. O aspecto encardido e sujo desapareceu para dar lugar a uma linda Fada com coloridas e esguias asas de borboleta, um curtíssimo vestido laranja com adornos verdes e amarelos, gargantilha com uma flor vermelha e folhas que lhe saíam dos pulsos e calcanhares. Tinha uma coroa de flores sob os cabelos de ouro apanhados atrás num complexo penteado. Estava linda, e, no entanto, parecia ainda mais louca do que anteriormente. Perante um «ufa» que ouvi de Lorelei, a Fada elevou-se no ar com a ajuda das asas. Talvez Lorelei soubesse no seu interior que Lily estava bem e iria sofrer a transformação. Invejei, por momentos, o poder instintivo dela.

– Cheira-me a ervas daninhas!!! Acho que é a bruxa Marzanna!!! – Definitivamente, Lily parecia uma maníaca. Talvez fosse dos anos de escravidão e influência da velha.

– O quê?! TU?! És uma Guerreira da Deusa? Podia ter-te vendido ou trocado por criancinhas suculentas! – A voz da velha estava completamente descontrolada.

– Vamos ajudá-la, Noemi – disse-me Lorelei. Quando reparei, já ela estava transformada na linda Sereia. Concentrei-me e depressa tinha umas compridas asas de Anjo que me auxiliaram a ir ao encontro da Fada Lily-Violet.

– Desculpem, mas ela é minha, meninas. – Saíram ervas do chão que se agarraram aos meus pés e aos da Sereia Lorelei, fazendo-nos cair como duas jarras.

Com gestos demasiado elaborados, Lily-Violet apontou as mãos para as flores gigantes. Toda a floresta pareceu mexer-se quando, de toda a parte, surgiram caules de flores que se foram enrolando pela casa e a fizeram parar e cair sobre as flores, partindo-se uma boa parte dela. A velha foi projectada para a frente e caiu em cima daquela manta com grande estrondo. Uma pessoa normal teria morrido ou ficado bastante mal, mas a bruxa revelava-se resistente como uma barata. Levantou-se imediatamente do chão e investiu contra Lily-Violet para lhe agarrar o pescoço. Ela estava com dificuldade em respirar, com as mãos, ainda quentes, da velha a apertar-lhe as goelas. Começou a rir à gargalhada (embora com dificuldade) e fez mais um gesto complicado de mãos. Flores, folhas, ervas, caules, tudo o que poderia haver naquela floresta encantada dançou pelo ar e veio convergir na velha, que a largou imediatamente. Presa pelas plantas enroladas no seu corpo, como uma múmia, a velha parou de se mexer. Os seus olhos assustados adivinhavam a sua morte. Lily-Violet aproximou-se, estendeu uma mão e dela surgiu uma enorme flor, maior que ela até, que engoliu a velha. O último sinal que tive dela foi um grito de horror, um pequeno preço por todas as crianças que já tinha atraído e assassinado naquela floresta. A flor diminuiu de tamanho até se tornar numa pequena planta horrível, cheia de espinhos. Lily atirou-a para o chão e espezinhou-a impiedosamente.

– Estou pronta. Para onde vamos agora? Estou cheia de fome! Podemos ir comer, ou assim? Ah, mas não posso ir a sítios onde haja triganjas… Sou alérgica. Ai! Estou tão contente! Finalmente tenho amigas para conversar. Podem tratar-me por Lily-Violet ou Lily, tanto faz. – Lily continuou a falar sem parar ao mesmo tempo que dava gargalhadas sonoras e ia pisando a flor onde outrora esteve a velha. Olhei para Lorelei atónita por ter salvado alguém tão bizarro e… irritante. Ela veio soltar-nos dos caules de flores, mas não se calava um segundo. Lorelei mexia na sua orelha, incomodada com tanta conversa. Dirigimo-nos para fora da floresta florida, enjoadas com todo aquele ambiente atordoante. Lá fora, decidiríamos o que fazer. Enquanto caminhávamos, decidi quebrar o silêncio e conversar com Lily-Violet (Lorelei estava ocupada a tirar folhas do cabelo). Tinha ficado curiosa em relação a algumas coisas de Lily-Violet. E, para mais, se íamos salvar os dois mundos juntas, queria conhecê-la melhor.

– Lily, reparei que te transformaste com muita facilidade. Já o tinhas feito antes?

– Hã?… – Ela colocava o dedo na boca e olhava para cima como um desenho animado. – Eu já me tinha transformado uma vez em Fada, há pouco tempo e sem que a Marzanna me visse, mas não compreendi bem o que queria dizer, nem que tinha poderes.

– Então, porque não trataste da Marzanna mais cedo? Saías daqui e eras livre. – Lorelei metia-se na conversa também.

– Quando eu era mesmo muito pequenina, passei por aqui com os meus pais e irmão. Afastámo-nos dos nossos pais um pouco e fomos surpreendidos pela Marzanna. O meu irmão… – Lily-Violet parou de falar e mudou para uma expressão triste e pesada que não condizia com a sua personalidade. – A bruxa decidiu ficar comigo como prisioneira e escrava. Ela obrigou-me a criar esta floresta de flores para atrair crianças e eu nem compreendia porque tinha esse poder. – Lembrei-me do poder de Criação que Sebastian me disse que aquela Guerreira teria. – Fiquei maravilhada com a grandiosidade daquele poder, capaz de criar autênticas e titânicas florestas. Acabei por desistir de fugir dela, era impossível. O tempo foi passando e fui ficando com ela, obrigada a cooperar nas coisas horríveis que fazia e que eu não conseguia impedir. É engraçado, mas aquela bruxa era o mais próximo que tinha de uma mãe e eu não conhecia mais ninguém nem tinha para onde ir. – A minha empatia por Lily-Violet crescia ao saber mais sobre a sua história triste. – Mas, quando vos vi, quando olhei directamente para os teus olhos, Noemi, soube que aquele capítulo tinha de terminar ali. Senti um impulso para me livrar dela e seguir um novo caminho com vocês.

– Sim, este é um novo capítulo, até para nós, e fico feliz por teres entrado nele. – Sorri afavelmente para ela, tal como Lorelei, que parecia pensar da mesma forma que eu.

– Ih, ih, ih! – A lunática Lily-Violet tinha voltado. Apesar de irritante, era bom ter alguém tão divertido e positivo no nosso grupo. Caminhámos as três enquanto a terrível floresta florida ficava para trás.

Tempo

Quando deixámos a floresta de flores, Lily-Violet ainda não se tinha calado. Já tinha contado todos os pormenores da sua vida de prisioneira da velha bruxa e como estava contente por ser uma Guerreira renascida, de quem tantas lendas tinha ouvido pela velha Marzanna, e por ter novas amigas. Já na floresta vulgar, fixei um kutchy por baixo de uma árvore, o tal bichinho fofo que tinha visto no campo de triganjas. Corri até ele numa tentativa de me afastar de Lily-Violet por um momento e dar descanso aos meus ouvidos. Quando estava a acariciar a sua cabecinha felpuda, contrariando a vontade da criatura orgulhosa, notei que estava colado no tronco castanho da árvore um dos famosos bilhetes de Sebastian. Como uma adolescente louca, joguei-me a ele e arranquei-o de lá. Senti logo o seu perfume forte, que me deixava fora de mim e com fraqueza nas pernas. «Parabéns! Já são três. Sigam o kutchy», dizia o papel numa letra cuidada. Para variar, era muito curto e inconclusivo. Irritei-me com ele de novo e a minha cara pálida borbulhou de sangue quente. Depois de explicar a Lorelei o que eram kutchis e o propósito daqueles bilhetes perfumados, seguimos o pequeno animal pelo trilho da floresta. Porém, tive de novo a sensação de que alguém nos observava, a mesma sensação de quando tinha acordado da visão perto do centro comercial. Estava alguém escondido atrás de uma árvore. Corri até lá para surpreender o intrometido, mas foi tarde de mais. Já não estava lá ninguém, embora tivesse notado que aquela árvore tinha alguns pedaços de gelo agarrado, tal como da última vez. Voltei para perto das minhas duas companheiras, admiradas por verem o meu acesso de desconfiança.

No caminho da floresta e atrás do pequeno animal, Lily estava mais calada. Talvez tivesse esgotado os seus assuntos ou estivesse entretida a contemplar a criatura. Ela não parava de rir por tudo e por nada. O simples facto de ver uma folha a cair de uma árvore era motivo de gargalhada. Estava, de facto, a conhecer um mundo novo. Ou então era excessivamente alegre e espevitada por natureza.

O kutchy, com as suas patinhas curtas, subia alegremente uma colina numa clareira, enquanto fazíamos algum esforço para acompanhá-lo. No cimo desse monte de terra estava uma alta e isolada torre de relógio. Lembrei-me de Londres e dos postais com o *Big Ben*. Era feita de pedra azul, demasiadamente ornamentada com gravuras de ampulhetas e relógios. O comprido ponteiro adornado fazia grande barulho quando mudava para o minuto seguinte. Subitamente, quando passava perto da torre, o kutchy evaporou-se. Ficámos desorientadas, pois o pequeno animal era o nosso guia para o local onde Sebastian queria que fôssemos. Olhando para todo o lado à procura dele, reparei num vulto deslizante numa janelinha da torre. Sabia que quem quer fosse que tinha feito o kutchy desaparecer, estava dentro da torre de relógio.

Bati à porta de madeira azul-celeste com Lorelei e Lily-Violet a meu lado. Do outro lado, ouvi os passos de alguém que descia atabalhoadamente as escadas. Um homem marreco, com um grosso cajado, roupas rasgadas e barba desgrenhada abriu-nos a porta com ar carrancudo.

– A Senhora não dá esmolas! Fora daqui!!! – O velho bateu impiedosamente em nós com o pau.

– Ei, calma! Nós só queremos saber se sabe alguma coisa do kutchy que desapareceu ao pé desta torre. – Lorelei desviava-se das pauladas com graciosidade.

– NÃO HÁ ESMOLAS! – E fechou-nos a porta na cara.

– Hum… Algo me diz que ele sabe onde está o kutchy… – Lorelei mexia no queixo, como alguém num fraco filme de detectives que estava preparado para desvendar aquele mistério.

– Uau, Lorelei! Vais ganhar um prémio pela tua magnífica inteligência. – Eu levantava-me do chão irritada, pouco ciente de que poderia estar a magoar os sentimentos da rapariga. Arrependi-me prontamente através de um «desculpa» dito sem som.

Decidimos reunir atrás de uma árvore, fora da clareira, para planear uma forma de entrar na torre. Chegámos a um consenso, um pouco arriscado e idiota, mas fiável. Para Guerreiras poderosas, não éramos lá muito astutas.

Lorelei bateu à porta e fugiu para o meio da clareira. O homem marreco abriu-a irado e admirou-se quando viu Lorelei, de pulso dramático na testa, a ser atacada por Lily-Violet disfarçada de monstro cheia de ramos e folhas amarradas ao corpo. Estava transformada em Fada, fazendo com que parecesse ainda mais ridícula, uma espécie de arbusto com asas. Lorelei era muito má actriz, assim como Lily-Violet. A primeira gritava exageradamente e rebolava-se no chão, mesmo sem ninguém lhe tocar. A segunda rugia, mesmo com a voz fina, e parecia uma tartaruga a mexer-se, abrindo e fechando lentamente os braços. Mas foi o suficiente para o homem sair da torre, de pau em punho para atacar o «monstro». Eu aproveitei a minha deixa para me esgueirar para o interior da torre.

Enquanto subia as escadas, ouvi Lily aos berros lá em baixo. Devia estar em pânico com o estranho homem atrás dela. Nas paredes da escada em espiral havia inúmeros relógios de todos os feitios e géneros. Tive de tapar os ouvidos com o som ensurdecedor e mecânico. Não percebia a razão para estarem ali tantos relógios se o próprio edifício era um relógio. Podia ser um museu ou uma loja. Sabia lá dos hábitos de Orbias! Finalmente, cheguei a uma porta dupla que antecedia uma sala onde se ouvia uma anafada voz feminina.

– Jiro? És tu? – A voz era exagerada, como um soprano.

Espreitei pela pequena fresta da porta e vi uma robusta cauda de cobra à frente de uma gigantesca ampulheta. Ouvi o som do kutchy dentro de algum compartimento lá dentro e, sabendo que ele era o cartão de saída da floresta, entrei para dentro da sala para salvá-lo. Porém, dei um assustado grito quando vi uma mulher com uma gorda cauda de cobra verde e amarela. Afinal a cobra e a mulher que falava eram uma só! Ela também deu um grito esganiçado quando me viu e agarrou numa cadeira para se defender.

– O que quer daqui?! Só temos relógios! Leve os que quiser, mas não me faça mal.

A mulher tinha um aspecto ameaçador, mas tremia por todos os lados atrás da cadeira. Tinha uns lábios muito grossos e rechonchudos, grandes pestanas e o cabelo era rosado, armado num grande rolo. Vestia um casaco de pêlos rosas, com os redondos seios quase a rebentar do vestido, e tinha muitas jóias com pedras preciosas. Perante o medo dela, tentei acalmá-la.

– Ca… calma. Eu chamo-me Noemi. Estou à procura de um kutchy que desapareceu quando passava por esta torre. Ele é o nosso guia para sair da floresta.

– Kutchy?... Não sei do que fala. Não conheço nenhum kutchy… – A mulher mentia descaradamente. Acho que até era pior actriz que Lorelei e Lily-Violet. Serpenteou pela sala com a sua cauda gorda e sentou-se num baú de ouro e diamantes, sem razão aparente. Eu podia jurar ter ouvido um «kutchy» quando o fez.

– Eu sou Melusina, Senhora do Tempo de Orbias. Sou uma mulher muito ocupada. – Agarrou num bastão com um relógio encrustado na ponta e apontou para a enorme ampulheta ao fundo da sala e para as engrenagens do relógio lá fora. – Se não se importa, retire-se. Tenho muito que fazer. – Soberba, começou a brincar com um anel do seu dedo.

Percebi que algo estava errado ali. Tinha a certeza que a mulher tinha o kutchy dentro do baú. Tinha apenas de arranjar forma de a atrair para fora dali e tirá-lo de lá. Então, confrontá-la-ia com a mentira! Se havia algo que odiava era a mentira e a falsidade! Tive uma ideia. Agarrei disfarçadamente numa faca de manteiga em cima de uma mesa de vidro perto de mim e fui para perto das engrenagens do relógio que dava para a rua.

– Desculpe ter subido até cá em cima. Vou retirar-me para não a incomodar mais. – Virei-me, mas estaquei intencionalmente. – A senhora tem objectos tão lindos aqui. Mas sabe que é muito perigoso ter objectos pontiagudos perto de mecanismos tão complexos. – Aproximei a faca das peças que se moviam.

Melusina saltou do baú, histérica, para impedir que eu cravasse a faca na endentação. Quando chegou perto de mim, transformei-me num ápice e abri as minhas asas de Anjo, saltando por cima dela até alcançar o baú. Abri-o e lá estava o kutchy, furioso por ter sido enclausurado num sítio pequeno, escuro e bafiento. Agarrei nele e virei-me para Melusina, apontando-lhe a faca como se quisesse começar um sermão. Ela parecia prestes a rebentar num berreiro. O seu grande peito tremia e os olhos estavam cerrados de água. Repentinamente, jogou-se ao chão e serpenteou assustadoramente até mim. Ainda dei um salto instintivo para trás com medo que me atacasse, mas, em vez disso, ela agarrou-se à minha bota preta numa choradeira imensa.

– Desculpe!… Eu tenho um distúrbio alimentar! Não consigo parar de comer! E esse kutchy, a passar lá fora, pareceu-me tão apetitoso. Não resisti, fi-lo desaparecer cá para dentro. Não sabe como é viver nesta torre monótona sem fazer nada a não ser olhar para os relógios e ver se está tudo bem. ESTÁ SEMPRE TUDO BEM!!! Então, refugiei-me na comida e a minha figurinha de cobra esguia tornou-se nesta larva gigante e obesa. Eu odeio-me!!!

Arregalei os olhos em choque por ter ali uma figura, que devia ser de destaque em Orbias, agarrada à minha perna, deitando gordas lágrimas para cima dos meus pés e a confessar os seus distúrbios alimentares como um papagaio soprano. Jiro chegou entretanto à sala, arrastando atrás de si Lorelei e Lily-Violet amarradas em cordas como se fossem dois casulos. Ficou surpreendido por ver a sua senhora agarrada à perna de uma estranha, chorosa e angustiada.

– *Snif*… *snif*… Jiro, podes soltá-las. – Ela limitou-se a abanar uma mão caprichosa.

Depois de desamarradas e apresentadas (e mais calmas), sentámo-nos com Melusina para um chá e bolinhos. Obviamente, Melusina tinha uns dez bolos só para ela, enquanto nós tínhamos um para cada uma. Com receio de uma recaída por parte da mulher, nunca larguei o kutchy que se sentara sossegado no meu colo e brincava timidamente com um dos cordões do meu corpete.

Ela contava-nos como a vida de Senhora do Tempo era tão aborrecida, que passava os dias inteiros a olhar para os relógios e para a ampulheta. Chegava a desejar que se avariassem, só para ter alguma coisa para fazer. Foi então que desenvolveu aquele apetite voraz. Confessou que já tinha comido alguns animaizinhos da floresta e que, por isso, nenhum ser se aproximava da torre. A sorte dela era o velho criado Jiro que sempre lhe dava companhia, mas era tão submisso que se tornava complicado manter uma conversa com ele. Eu não conseguia parar de pensar que os Orbianos tinham uma dieta muito estranha: triganjas, criancinhas, kutchis…

Para animá-la um pouco, Lily-Violet disse-lhe ingenuamente que achava o seu emprego muito importante, pois, se o Tempo parasse em Orbias, «seria uma chatice». A cobra Melusina emocionou-se e afirmou que sim, porque, sem Senhora do Tempo para controlá-lo, Orbias ficaria realmente um caos. Parecia uma conversa de loucos. Olhei estupidamente em volta em busca de coletes-de-forças ou paredes almofadadas…

Depois de algum tempo a conversar, Melusina pediu-nos mil desculpas por toda a infeliz situação e despediu-se de nós com um abraço apertado. Quando chegou a minha vez, fiquei sufocada no meio dos seus redondos seios, mas ela teimava em não me largar, dramática e expressiva como uma actriz de teatro. Fez-nos prometer que a visitaríamos, pois tinha gostado muito da nossa companhia. À saída, Jiro assustou-nos com o cajado, perversamente. Lorelei soltou um grunhido de repreensão enquanto ele lhe sorria e piscava um olho. Fazendo adeus a Melusina, lá no alto da sua janela da torre do relógio, coloquei o kutchy no chão, já fora da clareira, e continuámos a segui-lo até ao seu destino.

– Meninas… vocês são péssimas actrizes. – Tive necessidade de gozar com elas.

– Queria ver se fosses tu que tivesses um tarado a «salvar-te». – Lorelei puxou-me uma mecha de cabelo como vingança brincalhona. Lily-Violet ria, perdida.

Seabeau

Já caminhávamos há horas e a noite estava quase a rebentar. Eu só desejava que os serviços da Sociedade Escarlate, nomeadamente Sebastian, tivessem sido eficientes a encobrir aquelas minhas ausências. Caso contrário, a minha mãe podia contar com um AVC de tanta preocupação. Só então me lembrei de uma coisa muito grave e que me levou a dar uma estalada na minha própria testa. O meu emprego! Tinha um dia de folga, aquele em que estive no campo de triganjas, há poucos dias. Mas devia ter ido trabalhar hoje! Num emprego daqueles, sem contrato ou direitos, certamente já tinha sido despedida e substituída. Mas a Universidade estava quase a começar e eu já tinha dinheiro suficiente. Além disso, tinha um novo «emprego» e, apesar de todas as contrariedades, estava a gostar imenso! Não era muito aventureira e odiava a mudança. Mas estava a adorar conhecer pessoas novas e sítios novos e exóticos. Isto porque era algo que habitualmente não acontecia na minha vida monótona. E também havia Sebastian. A primeira imagem que me veio logo à cabeça foi a visão do seu corpo semi-nu na cozinha de Lorelei. Que devassa que eu estava! Onde fui buscar aquela personalidade que não gostava em mim? Seria uma característica da alma da Guerreira ancestral?

– Noemi, sentes-te bem? Estás muito vermelha! – Lorelei despertava-me dos pensamentos pecaminosos. Naquele segundo, odiei-a. Mas, no seguinte, já a adorava por ter afastado Sebastian da minha cabeça. Concentrei-me no kutchy à minha frente e segui caminho com as minhas novas amigas.

Depois daquele episódio com Melusina, tinha fome e estava cansada. Pelo andar cambaleante de Lorelei e Lily-Violet, entendi que estavam como eu. Aliás, Lily só podia estar exausta porque já nem falava ou ria. Só esperava que o kutchy parasse nalgum sítio onde pudéssemos restabelecer-nos. As minhas preces acabaram por ser ouvidas, estávamos a chegar a uma cidade de edifícios cinzentos, ao que parecia, um local costeiro. O pôr do Sol dava um tom avermelhado à cidade, o que lhe dava uma franca beleza e vida. Tensa, Lorelei estacou o seu passo e olhei para ela como que a perguntar o que se passava.

– Oh não… Eu já estive aqui! Porque é que o estúpido do bicho nos trouxe para aqui?! – disse Lorelei irritada, mas com a voz baixa, como se estivesse com medo que alguém a ouvisse. Não gostei que se tivesse dirigido ao kutchy como «bicho».

– Já estiveste aqui? Isso é bom, podes guiar-nos agora. – Lily-Violet sorria, simpática.

– Não estás a perceber. Foi este o primeiro local em que estive neste mundo. As pessoas aqui são loucas! – Olhou para mim com cara de enjoo. – Estás a ver os fãs nos concertos de grupos *rock* ou assim? Foi a reacção que tive das habitantes deste local. Ainda por cima, são só mulheres! Ainda se fossem rapazes giros… Que azar o meu!

– Mas nós precisamos de ir para lá. Por alguma razão, o Sebastian orientou-nos para cá. Havemos de encontrar alguma pista se entrarmos. Quem sabe um novo bilhete. – Lembrei-me do perfume dele, mas o facto de nos tratar como peões de xadrez não me agradou.

– *Okay*, *okay*, vamos lá então. Mas tenham cuidado! Não façam barulho! Elas devem estar a dormir a esta hora… espero eu – Lorelei parecia mesmo traumatizada com aquele local.

À entrada da cidade, onde o caminho de terra da floresta dava lugar a chão de pedra cinzenta, vimos uma tabuleta coberta de heras azuladas. Tinha algo escrito numa língua indecifrável. Curiosamente, tanto eu como Lorelei conseguimos ler o que lá estava: «Bem-vindos a Seabeau». Talvez fosse novamente a alma das Guerreiras ancestrais a vir ao de cima. Por baixo, escrito à mão, estava uma informação adicional: «Cidade das viúvas de negro». Eu achei estranho, Lorelei fez uma cara de sacrifício e Lily-Violet limitou-se a rir à gargalhada com o que lia.

Já tinha escurecido definitivamente. Os candeeiros velhos e metálicos iluminavam fracamente as estreitas ruas e dentro das casas não se viam luzes algumas. A brisa do mar fez-se sentir fria na minha pele frágil e pálida. Lily tremia e tiritava com todo aquele gelo. Mas Lorelei, que tinha menos roupa que nós, nem sequer notava. Deveria ser dos seus poderes ligados ao mar. Aliás, aquele odor do mar devia dar-lhe prazer, pensei eu. Afinal, ela era uma Sereia…

Andando por aquelas ruas desertas e húmidas, acabámos por chegar à praça da Sereia que Lorelei parecia já conhecer. Aproximámo-nos para ver se víamos o kutchy que, entretanto, tinha desaparecido da nossa vista à entrada da cidade, mas não o encontrámos. Ao longe, vi o cenário maravilhoso que proporcionava a Lua e as estrelas reflectidas no mar. Fiquei a admirá-las, hipnotizada. Comecei a imaginar Sebastian a meu lado, a agarrar a minha mão com a sua mão quente e confortante… Estúpida, estúpida Noemi! Pára de pensar nele!

– OLHA. Lorelei, esta estátua é parecidíssima contigo. Anda ver!!! – berrou Lily-Violet, muito contente, esbracejando ao pé da estátua gasta da Sereia.

– Chiu, cabeça oca! Queres acordá-las?! – respondeu Lorelei, muito incomodada e berrando baixinho.

Assim que disse isso, algumas janelas iluminaram-se na praça e delas emergiram algumas cabeças femininas ensonadas. Olharam para as três figuras de forma a repreender-nos por acordá-las tão cedo e mesmo na fraquinha luz da cidade, uma delas conseguiu reconhecer Lorelei.

– É… é… a linda Sereia! Voltou! E trouxe com ela o Anjo e a Fada!!! As Guerreiras estão cá! Aaaaaah!

Todas as mulheres começaram a gritar que nem umas loucas histéricas. Achei a situação ridícula, nem o maior fanático da Terra conseguia fazer tamanho escândalo. Mas, quando vi multiplicarem-se as luzes nas janelas e uma infinidade de mulheres com camisas de noite pretas a correrem porta fora das suas casas na nossa direcção, achei que era uma estrela *rock* ou uma actriz a fugir do mar de fãs.

– Eu sabia! Tinhas de gritar, Lily-Violet! – Lily limitava-se a rir com a situação, tanto que até se dobrava com dores de barriga. – Olhem, está ali o kutchy! E eu conheço aquela casa. Venham!

O aparecimento do kutchy não podia ter sido mais oportuno. E eu só pensava que aquele era o dia das fugas. Primeiro da bruxa, agora das habitantes estranhas daquela cidade. Estava tão cansada que as pernas contestavam o facto de ter de atravessar a praça até à casa de…

– Fedra!!! Por favor, abre a porta! É a Lorelei!

Imediatamente, uma mulher vestida de negro abriu a porta de madeira enegrecida e puxou-nos as três para dentro de casa, rodando a chave inúmeras vezes. Ofegante, deixei-me cair no chão, enquanto que Lorelei foi para o sofá. Por sua vez, Lily-Violet foi para a janela acenar alegremente às mulheres loucas que se amontoavam para vê-la. Nem quis imaginar como estaria o kutchy lá fora, esborrachado contra aquela casa. Ouvi um guinchinho chateado e aliviei-me por ver que tinha entrado connosco e estava sossegado a meu lado.

– Fico feliz por ver que estás bem, Lorelei. Sinto que desenvolveste o teu poder desde ontem. – Ela sorriu, talvez devido à rapidez com que Lorelei tinha voltado ali.

– Olá, Fedra! Desculpe a entrada de rompante – disse Lorelei, levantando-se do sofá –, e desculpe o comportamento da nossa amiga. Ela é… estranha. – Era a palavra que melhor descrevia Lily-Violet e o seu excêntrico comportamento.

– Eu é que devo pedir desculpa pelo comportamento das habitantes desta cidade. Mas tu sabes bem a razão. – A mulher séria colocava um ar envergonhado pelas suas vizinhas.

Reparei que Fedra e Lorelei entendiam-se como se já fossem amigas. Se foi ali que Lorelei apareceu naquele mundo pela primeira vez, Fedra era uma espécie de velhinha das triganjas. Sentámo-nos nos sofás da sala e esperámos que a dona da casa trouxesse alguma coisa para comermos. Passados cerca de dez minutos, apareceu com um tabuleiro com bolinhos, pão, geleia, frutas exóticas e água. Quase que devorámos o tabuleiro, tal era a fome. Lily-Violet não tinha tocado nos bolos. Eram de triganjas.

– Ó Lily… o que te acontece se comeres triganjas? – perguntou uma viciosa Lorelei para brincar com ela.

– Fico com a cara muito inchada e cheia de borbulhas enormes e vermelhas por todo o corpo. – Não gostava de ver Lily com uma expressão tão séria. Parecia que deixava de ser ela própria. Deveria ter tido más experiências com triganjas para que abandonasse a loucura e o humor habituais.

– Bem, agora que estão restabelecidas, posso dizer-vos porque é que o kutchy vos guiou até cá. O Sebastian pediu-me para que vocês passassem cá a noite. Foram convidadas para o grande baile da Imperatriz do Mares, no seu palácio, amanhã. A Imperatriz do Mares é uma das grandes apoiantes da Sociedade Escarlate e uma figura de destaque em Orbias. O propósito do baile é apresentar-vos aos grandes Regentes e pessoas importantes do nosso mundo. Porém, o vosso objectivo não é apenas apresentarem-se. Vocês vão lá estar disfarçadas para tentar descobrir se alguns orbianos suspeitos pertencem à Sociedade Índigo. Há muitos rumores que adiantam o crescimento de alianças entre algumas figuras da Terra e de Orbias. – A cara de nojo de Fedra denotava que repudiava aquele tipo de traição nos habitantes de Orbias, mas também nos intrometidos Terrestres. – Basta travarem alguns conhecimentos e estabelecerem algumas conversas para tirarem as vossas próprias conclusões.

– Nós somos praticamente principiantes neste mundo. Inclusive Lily, que é uma orbiana. Mas vamos fazer o nosso melhor. – Senti necessidade de dizê-lo porque continuava sem perceber porque nos comprometiam com tarefas que à partida não conseguiríamos efectuar com eficiência por não conhecermos Orbias.

– Muito obrigado, Noemi. Sabem, vocês são mesmo muito importantes para o nosso mundo. E até para o vosso. Surgiram como um raio de esperança no meio deste clima de medo e guerra-fria. Têm havido alguns incidentes graves em cidades orbianas. A Sociedade Índigo está envolvida. Infelizmente, a Sociedade tem sugado grande parte da magia deste mundo para acumular orbes mágicos e vender à Terra. Um mundo que sempre subsistiu com a ajuda da magia tem dificuldade em lidar com a ausência dessa energia com que a Deusa nos agraciou. – Fez uma pausa como se estivesse a rezar à Deusa. – Orbias nunca mais foi a mesma coisa desde que se abriram relações com o vosso mundo. Há um medo constante de que sejamos atacados pela Sociedade Índigo com toda a magia que têm conseguido acumular. Devem fazer tudo ao vosso alcance para combatê-los. Como vocês são apenas três, é bom que mantenham uma boa estratégia e se cinjam a recolher informações sobre o vosso inimigo em vez de partir para o ataque. Pelo menos, enquanto as outras não são despertadas. – Fedra parecia-me uma autêntica estratega. Não me admirei por aquela mulher forte e inteligente fazer parte da Sociedade Escarlate.

– Que bom, um baile! Mas… e as roupas? E a maquilhagem? Eu não tenho nada disso cá. Não vou ao baile, pronto. – Ignorando todo aquele discurso sobre Orbias, Lorelei só tinha conseguido pensar na moda e beleza. Era demasiado vaidosa.

– Mas nós podemos transportar-nos para a Terra quando quisermos, não é? Podes ir a casa preparar-te – disse-lhe eu, com gravidade, como se a repreendesse por ligar mais à sua aparência do que à responsabilidade que caía nos nossos ainda frágeis ombros.

– Não é assim tão fácil… A Sociedade Índigo tem uma forma de vigiar os transportes e há períodos em que é bem possível que vocês se transportem para alguma prisão deles, principalmente agora que a Sociedade sabe que andam três Guerreiras à solta.

– Sim, o Sebastian falou-me sobre isso. – O sangue irado encheu-me o rosto de novo. Não queria pensar nele! Que impertinência por parte da minha cabeça!

– Bem, não são períodos assim tão longos. Digamos que, por hoje, têm de dormir cá e vão ficar na cidade até ao baile de amanhã. – Fedra mantinha-se sempre muito grave e séria, como uma mãe severa. E, como umas boas filhas, aceitamos o trato, confiando que a nossa ausência da Terra seria encoberta por Sebastian e Cordélia.

Fedra tinha improvisado três camas na sala, com lençóis macios e almofadas e mantas felpudas. Lorelei e Lily-Violet já dormiam profundamente devido ao cansaço. Eu também estava exausta, mas, ainda assim, algumas preocupações impediam-me de dormir. Só pensava na minha mãe e no quanto poderia estar preocupada. Os meus amigos também estranhariam a minha ausência repentina, especialmente Sofia e Jonas. Mas, fora isso, tinha acabado o trabalho de Verão (embora não oficialmente) e o ano lectivo estava prestes a começar. Estava com alguma dificuldade em lidar com todos aqueles papéis na minha vida: filha, amiga, aluna, adulta e agora… Guerreira de dois mundos. Não me sentia capaz de cumprir a cem por cento todos os papéis, não tinha confiança suficiente em mim. Nem auto-estima… De certa forma, acreditava em Sebastian para resolver a minha ausência na Terra. E acreditava também que Lorelei, Lily e as outras Guerreiras seriam capazes de salvar os mundos. Mas eu não. Eu não era nada de especial nem muito boa nas coisas que fazia… Ainda assim, sabia que agora tinha uma nova vida e responsabilidade. E tinha de aceitá-la. Era uma Guerreira, a reincarnação de alguém bastante importante para o futuro dos dois mundos. Resumindo, tinha um novo destino e estava disposta a levá-lo em frente! Ia lutar por cumprir aquelas tarefas da melhor forma possível!

Impotente para conseguir adormecer, saí sorrateiramente da casa de Fedra. Era tarde e o turbilhão de mulheres já tinha dispersado para as suas casas. Queria voltar a ver aquela fantástica paisagem. Caminhei descalça e de camisa de noite pela rua escura da cidade de Seabeau. Reparei numa rocha muito alta que se atrevia a entrar no mar como uma espada. Transformei-me em Anjo para voar até lá. Ri para dentro quando cheguei à conclusão que aquela roupa parecia a de uma estrela *rock*. Era engraçado parecer tão moderna e irreverente quando era a reincarnação de uma Guerreira tão velha. Nem sabia porque ficava assim quando me transformava.

Quando pousei o pé no pico daquela pequena montanha rochosa, senti uma sensação de liberdade imensa. A Lua e as estrelas estavam tão perto que podia tocar nelas. Sentei-me, perdida nos meus pensamentos, enquanto olhava para a imensidão de água negra. Foi então que uma súbita voz masculina me assustou:

– Não achas que está frio para estares cá fora de noite? Devias voltar para dentro.

– Quem está aí? – Eu não via ninguém à minha volta. E era impossível alguém subir até ali. Só se voasse como eu.

– Dou-te esta bolinha orbiana se adivinhares quem sou e onde estou. – Depois desta frase, percebi quem era.

– Sebastian? Onde estás? Como é que estás a falar comigo?

– Sei que provavelmente estás a falar comigo, mas não posso responder porque esta voz que te fala é uma gravação minha. – À minha frente aproximava-se um pequeno orbe branco. Era como se fosse uma espécie de dispositivo para gravar e reproduzir a voz. Um leitor de mp3 orbiano, pensei eu. – Sabia que ias estar cá fora cheia de perguntas nessa cabecinha. Neste mundo mágico é muito fácil prever certas coisas. Queria apenas dizer-te que tenho pena de não poder estar aí pessoalmente, mas estou a tratar de alguns assuntos pendentes. – Mais uma vez, os segredos do misterioso Sebastian. Mas agora não estava irritada como antes. – Era só para te desejar uma boa noite. Bons sonhos. Dorme bem, Noemi.

Estava tão feliz. Tinha sido um gesto tão bonito da parte dele. Agarrei-me ao orbe como uma adolescente louca agarrada à primeira carta de amor. Afinal, ele não me usava e seduzia para divertimento próprio. Ele tinha algum interesse em mim ou não se daria ao trabalho de enviar um singelo orbe atravessando dois mundos só para me desejar as boas-noites. Ou seria que estava realmente a brincar comigo? Enviava um orbe só para gozar comigo… ou então porque fazia parte das suas funções enquanto agente da Sociedade Escarlate, ser uma espécie de diplomata ou relações-públicas. Que confusão na tua cabeça, Noemi! Parece que tens um novelo de lã enfiado cá dentro.

Voei frustrada para perto da casa de Fedra, consciente que falar de mim na segunda pessoa não era nada bom. Transformei-me na Noemi normal e caí pesada na cama. Esvaziei todos os meus pensamentos para não enlouquecer e, ainda agarrada ao orbe como a um tesouro, adormeci.

\*

Eu estava sozinha numa sala escura e ampla. Desta vez, não era uma visão, parecia realmente um sonho. Não via quase nada e nem as minhas grandes asas brilhantes conseguiam iluminar o local. Tive um vislumbre de alguém ao pé de mim. Era Sebastian. Atrás de si estava Lorelei e Lily-Violet. Mas mal os conseguia ver. Afastadas estavam mais duas sombras femininas. Aproximei-me deles, mas seis estacas irromperam do chão de pedra e espetaram-se nos peitos de todos eles. Gritei de horror. Ouvi então um riso masculino, cruel e sonoro. Era de um homem engravatado, calvo e de aspecto arrumado, o mesmo homem que vi na sua empresa quando me transformei pela primeira vez. À minha volta apareceram inúmeras figuras de preto, sem cara, que murmuravam entre si, conspirando contra mim. Sabia que tinham sido eles a matar os meus amigos. Investi contra eles, mas duas pessoas agarraram-me por trás. Uma delas era Jynx, a outra não reconheci. Subitamente, atrás do homem de fato, surgiram três sombras que o esfaquearam, deixando-o cair no chão como água. As três sombras agarram nas minhas asas e arrancaram-nas sem piedade. Tentei olhar para eles, mas não tinham cara. Continuaram a fazer-me mal e o meu corpo desfez-se em sangue. Berrei de dor e caí no chão como uma posta de carne. Diversos braços, mas desta vez negros e ensanguentados, brotaram da pedra e puxaram-me para baixo, para a escuridão eterna…

\*

Acordei sobressaltada com o pesadelo horrendo. Estava cheia de suor. Tentando esquecer aquelas imagens horríveis, olhei para o lado e as minhas duas amigas já não estavam lá. As suas camas até já estavam arrumadas. Ainda com as lembranças do sonho a queimar-me as têmporas, entrei em pânico. Mas Fedra apareceu calmamente na sala, acalmando-me a mim também.

– Foste a última a acordar, a Lorelei e a Lily-Violet já saíram, foram até à praia. Tens o pequeno-almoço ali na mesinha e ao fundo do corredor está a sala de banho. Está à vontade – disse Fedra, cordialmente e com um esforçado sorriso.

Entrei na sala de banho e vi uma pequena banheira fumegante no centro, embutida no chão. A janela era enorme. Estava aberta e dava para a praia. A vista era linda! Despi a camisa de dormir emprestada, tirei o elástico do cabelo, fiz o habitual rabo-de-cavalo e entrei para dentro de água. Estava tão quente e perfumada que o meu corpo dorido relaxou de imediato. Já nem me recordava de pormenor nenhum do pesadelo. Encostei a cabeça para apreciar a vista e relaxar. A vista era deveras linda. Conseguia ver o mar azul-escuro, com algumas rochas com linhas azuis. O céu estava cinzento, mas não deixava de parecer belo. Deixei-me ficar ali por alguns minutos, por pura preguiça. Molhei o meu cabelo negro e lavei-me com um sabonete de mel e azeite que estava a meu lado. Depois do banho, levantei-me da banheira, vesti a roupa lavada que Fedra deixara para mim. Olhando para tudo o que fiz e para o local, lembrei-me que aquilo podia muito bem ter sido uma ida ao *spa*, embora nunca tivesse ido a um. Dirigi-me à sala para comer.

Depois de tomar o pequeno-almoço, fui para a rua com algum receio das mulheres, mas com o intuito de encontrar as minhas duas companheiras. Curiosamente, a rua estava cheia de mulheres vestidas de negro, mas nenhuma se atreveu a abordar-me. Não que não tivessem vontade, pois todas estavam com ar ansioso e feliz por me ver. Mas deveriam ter alguma restrição depois do que se passou na noite anterior.

Lembrei-me que Fedra me tinha dito que Lorelei e Lily-Violet estavam na praia. Desci as intermináveis escadas de pedra e deparei-me com a mais linda e exótica praia que alguma vez vira. Com areia branca, conchas azuis e rosas, rochas negras e azuis. Vi Lorelei com os pés na água e Lily a puxar a sua mão alegremente. Ao que parecia, queria brincar com ela e Lorelei recusava-se agarrando no seu cabelo hidratado. Então começou a atirar-lhe água, o que irritava imenso a «Guerreira da Vida». Aquela cena provocou-me um riso incontrolável. Eu estava realmente contente por ter conhecido amigas como elas, mesmo no pouco tempo em que estivemos juntas. Corri até elas e juntei-me a Lily-Violet no ataque a Lorelei, soltando grandes gargalhadas. A Sereia acabou por ceder e juntou-se a nós na brincadeira. Desatámos as três a rir enquanto corríamos ao longo da praia completamente encharcadas naquele calor de final de Verão.

Armas

Enquanto subia uma pequena duna de areia para descansar de toda aquela correria, senti-me zonza e prestes a desmaiar. Tudo à minha volta ficou escuro, mas ainda ouvi Lorelei e Lily-Violet a gritarem por mim. Caí dura no chão, sabendo que iria ter uma nova visão.

\*

Quando retomei a consciência, estava ao lado de uma mulher de negro que caminhava pela praça de Seabeau. Obviamente que ela não me via, era como se apenas a minha mente estivesse ali. Nesse dia, ela estava chateada porque queria conversar com as três heroínas e contar-lhes os seus problemas. Mas Fedra havia-lhes transmitido uma mensagem da Imperatriz dos Mares, considerada sua regente: não deveriam, de forma alguma, perturbar a estada das três Guerreiras naquela cidade. E a palavra da Imperatriz era para ser respeitada seriamente, pois ela era uma espécie de representante da Deusa em Orbias. E não se deveria contrariar os desígnios da Deusa. Mas a mulher só queria pedir ajuda às Guerreiras para descobrirem o paradeiro dos homens da cidade, que tinham desaparecido misteriosamente há um ano. Aconteceu depois de uma mulher, uma moura, ter pedido asilo na cidade numa noite de tempestade. Na manhã seguinte, ela e todos os homens tinham desaparecido da cidade. Testemunhas disseram tê-los visto entrar para um barco de marfim branco, comandados pela moura. A verdade é que nunca mais os viram e a cidade nunca mais foi a mesma. Tornou-se triste, abandonada, envelhecida, onde os prantos eram uma constante.

Perdida nos pensamentos, dirigiu-se à estátua da Sereia para as oferendas diárias de algas e conchas. Quando olhou para cima para admirar a estátua de que tanto gostava, reparou que algo estava errado. Estava alguma coisa escura a esconder-se atrás dela. A princípio pensou que fosse uma vizinha a esconder-se para assustá-la de forma perversa. Mas não era! Soltou um sufocado grito e deixou cair o cesto com as ofertas, partindo algumas conchas. Um monstro humanóide, verde e viscoso, saltou de lá para cima dela. Caindo no chão, a mulher só pôde gritar e assustar todas as mulheres que passavam na praça. Outros cinco monstros apareceram nas várias saídas da praça, encurralando diversas mulheres que corriam desvairadas. Alguns deles socavam-nas cruelmente, deixando-as cair no chão desmaiadas. Eu reconhecia aqueles monstros e sabia que a sua mestra estaria por perto. Voltei para o meu corpo caído na praia.

\*

– Noemi! Noemi! Estás bem? – Lorelei e Lily-Violet estavam por cima de mim, aflitas.

– Tive outra visão! Transformem-se, temos de voltar para cima imediatamente!

Já transformadas em Anjo, Fada e Sereia, achámos que a melhor forma de evitar subir todas aquelas escadas era eu e Lily voarmos até ao cimo das rochas, puxando os braços de Lorelei. Foi o que fizemos e, em menos de trinta segundos, pousámos na cidade no preciso momento em que os monstros atacavam as mulheres. Uma injecção de coragem percorreu o meu corpo e o das minhas companheiras Guerreiras.

– Se acham que podem chegar a esta cidade calma e serena… – disse a Fada.

– …e perturbar estas mulheres que nos acolheram… tão bem… – disse a Sereia algo relutante.

– …enganam-se! Vamos a eles, meninas! – gritou o Anjo, eu própria.

Nós as três trabalhávamos perfeitamente em equipa. Até os nossos discursos pareciam estar em harmonia. Mas a verdade é que eram extremamente pirosos. Senti que fazia parte de uma série de desenhos animados cujos diálogos foram muito mal traduzidos.

Investimos sobre os monstros provando que éramos verdadeiras Guerreiras. Lutámos corajosamente contra eles, infligindo golpes complicados capazes de envergonhar o melhor lutador de *wrestling* ou *kung fu*. Lily também fez uso do seu poder de Criação, atirando com folhas, flores e areia que ela própria criara a partir do ambiente à sua volta. Por momentos, estivemos em vantagem, o que deu tempo para que as mulheres se escondessem dentro das casas. Mas não resistiram a postarem-se secretamente à janela para ver o combate. Quando eu menos esperava, no meio de toda a adrenalina do combate, ouvi passos de saltos altos de alguém que se dirigia para a praça. Voltei-me e deparei-me com alguém conhecido e que eu sabia que iria aparecer mais cedo ou mais tarde: Jynx.

– Que bom voltar a ver-vos, meninas. E vejo que têm uma nova amiguinha. – Tinha um sorriso trocista e desdenhoso. – Quantas mais, melhor. Mais prazer me dará matar-vos.

– Para além de seres uma loira oxigenada e usares uma roupa que já passou de moda há anos, pareces uma miuda da primária a fazer contas. – Lorelei era ainda mais sarcástica que Jynx. – Nós somos três e tu só uma. Porque os teus seis animais de estimação… já eram!

– É isso que pensas? Puf! Vai saber tão bem injectar o meu veneno nesse teu corpinho delicado. – Jynx parecia mais controlada desde a última vez, mas mais letal.

Com um estalar dos dedos de Jynx, os monstros que eu julgava derrotados levantaram-se completamente revitalizados. Foi aí que fiquei verdadeiramente assustada. Estava cansada de combater os monstros e agora eles estavam ali, intocáveis e com uma recuperação fora do vulgar. Mais rápidos que nunca, investiram sobre nós de tal forma que nem com a ajuda das nossas asas pudemos evitar sermos atiradas para o chão de pedra. Jynx estava sentada na fonte da Sereia, deliciada com todo o espectáculo.

Éramos nós que agora estávamos em desvantagem. Estávamos a levar a maior tareia das nossas vidas e cheias de líquido verde que aos poucos nos corroía a roupa. Afinal, ser heroína não significava apenas discursar e lutar contra os mauzões, como nos filmes. Teríamos de ser mais responsáveis e levar as situações mais a sério. Eu estava mentalizada para essa responsabilidade, mas não tinha tanta certeza em relação a Lorelei e a Lily-Violet. E quando um elo da equipa não funciona, a corrente quebra-se. De repente, uma voz salvadora veio de uma das janelas do segundo andar da casa de Fedra.

– Meninas! As minhas filhas vão levar-vos armas! Foi o Sebastian que as mandou! – gritou Fedra, lá do alto.

Da porta de sua casa, emergiram Maristela, Jesabel e Camélia, que correram até à respectiva Guerreira com objectos nas mãos. Um monstro tentou atacá-las, mas estavam envoltas por uma barreira protectora azul, como uma bolha elástica. Era a magia protectora dos orbes que traziam agarrados à cintura. Maristela entregou a Lily-Violet uma espécie de metralhadora feita de heras e caules de flores. Jesabel deu a Lorelei duas argolas afiadas em tons de azul-marinho. Por último, e com dificuldade, porque eu estava no extremo da praça, Camélia depositou-me nas mãos brancas uma corrente forte com uma bola de ferro branco numa extremidade e duas lâminas brilhantes na outra.

Se eu fosse espectadora daquela cena saída de um filme de acção e aventura, tenho a certeza de que veria um Anjo a voar pela praça a dar com a bola de ferro com toda a força nos monstros, uma Sereia a cortá-los com as suas lâminas e uma Fada a disparar loucamente sementes da sua metralhadora, como se fossem balas verdadeiras. As suas asas de Fada batiam alegremente com a excitação de um colibri.

Daí a pouco tempo, todos os seis monstros estavam, de facto, derrotados. Estavam a evaporar-se em fumo verde. Quando decidimos investir e derrotar Jynx de uma vez por todas, esta já tinha desaparecido. Cobardemente, tinha fugido ao aperceber-se da nossa vantagem. Ou, pelo menos, pensava eu. Depois do sufoco, tínhamos mesmo vencido a batalha. A sensação pós-combate era maravilhosa. Sentia-me mais confiante e determinada. Todas as dúvidas que me assolavam na noite anterior eram agora evanescentes.

Mas algo perturbava-me. O que tinha levado Jynx até Seabeau, afinal? Tinha ficado sem perceber o que a levou a ela e aos humanóides a uma cidade só de mulheres. Fiquei com a sensação de que não era somente por causa das Guerreiras que lá estava, até porque nem tinha lutado directamente connosco…

Inexplicavelmente, ao transformar-nos em raparigas normais, as armas desapareceram juntamente com a indumentária. Era como se fosse a peça que faltava para sermos plenamente Guerreiras. Uma multidão de mulheres invadiu a praça para nos congratular pela vitória. Estavam genuinamente gratas por as termos salvado. E nós gratas por recebermos tanto apoio das peculiares mulheres de negro que se juntavam à nossa volta.

Depois de algum esforço para nos livrarmos das mulheres, dirigimo-nos para casa de Fedra. Gemi quando passei as mãos por algumas feridas em que nem tinha reparado antes. Lorelei chegou perto de mim, ainda transformada em Sereia, e colocou a sua mão fresca em cima dos meus ferimentos. Senti um intenso formigueiro e, quando ela a tirou, não havia qualquer vestígio de sangue, muito menos de ferimentos. Eu nem queria acreditar no que os meus olhos viam!

– O teu poder de Vida é fantástico, Lorelei! Imagina a quantidade de pessoas que podes curar com o teu poder. – Ela ficou cabisbaixa com as minhas palavras.

– O meu poder é muito fraco ainda. Nem imaginas o esforço que fiz só para curar esta pequena ferida. A Cordélia diz que eu até podia ressuscitar pessoas, mas eu mal consigo curá-las! Quem me dera ter um poder grandioso como o de Lily, capaz de criar uma floresta inteira.

– O teu poder é muito especial, Lorelei, não te subestimes dessa forma. – Fedra falava-nos da entrada da cozinha. – O facto de a Lily-Violet ter um grande poder não significa que ela seja mais forte. Mas, como ela sempre viveu em Orbias, ficou mais tempo exposta à magia natural e isso estimulou o seu poder de Guerreira. Tu e a Noemi têm a mesma força, apesar de ainda estar adormecida dentro de vocês por terem vivido toda a vida na Terra. Vais ver que em pouco tempo as vossas capacidades lendárias vão vir ao de cima. – Ela sorriu, mas, desta vez, parecia mais sincera. Lorelei e eu sorrimos uma para a outra, expectantes com as fabulosas possibilidades nas nossas vidas quando tivéssemos os poderes plenos das Guerreiras.

Estava a esfregar o local onde estava a ferida, numa tentativa inconsciente de confirmar que não se tratava de uma ilusão, quando me senti tonta. Outra visão num tão curto espaço de tempo.

\*

Desta vez estava uma sala de mármore branco. Estava lá um homem de cabelo negro puxado para trás, sobrancelhas arqueadas e fato de cavaleiro, branco. Tinha as botas pretas e engraxadas em cima da sua secretária. As paredes estavam forradas por estantes cheias de livros de temáticas variadas. Havia uma grande janela aberta do lado esquerdo da sala. Alguém bateu à porta e, surpreendentemente, dela emergiu Jynx, com ar contrariado. Que rapidez, pensei eu…

– As Guerreiras venceram mais uma vez, regente Orville. Estão mais fortes que nunca, principalmente com o apoio da Sociedade Escarlate. Castigue-me da forma que quiser – disse Jynx, como se estivesse na tropa e sentisse a necessidade masoquista de ser repreendida

– Mando-te cumprir uma simples missão de reconhecimento do poder das Guerreiras e tu dizes-me que falhaste de novo?! – A cabeça do homem estremeceu de raiva. Quando se acalmou, começou a esfregar a barbicha, pensativo. – Huum… Não me agrada nada a ideia de ter essas fedelhas por aí a brincar com o que não conhecem. Deixa lá Jynx… Tu nunca foste muito capaz. – A arrogância e a prepotência do homem fizeram com que Jynx cerrasse os punhos de raiva. – Mas eu tenho outras funções mais modestas para ti. É *ela* que vai tratar das Guerreiras por agora.

De trás do cadeirão onde estava sentado, surgiram duas mãos serpenteantes, com pulseiras com medalhinhas, que começaram a acariciar o peito peludo do homem. Uns penetrantes olhos verdes e um cabelo encaracolado e longo surgiram também do mesmo local. Jynx não gostava do aspecto daquela moura…

Entretanto, um buraco negro surgiu numa parede vazia e diversos braços trouxeram um homem engravatado, de óculos escuros, completamente desarticulado com aquele ambiente. Era alto e tinha o cabelo lambido com risco ao meio.

– O Mestre deu-te um prazo. Já descobriste quem tem os restantes três artefactos, Orville?

– Isso leva tempo, Merovingian. As Sibilas não conseguem detectar os artefactos de um dia para o outro, ainda mais se a procura é nos dois mundos. Além disso, temos de nos preocupar com as Guerreiras. Estão a dar-nos problemas.

– O Mestre não quer atrasos, Orville. E lembra-te de quem manda na Sociedade. – Desapareceu no mesmo buraco negro em que tinha chegado.

– Estúpidos mensageiros, julgam-se superiores a mim. Ainda estás aqui? Não bastam as tuas falhas? Desaparece! – Jynx saiu da sala, ainda mais contrariada do que quando entrou. – Quanto a ti, vai preparar-te. Vamos a um baile hoje, lembras-te? Finalmente, vamos conhecer as Guerreiras! – Um brilho malévolo e perverso passou pelos seus olhos castanhos enquanto a moura se bamboleava até à saída, sempre com um sorriso sedutor.

Notei algo do lado de fora da janela. Sabendo que ninguém me via ou sabia que estava ali, dirigi-me até lá. Sobressaltei-me quando vi uma mulher, com as mãos e pés congelados contra a parede, a ouvir toda a conversa. Ela fixou-me os olhos, quase como se me visse ali. Por momentos, senti-me invadida, ameaçada e impotente. Mas, afinal, quando tinha aquelas visões, embora involuntárias, também estava a invadir a vida e mente de outras pessoas. De repente, senti-me pessimamente por isso. Percebendo que já não iriam haver mais informações, a mulher gelada saltou da parede lá para baixo, em queda livre, revelando a exorbitante altura em que se encontrava, possivelmente uma torre, toda feita de mármore. Quando o fez, o gelo que a segurava partiu-se, numa chuva brilhante à luz do Sol. Perdeu-se nas grandes copas de árvores que se viam lá em baixo, com um rio que as atravessava. O tom pérola do mármore da torre ficou subitamente escuro e eu regressava ao meu corpo adormecido.

Baile

Depois da visão, acordei no sofá de casa de Fedra. Lorelei e Lily-Violet exibiam uma cara de desespero, muito preocupadas comigo e com aqueles repentinos e cada vez mais frequentes desmaios. Senti necessidade de lhes explicar que um dos poderes do Anjo da Omnisciência era ter aquelas visões involuntárias e que se revelavam preciosas para entender Orbias e o nosso inimigo. Contei-lhes o conteúdo das minhas quatro visões até então e concordámos em confrontar Cordélia e Sebastian sobre os seus intervenientes. Aquela última tinha sido mesmo relevante para entender os objectivos dos nossos inimigos, embora eu não conhecesse aquelas pessoas. Decidimos não pensar mais sobre o assunto. O final da tarde aproximava-se e tínhamos um baile para comparecer e uma nova missão para cumprir. Já restabelecida, saí com Lorelei e Lily-Violet para a praia de Seabeau onde um barco nos esperava para nos levar até ao palácio da Imperatriz dos Mares.

Era um barco feito de coral, com um gigantesco arco à sua volta. Chamava-se Llyr. Era o mais lindo barco em que eu alguma vez tinha posto os olhos. Era de diversas cores harmoniosas com o oceano, com conchas, algas e toda uma variedade de motivos marinhos. Na proa estava uma estátua de pérola que representava uma sereia. Reparei que não tinha velas e que, para navegar, o barco era puxado por três baleias, como se fosse uma carroça marítima. Eu não parava de me maravilhar com aquele mundo espantoso.

Chegaríamos antes do jantar para que nos preparássemos para o baile. O mensageiro da Imperatriz informou-nos de que seriam fornecidos vestidos e tudo o mais. Tínhamos direito a tratamento de rainhas, o que nos empolgou, principalmente a Lorelei, que soltava gritos felizes e esganiçados. Embarcámos as três, mais Fedra e as suas três filhas, como representantes de Seabeau. Soube mais tarde que o marido dela era uma espécie de presidente de Câmara da cidade.

A viagem fez-se sem percalços. Serviu para nos revigorarmos do combate atribulado desse dia. Lily-Violet estava na parte dianteira do navio, gritando de alegria, os seus cabelos loiros a esvoaçarem violentamente com a velocidade do barco. Era basicamente uma versão distorcida do filme *Titanic*. Lorelei tinha-se transformado em Sereia e estava a nadar lado a lado com as três baleias, feliz e célere. Foi a primeira vez que vi a sua linda cauda de peixe. Foi estranho ao início, mas até eu me encantei com a imagem daquelas curvas esguias. Apesar deste belo momento e ao contrário delas, eu estava debruçada para o mar, enjoadíssima e farta de vomitar. Se era um Anjo e não tinha medo de alturas, não entendia como uma simples viagem pelo mar me fazia ficar assim. Mas devia fazer parte da minha existência descoordenada e deselegante. Ao menos Sebastian não estava ali para me ver naquela figura ou passaria o tempo a rir e a gozar comigo.

Passadas duas horas, avistei um pontinho no alto mar. Tinha a certeza de ter uma cara horrivelmente vermelha e enjoada, pelo que tentei escondê-la dos passageiros do barco. Sempre que ficava enjoada e mantinha a cabeça inclinada para baixo, ficava parecida a um tomate maduro. Até havia muita gente que se assustava quando olhava para mim, pensando que ia explodir e fragmentar-me em vários pedaços de carne vermelha. À medida que nos aproximávamos, o objecto tornava-se cada vez maior, revelando um imenso e extraordinário palácio de pérola. Aliás, era mesmo esse o seu nome, segundo o mensageiro da Imperatriz. Era maior que os maiores arranha-céus da Terra, suportado por pilares de grande volume que brotavam do oceano. Eram centenas de colunas que formavam arcos entre si e aguentavam o peso admirável do palácio. Este era arredondado, com quatro torres que rasgavam o céu já escurecido. No centro, uma cúpula com uma grande estátua de uma sereia no centro.

Chegados lá, o Llyr atracou na base de umas intermináveis escadas de pérola que terminavam numa alta porta azul. Ao nosso lado, outros barcos de outros convidados balouçavam ao sabor das leves ondas. Subimos aquela imensidão de escadas e eu senti o meu estômago acalmar com a chegada a terra firme. Os empregados da Imperatriz abriram-nos as pesadas portas. Por dentro, o palácio era ainda mais fabuloso. Bastante espaçoso, com várias estátuas brancas, motivos marinhos, tapetes e mobílias riquíssimas. O curioso é que havia gatos de todas as cores e raças a passear-se por ali. Fomos conduzidas por um outro criado até aos nossos quartos, onde tomaríamos um banho e nos prepararíamos para o baile dessa noite.

Entrei nos meus aposentos após vários minutos a percorrer corredores compridos, e levei um bocado até despertar do espanto. Naquele quarto cabiam três casas iguais à minha. Lá dentro havia uma cama enorme com uma colcha cintilante, cortinados altos e brancos, uma divisão com uma grande banheira, um tocador com uma infinidade de perfumes e maquilhagens, um armário luxuoso e comprido com todo o tipo de vestidos. Estava num sonho! E eu nem queria imaginar Lorelei, completamente perdida no meio de tanto luxo e beleza.

Contentíssima com aquele local, entrei naquele banho maravilhoso que se revelou mil vezes melhor que o da casa de Fedra. Porém, não conseguia deixar de pensar nos diversos problemas que me afligiam. Já tinham passado quase dois dias desde que estava em Orbias. Começava a ficar preocupada, não conseguia evitar. E o baile daquela noite? Como iria correr? Tinha medo do tipo de inimigos que poderia encontrar e, depois daquele dia e da última visão, percebi que não iria ser assim tão fácil proteger os dois mundos da Sociedade Índigo. Jynx era apenas uma subordinada da Sociedade e parecia-me imensamente forte. Tinha de encontrar as restantes Guerreiras depressa.

Mesmo com estes pensamentos em mente, percebi que havia muitas pontas soltas em toda a situação, muito por causa de Sebastian. E aquela visão de Orville e da moura ainda adensava mais aquele mistério. Não tinha profundo conhecimento do meu suposto inimigo, nem da História daquele mundo, nem do mal que lá acontecia. Ou até mesmo de que forma os acontecimentos desse mundo influenciariam a Terra e os seus habitantes. Dei-me conta de que me sentia posta de parte pela Sociedade Escarlate e por Sebastian, como se eu e as outras Guerreiras fôssemos apenas uma espécie de marionetas. Deixei as perguntas de lado e concentrei-me na nossa missão durante o baile. Tinha de estar atenta para identificar situações ou pessoas estranhas.

Abri o guarda-roupa e notei que havia mais roupa ali que numa loja de um centro comercial. E das grandes! Porém, no meio da confusão de cores, vi o vestido indicado para mim. Era perfeito! Preparei-me com todo o cuidado e olhei-me ao espelho para os retoques finais. Tinha o cabelo negro apanhado em cima da cabeça e preso com pérolas, uma madeixa de cabelo estrategicamente penteada para o lado, quase tapando um dos meus olhos contornados a preto para evidenciar os meus olhos azuis. Os lábios estavam pintados de vermelho, o que contrastava com a minha pele cândida. Cobrindo o meu corpo, um maravilhoso vestido corrido até aos pés, de um branco brilhante, com rendas em baixo. Enroladas nos meus pulsos estavam fitas de seda da cor da neve. Nas costas do vestido estavam cosidas duas asinhas de anjo com penas de cisne. Não estava transformada e, no entanto, sentia-me um anjo. Não era muito confiante nas minhas capacidades e na minha aparência, mas agora sentia-me bela e feminina. Saí do quarto e depressa um criado apareceu para me guiar até ao salão do baile. Reparei que ele estava muito nervoso ao pé de mim e não parava de me olhar de esguelha, como se estivesse viciado em mim. Senti-me incomodada, mas secretamente vaidosa.

No Grande Salão do Baile já estava tudo pronto. Era gigantesco e luxuoso, como todo o Palácio de Pérola. Eu estava no cimo de umas escadas, com algas e luzinhas entrelaçadas no corrimão que me lembravam enfeites de Natal. Era por aí que os convidados entravam. A meu lado, outro criado que anunciava as ilustres pessoas que chegavam. À volta do salão estavam mesas alinhadas exibindo um verdadeiro banquete, com todo o tipo de alimentos requintados e muito bem confeccionados. No tecto, vi um ostentoso lustre muito brilhante que iluminava toda a sala e várias faixas a adornar as paredes brancas. No lado oposto à porta de entrada, uma janela que chegava ao grande tecto, com duas portas envidraçadas abertas que davam para um balcão. A vista dali era maravilhosa, não só porque se via o mar, mas porque estava decorado com vários pontos luminosos. No centro da sala já dançavam alguns pares de convidados magnificentemente vestidos. A música era linda e vinha de uma banda com instrumentos, não iguais, mas muito semelhantes aos da Terra, que acompanhavam a voz melodiosa e miraculosa de uma bela mulher. Era algo que encantava qualquer um. Perscrutei a sala em busca de Lorelei ou Lily-Violet, mas ainda não tinham chegado. De súbito, o criado a meu lado gritou tão alto que saltei com o susto.

– A entrar, a Guerreira da Omnisciência, Noemi Ethereal!

Todas as cabeças se viraram para mim e eu senti as mãos ficarem molhadas e a cara vermelha como o fogo. Estava tão envergonhada! Não gostava de ser o centro das atenções, principalmente de pessoas tão emproadas e elegantes que me analisavam dos pés à cabeça com uma infinidade de lupas. E eu nem conhecia aquelas pessoas de lado nenhum. Por momentos, soube o que sentiam as cobaias de um laboratório ou um animal num circo de bizarrias.

Uma cabeça no meio daquelas centenas interessava-me mais que tudo. Sebastian estava no baile! Elegantemente vestido com um fato mais sóbrio, mas sempre lindo. Tinha a mão esquerda no bolso, enquanto a direita agarrava num copo alto. Ao pé de si estava um rapaz também muito bem vestido, mas que não reconheci de imediato. Era Adam! Estava penteadinho, com o fato formal a tapar-lhe as tatuagens, e sem *piercings*. Era um novo rapaz. Ou melhor, parecia um homem. Ao longe também vi Cordélia, com um terrível vestido às flores e uma *écharpe* velha. Ela já dançava na pista, alegre e divertida, com um homem gordo e baixo, numa combinação irreal. Desci as escadas em direcção a Sebastian e Adam enquanto o anunciante de convidados gritou gravemente.

– A entrar, a Guerreira da Vida, Lorelei Ondine!

Virei-me para trás. As portas abriram-se revelando Lorelei, de cabelo apanhado atrás com ganchos de coral, um vestido com uma abertura até ao umbigo, sem alças, estreito até aos joelhos, abrindo a partir daí com uma enorme cauda. Estava deslumbrante e a maior parte dos convidados virou-se para ver quem era a fabulosa e sensual rapariga que chegava.

– Vai lá. Não vais deixar a Lorelei sem par, não é? – ouvi Sebastian dizer a Adam com um sorriso trocista.

O rapaz com o artefacto de Adão aproximou-se das escadas para receber Lorelei com uma mão estendida. Bamboleante, a linda Sereia desceu as escadas e surpreendeu-se com quem a recebia.

– Adam? Tu aqui? Estás… diferente! – Adam limitou-se a sorrir e a agarrar-lhe na mão com pulseiras de pérolas. Lorelei retribuiu-lhe o sorriso e partiram os dois para a pista de dança sem mais palavras.

– A entrar, a Guerreira da Criação, Lily-Violet Fayette!

Lily entrou, também deslumbrante, com os cabelos apanhados atrás com florzinhas pequenas, um vestido verde decotado com rendinhas que acabava com flores gravadas e uma racha enorme até à coxa. Por todo o vestido estavam cosidas pequenas flores, tal como Lily gostava. Desceu as escadas e dirigiu-se de imediato à mesa de comida com grande voracidade, provocando olhares de reprovação entre as pessoas que estavam ali perto.

Olhei para Sebastian e vi que os seus olhos negros escorregavam discretamente por todo o meu corpo. Senti-me mais envergonhada do que quando todos no baile se viraram para olhar para mim. Mas também sentia que aquele era o olhar de quem estava completamente deslumbrado e enfeitiçado. Teria conseguido conquistar Sebastian? O meu coração palpitava como se gritasse: «Sim! Sim!» Era a minha vingança pessoal e íntima por ele próprio me ter tentado seduzir na cozinha de Lorelei. Ele estendeu-me a mão enquanto sorria sedutoramente. Conduziu-me até à pista de dança, sem palavras, para onde conseguíamos ver Lorelei e Adam a dançar. Ela estava divertida, mas ele pouco à vontade e atrapalhado. Ao som da suave melodia, Sebastian disse-me ao ouvido que estava a guiar um formoso anjo pela pista de dança e que eu estava muito bonita. Agradeci-lhe o elogio com um olhar terno.

Enquanto ele me agarrava na cintura e eu no seu pescoço, balançámos ao som calmo da música. Assim tão próxima dele, a concentração do seu perfume nas minhas narinas era extasiante e viciante. Sentia que estava a ter uma overdose de Sebastian, mas não queria parar, queria mais e mais. Se eu fosse uma vampira, estava a sugar-lhe todas as gotinhas de sangue. Ele era como uma droga pesada a controlar todo o meu corpo e desejos. Enfraquecida pelo poder que Sebastian exercia sobre mim, deixei cair a minha cabeça no seu peito. Conseguia ouvir o seu coração e desejei por momentos ser eu dentro do seu peito para estar sempre com ele, para sentir todas as suas emoções e para parar com ele quando fosse a hora. Pela aceleração do seu coração, percebi que eu também não lhe era indiferente, o que me alegrou bastante. Deixei-me levar pelos seus braços. A música parou e deu lugar a outra mais mexida. Acordei do sonho e olhei para ele, que me sorria com uns dentes brancos e perfeitos. Reparei que os dentes dele me lembravam um menino malandro e reguila. Sorri-lhe de volta, completamente enternecida.

Na sala já cheia de convidados ilustres que eu desconhecia, consegui identificar num canto Fedra com as suas três filhas, com ar de quem não se estava a divertir mesmo nada. Não muito longe, estava Lily-Violet a falar imenso com um casal com ar emproado e ao mesmo tempo arrependido por tê-la abordado. Lorelei parecia conversar alegremente com Adam, enquanto dançavam. Estavam a dar-se muito bem, se bem que Adam parecia não abrir muito a boca perante a extrovertida Lorelei.

– A entrar, a vossa anfitriã e governante dos mares deste Mundo, a Imperatriz dos Mares, Sairen Atlantia!

A voz formal do criado antecedeu a entrada de uma mulher altiva, na casa dos trinta anos, de cabelo negro até ao chão e um longo tridente adornado com jóias na mão direita. Tinha um comprido vestido cor-de-rosa até aos pés, com uma cauda de vários metros. No tronco tinha borboletas pousadas, com algumas delas a esvoaçarem à sua volta. Ela personificava perfeitamente a beleza do mar de Orbias.

Como se estivesse ansiosa por conhecer as Guerreiras, procurou por nós. Como eu fui a primeira que ela identificou, veio rapidamente ter comigo. Percebendo, Lorelei e Lily-Violet vieram ter connosco também. Perto de mim, confirmei a anormal altura da mulher. Deveria ter quase dois metros, o que metia muito respeito. Com uma aia sempre atrás de si, a Imperatriz agarrou na minha mão, depois nas mãos das recém-chegadas Lorelei e Lily, e sacudiu-as jovialmente.

– Finalmente que vos conheço Guerreiras. Não imaginam como ansiei por este dia. Estou muito feliz. Espero que este baile que organizei em vossa homenagem seja do vosso agrado. – Fez questão em aumentar o volume da voz na última frase para que os convidados à sua volta a ouvissem. – Mas não vos vou importunar mais. Quero que se divirtam nesta noite maravilhosa. Acho que merecem. Nós teremos oportunidade de falar melhor. Com licença. – E afastou-se para cumprimentar outros convidados.

A sua aparência respeitável e o luxo do seu palácio nada tinham a ver com a sua humildade e simpatia. Gostei bastante dela. Mesmo sem a conhecer, havia ali uma enorme empatia. Lorelei e Lily voltaram a afastar-se de mim. Entretanto, Sebastian convidou-me para ir até ao balcão contemplar o mar e as estrelas. Percebi desde logo que estava prestes a entrar numa cena romântica de um filme ou de um livro. O meu coração acelerou de novo. Parecia um cavalo de corrida ou um galgo em competição. Tímida como eu era, não estava preparada para aquilo. Estava em pânico! Toda eu tremia como se estivesse prestes a vomitar uma baleia. Mas talvez estivesse a exagerar. Não ia acontecer nada, só íamos ver a paisagem nocturna. Realmente, a vista era maravilhosa. A grande Lua branca no céu, as estrelas, os pontos luminosos no mar calmo. Tudo estava em perfeita harmonia…

– Já te disse que estás especialmente bonita hoje? – disse Sebastian.

– Hã?… Só cinco vezes hoje, a última das quais há dois minutos – repliquei eu sem olhar para os olhos de Sebastian. Não queria fraquejar perante aqueles olhos penetrante. Não aguentava a explosão de paixão.

– Noemi… eu sei que ainda estás muito confusa com tudo o que tem acontecido e eu não tenho conseguido ajudar-te da melhor forma. Mas quero que saibas que eu estarei sempre aqui para ti. Especialmente para ti. – Não parecia ele, estava demasiado sério. – Desde o momento em que te vi naquela rua na Terra que me arrependo de te ter dado a conhecer a tua identidade secreta.

– Sebastian, mas o objectivo da Sociedade… – Olhei para os olhos dele que, à luz da noite, pareciam ainda mais profundos.

– Isto tem-me atormentado a cabeça o tempo todo e acho que por vezes tento disfarçá-lo através das minhas brincadeiras contigo. Eu não queria ser o responsável por pôr a tua vida em risco. Ando nisto há… – ele hesitou – … mesmo muitos anos e sei o que custa. Não quis o mesmo para ti. Sei que fui egoísta, optei por te conhecer e fazer despertar, sem sequer te ter dado outra opção. – Nem parecia dele ter aquele tipo de conversa confessória.

– Mas eu não me arrependo de me ter tornado uma Guerreira. E nem sequer estou a pensar no poder que tenho para salvar os dois mundos. Estou feliz porque ser uma Guerreira permitiu-me conhecer-te, à Lorelei e à Lily, e isso revelou-se o acontecimento mais feliz da minha vida. Sebastian, não penses assim… – Instintivamente, estiquei a mão para agarrar na dele, mas só apanhei ar. Ele estava a evitar tocar-me.

– Aaah… Eu tenho outra coisa para te dizer. Eu não queria, mas a Cordélia convenceu-me a vir a este baile… – Hesitou como se escolhesse muito bem as suas palavras. Pigarreou, por fim. – Há muito tempo que tentava subir de posto na Sociedade Escarlate. Finalmente consegui, mas isso significa ter maior responsabilidade e outro tipo de missões. Isso também quer dizer que já não vou ser o vosso guia. Provavelmente, já nem nos voltaremos a ver. Odeio despedidas, mas nós também ainda mal nos conhecemos. Queria apenas dizer-te adeus, Noemi. – Os seus lindos olhos estavam tristes e aguados, mas evitavam-me ao máximo. Era o sinal da mentira.

– Vais-te embora?! Mas quem nos vai guiar agora? Quem… vai gozar comigo agora? – O desespero na minha voz revelava mais do que queria que ele notasse. Começava a sentir-me como uma velha, enrugada, curvada e cheia de dores. A minha alma gritava de aflição quando lhe agarrei na mão, finalmente.

– Por enquanto, será a Cordélia, mas a Sociedade vai destacar alguém para me substituir. Vais ver que é melhor assim! Adeus! – E saiu disparado pelo salão do baile.

Eu estava oca, vazia, sem coração, sem alma. Não consegui sequer reagir quando vi Sebastian desaparecer por entre a multidão. Nem consegui raciocinar perante o pensamento de que aquele era provavelmente o último vislumbre dele. Paralisada e anestesiada, nem sentia a torrente de lágrimas amargas que me escorriam pelo rosto pálido. Mas fui a tempo de me virar para o mar, encostada ao balcão. Odiava demonstrar os meus sentimentos. Envergonhava-me. Mas não consegui controlar as teimosas lágrimas e os soluços perante o pensamento de que não iria ver Sebastian de novo. Mentalmente, chibatei-me por ter sido tão descuidada e deixar-me apaixonar por um homem de outro mundo e que mal conhecia. Logo eu que era uma sonhadora e que prometi a mim mesma só me envolver com um homem que achasse ser a minha alma gémea, o meu príncipe encantado. Na realidade, não me tinha envolvido com Sebastian, apenas em pensamentos. Mas era o suficiente para me sentir culpada e extremamente triste. O pior de tudo é que sentia que Sebastian me tinha mentido. Os sinais eram demasiado óbvios. Ele não gostava de mim, não me suportava e tinha inventado uma história estúpida só para se ver livre da susceptível e fraca Noemi!

Desmaiei subitamente quando Lorelei e Lily chegaram ao pé de mim, mas não devido àquele desgosto. Uma estúpida visão não podia ter vindo em pior altura. Porcaria de poder de Omnisciência que eu nem compreendia…

\*

Vi Lily-Violet ao pé de uma das mesas de comida. Como sabia que naquele momento ela estaria a carregar o meu corpo apático para o quarto, percebi que aquela cena tinha ocorrido minutos antes do desaparecimento de Sebastian. Lily-Violet já estava farta do baile. Tinha comido demais e as pessoas com quem falava davam a sensação de querer despachá-la. Era algo a que já começava a habituar-se. Mas ela era assim. Só quem a aceitasse era digna da sua atenção. Era algo que sentia com Lorelei e comigo, que nos tínhamos tornado na sua família desde que deixara a sua «mãe improvisada» na floresta de flores. Encostada à parede branca, via todos os convidados a divertirem-se bastante, dançando, conversando. E logo ela, que era tão divertida estava ali sozinha e aborrecida.

Notou que estava um casal meio escondido num canto, ao pé de si. Conversavam baixinho atrás de uma grande planta que os ocultava do resto da festa. Os seus sentidos apurados de Fada diziam-lhe que eram muito estranhos e suspeitos. Disfarçadamente, aproximou-se deles, fingindo que ia escolher qualquer coisa da mesa para comer. Ele vestia um fato branco, sumptuoso, tinha cabelo negro e sobrancelhas arqueadas e maquiavélicas. Ela parecia uma moura, com a cara tapada por um véu, deixando dois grandes olhos verdes à mostra. Eu… conhecia-os de algum lado.

– Puf! A Sairen pensa que é com festas destas que esconde o que realmente se passa em Orbias. Ridícula. – A voz masculina era pretensiosa. – E as Guerreiras? Nem quero pensar que a Jynx foi derrotada por três raparigas que estão mais interessadas em vestidos do que no que se passa por aqui. Ainda bem que eu tenho o meu «passe de salvação» garantido.

– Cuidado Regente… – A moura sibilava como uma cobra. Olharam os dois para Lily, reparando que ela os estava a ouvir. Para disfarçar, Lily-Violet enfiou na boca a primeira coisa que agarrou, para parecer que estava só a comer. Era um bolinho de triganjas… Lembrei-me de onde conhecia as duas figuras suspeitas. Era Orville e a sua moura, que tinham surgido na minha anterior visão. A minha missão tinha sido cumprida, tinha descoberto um regente de Orbias que pertencia à Sociedade Índigo. Estava prestes a despertar da visão, mas fiz uma imensa força para continuar a tê-la e aproveitar a minha droga favorita, a paz e a calma habituais das visões. Não queria voltar para o estado lastimável em que estava. Ao longe vi-me a mim a dançar amorosamente com Sebastian e já não quis continuar mais ali. Voltei para o meu corpo miserável.

Protecção

Eu estava com uma nuvem negra a precipitar-se na minha cabeça. Aquela tinha sido a pior noite da minha vida. E ainda não conseguia esquecer a imagem de Sebastian a sair do baile. Típico de mim, imaginava os piores cenários possíveis. Que ele tinha inventado aquela desculpa porque não gostava de mim e não suportava estar perto de mim. Que ele criava aquela história como brincadeira só para gozar comigo. Que era homossexual ou tinha namorada, e não estava minimamente interessado em mim ou nos meus sentimentos. Alguém que batia à porta interrompeu estes estúpidos e mirabolantes pensamentos. Agradecida, abri-a e deparei-me com Lorelei, seguida de Lily-Violet. Ela tinha a cara tão inchada e com tantas borbulhas que até me assustei. Quase nem a conseguia identificar.

– Triganjas… Enfim, vamos fazer uma festa do pijama para te animar a ti e à Lily!!! – disse Lorelei, saltando para cima da minha cama, ignorando a minha cara de depressão. – Podemos falar de rapazes, dos vestidos, do baile e de tudo o mais – Lorelei parecia uma adolescente.

– Preferia não falar sobre nada, não tenho paciência. Mas falem sobre vocês, ajuda-me a distrair. – Dado o seu historial de relacionamentos amorosos, Lorelei entendeu o meu pedido e foi solidária ao ponto de não tocar no assunto que sabia que me feriria. Eu sabia que ela tinha percebido que a minha história com Sebastian naquela noite não tinha terminado bem ou não me teria arrastado para o quarto com a ajuda de Lily.

A alegria e loucura de Lily pareciam ter passado para Lorelei. Mas eu até achava que ela exagerava na sua excitação só mesmo para me animar. Lily estava bastante triste por ter achado o baile monótono e por, ainda por cima, ter ficado naquele estado alérgico. Já Lorelei não parava de falar sobre Adam e o quanto tinha gostado dele, apesar de ser introspectivo e calado, muito diferente do tipo de rapaz com quem ela normalmente se relacionava. Após manter-me muito tempo silenciosa, acabei por explodir e contar todos os pormenores da minha trágica noite com Sebastian. Fui até mais longe e contei tudo o que sentia, toda a paixão e conflito interior que sentia desde que conhecera Sebastian há alguns dias. Eu era muito fechada acerca dos meus sentimentos e segredos, muito introvertida. Mas o facto de ter conhecido aquelas duas amigas e ter despertado como Guerreira provocaram uma vertiginosa mudança em mim. Sentia que as conhecia desde sempre e que lhes podia contar até o mais íntimo dos meus segredos. As duas raparigas agarram-me na mão gelada, esfregando-a para me garantir coragem para superar aquilo. Estava-lhes grata pelo apoio, mas odiava o olhar de pena que me dirigiam, como se eu tivesse sido condenada à morte.

Depois da confissão, decidimos mudar de assunto e falar de coisas mais sérias, até para tentar esquecer toda a situação. Eu esforcei-me ao máximo para me concentrar. Lily-Violet contou-nos as suas suspeitas daquele casal de quem tinha ouvido parte de uma conversa. Ficou muito surpreendida e confusa quando lhe disse que tinha assistido a tudo com a ajuda do meu poder de Omnisciência. Depressa relacionámos aquelas suspeitas com a minha visão na torre de mármore e confirmámos que Orville, regente de Marblia em Orbias, e as suas duas subordinadas, Jynx e a moura misteriosa, faziam definitivamente parte da Sociedade Índigo. Pelo menos, eram os únicos que tinham feito contacto directo connosco.

Lorelei contou-nos também que tinha conhecido pelo menos dois regentes de Orbias, Mab de Faylinn, e Monbel, de Grimmus, mas que não lhe parecia que tivessem alguma coisa a ver com a Sociedade Índigo. No entanto, contaram-lhe que a população de Orbias andava receosa com os possíveis actos da Sociedade Índigo, principalmente no caos que provocariam com a sobre-exploração de magia naquele mundo. Também tinha conhecido duas sacerdotisas da Deusa que se prontificaram a explicar-lhe a religião daquele mundo e contar-lhe algumas lendas ancestrais. Eu pedi-lhes desculpa, pois não tinha conhecido ninguém em especial nem detectara personagens suspeitas. Senti-me terrivelmente por ver que até Lorelei, que estava entretida com Adam, superou as minhas expectativas no que dizia respeito ao cumprimento da sua missão. Eu não tinha levado tão a sério aquela simples mas importante missão, completamente hipnotizada que estava por Sebastian. Se não tivesse tido a visão involuntária de Orville, não tinha servido para nada naquela noite. Eu odiava falhar! Dúvidas sobre a minha eficácia enquanto Guerreira, ou até sobre a necessidade de eu estar ali, começaram a assolar-me. Talvez não tivesse estofo nem capacidades para aquilo… Talvez fosse melhor desistir.

No final da conversa, tivemos um pequeno debate acerca da Sociedade Escarlate. Falámos sobre as nossas desconfianças e sobre a omissão de informações, mesmo com toda a ajuda que nos davam. Se eram as Guerreiras renascidas que protegeriam os dois mundos, achavamos que estavamos um pouco esquecidas, que estavamos a ser usadas como distracção, tanto para a Sociedade Índigo, como para os habitantes dos dois mundos. Concluímos que era melhor sermos mais cautelosas e ter mais iniciativa: reunir informações e encontrar as restantes Guerreiras eram as prioridades. Para afastar a tristeza por causa de Sebastian e as minhas dúvidas existenciais, virei-me para Lorelei.

– Já agora. Fiquei surpreendida por ver o Adam lá. O que se passou com ele depois de sairmos da Terra?

Aquele súbito pensamento de Adam alegrou-me um pouco o espírito. Devido à minha visão com ele, conhecia-o por dentro. Conhecia o seu íntimo, talvez até melhor que o das minhas duas novas amigas. Ainda não tinha tido oportunidade de conversar com ele. Queria mesmo tornar-me amiga dele e achei que deveria estar ali connosco a partilhar aquelas conversas. Mesmo sem ser um Guerreiro, era um dos nossos, até porque também era um terrestre.

– Ah, esqueci-me disso. Tipo, ele de início ficou chocado com tudo o que descobriu naquela noite. O Sebastian e a Cordélia tiveram uma longa conversa com ele. Ele ainda passou um mau bocado, calado e pensativo, mas chegou ao pé deles, do nada, e só pediu para ajudá-los a encontrar os outros três detentores dos artefactos. Eles aceitaram porque, dessa forma, a Sociedade podia protegê-lo. Acho que ele se sentiu impelido a fazê-lo, a encontrar e a ajudar outros como ele. Agora está numa situação semelhante à nossa.

– Mas, esperem aí… Pelo que vocês me disseram, esses quatro artefactos são os instrumentos para provocar a união dos mundos… e é a Sociedade Escarlate que tem procurado essas pessoas. Não seria uma missão nossa, que temos de proteger os dois mundos? – perguntou Lily-Violet, como se fosse uma criança inocente a perguntar como nascem os bebés.

– Hum… Tens uma certa razão, Lily. Por isso é que acho que a Sociedade anda a esconder-nos muitas coisas. De qualquer forma, nenhuma das Sociedades tem tido muito sucesso na descoberta dessas pessoas, até porque não sei como o fazem; por isso, acho que é um problema que está por resolver… – Olhei para a dobra de um lençol, pensativa.

Alguém bateu novamente à porta. A aia que acompanhava a Imperatriz dos Mares no baile entrou no quarto, após a nossa permissão, e disse-nos que a Imperatriz nos esperava no Salão do Baile. Achei muito estranho, principalmente porque era tardíssimo e já estávamos com os pijamas de seda vestidos. Seguimos a aia, mesmo em trajes de noite, perante a urgência do seu pedido.

O salão estava completamente diferente. Já não estava decorado, não havia mesas com comida e a grande janela estava fechada. O silêncio e a escuridão pareciam dominar a sala. Com aquela rapidez, os criados da Imperatriz estavam de parabéns! No centro do que tinha sido a pista de dança estava a imperatriz Sairen Atlantia, venerável e imponente. Tinha ainda a roupa do baile. Quando chegámos ao pé dela, sorriu e pediu desculpa pelo incómodo.

– Os convidados já saíram todos, voltaram para as suas terras. Agora que temos um momento a sós, tenho uma coisa para vos mostrar e algumas considerações que vos quero transmitir. – Naquele silêncio em nada semelhante ao ruído de um baile, repararei que a voz dela era grave e forte. – Agarrem-se ao meu tridente, por favor. Se bem que tu não precisavas, Lorelei. – Sorriu para ela.

Agarrámos no tridente cheio de jóias, sem perguntas. O arco no chão aos nossos pés abriu-se magicamente, revelando o mar escuro e calmo lá em baixo. De início assustei-me porque pensei que ia cair e afogar-me. Mas estava a pairar no ar. Começámos a descer, mergulhando na água dentro de uma bolha de ar que se ia afundando no mar. Descendemos durante vários minutos, olhando para os pilares que realmente eram altíssimos e que se perdiam nas profundezas do oceano. Acabámos por chegar a uma rocha abobadada cheia de coral, no fundo do mar, mesmo por baixo do palácio.

Como era de esperar, estava escuro como breu lá dentro, o que me afligiu. Acho que me fez lembrar da noite em que fui atacada por… Sebastian. A Imperatriz ergueu o tridente e acenderam-se múltiplas bolas de luz, colocadas aleatoriamente pela ampla sala.

No interior, a sala arredondada era semelhante à parte exterior. Estava-se muito mal lá dentro. Havia água a escorrer nas paredes e o ar era muito húmido e sufocante. A areia estava molhada e os meus pés afundaram-se bastante nela. Parecia que a câmara se ia inundar dali a momentos. Não era claustrofóbica, mas acabei por sentir-me assim naquele momento. À volta da gruta estavam colocadas cinco esferas de cores diferentes. Percebi desde logo que era algo que pertencera às Guerreiras ancestrais. Senti-me estranhamente atraída pela esfera branca que representava a cor do meu poder de Omnisciência. Parecia irradiar a mesma calma e paz que sentia quando tinha as minhas visões. Vi que Lorelei olhava para a esfera azul e Lily-Violet para a esfera amarela.

– Em todo o mundo de Orbias, só eu tenho conhecimento desta sala. Nem os meus criados fazem ideia da sua existência. Aqui estão adormecidos os chamados Entes Padroeiros, anteriormente pertencentes às Guerreiras ancestrais. Antes de se dirigirem para Deep Hollow, as Guerreiras deixaram aqui guardados os grandes poderes dos seus patronos, como sugestão da Guerreira da Vida, a primeira dona e construtora deste belíssimo palácio. – Lorelei virou-se para ela em êxtase. – A existência desta sala é um segredo guardado pelos donos do Palácio de Pérola e passado de geração em geração. E desde há cento e cinquenta anos que a sala está ao meu cuidado. – Eu nem acreditava que a Imperatriz já tinha aquela idade, mas, naquele mundo mágico, o tempo podia correr de forma diferente. Aliás, isso lembrou-me que eu nem sabia ainda de que forma o tempo passava em Orbias. Teria de perguntar a Melusina, um dia. – As Guerreiras obtiveram estes poderes quando lutaram na batalha épica com os Humanos. É como uma espécie de chave que desencadeia a vossa força e desejo mais íntimos e os materializa em energia poderosa. É como se fosse o espelho da vossa alma. Hoje, eu sinto que os mundos estão de novo em perigo, passado tanto tempo. É a altura ideal para se usar de novo estes poderes. Aproximem-se e toquem na vossa esfera. Eu estarei aqui à vossa espera.

Sem perceber aquela frase, agarrei na minha esfera branca. As outras fizeram o mesmo. Um brilho intenso inundou a sala e deixei de vê-la, só via uma ofuscante e pacífica luz branca. Parecia que estava num sonho, não sabia se estava acordada ou a dormir. Até podia dizer que era uma nova visão, mas a paz e calma que sentia estavam em triplicado no meu corpo. Se eu as considerava uma droga, estava com uma grave e mortal overdose. Ao fundo do meu suposto sonho vi um denso nevoeiro formar-se. Ouvi o som de cascos de cavalo e, do meio das brumas, surgiu um homem jovem num cavalo branco. Tinha vestes douradas e cabelo louro. Nas mãos empunhava uma comprida lança de prata. Um jovem rei perdido no tempo da História. Eu olhei para ele e soube então que havia criado um laço com o meu Ente Padroeiro. Éramos cúmplices e ele proteger-me-ia quando mais precisasse. O cavaleiro voltou a desaparecer no nevoeiro branco e, voltando à sala de coral, perguntei-me de que forma os meus desejos e força se materializavam naquele belo jovem.

Olhei para a minha mão e lá estava a esfera. Lorelei e Lily-Violet também tinham voltado. A primeira contou que o seu Ente Padroeiro era um navegador de barbas que viajava num grande navio por todos os mares e oceanos, descobrindo terras exóticas e desconhecidas com um agradável odor a especiarias. A segunda tinha como protectora uma rainha linda e gentil que transformava o pão que secretamente dava aos desfavorecidos em formosas rosas vermelhas.

A Imperatriz pegou nas outras duas esferas e entregou-mas, pedindo-me que, quando encontrasse as outras Guerreiras, lhas entregasse. Como líder das Guerreiras, era essa a minha responsabilidade. Não gostei de pensar em mim enquanto líder. Nunca tinha sido boa a liderar, não tinha uma personalidade muito forte. Abri a bolsa de pele que tinha à cintura e coloquei as duas esferas lá dentro juntamente com a minha.

– Mas, nós somos seis… Só aqui estavam cinco esferas. Falta a sexta – disse Lorelei, contraditoriamente perspicaz.

– Essa esfera nunca chegou a estar aqui. Foi construída uma cavidade para essa esfera, mas a verdade é que a Guerreira da Omnipresença nunca chegou a deixá-la aqui. Talvez se prenda com o facto de ela ter traído as Guerreiras… Bem, a Sociedade já vos entregou armas e já têm os Entes Padroeiros sob o vosso poder. Com um pouco de treino e tornar-se-ão tão ou mais fortes que as Guerreiras ancestrais. Sinto uma grande concentração de poder da Deusa dentro de vocês. É como se a própria Deusa estivesse aqui. Mas ainda bem que assim é porque o vosso inimigo é alguém muito mais forte e organizado que os bárbaros, que as Guerreiras outrora enfrentaram.

Entreolhámo-nos as três e subimos as escadas para o centro da sala para nos agarrarmos ao tridente e voltar para cima. Todavia, a Imperatriz recuou o ceptro e, hesitantemente, falou connosco.

– Meninas… eu apoio a Sociedade Escarlate. Mas vou dar-vos um conselho. Confiem apenas em vocês próprias. Os dois mundos abundam em espiões e traidores. Nunca sabemos se a pessoa em quem mais confiamos nos vai apunhalar pelas costas no minuto seguinte. Vou manter a minha aliança com a Sociedade por motivos pessoais e estratégicos. Contudo, saibam que é em vocês que deposito a minha total confiança. Prevejo um futuro negro para este mundo mágico e para o vosso próprio mundo, protegido do conhecimento destes factos. Até sinto que Deus e a Deusa nos estão a abandonar… Precisamos de fazer os possíveis para impedir o caos e a destruição iminentes – a Imperatriz ficou com um olhar vão e distante, mas logo despertou – Vamos?

Emergimos da sala em direcção ao palácio. Pelas palavras sinceras da Imperatriz dos Mares, eu, Lorelei e Lily-Violet soubemos que tínhamos ali a nossa maior apoiante naquele mundo. Além disso, confirmou-nos o que já tínhamos concluído: não podíamos continuar a confiar a cem por cento na Sociedade Escarlate.

Desejo

Deixei as exaustas Lorelei e Lily-Violet nos seus respectivos quartos. Entrei no meu ao fim de alguns minutos a percorrer aqueles corredores típicos de um hotel, mas nem quis acender as luzes. Não queria acordar as lembranças de Sebastian e as minhas sérias dúvidas do meu papel enquanto Guerreira. Arrastei-me para a cama como um *zombie*, fracamente iluminada pela luz azulada da Lua lá fora. Sentindo-me quente, despi a camisa de dormir, ficando apenas com a minha *lingerie* preta vestida. Alguém bateu à porta e eu imaginei que fosse Lorelei ou Lily-Violet que me quisessem dizer alguma coisa. Deixei-me ficar seminua e dirigi-me até à porta com a típica locomoção de uma morta-viva.

Sufoquei com o meu próprio ar. Ou melhor, com a falta dele. Todo o meu corpo ficou inerte perante a visão que me asfixiava sem piedade. Sebastian estava à minha frente, encostado com uma mão à ombreira da porta, gravata alargada e expressão hesitante. A simples imagem dele à porta do meu quarto fez-me reviver os fatídicos momentos de há horas atrás e sofrer dentro de mim. Mas se pudesse ficar ali a olhar para ele, então queria sofrer para sempre só para não voltar a perdê-lo.

Ele parecia ainda mais nervoso e agitado perante a minha perplexidade e silêncio. No seu rosto estavam espelhados um enorme conflito interior e a emergência de uma decisão que teimava em ser tomada. Os seus olhos negros tipicamente juvenis tinham agora a avidez de um homem. Sem dizer nada, aproximou-se de mim, agarrou-me na cabeça com as duas mãos e beijou-me ardentemente. Não consegui ter qualquer tipo de reacção naquele momento. Senti os seus suaves e doces lábios a tocar nos meus, sôfregos, a sua macia língua a perscrutar a minha boca, tentando sugar todo o meu sabor. A minha cabeça experimentava um fenómeno semelhante ao *Big Bang*, uma explosão de imagens, sentimentos, emoções. Ou então era o oposto. Um estado de beatitude tal que eu já tinha atingido o nirvana. Nem conseguia perceber o que estava a sentir naquele momento.

Notando o meu corpo indolente, Sebastian deu um passo atrás e os lábios descolaram-se dos meus com grande dificuldade. Senti mais confusão perante aquele beijo e a presença dele ali do que quando me transformei em Guerreira pela primeira vez. Ele arregalou os olhos, desesperado e expectante por uma reacção minha. Acho que nem estava a respirar de forma a ouvir qualquer murmúrio meu. Mas eu não conseguia sequer pensar. Acho que nem o meu coração estava a bombear sangue naquela altura.

Instintivamente e concentrando todos os meus íntimos desejos em Sebastian, atirei-me para os seus braços beijando-lhe loucamente aqueles deliciosos lábios masculinos. Deixei soltar o animal selvagem e sedento que dormia dentro de mim numa jaula de falso moralismo que eu nem sabia existir. Queria aproveitar todos os pedacinhos de Sebastian, todos os seus poros que me deixavam esfomeada. Eu lutava contra os meus ideais de castidade na minha mente, de que só me relacionaria daquela forma se tivesse a certeza de que encontrara o homem da minha vida, o meu príncipe. Era completamente contra aquele tipo de impulso sexual baseado nos instintos mais profundos. Mas a verdade é que Sebastian mexia comigo e a vontade que tinha em tocar no seu corpo e deixar que ele me tocasse eram muito mais fortes que as minhas vencidas convicções.

Ele retribuía os meus beijos como se me desejasse tanto como eu o desejava a ele. Sem tirar os seus lábios dos meus, da minha cara, do meu pescoço, fechou a porta atrás de si e guiou-me até à minha cama. Eu estava no seu colo, com as pernas nuas agarradas à sua cintura estreita. Atirou com os nossos dois corpos quentes para cima dela, sem nunca se descolar de mim. Continuávamos entregues um ao outro, tocando e examinando minuciosamente o corpo um do outro. Eu sentia a mão calorosa e meiga de Sebastian a tocar em todos os pontos da minha pele pálida, como se quisesse decorar toda a sua textura e curvas. As mãos deles passaram pelos meus seios, mas eu nem o impedi. Largou-me por um momento para se levantar sobre mim. Começou a tirar a gravata e a camisa branca com celeridade. O brilho que vinha do exterior incidia no seu corpo já despido, tornando-o perfeito e etéreo ao meu olhar. Os seus músculos eram rijos e bem torneados, com uns fracos pêlos deliciosos a adorná-los. Sempre em silêncio, ele voltou a deitar-se sobre mim para me beijar, desta vez sentindo todo o calor da sua pele a misturar-se com o meu. Beijou carinhosamente a minha boca, face, pescoço, peito, barriga… Eu sentia-me no céu, estava viciada nele e no seu toque aveludado, doce e gentil. O perfume da sua pele deixava-me ainda mais em êxtase.

Mesmo sem perceber ainda o que era aquilo que me estava a acontecer e o que sentia realmente dentro de mim, tive a certeza de que me queria entregar a Sebastian. Estava preparada e desejava-o com todos os poros do meu corpo e toda a infinidade do meu ser. Não sabia o que aconteceria se o fizesse, se cairiam raios castigadores ou se o mundo ia acabar por fazer algo que até então achava devasso e pecaminoso. Mas queria Sebastian para mim, queria-o dentro de mim para perpetuar a sensação de sermos um só.

Abraçados, acelerados e ofegantes, deixámo-nos ir pelo prazer e pelo amor, num fogo ainda mais quente que o próprio fogo. A vida que corria dentro de Sebastian, ardia dentro de mim!

\*

Sebastian estava de olhos fechados, mas sabia que estava apenas a pensar. Os meus olhos deslizaram pelo seu rosto perfeito, pelo maxilar suave de menino e pelo seu corpo seminu banhado pela luz lunar. Confirmei que realmente era muito difícil para mim resistir à delícia que Sebastian era. Tentava lutar contra a minha vontade de estar com ele, mas não era forte o suficiente para consegui-lo. Depois daquela noite intensa com ele, em que tinha perdido literalmente todos os meus antigos ideais, fiquei feliz por saber que não estava minimamente arrependida de o ter feito. Não me sentia uma prostituta. Não tinham caído raios. E o mundo não tinha acabado. Todo aquele moralismo medieval e religioso que tinha em relação a rapazes era mesmo muito estúpido. Era humana, não era uma Deusa. Estava apenas a responder ao coração em detrimento da razão. E, ainda assim… nem uma ponta de arrependimento.

Tinha a certeza de que Sebastian era a minha alma gémea e que queria ficar com ele para sempre. Conhecia-o há tão pouco tempo e pouco ou nada sabia da sua vida. Simplesmente, amava-o e o meu coração dizia-me que ele era o tal. Até estava disposta a abdicar da minha vida terrestre para ficar com ele, caso a separação definitiva dos mundos significasse a nossa própria separação também. Um acesso de racionalidade atingiu os meus pensamentos e falei com ele. Curiosamente, desde que lhe tinha aberto a porta que nenhuma palavra tinha sido pronunciada naquele quarto.

– Queres falar um pouco sobre o que se passou aqui? Depois de tudo aquilo no baile, porque voltaste? E porque me dominaste desta forma maravilhosa? – Aquela memória má parecia ter desaparecido, até porque eu sorria ao falar nela.

– Acho que me precipitei. – Ele abriu os olhos e virou-os para mim com um brilho magnetizante – Fui um burro, um estúpido que não disse tudo aquilo que me sufocava a garganta desde a noite em que te vi pela primeira vez. Senti que te conhecia há milhares de anos!... Linda, bela, formosa, delicada e, ao mesmo tempo, com uma intensa força interior. E tens uma grande capacidade para me fazer rir. O meu coração enfraquecia aos poucos quando não estava contigo, mas ganhava novo fulgor quando estava na tua presença. Eu acho que me sentia de facto culpado por te ter acordado. Preferia que continuasses a ser feliz seguindo a tua vida normal, mesmo que isso significasse ficares longe de mim. – A sua voz estava um pouco rouca com toda a energia gasta comigo.

– Mas esta é a minha nova vida. Tu és a minha vida agora, eu sinto-o cá dentro. Tu e as Guerreiras. E tenho a certeza de que sentes o mesmo. – Agarrei-lhe na mão para reforçar o que dizia. Mas a face dele ficou repentinamente negra e desviou os olhos de mim para fixar um ponto pensativo no tecto.

– A verdade, Noemi, é que eu de facto fui promovido dentro da Sociedade Escarlate. Acharam que eu tinha dado provas suficientes para me garantirem missões de maior responsabilidade. São missões demasiado arriscadas e longas, e onde eu próprio temo pela minha integridade física e psicológica. – Apertei-lhe a mão intuitivamente. – És muito especial para mim e eu não quis envolver-me demasiado para não te provocar tamanha dor e sofrimento se me acontecesse alguma coisa. Achei melhor cortar logo por ali, no baile. Quando voltei ao meu quarto para me preparar para ir embora, só tinha vontade de partir tudo, de bater violentamente em alguém ou nalguma coisa. Tinha feito tudo para não te fazer sofrer, mas sabia ter-te feito sofrer mais que tudo naquele balcão. O meu coração não aguentou a angústia de te perder. Só queria beijar-te e tocar-te naquele momento. Devo ter andado quilómetros enquanto agonizava dentro daquele quarto. Como um fraco, voltei ao teu quarto e deixei-me levar pelos meus sentimentos e desejos por ti. Peço desculpa se fui bruto e te obriguei a fazer algo que não querias… Sinto-me envergonhado.

– Sebastian… – Eu não sabia o que dizer e não quis dizer algo vão e sem sentido. Limitei-me a envolver o seu corpo num apertado abraço. Coloquei estrategicamente a minha cabeça no seu peito para sentir o bater do seu coração e o cheiro adocicado da sua pele. Até o meu cabelo, que lhe cobria o braço direito, parecia feliz por lhe tocar.

– Eu prometo que, onde quer eu esteja, vou sempre carregar-te no meu coração, Noemi. Vou sempre… amar-te. – O som melodioso e cabal daquela palavra fez-me estremecer de emoção e felicidade. Ele amava-me! Tal como eu o amava a ele!

Em tão poucos dias, a minha vida tinha sofrido uma grande revolução. Tinha-me tornado numa Guerreira de dois mundos (um deles mágico), tinha conhecido amigas fantásticas e tinha conhecido o amor da minha, até então, aborrecida e oca vida. Sabia que era por ele que eu morreria e voltaria a renascer vezes sem conta se essa fosse a sua vontade ou se isso me permitisse ficar com ele. Tinha-me entregado de corpo e alma a ele. Tinha-lhe entregado a minha pureza, atropelando indolentemente os meus ideais vincados. E, no entanto, sentia-me ainda mais pura a seu lado. Mais pura… que um anjo.

– Eu amo-te, Sebastian. – E adormecemos envoltos num eterno abraço.

Descobertas

Depois de uma longa e fervorosa noite, acordei bastante tarde, ao som de alguém a bater impacientemente à minha porta. Reparei que o Sol já ia alto e batia no meu rosto ensonado.

Estiquei o braço para tocar em Sebastian, mas ele já não estava lá. A meu lado, apenas um dos seus típicos e perfumados bilhetes. Junto a ele, um lírio, recentemente desabrochado. «És linda a dormir. Não quis acordar-te. Contactar-te-ei assim que possa. Vai parecer uma eternidade. Sebastian», dizia o papel delicado. Fiquei ansiosa por constatar que, mesmo depois das juras de amor, eu ia ficar algum tempo sem ver Sebastian. Nem queria imaginar as suas missões perigosas. Afastei esses pensamentos com a lembrança da maravilhosa noite que passara com ele. Estava feliz apesar de tudo. O meu amor por ele era correspondido e sabia que queria ficar com ele para sempre, mesmo sem saber o que esse «sempre» significava.

Voltaram a bater na porta. Levantei-me, contrariada, e abri-a para de lá surgir Lorelei já vestida. Dizia que Cordélia lhe tinha informado que já podíamos voltar à Terra em segurança. Íamos levar Lily-Violet connosco para lhe apresentar o nosso mundo e também para tentar recolher informações. Senti uma súbita necessidade de voltar para casa, misturada com a curiosidade de saber como tinha sido encoberta a minha longa ausência. Vesti-me rapidamente, vendo uma inquieta Lily-Violet chegar entretanto, e disse-lhes que ainda me queria despedir da Imperatriz dos Mares. Porém, Lorelei avisou-me que ela tinha saído logo pela manhã sem dizer nada. Juntámo-nos apressadamente no centro do quarto e… transporte! Fomos recolhidas pelos habituais braços brancos para dentro dos buracos negros. Lily-Violet agarrava-se à mão de Lorelei.

\*

Apareci por cima da minha cama numa confusão de cabelos pretos. Estava de volta ao meu quarto. Não compreendia porque é que aparecia sempre ali. Como era o meu local favorito, o meu santuário, entendi que realmente me concentrava naquele pequeno espaço quando me transportava para o meu mundo.

Lorelei e Lily-Violet não estavam comigo, mas tinha uma mensagem no telemóvel em que Lorelei dizia que estavam as duas em sua casa. Suspirei por saber que tudo tinha corrido bem e fui matar saudades da minha casa. O quarto estava igual, assim como resto da casa, mas a minha mãe não se encontrava. Olhei para o relógio de parede que marcava já o meio-dia. Àquela hora, estaria a trabalhar.

Fui tomar um merecido duche depois de passar creme desmaquilhante pelo rosto. Toda a agitação do baile, Entes Padroeiros e Sebastian tinham-me deixado num estado lastimável. O meu coração aqueceu de emoção. A água quente e fumegante relaxava o meu corpo dolorido das aventuras e das mudanças ocorridas no meu corpo. Sentindo a água a escorrer pela minha pele, pude pensar uma vez mais em Sebastian, Lorelei, Lily-Violet… em Orbias. Não havia melhor local para pensar do que no duche. Cheguei à conclusão de que nunca me tinha sentido tão feliz em toda a minha vida. Além de todos aqueles acontecimentos, também estava a aprender a gostar mais de mim. Sentia-me bonita e desejada, o que potenciava bastante a minha auto-confiança, algo que sempre falhou na minha personalidade. Nem queria acreditar que antes da minha total devoção a Sebastian eu questionava o meu papel enquanto Guerreira e as minhas capacidades. Ele estava a fazer-me um bem inacreditável, como umas vitaminas especiais para o corpo e para a mente.

Saí para fora da banheira, agarrando numa toalha branca, e enrolei-a à volta do meu corpo esguio. Inspirei o ar carregado de vapor e fiquei algum tempo a olhar para o espelho onde via o meu reflexo pensativo e embaciado.

Já seca, no quarto, vesti umas calças pretas, casaco azul com capucho e sapatilhas. Apanhei o cabelo num rabo-de-cavalo e saí de casa, apanhando o telemóvel no caminho. O meu carro estava intocável à porta de casa. Alguém da Sociedade Escarlate tinha-se encarregado de trazê-lo do Centro Comercial de Grand City. A rua estava idêntica e alheia à existência de todo um outro mundo mágico. As pessoas que passavam na rua, algumas cumprimentando-me, desconheciam o facto de existir um mundo paralelo que poderia pôr em causa o mundo em que viviam e todas as suas crenças e ideais. Estavam tão embrenhadas nas suas próprias vidas e problemas que ignoravam todas as possibilidades de que eu tinha tomado conhecimento há tão pouco tempo. Olhando para o outro lado da rua, lembrei-me subitamente de Jonas. Como estaria o meu vizinho e amigo? Temia que ele soubesse alguma coisa acerca da minha verdadeira identidade. Lembrava-me bem daquela noite em que ele me fixou, estando eu transformada em Anjo.

Cheguei perto da porta de casa de Jonas e toquei à campainha, tremendo ligeiramente. Abriu-me Jonas, habitualmente feliz por me ver. Fiquei surpreendida pela normalidade com que me recebeu. Imaginando os poderes da Sociedade Escarlate, depressa a minha admiração se esvaneceu. A noite em que o «Anjo» tinha despertado parecia nunca ter existido. Convidei Jonas para tomar um café na pastelaria da rua, consciente de que isso também serviria para fazer uma pausa de todas aquelas emoções.

Dentro do estabelecimento estavam apenas duas senhoras idosas a tomar café. Sentámo-nos estrategicamente longe delas para ficarmos mais à vontade. Naquele cantinho, o cheiro a cafeína era mais intenso, acariciando as minhas narinas de forma a atrair-me para beber aquele néctar viciante. Mas não cedi perante o meu vício antigo. Pedi apenas um garoto muito clarinho. Durante vários minutos, falámos sobre diversas coisas das nossas vidas. Fiz um enorme esforço para não contar as maravilhas que me tinham acontecido recentemente. Tinha imensa vontade de lhe contar sobre as minhas novas amigas, novas experiências mágicas e sobre o facto de ter encontrado finalmente a minha alma gémea. Decidi arriscar por outros meios.

– Jonas… tiveste alguma, digamos, experiência estranha nos últimos dias?

– Para além da minha tia em fato-de-banho? – Rimos os dois – Porque perguntas?

– Por nada; é só porque têm acontecido muitas coisas estranhas recentemente, como aquilo do centro comercial…

– Sim, essa do *shopping* foi muito bizarra. Só mesmo as grandes produtoras de filmes. Mas sabes que há quem ache que nada daquilo era um filme. O meu primo conhece um dos «supostos» reféns que diz que aquilo foi bastante real. Mas a Polícia ignorou os depoimentos deles. – Afinal a Sociedade Índigo não era tão perfeita assim… – Até já há quem chame às figuras que por lá andavam a Mulher Anjo, a Mulher Sereia e a Mulher Escorpião. – Franzi o sobrolho disfarçadamente. Como é que em Orbias se referiam às Guerreiras tão respeitosamente e na Terra éramos tratadas como personagens de banda desenhada? – Mas, por falar nisso, por acaso no outro dia aconteceu-me algo muito estranho. Desmaiei enquanto passava na rua e sonhei que estava contigo e te tinhas transformado em Anjo para combater um homem bizarro. Acordei em minha casa e o meu pai disse-me que um jovem de fato me tinha deixado lá quando me encontrou caído na rua. Isso é que dava um filme! «O Homem Desmaiado», eh, eh!

Depois das descargas de adrenalina a cada palavra pronunciada por Jonas, pensei que o tal homem deveria ser Sebastian. Lembrei-me dele e daquela noite maravilhosa. Parecia que não conseguia pensar em mais nada, não conseguia evitá-lo. Até me sentia mal por não estar minimamente preocupada com os problemas de Orbias e da Terra naquele momento. Perdida nesses pensamentos, nem reparei que Jonas continuava a falar e já reparava que eu estava noutra.

– Então, e quando começam as tuas aulas? As minhas começam já para a semana. Dá-se início à chacina dos professores…

– Aaah… não tenho a certeza. Não tenho tido muito tempo para me informar sobre isso…

– Mas já não estás a trabalhar, pois não?

– Bem… digamos que não. Tenho tido umas coisas para fazer, e… e… Bem, olha-me as horas! Tenho de ir para casa. Prometi à minha mãe que pesquisava umas coisas na Internet. Falamos mais tarde, *okay*? Gostei muito deste bocadinho Jonas. Temos de fazê-lo mais vezes.

– Noemi, espera… – Jonas hesitava. – Espero que sejas realmente feliz com esse rapaz. Esse sorriso embevecido e o brilho nos teus olhos não enganam ninguém. Mas, se alguma vez ele te magoar, diz-me que dou cabo dele em dois segundos! – Sorri timidamente com aquelas palavras bonitas e saí da pastelaria.

À frente do meu computador portátil, olhava desesperada para a página inicial da Universidade de Lighto Town, onde andava. Fiquei em pânico quando descobri que as aulas do meu curso começavam na próxima segunda-feira. Tinha perdido completamente a noção do tempo com tudo o que tinha acontecido naquela semana! Eu era uma Guerreira destinada a salvar os dois mundos com as minhas companheiras. Mas não podia, de forma alguma, esquecer a minha vida e responsabilidades na Terra. Muito menos o meu futuro. Ambicionava acabar o curso de Comunicação para me tornar numa jornalista respeitada, embora soubesse que era uma profissão há muito em queda, com tanto desemprego e vida precária. Depois de descobrir que tinha outros objectivos mais prementes na minha vida e de adquirir uma outra forma de olhar para ela, já não tinha tanta certeza de realmente querer seguir esse caminho profissional. Será que tinha assim tanta paixão pela área que me dispunha a sacrificar a minha vida pessoal por ela? Ainda me faltava um ano para terminar a licenciatura, portanto não quis pensar nisso de imediato. Mas, enquanto Guerreira, eu tinha de aprender a conciliar as duas vidas, a terrestre e a orbiana. Não tinha ideia de quanto tempo poderia durar a guerra. Ao menos tinha Sebastian para me agarrar à vida e seguir em frente com um sorriso.

Lembrei-me entretanto que podia arriscar pesquisar alguma coisa na Internet acerca da Sociedade Índigo. Não que julgasse ter alguma sorte, mas estava curiosa para saber se encontraria alguma coisa. Enquanto abria a página do Google, lembrei-me de ter descoberto, em conversa com Lorelei, que ela e Adam também andavam na Universidade de Lighto Town. Não sabia se alguma vez me tinha cruzado com eles lá, mas, agora que tínhamos uma vida em comum, as coisas iam ser diferentes. Como eu, também eles deveriam viver lá, já que era um pouco longe de Handyport e Grand City para ir e vir todos os dias. Isso significava que nos deixaríamos de preocupar com as saídas de casa para Orbias. Quando acabasse a pesquisa, ia telefonar a Lorelei para falar sobre isso. Também queria saber como estava a correr a estada e adaptação de Lily-Violet na Terra.

No meio de páginas sobre crianças Índigo e sociedades de todo o tipo, algo despertou a minha atenção. Tinha chegado a um *site* de teorias da conspiração, completamente absurdas, mas que referia algo com o nome Índigo. Falava numa associação entre os homens mais fortes do mundo, dos países mais desenvolvidos e industrializados, e que se tinham unido para controlar todo o mundo através da exploração de recursos naturais dos países subdesenvolvidos. Para aumentar o seu poder, faziam uso da espionagem, censura e crenças no oculto e misticismo. Soou-me ridícula a ideia, até porque estava junto a diversas teorias sobre raptos e invasões extraterrestres e monstros em florestas e lagos. Porém, passou-me pela cabeça que aquela página de loucos era bem mais real do que parecia. A sociedade de homens fortes existia. E as visões de extraterrestres e monstros bem poderiam ter acontecido devido às brechas na barreira entre os mundos. Embora me questionasse sobre o destino de quem tinha escrito aquilo ou porque é que ainda se encontrava *online*, fiquei feliz por constatar que aquele *site* não mencionava um aspecto: não dava conhecimento de Orbias.

O meu telemóvel tocou uma música *rock* da moda. Era Lorelei, como se tivesse lido o meu pensamento.

*Olá! Tudo bem? Contentinha por ter voltado? Olha, eu e a Lily andámos a fazer umas pesquisas. Podemos encontrar-nos para conversar? Que tal naquele café ao pé do rio Érade? Às seis horas?* Okay*, beijinhos!*

Quando desligou, ouvi a chave na fechadura da entrada. A minha mãe tinha chegado. Corri até ela para abraçá-la, de tantas saudades que tinha. Ela também ficou feliz por me ver e perguntou-me como tinha sido a estada na casa de campo da amiga Sofia e que tinha ficado chateada por ter ido de noite e não a ter avisado. Aquele comportamento rebelde naquela semana não agradava à minha mãe. Mas não era um aborrecimento grave. Se ela soubesse dos perigos que estava a enfrentar e das viagens até outro mundo, aí sim, ela tinha um ataque cardíaco. Senti a mão de Sebastian e da Sociedade Escarlate naquele encobrimento e pedi desculpa à minha mãe com um beijo na cara. Tinha grande cumplicidade com ela, uma vez que vivíamos sozinhas. Disse-lhe, no entanto, que precisava de sair naquela altura e que no domingo ia partir para Lighto Town. As aulas iam começar. Ela brincou, dizendo que a filha só lhe dava desgostos. Despedi-me da minha mãe, peguei nas chaves do carro e na minha mala, e saí.

Ao conduzir pelas estradas de Handyport, tive dificuldade em adaptar-me àquela normalidade. Estava já habituada ao mundo peculiar e grandioso de Orbias, embora tivesse visitado apenas uma pequena parte e durante muito pouco tempo. Chegada ao meu destino, estacionei o carro, preto, entre dois carros brancos e caminhei até ao café de madeira e vidro. Já se sentia o frio de Outono que teimava em espreitar. Encolhi-me instintivamente e entrei no acolhedor estabelecimento, onde estava mais quentinho e cheirava a café puro. Detectei Lorelei e Lily-Violet, vestida com roupas emprestadas da primeira. Nem parecia a mesma tresloucada; parecia uma terrestre normal, como nós. Estava muito contente e sorridente, como era hábito.

– Olá, meninas. – Sentei-me depois de pedir uma água natural a um empregado que passava. Já tinha bebido a minha dose de cafeína nesse dia. – Então, Lily, o que achas do nosso mundo? Diferente do teu, não é?

– Ai, eu adorei. A Lorelei mostrou-me algumas coisas daqui, como a televisão, os computadores, a Internet, as consolas de jogos, a vossa comida… Reparei que aqui não têm triganjas… Têm laranjas e trigo, ou seja, neste mundo sou alérgica a duas coisas… – Lily-Violet dizia sempre as coisas mais estranhas e raciocinava como uma criança inocente.

– Olha, o meu curso recomeça na segunda-feira. Já sabes quando começa o teu?

– Também só soube há pouco. Também é na segunda-feira que começa. Noitadas e rapazinhos novos, cá vou eu! – Lorelei parecia uma adolescente sempre pronta para a festa, mesmo estando num curso tão exigente como Enfermagem. – Já sabes onde vais ficar? – indagou Lorelei, já recomposta.

– Este ano consegui um quarto mesmo por cima daquela loja de computadores, a PC Maníacos.

– Não posso! És tu a rapariga de Comunicação que vai viver comigo? Que coincidência! Parece o destino! – Lorelei estava eufórica. Eu não acreditava que fosse assim tanta coincidência ou muito menos o destino. Neste caso, o destino tinha outro nome: Sociedade Escarlate.

Começámos a nossa conversa acerca das informações que tínhamos reunido. Ao som da música alta do café, podíamos falar livremente no nosso cantinho sem que ninguém ouvisse a nossa conversa de loucas. Contei-lhes a conversa que tive com Jonas, o meu amigo que tinha presenciado o meu despertar, e a página que encontrei na Internet. Lorelei e Lily-Violet tinham encontrado a mesma página, mas nada mais. Naquele mundo iria ser difícil encontrar alguma coisa. A Sociedade Índigo era implacável em esconder informação.

Lorelei não hesitou em perguntar-me o que tinha acontecido depois de recebermos os Entes Padroeiros. Ela tinha reconhecido nos meus olhos e no meu sorriso a existência de desenvolvimentos na minha vida amorosa. Era fácil de perceber, já que eu estava com cara de morte quando entrei no quarto do Palácio de Pérola e agora exibia uma expressão de pequeno elfo feliz. Com a confiança habitual que tinha nelas, contei-lhes sobre a minha noite maravilhosa com Sebastian, sem entrar em muitos pormenores. Elas estavam completamente embevecidas a olhar para mim, com as duas mãos a apoiar a cabeça, e com uma pequena gota de inveja nos olhos perante um amor tão puro e intenso como o meu. Também lhes contei os meus receios em relação às missões perigosas e ausências de Sebastian, e elas consolaram-me dizendo que ele parecia forte como um lobo vestido de ovelhinha. Ri com a imagem de Sebastian vestido de ovelha na minha cabeça.

Enquanto conversávamos, a minha água chegou (atrasada) e com um bilhete na garrafa que reconheci ao longe como sendo de Sebastian. Olhei para o empregado, mas já se tinha dirigido a outra mesa. O perfume forte do pequeno pedaço de papel lembravam-me o quanto já tinha saudades dele. Dizia: «Descansem, por enquanto. Não há desenvolvimentos. Não se transportem. A Lily-Violet fica ao nosso cuidado.» Mostrei o bilhete às minhas amigas e Lily-Violet percebeu que tinha de partir. Despediu-se de nós com um apertado abraço e foi para a casa de banho, para não voltar mais. Lorelei também se despediu de mim e combinámos encontrarmo-nos no domingo à noite… em casa. Até lá, tomaríamos atenção a situações estranhas e a novas informações. Traduzindo: movimentos da Sociedade Índigo.

Magia

Segunda-feira… terça-feira… quarta…

Segunda-feira de novo… terça… sábado….

Três semanas passaram e eu já começava a perder a noção do tempo. Não porque estivesse demasiado ocupada com outras coisas, mas porque já estava a dar em louca ao contar todos os segundos de todos os minutos de todas as horas de todos os dias em que passei sem qualquer notícia de Orbias. Especialmente de Sebastian. Desde que eu e Lorelei voltámos de Orbias que não tínhamos feito nada a não ser comparecer às aulas como duas terrestres normais. Eu até já começava a esquecer que era de facto uma Guerreira com poderes sobrenaturais. Na Terra, a Sociedade Índigo estava calma, talvez porque não tinha descoberto mais novidades dos detentores dos artefactos ou das Guerreiras. Em Orbias, sabíamos que a Sociedade Escarlate nada fazia para nos incluir nas suas missões. De momento, não precisavam de duas celebridades para motivar o povo orbiano, pensei eu. A última notícia tinha sido uma mensagem de telemóvel de Cordélia a proibir terminantemente que nos transportássemos para Orbias. Os transportes estavam a ser vigiados pela Sociedade Índigo e os agentes Escarlate estavam com dificuldade em torná-los seguros. Também nos disse que, se tivessem novidades, avisavam-nos. E entretanto, três semanas passaram e nada…

Eu estava ansiosa, inquieta e irritada! Os meus colegas de turma até me evitavam ao ver a minha pesada e carrancuda expressão. E eu agradecia porque não estava com paciência para conversas fúteis ou forçadas. Preferia o silêncio, embora odiasse silêncios incómodos. Tinha prometido a mim mesma que não iria deixar que Orbias afectasse o meu percurso académico. Nestas três semanas, a minha vida foi ir às aulas, tirar apontamentos, ir para casa e estudar. Estava super aplicada no meu curso, também porque, ao concentrar-me nos estudos, não pensava no mundo mágico. Ou em Sebastian. Julgava ser mais forte. Entendia que aquela ausência de contacto era normal devido ao seu trabalho, mas já não conseguia suportar a falta de sinal de vida por parte dele. Nem um simples bilhete…

Estava sentada na minha secretária a olhar para os livros à minha frente. Mas eram só mesmo os meus olhos que se direccionavam para a sopa de letras dançantes. A minha mente e o meu coração estavam longe, bem longe dali. Para variar, Lorelei não estava em casa. Não conseguia compreender como é que ela estava a lidar tão bem com todo aquele longo período sem notícias. Aliás, acho que ela nem se importava. Passava os dias com amigos e saía bastante à noite. Pelo que consegui perceber, também andava bastante entretida com os rapazes mais giros da Universidade… Mas eu até nem estava chateada por ela não me ligar nenhuma. Naqueles últimos dias, eu não era muito boa companhia e compreendia de certa forma a sua euforia com o início do ano lectivo. Mas não podia perdoar o facto de ela se ter esquecido de que era uma Guerreira e que era sua responsabilidade lutar contra os interesses egoístas da Sociedade Índigo.

Adam vivia perto de nós, numa casa que eu em tempos vi numa visão. Vi-o uma vez a passar na Universidade, mas só obtive um aceno breve. Há dois dias, tentei visitá-lo em sua casa, mas o seu colega, Rafael, disse-me que ele raramente lá estava. Estaria realmente ocupado ou andava a transportar-se secretamente para Orbias? A estada dele naquele mundo ainda era um mistério para mim. Mas estava consciente de que, no regresso à vida na Terra, ele teria uma segurança apertada por parte da Sociedade Escarlate. A minha vontade de sentar-me e conversar com ele crescia de dia para dia. Ainda mais naquele momento em que me sentia tão sozinha e ansiosa.

\*

O Outono tinha-se revelado cruel para com o final do Verão. Olhando pela janela à minha frente, apercebi-me de que pingavam umas cortantes gotas de chuva que dançavam com folhas secas e amareladas das árvores já despidas pela nova estação. A temperatura também tinha descido rapidamente e eu já sentia frio quando saía à rua. Odiava chuva… Ao ver as folhas que voavam, senti uma imensa saudade de me transformar em Anjo e dar uso às minhas fabulosas asas brancas. A sensação de liberdade era algo de outro mundo… E, de facto, era.

Abri uma gaveta do meu lado direito. Tinha os bilhetes de Sebastian todos guardados de forma a poder sentir o seu perfume quando não aguentasse a ansiedade de não o ter ao pé de mim. Também lá tinha o orbe de boa noite que me tinha enviado na noite em dormi em casa de Fedra. Todas as noites, antes de dormir, ouvi-a secretamente debaixo dos lençóis. Ajudava-me a adormecer mais depressa para não passar horas a pensar em coisas que não devia.

Foi então que algo me passou pela cabeça. Eu era uma Guerreira! Era divinamente poderosa e há milhares de anos tinha sido responsável pela separação dos dois mundos. Eu tinha em mim algum poder, o poder de uma Deusa! O que de tão mau me podia acontecer se me transportasse naquele preciso momento para Orbias? Eu tinha de ser capaz de passar pela segurança apertada da Sociedade Índigo. E não acreditava que fossem assim tão fortes ao ponto de me derrotarem. Normalmente, eu não era impulsiva ou aventureira, mas estava desesperada! E sentia-me confiante e preparada para combater quem quer que fosse só para voltar a Orbias. Fechei a porta do quarto, concentrei-me e depressa estava transformada em Anjo, ao fim de tanto tempo. Concentrei-me em Sebastian e no mundo de Orbias. De olhos fechados, senti os habituais braços brilhantes agarrarem no meu corpo para me puxar para o buraco negro.

\*

Quando abri os olhos, esperava ver uma floresta verdejante, um mar azul e belo, ou até mesmo Sebastian a meu lado. No entanto, estava num local estranho, onde nunca tinha estado. Era uma espécie de jardim interminável, com milhões de coloridas e pequenas flores que brotavam de dentro da água que me dava pelo tornozelo. O céu era vermelho e uma bola flamejante, que supus ser o Sol, brilhava fracamente lá no alto. Não havia qualquer cheiro no ar nem se ouvia qualquer som. Era como se ali o tempo tivesse parado. Olhava à minha volta e só via um jardim até onde a minha vista alcançava. Não sabia como sair dali e muito menos onde estava. Mas, vindo de Orbias, nada me surpreendia. Enquanto contemplava a vista em busca de algum sinal de vida, senti um forte golpe que me magoou a asa direita. Caí no chão com a força do ataque e, quando me virei para perceber quem me tinha batido, levei um pontapé na cara. Agarrada à minha face, gritando de dor, pensei ter os ossos despedaçados. Só o facto de abrir a boca para gemer causava-me ainda mais sofrimento. Quando finalmente consegui abrir os olhos, vi três grandes homens fardados com o que me pareceu roupa da tropa. Seriam militares verdadeiros ao serviço da Sociedade Índigo? O seu olhar era inexpressivo, como não tivessem consciência do seu acto. Uma espécie de robôs automatizados.

– Não é permitido o transporte de orbianos para a Terra. – Devem ter entendido que eu era uma orbiana devido às minhas asas.

– Segundo as novas regras impostas pela Sociedade Índigo, está condenada à prisão por infracção muito grave.

– Ei, esperem. – Levantei-me corajosamente, apesar de estar aflita com dores no maxilar e na asa. – Eu não sou orbiana. Sou uma Guerreira da Deusa, seus cobardes insensíveis.

Desatei a dar-lhes socos e pontapés, mas a falta de prática enquanto Guerreira fez-se notar quando eles se desviaram dos meus ataques como se eu fosse feita de papel. Enquanto me recompunha, já ofegante, os três homens correram pesadamente até mim com as suas grossas botas pretas e braços musculosos. Tentei defender-me com a asa sã, mas depressa também essa foi inutilizada. Eles eram visivelmente mais fortes que eu e não resistia aos seus golpes de força bruta.

Enquanto me batiam impiedosamente, perante a minha resistência em ser presa, eu só pensava no quanto tinha sido descuidada e irresponsável em ter desobedecido às ordens de Cordélia. Agora estava ali sozinha, sem que ninguém soubesse de mim, e ferida por homens que não passavam de simples militares terrestres, sem poderes mágicos. Sobrestimei-me e estava a sofrer as consequências. Percebi que afinal não era guerreira nenhuma. Era apenas uma rapariga ridícula com a alma de outra pessoa… Voltei às minhas dúvidas existenciais, anteriores à noite passada com Sebastian. A minha auto-estima caía a pique como num *crash* da Bolsa.

O ataque dos homens tinha cessado. Eu jazia no chão em agonia. O sabor metálico do sangue que me escorria da boca já me tolhia os movimentos. Ouvi um som de gelo a estalar. Quando abri os olhos novamente e afastei a asa magoada da minha frente, vi uma mulher de pele azulada. Com um vapor esbranquiçado que saía da sua boca, como um sopro, congelou os membros dos homens para ganhar vantagem. Era a mesma mulher que estava a espiar Orville na sua torre quando tive a tal visão. Eu não sabia quem ela era, mas nem tive tempo para pensar nisso. Ela agarrou-me no braço e, sem palavras, atirou-me para dentro de um buraco negro que ela mesma formou. Depois disso, só me lembro de vê-la correr até aos soldados da Sociedade Índigo para acabar com eles.

\*

Quando levantei a cabeça, atordoada com os ferimentos e nódoas negras infligidas pelos militares, soube que estava em Orbias. A atmosfera era a mesma que tinha sentido há pelo menos três semanas. Estava à beira de um trilho de terra batida, ladeado por árvores despidas. Ali também deveria ser Outono, tal como na Terra. Voltei a transformar-me em Noemi e percorri o trilho a coxear para encontrar alguém que me ajudasse com os ferimentos. Ainda cambaleante, destaquei três figuras debaixo de uma árvore. Eram duas mulheres, vestidas de ciganas, com as caras pintadas de preto e branco. Uma delas segurava um bebé nu, enquanto a outra o alimentava com papa. Agachadas à beira do caminho, fixaram-me atentamente, esperando alguma reacção minha. Uma das bizarras ciganas piscou-me o olhou, com as medalhinhas a tilintar. Mas, quando tentei aproximar-me, elas levantaram-se rapidamente e fugiram dali. Achando aquilo tudo muito estranho, continuei a andar.

Cheguei a uma povoação que me pareceu muito pobre e miserável. Havia pelo menos uma dúzia de barracas, crianças a chorar com fome e adultos com aspecto cansado e doente, de quem não comia há dias. De repente, senti que me tinha transportado para uma aldeia africana excessivamente pobre. Todo aquele cenário desolador cortou-me o coração. À medida que entrava na aldeia, as pessoas olhavam-me suplicantes. Nem tinha coragem de pedir auxílio a pessoas que precisavam de muito mais ajuda que eu. Perante a minha expressão de pena, um homem de pele escura agarrou-me no braço e disse-me que eu precisava urgentemente de ajuda. Dois outros juntaram-se a ele e levaram-me para uma das barracas.

Lá dentro, o cenário não era melhor. Trapos e lençóis sujos no chão, caixas e mobílias velhas, algum lixo… Eu sentei-me no chão enquanto eles olhavam para mim. O homem escuro trouxe um frasco imundo e de lá tirou uma substância viscosa que depressa me colocou em algumas feridas e equimoses. Curiosamente, senti o meu corpo acalmar com o curativo improvisado. E o homem esboçou um ténue sorriso quando notou a minha recuperação.

Eu estava eternamente grata àquelas pessoas. Com tantas dificuldades e, ainda assim, dispuseram-se a ajudar uma estranha. A sua humildade e altruísmo comoveram-me de tal forma que o meu coração doía mais que os ferimentos causados pelos soldados. Mas o silêncio estava a causar-me algum incómodo. Quis ajudá-los de alguma forma.

– Porque que é que vocês vivem nesta situação? Foi a Sociedade Índigo que deixou a vossa aldeia assim? – Eu falava como uma criança ingénua. O homem sentou-se para me contar a sua história.

– A Sociedade Índigo apenas veio piorar uma situação que nos afecta há anos e anos. Nós somos uma das imensas povoações de Orbias que vive em extrema pobreza devido à maldição das terras em que vivemos. – Eu imaginei que ele estivesse a falar realmente de uma maldição causada por alguma bruxa malvada de Orbias. – A Deusa condenou-nos a viver num lugar que transborda de magia. A magia é a fonte de riqueza de Orbias. Passou a ser quando os Orbianos perceberam que era um recurso não renovável. A cada dia que passa em que nós usamos magia, esta vai-se tornando mais rara. Os Orbianos não estavam preparados para essa falta de magia, só sabiam viver com ela. – O homem fazia uma pausa dramática pensando nas palavras certas para que eu percebesse. – O egoísmo apoderou-se de todos e muitos regentes e comerciantes de Orbias apoderaram-se selvaticamente de algumas terras que abundavam em magia, escravizando os seus habitantes para explorarem essa energia para eles. São pessoas que, injustamente, estão banhadas em riqueza porque obrigam os Orbianos a comprar-lhes magia que não lhes pertence.

»Há uns anos, apareceram os homens da Terra, a Sociedade Índigo, que se aliou a estes regentes e comerciantes na exploração de magia. A diferença para nós está no aumento de maus-tratos, miséria e excesso de trabalho… Mas não podemos fazer mais nada. Ninguém se atreve a ajudar-nos e nós realmente precisamos de sobreviver…

Eu não queria acreditar nas palavras do pobre homem. Estava completamente desiludida com Orbias. O termo «paralelo» adquiriu novo significado para mim quando percebi que Orbias não era o mundo maravilhoso que eu julgava ser. Não era diferente da Terra, com todos aqueles povos a viver em extrema miséria, completamente infelizes e suplicantes de melhores condições de vida. Senti-me revoltada com Orbias, tal como me sentia com a Terra. Dois mundos igualmente injustos onde grande parte da população estava esquecida, tanto por Deus como pela Deusa. A Sociedade Índigo não era a única ameaça para a Terra e para Orbias. Os dois mundos já estavam condenados pelo próprio Homem e pelo rumo que decidiu tomar. E, contra isso, eu não podia lutar, por mais poderosa que fosse. E a magia, a energia maldita que se assemelhava ao petróleo terrestre, que comandava o meu mundo. Odiei ser capaz de usar a magia que me corria no sangue desde a nascença. Se pudesse, naquele momento sacrificava todo meu poder só para ajudar aquelas pessoas que viviam tão mal.

– Fantástico Anjo, por favor, deixe-me levá-la lá fora. Quero mostrar-lhe uma coisa. – O homem levantou-se e estendeu-me a mão.

– Como é que sabe que eu sou o Anjo guerreiro? – Eu estava admirada porque não estava transformada e achei que não havia nada em mim que me identificasse como tal.

– Não acredito que haja um único orbiano que não sinta o fulgor da sua alma e o esplendor dos seus olhos. Eu soube-o no momento em que lhe coloquei os olhos em cima.

O homem levava-me para fora da barraca, para uma espécie de planalto. Lá em baixo, num vale, havia uma frondosa floresta, assassinada no centro por uma autêntica exploração industrializada de magia. Tive de piscar os olhos para perceber que não estava a olhar para um complexo petrolífero do meu mundo, como no Médio Oriente ou na América do Sul. Metal, betão, muito fumo substituiam a linda paisagem que deveria estar ali. Por todo o lado, homens sujos e desnutridos carregavam contentores cheios de orbes, a cristalização de magia concentrada, sob o controlo apertado dos capatazes da Sociedade Índigo. Era a primeira vez que via magia em bruto. Era uma espécie de líquido branco e brilhante, quase como água alva e cintilante. Não pude deixar de me lembrar da água com detergente da roupa quando a lavava à mão. Senti algo a puxar-me a saia que vestia nesse dia. Olhei para baixo e era um menino com pouco mais de cinco anos.

– Senhora Anjo, vai ajudar-nos? Eu tenho muita fome. – Tinha os olhos rasados de lágrimas, cara muito suja e roupa rasgada. Estava visivelmente magro, mas tinha uma barriga demasiado saliente.

Quase chorei ao vê-lo. Não aguentava mais aquela tristeza e a pena que sentia daquelas pessoas, daquela criança. Nem consegui dizer nada com receio de emitir apenas soluços incontroláveis. Cerrei as minhas mãos com a raiva que sentia a fervilhar dentro de mim. Raiva de todos aqueles orbianos que exploravam sem misericórdia aquelas pessoas. Raiva da Sociedade Índigo que piorava as coisas. Raiva do Homem! Prometi a mim mesma que, enquanto Guerreira, tomaria como missão principal lutar pelos direitos e melhores condições de vida daquelas pessoas. Faria o mesmo na Terra, porque padecia do mesmo problema, mas ainda tinha de descobrir uma forma de poder usar os meus poderes lá para tentar ajudar as pessoas. Talvez pudesse começar por, simplesmente, me tornar voluntária de uma associação. Não queria ser apenas alguém que não passa das palavras aos actos. Queria realmente fazer alguma coisa!

A voz de Cordélia acordou-me dos meus pensamentos. Aparecia na pequena aldeia com um enorme saco cheio de comida, para felicidade das crianças. Fiquei bastante comovida com a atitude dela. Vestia um dos seus habituais vestidos de flores que mais parecia um cortinado de casa de banho. Pouco depois, veio ter comigo com uma expressão de alívio.

– Tu nem imaginas o quanto estava preocupada contigo. Eu não te disse para não te transportares para Orbias enquanto eu não avisasse que era seguro, Noemi? Nem consigo perceber como te safaste da segurança da Sociedade Índigo. Ainda só deves ter uns dez por cento do teu poder real!

– Eu sei que fui irresponsável e sofri as consequências por isso. Mas eu já não aguentava mais aquela espera. Foram três semanas! Perdoa-me, Cordélia. – Eu estava arrependida por me ter arriscado, mas achei que tinha valido a pena só para descobrir a outra face de Orbias. Tinha de saber como era o mundo com que estava a lidar. Se não tivesse sido a misteriosa mulher de gelo…

– Vá, vá! Está tudo bem. Estou feliz por não te ter acontecido nada. Mas espero que te tenha servido de lição.

Depois de nos despedirmos dos habitantes daquela aldeia, agradeci com sinceridade toda aquela hospitalidade, prometendo fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudá-los. O brilho esperançoso e feliz nas suas duras faces enterneceu-me a alma. Voltei para o trilho de terra com Cordélia e comecei a conversar com ela.

– Achei muito bonito da parte da Sociedade Escarlate ajudar aquelas pessoas trazendo comida.

– Não foi a Sociedade… Fui eu que tomei a iniciativa. A minha missão era apenas vir buscar-te. Eu aproveitei para ajudá-las.

– Mas a Sociedade ajuda estas povoações exploradas, não é? – Estaquei o meu passo para confirmar o que estava a dizer. Não me queria desiludir pela segunda vez. Ela hesitou.

– Tenho muita pena que tenhas descoberto estes problemas de Orbias desta forma, Noemi. Tentámos adiar estas informações para que não fosse esmagador demais para vocês. – Eu ainda esperava que ela me respondesse à pergunta. – A Sociedade Escarlate tem outro tipo de objectivos e tarefas que considera mais urgentes. Eu não partilho da mesma opinião, mas, como sua agente, tenho de obedecer. Tento ajudar no que posso, mas a verdade é que Orbias tem cada vez mais pessoas com dificuldades muito sérias. Mas eu ainda acredito num futuro melhor e acredito que a Sociedade e as Guerreiras consigam trazer-nos esse futuro.

Não estava completamente chocada. Há muito que me questionava sobre a eficácia e intenções da Sociedade Escarlate. Depois de saber que nada faziam para ajudar as populações pobres, perdi a minha consideração e já não queria trabalhar para um grupo de pessoas que pensavam daquela forma. Mas fiquei feliz por ver que ainda havia pessoas, como Cordélia, que conservavam uma boa dose de generosidade.

– Cordélia, tens tido notícias do Sebastian? – A minha voz era arrastada e quase falhou quando disse o nome dele. Ela não queria responder.

– Ele está numa missão bastante perigosa e arriscada. Há três semanas que não ouvimos nada dele, mas é normal. Não esperávamos um contacto tão breve. Eu… sei do vosso relacionamento, Noemi. Conheço-o há bastante tempo e ele confia-me muitas coisas. Não te quero assustar, mas tens de estar sempre preparada para o pior se quiseres iniciar uma relação séria com ele. As missões dele não são fáceis. Mas – arrastou o «mas» com a sua voz grave num sorriso –, fico mesmo muito feliz por vocês. Ele ama-te mesmo muito. Nunca o tinha visto assim!

Depois da conversa, Cordélia deu-me um orbe raro e caro (que só funcionaria uma vez), que garantia o meu regresso à Terra em segurança. Garantia uma espécie de poder de invisibilidade durante o transporte. Despedi-me dela com um abraço e transportei-me com o orbe nas mãos pensando no que ela me tinha dito sobre Sebastian.

Adão

Segunda-feira, hora do almoço. A professora de cabelo grisalho não se calava com teorias que nada serviriam para a minha vida profissional. Naquele dia de frio, não me apetecia nada ouvi-la, o que provocava a tentação de olhar para o relógio de minuto a minuto. Era Dezembro, altura do Natal. Odiava esse período. Deveria ser uma altura de paz, harmonia, onde os valores familiares eram o mais importante. Mas em pleno século XXI, não era mais do que uma altura de consumismo, egoísmo e confusão. A crise financeira que ameaçava atravessar todo o mundo, muito por causa dos altos e baixos da empresa Asmodeus, uma das bases da Sociedade Índigo, também não ajudava. As pessoas andavam desorientadas com o crescimento do desemprego e das situações de pobreza. Altruísmo e generosidade era algo que não existia no mundo naquele Natal.

O excesso de enfeites de Natal pelas ruas já me enjoava, assim como as falsas promessas e queixas constantes das pessoas. Queixavam-se por não terem dinheiro para comprar presentes, quando em África (e em Orbias…), por exemplo, as pessoas morriam por não ter comida. Ao lado de todos os Pais Natal e Menino Jesus, havia uma imensidão de anjos, o que também me irritava por eu própria ser um Anjo… mas real. Era como se eu fosse uma espécie de celebridade e andasse espalhada e banalizada pela Terra. E ver essas imagens também me lembrava o tempo que estava sem ir a Orbias ou ver Sebastian.

Os centros comerciais estavam apinhados de gente eufórica a comprar prendas, muitas delas endividando-se. Até Lorelei andava numa azáfama de compras para a família e amigos, reservando também algum tempo para comprar roupa e acessórios para si. Não lhe cheguei a contar a minha pequena visita a Orbias. Expliquei que as feridas e nódoas negras tinham resultado de uma queda numas escadas. Ela acreditou, porque sabia que eu era «descoordenada e desengonçada». Dizia-o tantas vezes que já me irritava. O meu dever era contar-lhe, até pelas novas informações terríveis de Orbias que eu tinha. Mas estava zangada com a falta de interesse dela.

Desde esse episódio que só voltámos a transformar-nos em Guerreiras uma vez. Jynx e os seus humanóides verdes apareceram na Terra num edifício abandonado. Tinha sido falsamente informada de que um sem-abrigo que dormia lá era o detentor do artefacto de Merco. A verdade é que não estava lá ninguém e eu e Lorelei envolvemo-nos num combate que foi favorável às Guerreiras. E, mais uma vez, ela conseguiu escapar.

Enquanto a minha professora desenhava um elaborado e complexo esquema no quadro (pelo que percebi dos gatafunhos, era o funcionamento de uma redacção de jornal), comecei a rabiscar no final do meu caderno para passar o tempo. Quando dei por mim, estava a desenhar a mulher gelada que me tinha salvado dos soldados da Sociedade Índigo. Quem seria aquela mulher misteriosa que me tinha ajudado e espiava Orville secretamente? Seria uma agente da Sociedade Escarlate? Eu estava convencida que sim, uma vez que eles actuavam como os serviços secretos. Sempre que eu saía para a rua, tinha a certeza de haver agentes disfarçados que seguiam todos os meus passos.

Quando finalmente a aula acabou, saí do Complexo Pedagógico como se fosse um bichinho preso numa caixa a suplicar por ar. Não tinha aulas à tarde, por isso podia ir para casa amalhar-me no sofá enquanto via um filme. Não tinha nada melhor para fazer e o meu estudo e os meus trabalhos estavam todos adiantados. Agasalhei-me com o meu casaco e cachecol. Encolhida, caminhei calmamente até casa enquanto olhava para o chão, triste com o rumo descendente e amórfico que a minha vida estava novamente a tomar. Tropecei numa pedra da calçada, mas fui amparada por Adam. Foi uma surpresa para mim.

– Olá, Noemi. Tudo bem? – Ele parecia-me o mesmo Adam da minha visão. Introvertido, tímido, inseguro. Cheirava a tabaco. Talvez estivesse a sofrer como eu com a falta de notícias ou o excesso de protecção. Vestia um casaco longo e preto, cachecol cinzento e tinha voltado a pôr os *piercings*. O cabelo estava ligeiramente mais comprido, mas despenteado, caindo-lhe um pouco sobre os olhos. Odiava quando ele escondia os seus lindos olhos verdes.

– Olá, Adam! Estou feliz por ver-te. Que tens feito? – Na realidade, eu queria que ele me contasse tudo o que tinha feito, mas que estivesse relacionado com Orbias.

– Nada de especial. Tenho ido às aulas, estudado. Este ano tem sido mais complicado. – Notei que ele se esforçava por não tocar no assunto Orbias.

– No outro dia fui a tua casa, mas não estavas. Tenho-me sentido sozinha e queria falar um pouco contigo.

– Ah, devia estar na Biblioteca ou em aulas… Se quiseres, podes lá passar esta noite. Também gostava de falar contigo. – Esboçou um tímido e sincero sorriso. Li na sua expressão que se sentia sozinho como eu.

– Óptimo! Eu passo lá, então. Até logo, Adam.

– Adeus, Noemi.

Estava feliz por finalmente conseguir conversar com Adam. Há muito que o queria fazer. Sentíamo-nos os dois abandonados e solitários, e iria fazer bem a companhia um do outro. De certa forma, eu identificava-me com ele. Sabia o que pensava e o que sentia depois daquela visão meses atrás, e compreendia-o perfeitamente.

Quando cheguei a casa, fui recebida por Lorelei que, pelos vistos, também já não tinha aulas naquele dia. Estava eufórica e queria mostrar-me as prendas que tinha comprado para a família. Ela estava cada dia mais bonita. Não sabia se tinha alguma relação com os seus poderes de Sereia sedutora, mas a verdade é que ninguém ficava indiferente quando viam passar aquela voluptuosa e bela rapariga. Não lhe disse que me ia encontrar com Adam nessa noite. Queria ficar a sós com ele e o entusiasmo dela com o Natal iria estragar a conversa que queria ter com ele.

Tomei um banho, penteei-me, vesti-me e fui jantar calmamente com Lorelei enquanto a ouvia tagarelar sobre um rapaz que tinha conhecido há duas noites e que estava «caidinho» por ela. Depois do jantar, saí de casa, dizendo-lhe que ia estudar a casa de uma amiga.

Bati à porta do apartamento de Adam. Ele abriu, tímido e sorridente. Lá dentro estava um calor agradável. Até porque ele estava de *T-Shirt* preta, mostrando a longa e misteriosa tatuagem no braço. O colega de casa dele não estava. Podíamos conversar calmamente e sem restrições, até porque ali nem a Sociedade Escarlate nos podia ouvir para controlar. Sentámo-nos no sofá da sala e pensei na forma fantástica como combinávamos se eu estivesse transformada: dois rockeiros. Quis ser o mais directa possível porque percebi que ele não conseguia sê-lo.

– Então, Adam, tens tido notícias de Orbias?

– Nada. Mesmo sabendo que há agentes da Sociedade Escarlate atrás de mim para me proteger, nunca mais soube nada de lá. – Esse facto deixou-me triste e desiludida. Pensei que ele tivesse alguma novidade para mim…

Passados alguns minutos de conversa fiada onde só relembrámos, agora alegremente, os momentos que passámos no Centro Comercial de Grand City e na casa luxuosa de Lorelei, começámos a falar de coisas que realmente me interessavam. Adam contou-me toda a sua história e estada em Orbias, desde que o deixei para ir em busca de Lily-Violet. Tinha sido levado por Sebastian e Cordélia para a sede da Sociedade Escarlate. Eles tinham-se revelado muito compreensivos e boas pessoas, e ajudaram-no imenso na adaptação a todo aquela nova realidade. Tinham-lhe explicado a verdadeira importância do artefacto que ele guardava dentro de si e do importante papel das Guerreiras e da Sociedade Escarlate para salvar os dois mundos do caos. Depois do baile da Imperatriz dos Mares, ele insistira para continuar em Orbias e conhecer melhor aquele mundo, mas foi obrigado a voltar para a Terra, pois Sebastian e Cordélia queriam que ele continuasse a sua vida normal. Ele estaria mais seguro naquele mundo, sob o controlo constante de agentes escarlate. Desde aí, ele nunca mais tinha tido notícias ou feito contacto com Orbias, o que o entristecia bastante.

Eu também me senti impelida a contar-lhe tudo o que se tinha passado comigo e tudo o que experimentei. Expressei-lhe a minha opinião sobre a Sociedade Escarlate e a minha revolta com a descoberta das situações de pobreza e miséria de Orbias em consequência da exploração de magia. Ele concordava com todas as minhas opiniões e eu sabia que ele estava a ser sincero porque pensava como eu.

Embora hesitante, acabei por explodir e contar-lhe todos os meus receios e sentimentos em relação a Sebastian. Que estava perdidamente apaixonada, embora fosse um amor muito sofrido devido às suas ausências em missões arriscadas. Que o meu coração sangrava de dor cada vez que ouvia a sua voz no orbe de boa noite ou ouvia o seu nome. Ele ficou nervoso com a minha confissão, até porque começou a fumar, mas compreendeu como me sentia e notei nos seus olhos verdes que estava solidário comigo.

A nossa conversa de horas foi interrompida por uma mensagem no meu telemóvel. Pensei ser mais uma irritante mensagem de Natal, mas não era. Um número desconhecido, dizia o seguinte: «Descobrimos outra Guerreira, da Destruição! Podes transportar-te para Orbias, é seguro. Cordélia». O meu coração recebeu uma descarga de adrenalina tão intensa que fiquei zonza. Outra Guerreira, finalmente! Podia voltar a Orbias, em segurança desta vez. Há meses que esperava por outro momento assim. Disse a Adam que tinha de me transportar imediatamente para Orbias para resgatar a próxima Guerreira. Mesmo àquela hora da noite, eu não queria saber. Ele ficou feliz por mim, embora triste por não poder ir comigo. Ia ficar sozinho de novo. Dei-lhe dois beijos na cara, prometendo que voltaria em breve para lhe fazer companhia. Eu ia de facto fazer isso. Tinha ali um bom amigo, sincero e inteligente, que numa noite apenas se tinha tornado num porto de abrigo no meio das trevas da minha ansiedade. Concentrei-me em encontrar a Guerreira da Destruição e transportei-me para Orbias, feliz.

Princesa

Apareci numa ruína de uma casa sem tecto, no meio de um bosque de folhas vermelhas. Lily-Violet esperava-me ansiosa, já transformada em Fada. Fiquei mesmo muito feliz por vê-la de novo, passados todos aqueles meses que me pareceram um milénio. Saltámos uma sobre a outra num gigante abraço de amizade. Que saudades tinha da minha lunática e alegre Lily-Violet, com o seu cheirinho a flores, e a sua ingenuidade e pureza de criança. Tal como na Terra, já era de noite em Orbias. Mas Lily tinha trazido um orbe esbranquiçado que funcionava como uma espécie de poderosa lanterna.

Enquanto esperávamos por Lorelei, ela começou a desbobinar tudo o que tinha feito em Orbias durante aqueles meses. Disse-me que tinha sido hospedada em casa de Fedra, mas que não aguentou a pressão das fãs de Seabeau e iniciou uma viagem por Orbias para conhecer novas pessoas e novos locais. Também tinha tentado encontrar os seus pais, mas sem sucesso. Durante as suas viagens, deparou-se com diversas aldeias pobres e escravizadas pelos exploradores de magia. Pelo que percebi, ela tinha encontrado situações bem piores que aquela que tinha visto. Ela condenava iradamente todos aqueles que se aproveitavam das pessoas daquela forma, e eu fiquei feliz por ver alguém tão revoltado como eu, embora o pensamento de Lily-Violet fosse mais simples que o meu: «Se temos poder, usamo-lo para destruir as indústrias e salvar as pessoas!», dizia ela. Lily era deliciosa!

– Bem, parece que somos só nós. A Lorelei não vem e eu estou ansiosa por conhecer a nossa nova colega – disse Lily-Violet com uma gargalhada de emoção. – A Cordélia disse que não devíamos perder tempo, porque a Sociedade Índigo pode chegar à Guerreira do Fogo primeiro que nós.

– Então, vamos embora. A Lorelei vai ter connosco, se quiser – disse num desabado irritado.

Estava convencida de que Lorelei não iria aparecer. Sempre achei que ela não levava o papel de Guerreira a sério. Certamente ela estava mais preocupada com as compras de Natal ou com os vários namorados para se dignar a vir até Orbias resgatar outra Guerreira. Estava mesmo muito zangada com ela, e partir sozinha com Lily-Violet pareceu-me a melhor vingança. Virei-me para a Fada com um sorriso e transformei-me em Anjo. Partimos de seguida.

O bosque em que estávamos era bem mais estranho e cerrado do que aquele perto de Seabeau. Além do que estava um calor infernal. Nem parecia uma noite de Inverno! Talvez as estações em Orbias fossem diferentes. As folhas das árvores altas eram redondas e a sua cor avermelhada não parecia dever-se ao final do Outono, mesmo porque no chão não havia sinal de folhas mortas. Arrisquei pegar numa e imediatamente tive de largá-la. Estava muito quente! Ao largá-la, notei que no solo nasciam pequenas plantas amareladas, contrastando com o carmesim das árvores.

Enquanto andávamos pelo trilho, com destino desconhecido, sabíamos que era o elo invisível que unia as Guerreiras que nos atraía até à nossa futura companheira. Comecei a imaginar a nossa nova companheira. A imagem que tinha criado antes de conhecer Lily não correspondia minimamente à realidade, por isso pedi à minha mente para não entrar em muitos pormenores. Guerreira da Destruição… O termo não me agradava nada. Que tipo de poderes teria? De que magnitude? Se Lily tinha o poder de Criação e tinha formado uma floresta inteira, esta nova Guerreira tinha a capacidade de quê? Destruir cidades inteiras? Provocar maremotos e tremores de terra violentíssimos capazes de engolir quilómetros de terra? Estes pensamentos assombraram-me!

Depois de tanto andar, chegámos à orla do bosque. Ao fundo, vimos um rio, com um aspecto um pouco lamacento. Mas não era bem lama; antes tinha aspecto de estar poluído. Pensei que todas aquelas indústrias ligadas à magia seriam responsáveis por aquele rio estar tão sujo. Já era noite cerrada e ainda não tínhamos encontrado a quarta Guerreira da Deusa. Mas uma tenda de circo colorida e umas quantas carruagens na outra margem deram-nos novas esperanças. Os vínculos entre as Guerreiras renascidas eram realmente mágicos e misteriosos. Conseguíamos sentir a presença dela dentro da tenda, consequência da amizade entre as Guerreiras ancestrais.

– Aaah… Acho que aquele é o rio Érebos. A Cordélia falou-me qualquer coisa acerca desse nome. Podemos voar por cima dele, já que as duas temos asas! Era giro! E também já não temos de acartar com a gorda da Lorelei – Lily-Violet ria sonoramente. Se a Sereia estivesse ali, tinha-a socado sem misericórdia.

Abrimos as nossas asas de Anjo e Fada e voámos por cima daquela massa de água. Na escuridão da noite, as nossas asas brilhavam intensamente, como dois pirilampos. Chegadas à margem contrária, pousámos os pés na superfície lamacenta e caminhámos até à tenda de circo. Não havia qualquer sinal de vida. Se não fosse a Lua e as asas brilhantes, tropeçaríamos nos diversos objectos e instrumentos que por ali se encontravam espalhados. O ambiente por ali era assustador e nada auspicioso. Andávamos pelo acampamento cautelosamente, sondando todos os possíveis sinais de vida. Eu tinha a certeza de que a Guerreira se encontrava ali, mas não estaria sozinha.

Quando estávamos numa posição central, acenderam-se uma infinidade de lanternas por todo o lado. Consegui ver as cores garridas da tenda de circo, carroças, jaulas vazias, trampolins, canhões gigantes, cordas de trapézio. Um sem número de artefactos de circo, mas mais bizarros do que os que conhecia da Terra. Fez-me lembrar aqueles filmes que retratavam os circos burlescos do início do século XX.

Ouvimos passos rápidos e logo fomos cercadas pelos mais estranhos indivíduos que alguma vez tinha visto, fazendo com que me agarrasse instintivamente à mão de Lily: um anão de grande bigode e com uma cartola maior que ele, uma mulher com barbas pretas até ao chão, um gigante deformado, um palhaço muito triste, outro muito feliz, um homem com um buraco enorme e redondo na barriga e duas jovens muito maquilhadas e com roupas cintilantes. Todos tinham um olhar vazio, como se estivessem hipnotizados. O meu instinto de Anjo dizia-me que aqueles não eram os nossos verdadeiros inimigos. Estava ali presente a mão de outra pessoa, possivelmente da Sociedade Índigo. Os circenses começaram a caminhar na nossa direcção, prontos para nos atacar. Só se ouvia o riso estúpido do palhaço feliz, ou o rosnar do gigante. Correram ameaçadoramente até nós, quase nem dando tempo para que pudéssemos voar e pousar perto da tenda de circo.

Continuaram a perseguir-nos, como se fossem animais ferozes atrás da sua apetitosa presa. O gigante, com as suas compridas pernas, alcançou-nos, agarrou no tornozelo de Lily-Violet e, depois de a rodar, atirou-a para longe como se fosse uma boneca. Só consegui ouvir um grito decrescente, e logo metade dos perseguidores foram ao seu encontro. Fugi para dentro da tenda na tentativa de ganhar tempo e pensar no que poderia fazer para não os magoar. Quando lá entrei, agarrei no orbe de luz incandescente que Lily me tinha dado, com o objectivo de cegar os meus oponentes por uns momentos. Resultou! Ao virar costas, nem quis acreditar no que via.

No centro poeirento, estava uma rapariga de longos cabelos carmesim amarrada a um poste com lenha na base. As suas ricas vestes medievais indicavam que era, talvez, uma princesa. Estava inconsciente. Atrás de si apareceu uma mulher, uma moura, bastante sedutora e que me era familiar. Era a subordinada de Orville, a moura da minha visão e do baile. Lily-Violet entrou subitamente na tenda, elevando a terra atrás de si com um movimento de mãos e de forma a bloquear a entrada dos circenses loucos. Riu com uma gargalhada audível, mas depressa parou quando viu a moura.

– É ela! A moura suspeita que vi no baile! – gritou Lily-Violet.

– Finalmente, somos apresentadas… Sou Zorayde, mais conhecida em Orbias como a Moura Encantada … – A voz dela parecia o sibilar de uma serpente – Receio que tenham vindo demasiado tarde. A vossa amiga vai morrer agora! As ordens de Orville foram bem claras. Não há nada que possam fazer. Os meus «amiguinhos» não vos vão deixar aproximar…

– Foste tu que os hipnotizaste, não foi? Vais pagá-las, sua bruxa! – Lily-Violet estava revoltadíssima com Zorayde, por ter usado aqueles inocentes para atingir os seus malévolos planos.

Repentinamente, o gigante partiu a parede de terra que Lily tinha criado, deixando entrar os restantes elementos do circo. Lily-Violet e eu evocámos as nossas armas e partimos para a luta com eles, tentando não os magoar muito, pois, afinal, eram inocentes. Lily tentava imobilizá-los com flores e heras gigantes que se agarravam aos seus pés. Eu batia com a esfera da ponta da corrente no gigante, enquanto cegava outros com o orbe de luz. Observando aquele carnaval com os seus grandes olhos verdes, a Moura Encantada girou sobre si para ficar de frente para a princesa. Levou a ponta dos dedos aos lábios carnudos e mandou-lhe um beijo invisível. Fortes labaredas de fogo levantaram-se da lenha na base do poste. Ela queria queimar a princesa até à morte! Nós queríamos desesperadamente salvá-la, mas não conseguíamos soltar-nos dos nossos falsos oponentes. Eu tinha prendido a corrente no buraco da barriga do homem, enquanto o gigante me socava e me atirava insistentemente ao chão. Os dois palhaços agarravam nos braços de Lily para que a mulher barbuda e as duas mulheres pintadas a socassem e pontapeassem. Zorayde estava divertidíssima a olhar para toda a cena, com um riso que ia do subtil ao descontrolado.

Contudo, algo a fez parar. Uma madeixa de cabelo carmesim brilhante enrolava-se à volta do seu pescoço, como se fosse uma cobra mortífera. Vinha da sua retaguarda. A moura olhava para ela com uma mistura de choque e pavor. O cabelo apertou-se sobre o pescoço e incendiou-se, queimando a sua pele morena. Zorayde gritou de dor, atraindo o olhar dos circenses. Retirou uma adaga de uma bolsa da cintura e cortou o cabelo que a asfixiava e queimava. Olhou para trás, ofegante. No local onde o fogo já ia muito alto e consumia o poste de madeira, viu uma figura entre as chamas. Sabia que era a princesa, mas estava diferente. O seu aspecto puro e casto tinha dado lugar a uma mulher com muito pouca roupa em tons de cor-de-rosa. Uma saia comprida com as pernas descobertas, um pano a tapar o seios e duas compridas mangas. Por todo o lado, estava adornada de rubis. Tinha umas curvas bastante generosas, com botas até aos joelhos. O cabelo carmesim estava ainda mais longo e ardente, como se emitisse labaredas de fogo. Parecia crescer ou diminuir conforme a vontade de quem o controlava, como uma medusa.

De forma a ajudar a nova Guerreira a derrotar a Moura Encantada, tirei da minha bolsa a esfera da Guerreira do Fogo que a Imperatriz do Mar me tinha confiado. Chamei pela princesa e atirei-lha. Mesmo sob o domínio dos artistas de circo hipnotizados, consegui fazê-lo com sucesso. A Guerreira da Destruição olhou com os seus olhos de amarelo forte e agarrou na esfera. Instintivamente, soube o que fazer. Zorayde avançava sobre ela para lhe trespassar o coração com a adaga, mas foi impedida pelo brilho vermelho que entretanto irradiou na tenda.

Subitamente, o tempo parou. Nada se mexia, nem mesmo os circenses. Apenas as Guerreiras e Zorayde. Consegui ver o pé do gigante suspenso no ar por cima de mim e rebolei para o lado. Lily-Violet tinha o anão de cartola sustido por cima de si, pronto a cair. Zorayde estava completamente assustada, de adaga levantada. Ouvi algo a pingar no chão naquele silêncio ensurdecedor. Virei-me na direcção do som e vi seis monges encapuçados a carregarem uma mulher deitada sobre seda vermelha. Era muito branca e estava a pingar sangue – a fonte do som. Quando estavam perto o suficiente, a mulher pálida levantou-se, revelando uma coroa de ouro na sua cabeça e uma espada espetada no seu coração ensanguentado. A rainha gritou e tirou a espada do seu peito, jorrando uma imensidade de sangue, muito quente, para cima da Moura Encantada. Era o sangue fervente da paixão arrebatadora e impossível que provocara a sua morte. Zorayde caiu no chão, gemendo de dor, derrotada. O tempo voltou ao seu curso normal. A poeira assentou, o anão caiu no chão, quando Lily-Violet saltou para o lado. Mas não riu. Estava chocada e impressionada com o Ente Padroeiro da Guerreira da Destruição, tal como eu. Derrotada e fraca, a moura transportou-se, após pronunciar o nome de Orville.

Armadilha

(Lorelei)

Estava tão atarefada com as compras de Natal! Ainda tinha algumas para comprar. E dar tantos presentes significava que as pessoas sentiam uma obrigação moral de me oferecer também. Era um pensamento egoísta, mas era uma forma de encher a base da minha árvore de Natal. E eu adorava receber prendas! Mas não era só isso que me interessava neste período. Era também uma altura em que eu estaria de certeza com os meus pais, constantemente ausentes em viagens de negócios. Ser filha de pais ricos era horrível. E eu fazia mesmo parte do estereótipo daquele tipo de filha de pais ricos que tem tudo menos o carinho e a presença da família…

Entrei no meu *Mazda* azul (prenda dos meus pais no meu último aniversário) em direcção ao Centro Comercial de Grand City pela terceira vez nessa semana. Nesta penúltima semana antes do Natal, já havia um turbilhão de pessoas à procura de prendas para família e amigos. E eu não era excepção. No meio das minhas saídas nocturnas, aulas, amigos e curtes, quase nem tinha tempo para cuidar de mim e da minha imagem. Por vezes, sentia uma grande culpa por deixar Noemi tantas vezes sozinha. Mas ela andava rabugenta e isolava-se muitas vezes no seu quarto. É certo que eu podia insistir e tentar animá-la, mas andava tão atarefada com a minha vida!... Sabia que ela andava assim por ter saudades do Sebastian, mas também sentia que me escondia outras razões para a sua tristeza.

Lá fora já estava muito escuro, os dias eram mais pequenos. Mas, ainda assim, via as silhuetas das árvores que ladeavam a estrada. Ouvindo uma rádio de música comercial, comecei a pensar que andava tão centrada em mim naqueles últimos meses que passavam dias em que me esquecia de que era uma Guerreira. Simplesmente, não havia mais espaço na minha cabeça egocêntrica. Orbias não dava notícias e eu ia-me desligando aos poucos daquela vida. Já não sentia aquela responsabilidade premente de salvar os dois mundos e muito menos sentia que tinha o poder para isso. Começava a achar que todo aquele perigo e urgência em salvar os dois mundos tivessem sido exagero da Sociedade Escarlate. Talvez fosse daquele tipo de problemas que só tem consequências a longo prazo, como o aquecimento global…E, sinceramente, não tinha paciência para esperar sentada por uma chamada de Orbias para «lutar contra os malfeitores». Tinha acontecido há umas semanas com Jynx e foi algo que me aborreceu completamente. Perda de tempo… Se a Sociedade Escarlate está tão preocupada, eles que lutem com a Sociedade Índigo; não é problema meu. Maldita confusão de Sociedades… Estou farta desse nome!

Enquanto conduzia por uma estrada secundária, para chegar a Grand City sem ficar entalada no trânsito, senti o telemóvel vibrar no tabliê do carro. Parecia que adivinhava o meu enfado. Era Cordélia a pedir para me transportar para Orbias. Outra Guerreira. Coitada, nem imagina a seca que a espera! Com um suspiro, continuei a conduzir até encontrar um local onde pudesse estacionar. Só esperava que a Sociedade Escarlate não me riscasse o carro quando o tirasse dali para encobrir a minha viagem até Orbias.

Não havia ninguém naquela estrada. Perdida nos meus pensamentos, fui surpreendida por duas árvores arrancadas do solo que foram lançadas contra o meu carro. Com alguma destreza, desviei-me do ataque com duas guinadas do volante. Andei mais uns metros e outras duas colocaram-se no meu caminho. Tinha começado a chover com violência, mas não havia vento que conseguisse provocar aqueles estragos que me colocavam em perigo. Desviei-me de novo, desta vez com mais dificuldade. Uns ligeiros metros mais à frente, estava parada no meio da estrada alguém familiar… Jynx, com o seu cabelo oxigenado completamente encharcado com a chuva. Fitava-me com uma expressão concentrada e assustadora. Travei a fundo instintivamente para não a atropelar, mas, antes que o conseguisse fazer, o meu *Mazda* elevou-se no ar e foi atirado para o meio da vegetação à beira da estrada. Foi como se uma gigante mão de criança estivesse a brincar com um brinquedo. Fui violentamente agitada dentro do carro, dando tantas voltas que fiquei zonza e perdi os sentidos por momentos.

Quando voltei a mim, fiz um esforço por perceber o que tinha acontecido. Estava de cabeça para baixo dentro do carro capotado e desfeito, e sentia dores um pouco por todo o corpo. Arranquei alguns estilhaços de vidro do meu braço ensanguentado e sustive os meus gemidos de dor e as lágrimas provocadas pelos nervos. Mesmo naquela crise, os meus instintos alertavam-me para o verdadeiro perigo que estava ali. Jynx não parecia a habitual amostra de vilã. Parecia mais forte, pois só podia ter sido a sua rija e possante cauda de escorpião a atirar-me com as árvores e a lançar o meu carro para ali. Como era possível ela ter tamanha força, que até então não tinha revelado? Tentei tirar o cinto de segurança para sair rapidamente do carro. Naquele estado fragilizado, era muito fácil matar-me se quisesse. Quando o cinto se soltou, caí de cabeça no que era o tejadilho do carro e comecei a rastejar para fora dele, magoando-me nos inúmeros estilhaços de vidro espalhados por ali. Quando me levantei, reparei que tinha o pé torcido. Desde a queda na praia de Seabeau que nunca mais foi o mesmo. Arrastei-me o mais depressa que pude até a uma árvore ali perto, evitando a iluminação de um dos faróis do *Mazda* que ainda estava ligado. Como num filme de terror, ainda se ouvia vinda lá de dentro a música *pop* que passava na rádio.

Estava molhada e cheia de frio. Mas o frio que sentia fazia uma espécie de efeito calmante. Ouvi uma agitação nos arbustos ao pé do carro e sabia que era Jynx que se dirigia até lá para me assassinar. Prendi a respiração para não me fazer notar, mas eu já tiritava de frio. Quase não conseguia controlar os tremores. Estava preparada para me transformar em Sereia, mas, naquele estado, eu não estaria à altura de uma criatura que conseguia atirar árvores e carros só com o pensamento… Inesperadamente, ouvi-a ir-se embora. Sabia que só podia ser uma armadilha, mas decidi arriscar mesmo assim. Comecei a correr através da vegetação.

Esbarrei contra muitas árvores porque não via nada naquele breu. Só desejava ter sorte suficiente para estar perto de alguma quinta ou pequena aldeia. Tudo o que desejava naquele momento era ter alguém que me ajudasse. Queria Noemi ali comigo!

Passados pelo menos vinte minutos a tentar fugir pelo bosque escuro, avistei uma estrutura que me pareceu uma fábrica abandonada. Juntei um mais um e percebi que só podia ser a antiga fábrica de caixas, a quilómetros de Lighto Town. Fui-me abaixo por saber que era um local abandonado e longe da população, mas era ideal para me abrigar da chuva fria e recuperar o fôlego durante alguns momentos.

Tentei acalmar-me um pouco, mas só pensava no estrago que tinha ocorrido ao meu carro. Tremi de raiva desta vez. Raiva da Sociedade Índigo, se realmente tinha sido ela a fazer aquilo. Não ouvia nada além da chuva. Se eu não tivesse uma dose de coragem extra por ser Guerreira, acho que não tinha sido capaz de ficar numa fábrica abandonada, no meio do escuro, durante muito tempo.

Subitamente, ouvi a presença de alguém lá fora. Só podia ser Jynx. Tinha-me seguido até lá! Senti-me um pouco mais recuperada, embora muito fraca. Decidi transformar-me em Sereia. Tinha de enfrentá-la ou não sairia dali viva. Era eu ou ela. Mas não parti logo para o ataque. Decidi ser mais furtiva e estratégica, e escondi-me pelas salas vazias do edifício degradado para tentar encontrar a minha oponente e lançar um ataque surpresa. Passados alguns minutos, numa sala amarelada e empoeirada, vi Jynx e atrás de si os habituais humanóides verdes. Todos eles usavam capacetes com lanternas. Jynx ordenava aos seus monstros verdes que me procurassem e me atacassem. Eu evoquei as minhas argolas afiadas e preparei-me para o eventual combate. Entrei lá dentro e enfrentei Jynx. Já a tinha derrotado antes e sentia-me confiante para o fazer de novo, embora soubesse que ela agora estaria mais forte. Ela não estava admirada por me ver. Foi então que percebi que tudo aquilo tinha sido uma armadilha para me levar à fábrica e assassinar, longe dos olhares da população e do auxílio de Noemi.

Corri na sua direcção para atacá-la, mas senti todos os movimentos do corpo ficarem paralisados. De repente, eu era uma bela estátua no meio da sala escura. Ela agarrava num orbe esverdeado que combinava com a sua roupa.

– Apresento-te o meu novo brinquedo, ó peixe de aquário! Decerto já presenciaste os seus úteis poderes telecinéticos. – A sua voz era um misto de sarcasmo e prepotência. Afinal, não tinha sido ela com a sua cauda. Tinha feito batota e usado um orbe mágico de Orbias…

Uma enorme mão parecia agarrar no meu corpo esguio. Eram os poderes mentais de Jynx, garantidos pelo orbe! Atirou-me com violência contra a parede, intensificando as dores que eu já sentia no corpo. Ouvi o som metálico dos meus arcos a caírem no chão. Tinha sido derrotada. Os seis monstros apareceram na sala para me socar e atirar ao chão enquanto Jynx ria cruelmente. Tudo o que desejava nesse momento era que alguém me pudesse ajudar, já que eu falhara enquanto Guerreira. De súbito, ouvi a última voz que esperava ouvir naquele local. Adam entrou de rompante e gritou pelo meu nome quando me viu naquele estado. Como? Como é que ele estava ali? Estúpido! Estúpido Adam. Uma coisa era eu morrer em combate, mas ele não precisava de morrer! Logo ele que tinha um papel tão especial e decisivo em toda aquela história! Ia deitar tudo a perder para me ajudar!

Jynx levantou a sua cauda para espetá-la no peito imaculado de Adam. Será… será que a armadilha não era só para mim e sim para Adam? Estaria assim tão bem engendrada de forma a cumprir dois objectivos ao mesmo tempo? Mas o que se passou a seguir foi algo de surreal. Adam desviava-se da certeira cauda de Jynx com grande facilidade. Olhei com mais atenção para ele. Também tinha um orbe nas mãos. Mas será que toda a gente agora tem orbes?! Onde é a loja? Também quero!

Instintivamente, Adam fugiu da sala para que Jynx o seguisse. Estúpido! Estava a subestimar Jynx pensando que conseguia dar conta dela sozinho e salvar-me! Eu não acreditava no que estava a acontecer. Reuni o máximo de forças que consegui para ajudar Adam. Alcancei os meus dois arcos aquáticos e ataquei os seis monstros sem piedade. Eles caíram no chão, derretendo-se num líquido fumegante. Corri para fora da fábrica, olhei para todas as direcções e avistei as duas figuras ao longe. Segui-as o mais rapidamente que consegui.

Adam corria pela grande planície verde, já alagada pela chuva, em direcção a um pinheiral ao fundo. Pelo menos era o que percebia no meio da escuridão. Jynx seguia-o como um leopardo. Ela gritava qualquer coisa que eu não entendia no meio do som da chuva. Adam agarrava numa espécie de bolsa, com um conteúdo dourado. Com um olhar mais atento, vi-o tirar lá de dentro alguns orbes de magia que atirou a Jynx sem eficácia, pois o único efeito era o brilho que emitiam. Era magia de Orbias. Provavelmente, tinha sido a Sociedade Escarlate a dar-lhe todos aqueles pedaços de magia para se defender em casos de emergência. Adam entrou no pinhal, perdendo-se no meio das árvores altas. Jynx seguiu-se-lhe, olhando para todo o lado para o encontrar.

Eu corria tão depressa pela planície alagada que quase me desequilibrava e afundava na superfície movediça. Os seis monstros derrotados perseguiam-me agora, completamente revitalizados. Pareciam mais fortes e mais rápidos que anteriormente. E eram mais velozes que eu! Lembrei-me, então, do grande poder do meu Ente Padroeiro e que nunca tinha usado. Estaquei arriscadamente o passo e tirei a minha esfera do bolso. Nunca saía de casa sem ela. Tinha-se tornado numa espécie de amuleto da sorte. Desejei, com todas as minhas forças, ter poder suficiente para derrotá-los e salvar Adam. Não demorou muito até que algo de extraordinário acontecesse. Começou a trovejar. As nuvens cinzentas do céu moveram-se como se estivessem a formar um tornado. Do centro, surgiu uma grande nau de madeira, com um imponente explorador de barbas e roupa brilhante na proa. O barco com odor a especiarias, que navegava nos céus, parou, gigantesco, por cima de mim. O homem apontou para a frente e uma onda gigante formou-se a partir do solo alagado e abateu-se violentamente sobre toda a planície, levando com ela os monstros verdes. Depois do grande cataclismo que inundou e destruiu tudo à sua volta, o barco desapareceu no céu escuro. Eu nem queria acreditar que era detentora de tamanho poder… Era realmente um fantástico amuleto aquele.

Fui até ao pinhal, desta vez nadando com a minha cauda de peixe nas cheias que tinha provocado. Chegada lá, saltei da água e corri para procurar Adam e Jynx. Adam estava encostado a um pinheiro, inconsciente. Não fiquei surpreendida por ver que tinha perdido o combate. Só queria acabar com aquilo e usar o meu poder de Vida para curar Adam dos ferimentos provocados por aquela luta desigual. Jynx estava em frente a ele, juntamente com um homem de fato e gravata. Arremessei os meus dois arcos afiados na sua direcção. O homem criou uma barreira invisível à sua frente e os ataques foram rechaçados.

– Leva-o, Merovingian! Eu trato dela. – Jynx colocava-se em posição de combate, em frente ao homem. Este agarrou facilmente no rapaz e desapareceu num buraco negro.

– Não!!! Adam!!! Como foste capaz, sua estúpida?! – A minha voz estava descontrolada com a revolta por ter falhado o salvamento de Adam.

– Tu é que és a estúpida! Não percebeste que tudo isto foi uma armadilha para conseguir atrair e raptar o detentor do artefacto de Adão? Adoro as tecnologias deste mundo. Bastou uma mensagem de telemóvel para Adam, dizendo que estavas em perigo, para ele vir a correr sem que a Sociedade Escarlate tivesse percebido! Muito melhor que a magia destes orbes! E o Adam, que rapaz galhardo!

– Cala-te, parva! – Eu só queria matar Jynx da pior forma possível. O meu ódio por ela era tão intenso que só queria causar-lhe o maior e mais terrível sofrimento.

Completamente desgovernada, lancei-me sobre ela com a ira a arder nos meus olhos. Lutámos durante uns minutos, mas ela estava em vantagem. Ao menos já não tinha o orbe. Deveria estar inutilizado. Eu estava exausta e ferida. Além do mais, a invocação do Ente Padroeiro parecia ter consumido a pouca energia que me restava. Ouvi um estranho som à minha frente que não era proveniente de Jynx ou das trovoadas. Parecia gelo a estalar. Jynx parou e ficou com o olhar vidrado e vazio. Atrás dela apenas vi inúmeros flocos de neve a esvoaçar. Quando a minha inimiga caiu para cima de mim, vi uma lâmina de gelo espetada nas suas costas. Alguém me tinha salvado da provável derrota. Ouvi alguém a mexer-se atrás de uma árvore à minha frente. Perguntei quem estava ali… De lá saiu uma mulher de tranças azuis escuras até ao chão. Todo o seu corpo parecia feito de gelo ligeiramente azulado. Tinha gelo cristalino a tapar os seios e a embelezar os tornozelos, pulsos e pálpebras. Um fino tecido cor-de-rosa, quase transparente, servia de saia. Nos olhos, a alma de alguém implacável. A mulher de gelo avançou sobre mim, com o som suave do gelo a estalar com os movimentos e deu-me uma forte chapada que me deixou KO no chão.

Quase a perder os sentidos, ainda consegui ver a mulher transformar-se numa pessoa normal, de cabelo castanho ondulado, de fato preto de executiva e olhar penetrante e claro escondido pelos óculos de massa. Pegou em mim, revelando uma força que não aparentava, e saiu dali comigo, deixando a mortalmente ferida Jynx para trás. Depois, ficou tudo escuro.

Busca

Os circenses tinham colocado uma mesa cheia de comida para festejar a derrota da Moura Encantada. Eram extremamente simpáticos e divertidos, o que contrariava a primeira impressão que tive quando lá cheguei com Lily-Violet – talvez porque antes estavam sob o feitiço da Moura e agora já não. Contaram-nos que eram membros do circo itinerante Orbes Mágicos, mas que, ultimamente, não tinham público devido ao medo que a população sentia da Sociedade Índigo e da inevitável pobreza como resultado da falta de magia. Disseram-nos também, pela boca do anão de cartola, o líder da trupe, que acolheram a Moura Encantada numa noite de chuva em que pedira abrigo. Nessa mesma noite, enquanto dormiam, ouviram uma música muito bela. Depois disso, só se lembravam de acordarem no chão do circo, cheios de hematomas e com três lindas raparigas à sua volta. Tinha achado aquela história semelhante à do desaparecimento dos homens de Seabeau, tal como vira na minha visão. Seria a mesma mulher? Tinha pena que ela se tivesse transportado depois de derrotada, ou faria uma espécie de interrogatório sob tortura!

Enquanto os circenses se divertiam, dançavam, cantavam e bebiam em grande folia numa mistura de luzes e cor, eu, Lily e a nova Guerreira dirigimo-nos para uma carroça verde, com janelas amarelas, para conversarmos. Eram aposentos de mulher, com almofadas e cama de seda e cetim, e muitos perfumes e maquilhagens por todo o lado. Depois de nos sentarmos, começámos com as perguntas à rapariga de cabelos carmesim. Chamava-se Rouge e era uma princesa de Orbias, de um reino chamado Grimmus. As mulheres da sua família estavam sob uma maldição de azar em que, durante toda a sua vida, seriam perseguidas por bruxas e feiticeiras invejosas e loucas. Contou que já tinha perdido a voz duas vezes, tinha envelhecido três vezes e tinha ficado presa em quatro torres. De todas as vezes, foi salva por um príncipe que lhe estava prometido, mas este desaparecia cobardemente quando a salvava. Desta última vez, estava a dormir em sua casa, no Castelo de Grimmus, quando foi acordada por dois palhaços que a atordoaram. Quando acordou, estava no meio das chamas, na tenda, a transformar-se em Guerreira da Destruição.

Rouge conhecia muito bem a História de Orbias, das Sociedades e das Guerreiras da Deusa. Os seus tutores reais tinham-lhe ensinado tudo. Porém, nunca imaginou que pudesse ser uma delas. Os seus conhecimentos revelar-se-iam muito úteis para nós. Eu era terrestre e não conhecia nada de Orbias; Lily tinha ficado uma vida inteira prisioneira de uma bruxa numa floresta de flores; por isso era bom ter uma companheira que funcionasse como uma espécie de enciclopédia ambulante. Além do mais, ela parecia extremamente inteligente, embora um pouco convencida e altiva. O seu estatuto em Orbias também serviria como influência em algumas situações. Eu já estava a pensar como uma verdadeira líder. Conhecia-a há minutos e já imaginava estratégias que nos pudessem facilitar a vida quando lutássemos com a Sociedade Índigo. Eu estava realmente a mudar…

Tanto eu como Lily-Violet estávamos radiantes por tê-la encontrado. Ela era muito ponderada e educada, o oposto de Lily. Contudo, o seu ar um pouco arrogante e presunçoso continuava vincado. Mesmo quando ela sorria para nós, tinha a sensação de que era mais por educação do que propriamente por estar a ser sincera. E eu não podia deixar de reparar em como o aspecto recatado de Rouge em nada tinha a ver com a medusa flamejante, sedutora e voluptuosa, em que se tinha transformado.

Lembrei-me, então, de Lorelei, por achá-la igualmente bonita. Já tinha passado tanto tempo desde que eu e Lily tínhamos chegado a Orbias e salvado a Guerreira da Destruição. Eu não queria acreditar que tivesse feito de propósito para não voltar lá. Será que lhe tinha acontecido alguma coisa? Fiquei subitamente preocupada. O meu telemóvel vibrou. Tinha uma nova mensagem escrita. Curiosamente, tinha rede em Orbias! Abri-o, com algum receio, pois só Cordélia conseguia enviar mensagens estando eu naquele mundo e, se me estava a contactar, boa coisa não podia ser. Eu pressagiava alguma coisa má naquela mensagem. «A Sociedade Índigo capturou Adam. Lorelei desapareceu. Não se transportem. Depois contacto. Cordélia.» Senti o mundo desabar sobre mim naquele momento. As pernas fraquejaram e deixei-me cair na cama atrás de mim. Como poderia ter acontecido aquilo? A minha amiga Lorelei tinha desaparecido! Devia ter falado com ela, não devia ter partido com Lily-Violet sem me certificar que tudo estava bem. Senti-me mortalmente culpada com todas as coisas que pensei dela depois da sua ausência! E Adam, detentor do artefacto de Adão e o meu novo amigo, estava nas mãos da Sociedade. Não devia tê-lo deixado sozinho em sua casa! A Sociedade Índigo já estava mais perto de destruir os dois mundos. Só me apeteceu chorar naquele momento. Lily-Violet tentou acalmar-me, dando-me palmadinhas nas costas. Rouge só olhava para mim intrigada com a minha estranha reacção emotiva.

Eu nem sequer podia procurar por Lorelei na Terra, pois não me podia transportar naquele momento. Aliás, eu nem sabia se ela realmente estava na Terra. E sendo eu ainda uma Guerreira «em formação», como podia resgatar Adam?! O que lhes teria acontecido? Estariam vivos? Porque é que ninguém me dava pormenores?! Tentei ligar para Cordélia do meu telemóvel, mas estava sempre interrompido. Num acesso de determinação, perguntei a Rouge se sabia onde era a sede da Sociedade Escarlate. Os seus membros deveriam ter informações sobre o que se tinha passado na Terra e sobre o paradeiro de Lorelei. E podíamos aproveitar para confrontá-los em relação às suas verdadeiras intenções connosco. Rouge disse-me que ouviu o pai comentar uma vez com o seu ministro que a base secreta da Sociedade situava-se depois da aldeia de Fruitilia, por baixo da Catedral Niveus, sede do culto à Deusa em Orbias.

Partimos, mesmo debaixo de noite cerrada, depois de nos despedirmos dos hospitaleiros membros do circo Orbes Mágicos. O anão agradeceu-nos fervorosamente e prometeu um futuro encontro. Eram itinerantes e hoje estavam ali, mas amanhã poderiam estar noutro lado. Depois de grandes acenos e desejos de boa sorte, nós as três entrámos na mata escura ao lado da tenda de circo. Pediram-nos também que déssemos cumprimentos a Cordélia. Outrora, pertencera à trupe Orbes Mágicos, antes de ser recrutada pela Sociedade Escarlate.

Perante a escuridão, saquei do orbe de Lily e iluminei o nosso caminho. As árvores eram assustadoramente grandes e velhas, possivelmente com centenas de anos. Àquela hora da noite, só se ouviam mochos e pequenos animais nocturnos a correr de um lado para o outro. Rouge parecia pouco à vontade ao aperceber-se que estariam por ali ratos e outros animais do género. Os arbustos mexiam-se com o vento, alheios à nossa passagem. Eu sentia-me desconfortável com todas aquelas sombras. No entanto, tinha de me sacrificar pelos meus amigos, não havia tempo a perder! Mas eu não conseguia sacudir a sensação de que algo naquela floresta estava mal. Parecia que alguém nos observava. Era a mesma sensação de conspiração que senti na floresta de flores… Foi então que deixámos de ouvir qualquer som.

– Esta é a Floresta Druídica. É famosa pelo desaparecimento de quem por aqui passa. Há quem diga que existem aqui monstros que comem humanos. – A frieza de Rouge era atroz.

– Não podias ter dito isso *antes* de entrarmos na mata? – Lily-Violet agarrou-se a mim, esganiçada e trémula. Decerto que se tinha lembrado de Marzanna.

– Teríamos de dar uma grande volta, o que nos atrasaria em várias dezenas de horas.

– O melhor é sair desta mata o mais depressa possível. Vamos.

– Aaah…. Eh, eh!… Noemi… eu precisava de ir à… casa de banho…

– Mesmo no escuro, vi a face corada de Lily-Violet.

Ela correu até à parte de trás de uma árvore grossa. Quando se preparava para acudir ao chamamento da Natureza, reparei que, perto dela, acenderam-se duas bolinhas amarelas no meio do escuro. Fiquei estática. As duas bolinhas eram dois olhinhos de um gigantesco ogre, com uns três metros, de grande tronco e braços, mas cabeça e pernas pequenas. Agarrava um tronco de árvore e estava pronto para bater em Lily-Violet com ele, como num jogo de basebol. Ela só teve tempo de soltar um agudo grito que assustou Rouge, entretida nos seus pensamentos. Corremos de imediato em seu auxílio. Quando lá chegámos, vi Lily-Violet empunhando a sua metralhadora e disparando ineficazes tiros de sementes que o ogre rechaçava com o tronco. Rouge fez crescer os seus cabelos, já a arder, para queimar o monstro, mas, quando se enrolaram num dos seus pulsos grossos, ele levantou o braço e atirou-a para longe. Eu lancei-lhe a minha bola de ferro. A força dele era tal que agarrou na bola e arrancou a arma das minhas mãos. A Fada tentou criar várias barreiras de terra, mas o bruto ogre agarrou no seu corpo frágil e atirou-a para as copas de umas árvores ao fundo, perto da zona onde Rouge caíra.

Deixei de ver ou sentir as minhas amigas. O monstro vinha na minha direcção para me esmagar o crânio com um tronco. Subitamente, e para sorte minha, os ramos das árvores circundantes começaram a bater nele violentamente, distraindo-o. De uma das árvores saiu uma criança. Era uma menina toda vestida com folhas e tinha a pele num tom verde-seco.

– Eu sou uma dríade, um espírito das árvores. Nós sentimos grande poder e motivação em vocês, que são as salvadoras deste mundo. Por essa razão, vamos deixar-vos ir desta vez. Fujam do ogre enquanto o distraímos. – A voz da menina era melodiosa e, no entanto, mecânica.

Não pensei duas vezes. Passei por baixo do braço do voraz ogre, afastando-me dos seus gestos bruscos para se livrar dos ramos. Cheguei a Lily-Violet que estava pendurada numa árvore. Soltei-a. Mais à frente, vi Rouge a tentar levantar-se, tonta e desequilibrada. Fui ter com ela também e as três começámos a fugir pela mata com toda a rapidez. Ouvíamos o ogre a iniciar as suas largas passadas atrás de nós. Sabia que não valia a pena derrotá-lo, pelo que confiei na dríade. Estava já cheias de dores nas pernas com aquele *sprint* e não via bem o caminho. Bem podíamos andar às voltas pela mata. Fiquei mais aliviada quando avistei luz artificial ao longe. Corremos com todas as nossas forças para fora dali. E conseguimos! Lily-Violet até tropeçou numa pedra e rebolou encosta abaixo. Eu voei para ajudá-la, enquanto Rouge se virava para a mata e notava que estava calma, sem sinal algum do espalhafatoso ogre. Afinal, era mesmo um bosque mágico com criaturas estranhas.

Estávamos, finalmente, perto da aldeia de Fruitilia. Consegui ver as luzes dos candeeiros ao fundo e uma enorme placa a indicar o nome da aldeia. Ficava num vale, daí a queda aparatosa de Lily-Violet. Um pouco cambaleantes, caminhámos até lá. Estávamos demasiado cansadas para continuar. Era já de madrugada, por isso, o melhor era arranjar um quarto numa estalagem da aldeia.

Era uma típica aldeia rústica. Até me recordou a casinha do casal de velhotes do campo de triganjas. Havia um incrível aroma a frutas doces, mesmo com a humidade da noite. Era tão agradável que fiquei com muita fome. Inacreditavelmente, àquela hora tardia encontrámos uma estalagem com uma janela iluminada. Bati na rude porta de madeira e logo ouvi passos do outro lado. Abriu um homem de cabelo gorduroso, bigode aparado e blusa aberta, deixando ver um fio de ouro perdido no meio do matagal do peito. Cheirava imenso a suor! Todo ele personificava o novo fenómeno do mundo moderno terrestre: o retrossexual. Quando viu três raparigas à sua porta, olhou-nos de alto a baixo e o seu sorriso esboçou pensamentos algo pecaminosos e que não me agradaram nada. Um macho latino, pensei eu.

– Boa noite. Desculpe incomodar, principalmente a estas horas. Precisávamos de um quarto para esta noite. Tem algum disponível? Estamos muito cansadas e… – Tentava parecer muito educada, mas só me apetecia rir com aquela figura.

– Claro, claro, é sempre bom receber mulheres tão lindas. Estejam à vontade – o homem tinha um sotaque espanholado e estava claramente a seduzir-nos. Que lata!

O seu nome era Juan e era o filho da já idosa dona da estalagem. Indicou-nos um quarto onde poderíamos descansar durante a noite, se bem que, com aquele homem lá em casa, não estaríamos completamente descansadas. Havia duas camas num quarto minúsculo. Rouge dormiu numa e Lily-Violet dormiu na outra comigo.

Já entre o despertar e o sono, lembrei-me de Sebastian. Há bastante tempo que não o via. Há meses! Sentia mesmo muito a sua falta. Estava tão tensa com o desaparecimento de Lorelei e Adam que precisava mesmo do seu ombro para chorar de frustração. Queria sentir o calor do seu abraço. Queria que me dissesse com a sua voz de menino malandro que tudo ia correr bem. Será que lhe tinha acontecido alguma coisa? E será que Lorelei e Adam estavam realmente bem? Eu nunca me perdoaria se lhes acontecesse alguma coisa! Devia ter estado com eles para protegê-los! Pensei que estava a adormecer, mas já me tinha esquecido que aquela era a sensação que tinha antes de ter uma visão.

\*

Quando abri os olhos, estava numa sala de um apartamento minimalista e sofisticado, com quadros abstractos na parede e objectos de metal e acrílico nas mesas. Lorelei estava deitada no sofá de cabedal branco, adormecida. Estava tão desabituada às minhas visões de Omnisciência que corri até ela para abraçá-la, mas só senti ar. Eu não estava ali… Mas o meu coração preencheu-se de felicidade ao ver que Lorelei estava viva e parecia bem. Só não entendia onde ela estava. Vi-a mexer-se e gemer baixinho. Estava a acordar. Tentei de imediato saber o que pensava de forma a descobrir o que se tinha passado. Ela olhou em volta para a sala e as lembranças do seu fabuloso ataque e da sua falha em proteger Adam queimavam-lhe a memória com crueldade. A nódoa negra na sua cara lembrou-lhe a mulher, a misteriosa mulher de gelo que a tinha atacado. Atrás dos cortinados brancos, viu que já era de noite. Esteve adormecida durante horas. Imaginou que a casa era da mulher que a atacou e levantou-se do sofá para tentar fugir.

– Se fosse a ti, não fazia isso. Vem comer qualquer coisa. – A voz falsamente suave vinha da cozinha. De lá surgiu a mulher, de cabelo apanhado e fato preto. Tinha uns acutilantes olhos claros e umas sardas que lhe decoravam a face como uma menina.

– Quem é você? Porque me trouxe para aqui? – Lorelei começou a bombardeá-la com perguntas.

– Respostas depois. Vem comer primeiro. – Lorelei achava-a sonsa, mas, inexplicavelmente, confiava nela.

Sentou-se à mesa. Iam comer comida congelada. Pela quantidade de embalagens de comida no frigorífico, percebi que a mulher deveria ter uma ocupação que lhe tirava todo o tempo, mesmo tendo vinte e poucos anos. Colocou-lhe um prato de lasanha à frente, que vinha directamente do microondas. Lorelei estava cheia de fome, pelo que levou logo uma garfada à boca. Acabou por queimar a língua e praguejou que estava quente de mais. A mulher franziu o sobrolho e abanou a cabeça. Já recomposta, Lorelei falou.

– És… uma Guerreira da Deusa? A Guerreira da Omnipresença, não é? – Ela tinha um misto de choque e felicidade na cara.

– Sou.

– Mas quando é que despertaste? E como? E por que não nos contactaste antes?

– Dispenso as perguntas, Lorelei. – A mulher sabia o nome dela. – Eu só vou falar do que acho relevante para ti. Antes de mais, sou a Riddel. Esta é a minha casa, como já deves ter concluído. Como já te revelei a minha identidade, acho que posso dizer-te como despertei. – Riddel levantou-se e virou-se para o lava-loiça para não ter de encarar Lorelei. – Foi há dois anos. Eu e os meus pais íamos passar um fim-de-semana à montanha Icicle, que estava cheia de neve nessa altura. Apesar da constante ausência do meu pai devido ao seu emprego, éramos uma família feliz. Eu estava na Universidade, a minha mãe cuidava da casa. Porém, nesse dia, a estrada estava com o piso muito escorregadio. O meu pai ia muito depressa e não tardou a perder o controlo do carro e despistar-se. Caímos de uma altura de dez metros. Miraculosamente, eu fui projectada para fora do carro e a minha queda foi amortecida pela neve. Os meus pais tiveram morte imediata. – Lorelei reparou que ela agarrava no esfregão da loiça com muita força e jurou ter visto uma lágrima cair. – Não passavam muitos carros naquela estrada. Por isso, fiquei horas, deitada na neve, com uma contusão na cabeça, pé partido e quase a entrar em hipotermia. Quando pensava que me ia juntar aos meus pais, senti um calor intenso dentro de mim e vi formar-se uma luz esbranquiçada à minha volta. Quando dei por mim, estava restabelecida… e transformada em Guerreira. Estava tão confusa e chocada. Inesperadamente, chegou uma ambulância e um reboque e eu voltei a ser Riddel de novo.

»Depois de meses de depressão pela morte dos meus pais, tentei transformar-me de novo. Passava horas ao espelho a tentar perceber o que era aquilo. Quando me concentrava, conseguia multiplicar o meu corpo e estar em vários locais diferentes. Quando voltava a fundir-me, acumulava todas as experiências dos meus vários corpos. É um pouco difícil de entender este poder de Omnipresença. Até eu tive dificuldade em percebê-lo e aperfeiçoá-lo.

»A minha vida tomou novo sentido e eu vi-me obcecada com a explicação para a minha transformação. Mesmo tendo herdado a presidência da empresa do meu pai, não cessava as investigações acerca da minha identidade. Foi então que um dia descobri um cofre na casa dos meus pais. Chamei um serralheiro para abri-lo e foi aí que tive a terrível revelação de que o meu pai fazia parte da Sociedade Índigo. Na altura, não sabia o que era, mas o meu pai tinha todos os documentos necessários naquele cofre: quem eram, os objectivos, como funcionavam, a existência de Orbias… e um facto terrível. O meu pai chefiava uma missão da Sociedade: encontrar e destruir as únicas seis pessoas dos dois mundos capazes de acabar com os planos da Sociedade Índigo. As seis Guerreiras da Deusa… E o meu pai sabia que eu era uma Guerreira! Fui a primeira a ser identificada… Mas acho que, apesar de tudo, ele tentou proteger-me até ao fim, ou já estaria morta há muito tempo. – A voz calma de Riddel tornou-se inconstante. – A partir daí, tomei como missão pessoal espiar todos os planos da Sociedade Índigo e da Sociedade Escarlate, uma espécie de agente dupla com o objectivo de reunir todas as informações possíveis e agir autonomamente.

– Mas porque nunca vieste ter connosco? Afinal, fazes parte do nosso grupo.

– Eu estive sempre perto de vocês. Assisti à maior parte dos vossos «feitos heróicos». Acho que a Guerreira da Omnisciência, Noemi, foi a mais esperta até agora. Pelo menos, ela viu-me na torre do Castelo de Mármore, em Marblia. Mas eu nunca tive coragem para me aproximar. Até porque eu trabalho muito melhor sozinha. Vocês ainda estão muito verdes. E não me parece que estejam a levar o vosso destino muito a sério…

– Então, se não te queres juntar a nós, porque me salvaste? – Lorelei levantou-se da cadeira. Estava irritada com a arrogância de Riddel.

– Porque, inexplicavelmente, não consigo afastar-me de vocês. Parece que tenho uma espécie de elo de ligação com as Guerreiras.

– Então, junta-te a nós! Juntas seremos muito mais fortes e conseguiremos proteger os dois mundos da Sociedade Índigo. – Lorelei agarrava-se ao braço de Riddel.

– Está bem. Mas não quero que interfiram nos meus assuntos. Agora prepara-te, vamos a um espectáculo esta noite.

– Espectáculo? Temos de voltar para Orbias! As outras estão à minha espera!

– O espectáculo não pode esperar. É a última noite. – Riddel sorriu cinicamente.

Enquanto a via agarrar no casaco, Lorelei não podia deixar de reparar que Riddel era muito misteriosa e que ainda lhe estava a esconder muitas coisas. Apostou em confiar nela, mesmo sentindo que se ia arrepender. A sala ficou escura de repente. Tudo o que importava ver naquela visão tinha terminado.

Sanguinária

Abri os olhos e estava de volta ao quarto escuro da estalagem de Fruitilia. Rouge e Lily dormiam pacificamente a meu lado, sem notar que a minha mente tinha estado ausente durante vários minutos. A minha vontade foi acordá-las de imediato para dizer que Lorelei estava bem e que estava com uma Guerreira, acordada muito antes de nós. Só de pensar nela, senti um arrepio na espinha. Eu já a conhecia das minhas visões. E percebi o porquê da frequente sensação de estar a ser observada e de encontrar os cascos das árvores congelados.

Lorelei não era tão boa a ler pessoas como eu. Aliás, tinha acreditado muito facilmente na história de Riddel. Mas eu não. Mesmo que ela realmente seja uma Guerreira, alguma coisa nela não batia certo… Para quem se tinha escondido durante tanto tempo, tinha contado coisas a mais sobre a sua vida. Parecia que tinha treinado aquela história para quando estivesse com uma de nós. Lembro-me bem do seu olhar gélido fixo em mim no Castelo de Mármore, quando eu não estava lá. Foi como se estivesse na minha mente. Se ela realmente estivesse dentro da minha cabeça, certamente sabia que estava com Lorelei na sala de sua casa. Voltei a sentir-me descoberta, violada, como se fosse uma criança a quem tinham apanhado numa traquinice. E esta sensação aumentou quando me lembrei que eu não conseguia ler os seus pensamentos nas minhas visões. Era como se a mente dela fosse uma folha de papel branco. Era realmente muito misteriosa e intrigante…

Não quis pensar mais no assunto, até porque estava demasiado cansada e precisava de dormir. As minhas pálpebras esforçavam-se por se unir e o corpo já estava dormente de tanta agitação. Sentia-me mais entorpecida naquela altura do que quando trabalhava no Verão passado, no café de uma zona turística, onde as pessoas são como formigas. Lorelei estava bem, embora não me agradasse a ideia de estar com Riddel. No entanto, ainda não sabia nada de Adam; por isso, cinquenta por cento da minha desmesurada preocupação ainda se mantinha. Isto porque eu não estava a considerar os duzentos por cento de preocupação extra com Sebastian. Fazia-me falta o seu orbe de boa noite que eu guardava tão carinhosamente para me ajudar a adormecer. Mas tinha ficado na Terra. Aquelas semanas sem Sebastian ou qualquer notícia sua pareciam séculos. A nossa maravilhosa noite juntos, a noite em que todos os meus ideais de preservação da virgindade foram derrotados pelo doce abraço de Sebastian, parecia ter acontecido há décadas. Porém, todos os segundos passados com ele estavam vincados na minha memória e gravados no meu coração. A minha pressa e determinação em chegar à sede da Sociedade Escarlate também se relacionava com a urgência que tinha em saber de Sebastian e exigir a sua libertação das arriscadas missões. Era egoísta da minha parte, mas eu estava verdadeiramente mais interessada em Sebastian do que em Adam e Lorelei. Estaria a ficar tão obcecada por ele que era capaz de sacrificar toda a minha vida e amigos só para sentir o seu cheiro e sabor mais uma vez? Ou será que tinha receio de perdê-lo para sempre e o mais romântico que guardava dele era uma noite de sexo? Tinha sido a minha primeira vez e não me arrependi por ser com Sebastian, a minha alma gémea. Mas um beijo tinha bastado para guardá-lo para mim, mesmo que fosse para a eternidade. Tinha cedido facilmente. Toda a minha auto-preservação perdeu-se em questão de segundos. Toda a minha moralidade perdida perante o feitiço de Sebastian. Estaria arrependida? Perdida em pensamentos, nem me apercebi que estava a adormecer a olhar para o rosto do meu amor arrebatador!

\*

Acordei com uma tremenda dor de cabeça. A tonelada que pesava sobre ela ofuscou-me a percepção de que estava a chover torrencialmente lá fora. Rouge olhava com ar compenetrado para a autêntica cascata que se formara com a água da chuva. Lily-Violet não estava no quarto.

– Bom dia, Noemi. Dormiste bem? – Rouge virava-se para mim com a sua voz perfeitamente colocada.

– Mais ou menos. Tive dificuldades em adormecer. Onde está a Lily? Não foi preciso Rouge responder. Lily-Violet irrompeu pela porta tosca do nosso quarto. Vinha com cara de enterro. Quando começou a falar, percebi porquê. O dono da estalagem tinha-a informado de que esperavam uma tempestade naquela região, pelo que não era nada aconselhável sair dali durante todo o dia. Sem a possibilidade de nos transportarmos e sem qualquer outro meio de transporte, estávamos mesmo presas em Fruitilia! Nem queria acreditar que, apesar de toda aquela urgência, ia ficar entalada com Rouge e Lily numa aldeola de Orbias a olhar para a chuva… Deixei-me cair de novo na cama e soprei, impaciente.

Não era mau de todo estar no quentinho daquelas mantas à conversa com as minhas amigas enquanto chovia a potes na rua. Mas a memória de Sebastian, Lorelei e Adam voltavam a mim como um baloiço. Enquanto ouvia um pouco mais sobre a vida de Rouge, Juan veio até ao nosso quarto deixar um tabuleiro com o pequeno-almoço, não sem antes nos piscar o olho. Bastava um relance da sua expressão morena para me aperceber que a sua vontade era ficar no quarto connosco, mas não para conversar…

Conversei durante horas com Lily e Rouge enquanto a luz cinzenta e molhada da rua inundava o quarto desconsolado. Contei-lhes a minha recente visão. Ficaram felizes por saber que Lorelei estava bem e que tinha sido descoberta mais uma Guerreira. Não quis contar-lhes sobre as minhas desconfianças em relação a Riddel. Poderiam ser infundadas e aí estaria a ser bastante injusta com ela. Rouge contou-me um pouco mais sobre Orbias e a Sociedade Escarlate. Mas a verdade é que ela não tinha muitas informações que nos auxiliassem na nossa aventura, até porque a Sociedade primava pelo secretismo. No entanto, contou-me um facto curioso. Orbias era constituído apenas por um gigante continente. Todo o planeta era constituído por um mar quase infinito. Achei piada a isto, tendo em conta que havia teorias que diziam que a Terra foi assim, um dia: um gigante continente, Pangeia, que foi dividido em cinco continentes, tal como os Terrestres os conhecem. Até fazia sentido essa teoria. Bastava olhar para um mapa da Terra e ver que os continentes até se encaixavam uns nos outros.

Quando demos por nós, já estava a escurecer. Os dias em Orbias também eram mais pequenos no Inverno, tal como na Terra. Tínhamos perdido um dia inteiro por causa da maldita chuva! Para não atrofiarmos ainda mais naquele quarto claustrofóbico, decidimos sair um pouco e ir até a um botequim na aldeia. Quando me levantei da cama, fui invadida por uma sensação de desconforto derivada da mudança de temperatura – estava tão quente na cama!…. Calcei as botas pretas com dificuldade e dirigi-me para a rua. Estava a chover muito, por isso, decidi transformar-me em Anjo e abrigar-me a mim e às minhas amigas com as minhas enormes e vigorosas asas brancas. Deambulando por aquelas ruas de aspecto medieval, senti o cheiro a álcool e comida quente. Tinha de ser ali.

Quando entrei no estabelecimento com Rouge e Lily-Violet e voltei a transformar-me em Noemi, senti todos os olhos estacados em nós. O burburinho deu lugar ao mais incómodo dos silêncios. Só havia homens lá dentro, uma multiplicidade de «Juans» que literalmente nos comiam com os seus olhos depravados. Achei melhor voltar para a estalagem com elas, mas, quando olhei para o meu lado, já Lily e Rouge estavam sentadas numa das mesas de madeira. Arrastei-me até lá, colocando estrategicamente o meu cabelo preto à frente da cara. Estava cheia de vergonha! Odiava ser o centro das atenções. Odiava que houvesse muita gente a olhar para mim. Principalmente se fosse um grupo de homens perversos. Quando me sentei, olhei em volta para analisar o local. Não pude deixar de compará-lo com as tascas na Terra, daquele tipo que se localiza em aldeias do interior e onde se concentram os homens depois da lida diária para beber um copo.

– Boa tarde. Vão querer o quê? – O empregado, muito mais velho que os seus clientes, não nos olhava como eles. Parecia até muito incomodado e indignado com a presença de mulheres no seu estabelecimento.

– Muito boa tarde, caro senhor. Queria dois licores de triganjas e para a minha amiga um copo do vosso melhor vinho. Ela é alérgica a triganjas. – Rouge era do tipo de pessoa que conseguia alcançar os seus objectivos recorrendo simplesmente à boa educação. Era impossível contrariá-la e dizer-lhe que não podia pedir as coisas por nós quando ela era tão cortês e simpática.

O homem ficou admirado com o pedido. Quando ele trouxe as bebidas e experimentei licor de triganjas pela primeira vez, percebi porquê. Era tão forte que me engasguei ao primeiro trago. Envergonhei-me ao babar-me um pouco com a aflição que aquele álcool provocava na minha boca e garganta. Mas era bom! Eu odiava álcool, mas havia qualquer coisa naquele líquido que me deixava viciada. Ou talvez fosse o meu desespero a falar mais alto. Pensei que, já que estávamos ali presas na aldeia, não fazia mal nenhum beber para esquecer e ficar mais «alegre». Estava tão farta de todas as minhas preocupações que decidi divertir-me com as minhas amigas passados tantos meses de má disposição e depressão. Até ficava mal três raparigas jovens beberem tanto num sítio daqueles, mas não queria saber!

Cedo as garrafas começaram a multiplicar-se na nossa mesa, e com elas as gargalhadas e confissões. Rouge contou-nos que nunca tinha bebido na vida e que estava farta da pressão de ser uma princesa bem-comportada. Agora que era uma Guerreira e estava entre amigas, já ninguém a podia controlar. Eu gostava mais daquela Rouge, mais descontraída. Já não tinha o habitual ar de emproada e o pau enfiado no rabo que a fazia andar tão direita, ah, ah, ah, ah, ah! Lily-Violet estava igual a si própria, o que me fez pensar que o seu estado normal é de uma constante bêbeda, ah, ah, ah, ah, ah! Eu já não conseguia parar de rir. Quase que me mijava toda! O ponto alto foi quando dois homens vieram ter connosco com o intuito de nos seduzir e Rouge se virou para eles com um olhar tão irado que jurei ter visto raios laser sair dos seus olhos amarelados. Desde aí, mais nenhum veio ter connosco, ah, ah, ah, ah, ah, ah!

Era demasiado estúpido e arriscado, mas eu estava muito bêbeda. Comecei a falar de mais, coisas que estavam guardadas a sete chaves dentro do meu coração.

– Eu fui uma estúpida! Deixei-me seduzir pelo Sebastian e esqueci toda a minha moralidade, ah, ah, ah, ah! Basta ele aparecer que eu até esqueço que sou Guerreira! Que estupidez… Eu acho é que a antiga Guerreira da Omnisciência escolheu mal a pessoa para reincarnar. Sou péssima Guerreira… fraca… complicada. E agora também sou uma porca badalhoca! – Aquele súbito acesso de amargura quase me despertou da bebedeira feliz. Comecei a olhar para o copo vazio. A voz correcta, embora inconstante de Rouge trouxe-me de volta à conversa animada.

– Olha, eu cá acho que devias estar feliz. Nem em Orbias se liga à falsa moralidade da virgindade. Bem… só nas estúpidas casas reais de Orbias… É tão medieval que me apetece vomitar! Nem o estúpido do príncipe que me anda sempre a salvar tem tomates para me raptar e fazer de mim o que quer, como um selvagem louco de desejo pelo meu corpo! – Ela abanou a cabeça como um animal.

Eu e Lily estremecemos com a repentina grosseria dela. Mas, ao menos, estava a ser sincera consigo própria e connosco. Tive a impressão de que, no seu estado normal, ela nunca nos contaria aquilo. Depressa desatámos as três a rir com fortes gargalhadas no já vazio botequim. Quando comecei a ver dezenas de kutchis a encher aquele espaço e a cantarolar numa roda, percebi que tinha abusado realmente da bebida…

\*

Quando abri os olhos, tinha mais três toneladas na minha cabeça do que no dia anterior. Nunca tinha bebido daquela forma, por isso estava a ter o desprazer de conhecer a «dona ressaca». Olhei em volta e estava de volta ao quarto da estalagem. Não sabia como tinha ido ali parar. A última coisa que me vinha à memória era a confissão de Rouge. Pelos lençóis e almofadas espalhadas pelo quarto, apercebi-me de que a diversão se tinha expandido do botequim até ali. Rouge e Lily ainda dormiam jogadas pelas camas, completamente derrotadas pelo álcool. Tomei consciência das coisas que tinha dito enquanto bebia com elas. Nem acreditava que os meus mais íntimos sentimentos e pensamentos tinham sido revelados tão facilmente. Mentalmente, tomei um banho de ácido sulfúrico por ter sido tão descuidada. Doravante, sentir-me-ia despida e envergonhada ao pé delas. Comecei a roer inconscientemente as unhas e a mexer-me inquieta na cama. Estava nervosa com o que elas iriam pensar de mim quando acordassem. Tinha-me traído a mim própria e ao meu amor por Sebastian. Mas será que eu realmente acreditava no que tinha dito? Estava mesmo arrependida por me ter entregado a Sebastian daquela forma? Teria dúvidas em relação ao meu namoro com ele? O meu coração mergulhou num abismo escuro ao confirmar as minhas incertezas. O que tinha com Sebastian era amor ou paixão? Era devoção ou desejo? Teria sido envolvida nas malhas da inevitável atracção que Sebastian exercia sobre mim, enfeitiçando o meu coração? Eu era um Anjo, um ser etéreo e puro. Mas comecei a sentir a fraqueza da minha condição humana a apoderar-se de mim numa luta interior devastadora… Humana *versus* Anjo. Prazer *versus* Amor.

Trémula, dirigi-me à janela, inebriada com o sabor asfixiante dos meus pensamentos. Quando a abri, gritei de pavor, acordando umas assustadas Rouge e Lily-Violet. Estavam diversos homens amontoados lá fora a espreitar para dentro do quarto. Parecia que tinham ido para lá atraídos pelo cheiro de raparigas para devorarem. «Já estivemos aqui tempo demais, vamos embora», disse eu com um olhar expressivo lançado às minhas duas ressacadas amigas. Saímos do quarto e dirigimo-nos à entrada para pagar a estada a Juan e continuar caminho, até porque já tinha parado de chover. Ele virou-se para nós com um horrível sorriso amarelo e chegou-se perto para nos beijar as mãos como forma de despedida.

Agradecemos-lhe a hospitalidade e Rouge pagou-lhe o quarto com duas pequenas esferas douradas que tirou da sua pequena bolsa de cintura. Chegadas lá fora, pensei estar numa espécie de filme erótico de péssimo gosto. Estava perante uma rua bastante movimentada e alegre, com um alto Sol de meio-dia. Até aí, tudo bem… Mas, depois, deparei-me com uma horda de mulheres que andavam pela rua com cestos cheios de fruta suculenta, muito loiras, com lábios muito pintados e carnudos, vestidos minúsculos, quase não contendo os seios enormes que saltavam. Os homens mantinham o estereótipo de machos latinos que nos engatavam no botequim e nos espreitavam no quarto. Todos com muitos pêlos no peito, saindo pela camisa fora, bigodes aparados e cabelo oleoso. À medida que as descaradas mulheres passavam na rua, eram apalpadas e galanteadas pelos homens. Riam como se fossem umas lolitas marotas. Senti o meu rosto branco corar com a excessiva carga sexual do local. Não estava nada a ajudar ao meu conflito interior e crescente sentimento de culpa por me ter entregado a Sebastian daquela forma repentina. Lily-Violet ria às gargalhadas com aquelas figuras, enquanto Rouge resmungava com a falta de educação dos habitantes daquela aldeia. Reparei que esta última tinha a cara da mesma cor do seu cabelo carmesim. Talvez fosse o resultado da perplexidade que sentia ao ver a figura que faziam os aldeões. Ou talvez estivesse muito envergonhada com as descontroladas confissões da noite anterior. Caminhámos pelas ruas da aldeia para sair dali o mais depressa possível. Nem o cheiro agradável de fruta acabada de apanhar me desviou a atenção dos piropos dos homens, alguns bastante excessivos. Aliás, o meu estômago entrelaçou-se e contorceu-se de enjoo, tanto pela cena burlesca, como pela ressaca.

No centro da aldeia, havia uma espécie de praça com inúmeras árvores carregadas de frutas suculentas e coloridas. As mulheres voluptuosas subiam pequenos escadotes de madeira para apanhá-las. Os homens de peito cabeludo e sem camisa, que passavam por lá com os carrinhos de mão, arranjavam maneira de observar o que se passava por baixo das saias das mulheres que subiam às árvores. Rouge enojava-se num suspiro desdenhoso cada vez que um homem de bigodinho lhe piscava o olho e fazia sinais.

Atravessámos a agitada praça e continuámos a avançar para a saída da aldeia. Quando estávamos quase no final da localidade, notei que todos os habitantes começaram a fugir em pânico para dentro de casa. Os homens saltavam para dentro dos estábulos, escondendo-se, e as mulheres largavam os cestos de fruta para se enfiarem em casa. Até vi um homem de ceroulas e calças em baixo a fugir pela aldeia, caindo atrapalhado e apavorado. O ambiente ficou subitamente carregado. Virámo-nos para trás. Lily-Violet identificou desde logo o homem que subia a rua olhando intensamente para nós: era Orville, o regente de Marblia, traidor de Orbias e membro da Sociedade Índigo. Atrás de si, vinha uma mulher com um farfalhudo cabelo ruivo.

– O regente de Marblia?! – Rouge estava admirada com o facto de o homem estar ali.

– Ele não é quem tu pensas… – Lily-Violet estava muito séria, tal como eu.

– Parabéns! – Orville estava a bater palmas irónicas – As grandiosas Guerreiras da Deusa conseguiram superar as expectativas da Sociedade Índigo. Não esperávamos que chegassem até aqui. Mas… onde está a linda Sereia? Espero sinceramente que nada de mal lhe tenha acontecido! – O homem era exageradamente sarcástico, quase teatral.

– Cala-te! Só mesmo um arrogante traidor para descer tão baixo! Não ouses falar da Lorelei. Eu sei que foste tu que preparaste aquela armadilha! – Eu estava muito exaltada, principalmente porque me lembrei de todo o mal que Lorelei passou quando lhe li a mente na casa de Riddel.

– Muito bem. Estou a ver que o fantástico Anjo está a melhorar os seus poderes de Omnisciência garantidos pela fabulosa Deusa… Curvo-me perante ti! – Orville fazia uma vénia, o que me irritou ainda mais. Os meus punhos estavam já cerrados de raiva, tanto que até sentia as unhas cravarem-se na carne.

– O que o fez juntar-se à Sociedade Índigo? – inquiriu Rouge, agarrando no meu braço para me acalmar e ainda chocada com a sua traição.

– Sou um homem ambicioso. A Sociedade poderá dar-me muito mais do que aquilo que tenho. Muitas facilidades, digamos assim. E eu sempre fui educado a juntar-me aos mais fortes. Só assim poderei ser um vencedor. E se as ordens da Sociedade Índigo são essas, então esforço-me para vos destruir com as minhas Musas. Incompetências e fraquezas de lado, vocês têm tido muita sorte. – Perguntei-me que missões horríveis teriam Jynx e a Zorayde que não estavam ali com ele – Quero apresentar-vos a minha nova Musa, Erzbeth, a sanguinária. Ela estava ansiosa por vos conhecer. Não parava de me atazanar: «Deixe-me matá-las, deixe-me matá-las, regente Orville!», dizia ela todos os dias. Desde que matou todos os habitantes do castelo em que vivia, incluindo os regentes, seus pais, que ela não tinha uma sede tão grande por sangue. E como bom mestre que sou, decidi fazer-lhe a vontade. – Ele sorriu tão malevolamente que senti um arrepio na espinha.

A ruiva subiu a rua, colocando-se à frente de Orville. Tinha um olhar assassino e atroz. Vestia um vestido de veludo azul, com um grande decote que revelava a sua pele amarelada. Tirou dois orbes do seu bolso, que se transformaram em duas compridas tesouras nas suas mãos, do tamanho dos seus braços. As lâminas afiadas brilhavam à luz do Sol. A sua insanidade manifestou-se quando fez um corte no seu próprio braço com a tesoura e lambeu o sangue que escorria pela lâmina. Eu estremeci. Estava realmente com medo, pois estava a lidar com uma pessoa perigosa e mentalmente instável.

– Vou embora, então. Tenho assuntos mais importantes a tratar do que esta situação ridícula. – Orville riu ruidosa e prepotentemente. – Foi um prazer, caras Guerreiras. Erzbeth, não te atrases para o banquete desta noite. Podes trazer os teus famosos pratos requintados, se quiseres. Depois disto, acho que não vais ter problemas em arranjar ingredientes… – E desapareceu num buraco negro, exibindo um rosto maléfico.

Assim que Orville desapareceu, Erzbeth berrou agudamente e começou a cortar tudo à sua volta, como uma selvagem. Eu temia pelos aldeões que estavam em suas casas, tremendo de medo. Tínhamos de a conduzir para fora dali. Transformámo-nos as três e o nosso brilho atraiu a atenção de uma louca Erzbeth. Corremos para fora da aldeia, perseguidas pela assassina.

Com a povoação a ficar cada vez mais para trás, entrámos numa vasta planície verdejante com primaveris flores amarelas e com algumas árvores de fruto ao longe. Vi uma rapariga de vestidinho curto e trancinhas a pastar um rebanho de ovelhas. Gritei logo à pastora para fugir dali com os animais, pois era demasiado perigoso. Ela obedeceu de imediato e correu no sentido contrário, guiando os animais. Tínhamos de arranjar um plano rapidamente para derrotar mais uma adversária psicopata.

Rouge estacou repentinamente o passo e alongou o cabelo carmesim – a sua arma – para agarrar nele. Mas as tesouras da nossa inimiga rapidamente o cortaram. Lily-Violet disparava com a sua metralhadora silvestre e as tesouras cortavam todas as sementes que eram atiradas. As tesouras continuavam a cortar o ar à sua volta num acesso de loucura de Erzbeth.

– Corram para fora daqui. Eu dou conta dela com as minhas correntes! – Eu sentia-me pronta e determinada em enfrentá-la.

As outras Guerreiras continuaram a correr. Contudo, quase sem eu reparar, foram por direcções opostas como se tivessem algum plano em mente. Evoquei a minha poderosa arma no preciso momento em que a inimiga investia sobre mim impetuosamente. Defendi-me com as fortes correntes e saltaram faíscas por todo o lado com o choque de metais.

Rouge tinha corrido até estar do lado esquerdo de Erzbeth e Lily-Violet do lado direito. Lily-Violet levou as suas mãos ao chão. No meio da luta, soube finalmente o que as duas planeavam, lendo apenas as expressões dos seus rostos, e abri as minhas asas para voar, subindo alto. Erzbeth continuava a cortar o ar para me alcançar, mas sem êxito. Com o poder de Criação de Lily, uma jaula de terra ergueu-se a partir do chão, fechando a psicopata lá dentro. De imediato, começou a cortar as barras de terra numa tentativa de se libertar. Foi então que Rouge esticou os braços e, com o seu poder de Destruição, a jaula começou a derreter com Erzbeth lá dentro. Ela gritava e agonizava, tentando desesperadamente cortar a jaula com as tesouras para se libertar da dor de sentir a sua pele derreter e os seus órgãos a explodir dentro de si.

Eu deixei de ouvir os seus uivos de dor e fiz sinal a Rouge para parar. Surpreendentemente, do meio do fumo, Erzbeth levantou-se ainda viva, embora já deformada e ensanguentada. Furou a já enfraquecida prisão e saltou para agarrar a minha bota negra, atirando-me violentamente para o chão. Instintivamente, como se ouvisse o seu chamamento, invoquei o meu Ente Padroeiro.

Toda a planície se encheu com um denso nevoeiro. Assustada, Erzbeth deixou de ver as três Guerreiras. Aliás, não conseguia ver nada. Cortava o ar à sua volta numa tentativa de se defender de possíveis ataques. Eu permanecia ali assistindo a tudo, feliz com a minha vantagem. Ouviu-se o som de cascos de cavalo. Ela voltou-se para a direcção do som e daí surgiu um soberbo cavalo branco. Em cima dele, um jovem cavaleiro de luz com uma lança. Investiu sobre ele, mas a lança prateada foi mais rápida e espetou-se num dos seus ombros. Atirou-a ao chão, deixando-a a gritar com sofrimento, e desapareceu no meio das brumas. Erzbeth desmaiou, debilitada.

Quando tudo voltou ao normal, reunimo-nos e decidimos deixá-la ali. Um «presente» para Orville. Até porque não seria correcto matar alguém, por mais malvada que fosse a pessoa. Eu ainda acreditava que a morte de alguém era decidida por Deus ou pelo destino – alguma força superior e não umas simples humanas. Ela estava completamente derrotada e já sem as tesouras, por isso, não constituiria perigo.

Quando nos preparávamos para partir, ofegantes e cansadas, ouvi o grito insano de Erzbeth atrás de nós. Revelando a sua sobre-humana resistência, tinha recuperado os sentidos. A roupa estava rasgada e queimada, e a pele cheia de manchas de sangue e deformações provocadas pelo terrível poder de Destruição de Rouge. Ainda assim, ela continuava sedenta de vingança. Elevou um orbe ao céu. Uma nuvem negra formou-se por cima de toda a planície. Olhei para cima e vi algo cair ao pé de nós. Era uma faca. Rouge murmurou horrorizada que Erzbeth tinha em seu poder um orbe que invocaria uma chuva de facas. Percebendo o perigo iminente, desejei com todas as minhas forças poder proteger as minhas amigas. De olhos fechados, agarrei-me a elas, agachámo-nos no chão verde e abri as minhas asas o mais que pude, de forma a criar uma barreira à nossa volta. As lâminas começaram a cair, afundando-se na terra verde e cravando-se com violência nas minhas asas abertas. Gritei de dor, todo o meu corpo estremeceu com o sofrimento. O sangue quente escorria pelas asas brancas em finos fios penosos e dramáticos. Mesmo assim, ouvi os gritos demoníacos de Erzbeth, dissipando-se a pouco e pouco.

Quando o silêncio e a luz do Sol inundaram de novo a planície de Fruitilia, levantámo-nos lentamente e vimos um cenário macabro à nossa frente. Centenas de facas e lâminas caídas, contrastando com a bucólica planície. Até as florzinhas amarelas estavam cortadas. Ao fundo, Erzbeth jazia morta, com várias facas espetadas no corpo, vítima do seu próprio ataque. Apesar de má, não conseguimos deixar de ter pena dela… escrava da loucura em que vivia. Olhei para as minhas asas e estavam completamente cobertas de sangue e com facas ainda presas. Com toda a adrenalina do combate, tinha-me esquecido de sentir dor. Quando olhei de novo, senti uma explosão a percorrer todo o meu corpo, tão forte que não resisti à sua violência e caí no chão, inconsciente.

Mestre

Mesmo inconsciente e ferida, abri os olhos e estava em mais outra das minhas visões. Aconteciam com cada vez mais frequência e eram também cada vez mais inoportunas.

A Omnisciência era o meu poder, e a verdade é que eu conseguia saber o que se passava noutros locais e saber o que algumas pessoas pensavam e sentiam. Mas não era um poder perfeito e eu não conseguia controlá-lo. Talvez se aperfeiçoasse os meus poderes…

Olhei em volta e estava numa desconsolada prisão cinzenta com quatro celas. Olhei para uma delas e reconheci Adam deitado no chão. Sabia que era inútil tentar ajudá-lo, pelo que me deixei ficar ali esperando o que se passaria a seguir. Ele começou a mexer-se, atordoado e tonto. Tentava perceber onde estava. Sentia a face colada a uma superfície fria, além de uma grande dor de cabeça. Levantou-a devagar e quase vomitou com os enjoos que sentia. Tocou na face e gemeu de dor. Depois de mais concentrado, olhou em redor e percebeu que estava preso numa cela escura. Não havia janelas e havia humidade a escorrer pelas paredes. Entrou em pânico quando se lembrou da emboscada que Jynx lhe tinha lançado, a ele e a Lorelei. Estava nas mãos da Sociedade Índigo, e tudo graças à sua irresponsabilidade. Devia ter percebido quando recebeu aquela mensagem de Lorelei a pedir-lhe ajuda porque estava refém de Jynx. Ela nunca o colocaria em perigo pedindo para se enfiar na toca do lobo. Mas, quando saiu de carro e viu o *Mazda* despedaçado de Lorelei à beira da estrada, o instinto falou mais alto. Agarrou-se às barras da cela, os seus olhos verdes exibiam desespero. Ouviu uma voz na cela à sua frente.

– É triste quando acordamos num sítio assim… – disse uma rapariga, ainda adolescente, de olhar curioso e cabelo loiro e encaracolado. Tinha uma espécie de batina vestida, por baixo de uma capa, mas estava muito suja. Não consegui ler os seus pensamentos, tal como acontecia com Riddel. Mas entendi que deveria ser porque os meus poderes não estavam suficientemente desenvolvidos. – É ainda mais triste saber que um dia somos uma dedicada sacerdotisa da Deusa e no outro temos o artefacto de Aallya dentro de nós, o que nos condenará à morte. Oh, desculpa, sou a Elena. E tu és?

– Adam… Detentor do artefacto de Adão. – Adam percebeu que estava na mesma situação que ela.

– Ao teu lado tens a descendente de Eva. Só que ainda está em choque desde que acordou. Há dias que está encostada a um canto da cela, sem falar nem comer. – Na cela ao lado de Adam estava uma menina de dez anos, de pele escura, encostada à parede húmida. Tinha um olhar vazio, desprovido de emoções. Adam ficou com o coração destroçado. Eu só não fiquei logo porque estava chocada quando reconheci a sua cara da notícia do seu desaparecimento no telejornal da noite em que me transformei pela primeira vez. – Já viste? É só chegar o descendente de Merco e os dois mundos estão condenados! Isto é que é pouca sorte… – Para uma sacerdotisa da Deusa, ela era excessivamente sarcástica.

– Temos de confiar na Sociedade Escarlate. E nas Guerreiras da Deusa. Eu acredito que nos venham salvar. Eu sei-o, no meu coração.

– A Sociedade Escarlate é uma farsa, jovem. – Uma voz masculina, profunda e aterradora, vinha do escuro da prisão. Os passos sonoros revelavam alguém que caminhava ponderadamente mesmo em frente dos meus olhos.

Era um homem de fato de veludo azul-escuro, já com cabelo grisalho, puxado para trás. Seguiu-lhe um homem de fato preto e óculos que colocou uma cadeira almofadada, vermelha, para o primeiro se sentar. O homem de azul tinha um aspecto muito sábio e misterioso. Quase podia sentir as vibrações ocultas e místicas que ele emitia. Reconheci os dois. O mais velho era o homem de negócios que vi na minha primeira visão. O outro era o mensageiro que falou com Orville na sua torre. Não me lembrava do seu nome…

– Podes ir, Merovingian… – O mensageiro retirou-se e o homem de azul olhou para os prisioneiros. Havia algo de demoníaco nele e a sua voz veio das suas profundas entranhas guturais. – O meu nome é Mefisto Asmodeus. Considero de muito má educação utilizar os serviços de alguém sem me dar a conhecer. Por isso, decidi contar-vos uma história já com muitos anos. Faz-me falta desabafar com alguém. E, visto que eu já sei tanto sobre vocês…

Sentou-se numa pobre cadeira de metal, possivelmente destinada ao guarda da pequena prisão. Inspirou como se aquelas memórias estivessem guardadas num baú velho e poeirento da sua mente. Olhou para eles para iniciar a história. Tentando ler os seus pensamentos e emoções, só consegui ver a história que se formava na sua cabeça e que se preparava para materializar em palavras.

– Havia um jovem de classe média, com pouco jeito para os negócios, que levou a sua pequena empresa à falência. Na crise que se vivia, isso significava pobreza extrema. Sem comida e sem casa, o jovem caminhava numa mata escura quando viu uma mulher linda a correr, deliciosa, no meio das árvores. Seguiu-a, mas depressa lhe perdeu o rasto. No seu lugar, encontrou um buraco negro, suspenso no ar. Aproximou-se dele, curioso, e foi puxado por uma série de braços brancos. Quando deu por ele, estava num mundo diferente do seu, com seres sobrenaturais, uma crença numa Deusa e uma energia que julgava não existir: magia. O rapaz estava maravilhado com a beleza e o misticismo daquele mundo novo. Travou conhecimentos, fingiu pertencer ali e depressa aprendeu a transportar-se entre a Terra e Orbias.

»Um dia, no contexto da crise política, económica e social da Terra, o jovem caiu na tentação de vender a existência do mundo que o acolhera a grandes capitalistas do seu planeta. Grandes expedições secretas foram feitas ao mundo mágico, com o intuito de o explorar. Mas esse interesse cedo deu lugar a ambição e ganância. Entenderam que a magia era um óptimo e novo recurso natural, e que, se o levassem para a Terra, as suas riquezas seriam abundantes. No entanto, os Orbianos recusavam-se a dar ou vender a sua magia aos humanos egoístas. Os conflitos e incidentes multiplicaram-se com muitos episódios de violência e destruição. Arrependido, o rapaz recusou-se a ajudar ao transporte de mais pessoas para lá. No entanto, era-lhe impossível naquela altura ignorar o mundo mágico e virar-lhe costas. Decidiu então criar uma sociedade secreta, recrutando importantes personalidades de todo o mundo. Essa sociedade estudaria o mundo mágico, estreitaria relações com regentes daí e, subtilmente, ia aproveitando os recursos do local, nomeadamente a magia. Com o tempo, a sociedade tornou-se mais poderosa, ainda mais secreta, controlando todo o mundo onde estava sedeada. Com o aumento do poder, cresceram também as exigências dos seus membros mais fortes. A Terra estava em decadência e queriam uma Orbias para eles. Guerras, poluição, destruição, terrorismo… Deus parecia esquecer a Terra. Até o próprio fundador e chefe dessa sociedade estava triste com o rumo que o seu planeta tomava. A magia era um recurso não renovável, por isso, a longo prazo, deixaria de servir para aumentar o poder da sociedade.

»Foi então que, após um estudo aprofundado da verdadeira História dos dois mundos, uma História secreta a que poucos tinham acesso, o fundador da sociedade descobriu que havia um feitiço poderoso que consistia na destruição dos dois mundos, dando origem a um novo, acabado de nascer, onde todos seriam felizes, sem mal, sem destruição… – Fez uma pausa dramática. – Para tal, teria de encontrar quatro artefactos dentro de quatro descendentes de Adão, Eva, Merco e Aallya. A pessoa que efectuasse o feitiço, ficaria com poderes superiores aos de Deus e a Deusa juntos, tendo a capacidade de criar um mundo novo e dominá-lo. Um regente de Orbias tinha a resolução para o problema de identificá-los e encontrá-los. No mundo mágico haviam mulheres de virtude, com a capacidade de ver o passado, o presente e o futuro. Diz-se que ficaram com um traços da Omnisciência da Deusa. São as Sibilas. Esse homem reuniu-as, fê-las prisioneiras na sua torre e obrigou-as a identificar os quatro abençoados, numa procura nos dois mundos. – Não era preciso Mefisto dizer o nome desse homem. Eu sabia que era Orville…

»Contudo, não existem planos perfeitos. O fundador da Sociedade foi confrontado com a existência de seis Guerreiras poderosíssimas, ainda por despertar, que eram a reincarnação das seis heroínas que tentaram separar os dois mundos com um ritual de sacrifício. As Sibilas previram que seriam as únicas capazes de destruir a vontade de um homem que pretendia criar um mundo melhor e perfeito. Como era possível que um ser todo-poderoso e inquestionável como a Deusa tivesse sido tão burra ao ponto de criar humanos com os seus poderes? Não teria receio que usassem os seus próprios poderes contra ela? – Parecia estar agora a divagar. – Ele teve então outra missão em mãos. Encontrá-las e matá-las, mesmo antes de despertarem, para não perturbarem o seu plano.

»Mesmo com o desenvolvimento de uma contra-sociedade desorganizada e fraudulenta em Orbias, o homem estava confiante nos seus objectivos. Apenas uma pessoa se interpunha entre o homem e o seu objectivo de ter o seu belo mundo paradisíaco… Apenas uma pessoa se interpõe entre mim e o meu belo mundo paradisíaco… – Adam e Elena olharam chocados para o homem calmo à sua frente. Não podia ser! – Vou apresentar-me de novo. Sou Mefisto Asmodeus, fundador e Mestre da Sociedade Índigo!

Era aquele o meu verdadeiro inimigo, o maior inimigo dos dois mundos. O mentor da maior ameaça da Terra e Orbias desde a separação dos mundos há milhares de anos. Seria possível um homem apenas ter formado um império e uma organização tão forte ao ponto de ameaçar a destruição dos dois mundos? Sim, porque afinal o verdadeiro objectivo da Sociedade Índigo não era unir os dois mundos e explorar os recursos de Orbias. Era destruir os dois mundos! Perguntei-me se realmente os membros daquela Sociedade tinham conhecimento das verdadeiras consequências da união dos quatro artefactos. Não fazia sentido Orville, Jynx ou outros quererem destruir os mundos e morrer, tal como o velho egoísta à minha frente.

O seu plano de criar um mundo perfeito e harmonioso não era de todo o de uma pessoa completamente má e egoísta. Mas esse novo mundo seria formado à custa das vidas de milhões e milhões de pessoas. É certo que havia muito mal nos dois mundos. Mas também havia muito bem, muito amor. A ideia de Deus e da Deusa desmoronou-se completamente na minha mente. Não passavam agora de dois seres fracos e cobardes que tinham entregado todo o destino das suas «belas» criações a si próprias. Assistiam aos nossos esforços como se de um espectáculo de marionetas se tratasse, como se fôssemos um rato a percorrer o labirinto numa experiência de laboratório. Estávamos entregues a nós próprios e, se queríamos salvar as vidas dos habitantes dos dois mundos, não nos podíamos valer de Deus ou da Deusa. Tínhamos de acreditar em nós próprios…

Fadas

Abri os olhos e parecia ter-se passado imenso tempo. A minha cabeça ainda estava a processar todas aquelas novas informações. Tinha de contar tudo às outras Guerreiras! Tentei mover-me, mas estava toda dorida. Só então tomei consciência do meu estado. Estava deitada de barriga para baixo, ainda transformada em Anjo e com as asas todas ligadas com curativos. Eram precisas mais duas camas para que toda a extensão das minhas asas conseguisse ficar em repouso. Quando me mexi mais um pouco, ouvi Lily-Violet e Rouge a meu lado.

– Noemi! Estás bem? Estávamos tão preocupadas contigo! Quando caíste no chão, completamente ensanguentada, não sabíamos o que fazer! E continuavas transformada em Anjo, com as asas feridas. Que bom que estás bem! – Lily-Violet abraçou-se a mim emocionada, ora chorando, ora rindo como uma lunática. Eu simplesmente adorava a sua inocência de criança, embora já fosse uma mulher.

– Salvaste-nos a vida, Noemi. Nunca me vou esquecer disso – a habitual voz colocada e séria de Rouge tremia-lhe de emoção também.

– Obrigada, meninas. Obrigada por tudo. Tenho pena que a Lorelei não esteja aqui. O seu poder da Vida ia ser muito útil agora – gemi levemente enquanto ria com aquela piada.

Tinha passado um dia inteiro a recuperar em Fruitilia. Os seus habitantes esqueceram a sua devassidão para nos acolher e ajudar como forma de agradecimento por toda a ajuda. Tínhamos perdido muito tempo naquela aldeia. E eu já estava fora da Terra há uns dias. Era quase Natal e não era nada bom ficar longos períodos sem dar notícias à minha família e amigos. Mas essa era a menor das minhas preocupações naquele momento.

Praticamente recuperada na manhã seguinte e já transformada em Noemi, decidimos partir definitivamente de Fruitilia. Tínhamos de ser mais rápidas para compensar o tempo perdido ali. Enquanto caminhava pelas paisagens verdejantes de Orbias, em direcção à sede da Sociedade Escarlate, contei-lhes todos os pormenores da visão de Mefisto, Elena, Carolina e Adam. Tinha sido bastante importante conhecer o nosso maior inimigo e as suas verdadeiras intenções. Mas, por mais que tentasse, eu não conseguia sentir qualquer ameaça naquele homem velho e cansado. No meu imaginário, sempre idealizara o nosso inimigo como uma espécie de monstro gigante, demoníaco, e que ansiava por beber o nosso sangue. Mas ainda havia muito para descobrir na secreta Sociedade Índigo. E a Sociedade Escarlate nem deveria ter sequer conhecimento de tudo aquilo que presenciei. Dei-me conta de que, caso a Sociedade Índigo conseguisse encontrar o detentor do artefacto de Merco, a nossa missão final começaria de imediato. E não estávamos minimamente preparadas. Aliás, as Guerreiras nem sequer estavam todas reunidas, nem tinham ainda os seus poderes em pleno.

Depois do terrível episódio com Erzbeth, inspirei aquele ar puro, aliviada por não nos aparecer ninguém perigoso pelo caminho. Aos poucos, a nossa disposição voltava ao normal e já conversávamos com grande animação. Caminhávamos paralelamente a uma floresta cerrada. Até se conseguia sentir o ambiente mágico e misterioso lá dentro. Por alguma razão, percebi que Rouge se afastava cada vez mais da floresta. Como que lendo os meus pensamentos, disse-nos que aquela era a floresta de Faylinn, terra das fadas.

– Que bom! Fadas! Eu também sou uma Fada! Tenho de conhecê-las! – Lily-Violet dirigia-se alegremente para a Floresta de Faylinn, mas Rouge impediu-a, agarrando-a com força num braço.

– É uma espécie «diferente» de fadas. Não as queiras conhecer. Com Lily-Violet amuada, continuámos a caminhar em direcção à Sede da Sociedade Escarlate. Passados uns minutos, distingui duas figuras no meio da vegetação, perto da floresta. Parecia um homem em cima de uma mulher, num piquenique. Corei com o pensamento que me veio logo à cabeça. Acho que ainda estava atarantada com todo o erotismo de Fruitilia. Todavia, a mulher gritava por socorro, parecia que estava a ser atacada pelo homem. Corri com Lily-Violet para a acudir sem pensar duas vezes. Rouge ficou para trás, algo relutante. As pessoas não se mexiam. Nem o homem para atacá-la, nem a mulher para se defender. Estranho…

Lily-Violet deu um valente pontapé no homem, atirando-o para longe. Eu agarrei na mulher para acalmá-la. No entanto, não estava a segurar numa mulher e sim numa boneca de palha com roupas de mulher. Lily-Violet reparou que o homem também era de palha quando o ia socar. Repentinamente, duas pequenas fadas de asas coloridas e luminosas saltaram de debaixo do cobertor de piquenique, rindo maliciosamente. Aproximaram-se de nós as duas com celeridade e roubaram as nossas esferas dos Entes Padroeiros das nossas bolsas. Seguidamente, as fadas, que eram do tamanho de um braço, voaram em direcção à Floresta de Faylinn. Foi tudo tão rápido que nem tive tempo de reagir. Rouge correu até nós com uma expressão de: «Eu avisei-vos…».

– Acabaram de ser vítimas de um truque que as fadas de Faylinn utilizam para roubarem viajantes idiotas… – Rouge tinha os braços insolentemente cruzados e abanava a cabeça.

– E agora? Elas levaram-nos as esferas dos Entes Padroeiros! – Eu estava em pânico.

– Bem, não temos alternativa. Vamos ter de entrar na floresta e recuperar as esferas. Mas não vai ser fácil. As fadas de Faylinn são seres bastante traiçoeiros e interesseiros.

– Mas eu sou uma Fada e não sou assim… – Lily-Violet fazia beicinho.

– A Floresta de Faylinn alberga duas espécies de fadas que vivem em duas zonas separadas pelo rio Érebos, embora tenham a mesma regente, a rainha Mab. Tu descendes da espécie mais tradicional, semelhante aos Humanos, aquela que vive do outro lado do rio. Esta índole de fadas pequenas, deste lado do rio, é mais… recente. Orbias teve conhecimento da sua existência quando elas começaram a sair da floresta para roubar as pessoas, utilizando os truques mais maliciosos. Quando as pessoas tentam entrar na floresta mágica para recuperar os seus pertences, perdem-se lá dentro e nunca mais são vistas. Agora percebem o meu medo de me aproximar da floresta? – Rouge adorava dar aquelas aulas de História e Geografia de Orbias. Mas gostava ainda mais dos sermões que dava às burras e ingénuas alunas.

– E a rainha Mab não faz nada?! Quer dizer, uma regente que permite que o seu povo tenha a fama de roubar…

– Ao que parece, a regente é muito gananciosa. Como as pequenas fadas só roubam coisas brilhantes e orbes de magia, há quem diga que Mab recebe uma parte e não interfere nesses actos pecaminosos.

– Ei! Chega de conversa! Eu quero a minha esfera de volta! – Lily-Violet gritava por nós já dentro da floresta.

A floresta era diferente do habitual. As folhas eram de um brilho azul-esverdeado intenso. Aqui e ali, havia flores de um cor-de-rosa muito escuro, contrastando com o ambiente. Por vezes, ouvia o riso mordaz e infantil das fadas cintilantes, escondidas atrás das árvores. As grossas e velhas árvores tinham raízes tão grandes que me faziam tropeçar frequentemente. Sendo uma Guerreira importante, esforçava-me por ser mais graciosa, mas não deixava de ser descoordenada.

Ao fim de alguns minutos a caminhar e a tropeçar pela floresta encantada de Faylinn, alcançámos umas escadas de madeira clara que levavam a uma espécie de estrutura. Parecia um templo grego. Era um local rodeado de colunas de árvores com um tecto feito de flores e folhas coloridas e translúcidas. Diversas fadas voavam por ali, mas era impossível identificar as ladras das esferas. Riam muito enquanto rodeavam as recém-chegadas, como se estivessem a gozar connosco.

Ao fundo do abrigo, estava um homem (de tamanho normal) sentado numa espécie de trono numa árvore. Tal como Lily-Violet, tinha duas asas de borboleta, embora em tons e padrões mais masculinos. Calculei que pertencesse à outra espécie de fadas. Atrás dele, corria um rio célere e cristalino. Aproximámo-nos, sabendo que era uma espécie de chefe das fadas pequenas. À sua volta tinha montanhas de tesouros de ouro e prata, artefactos mágicos e inúmeros orbes de magia. Eram os objectos roubados aos viajantes. Porém, não consegui ver se as esferas se encontravam naquela confusão.

O homem sorria para nós. Era ainda jovem, de cabelo rapado, em tronco nu, de músculos muito bem torneados, de calças e luvas pretas, mas descalço. Ao pescoço tinha diversos colares e cordões de ouro que caíam pelo peito nu. Apesar de sempre sensata, Rouge parecia completamente embeiçada por ele, pois tinha um sorriso estúpido na cara e tinha começado a andar sedutoramente.

– Nós viemos para recuperar três esferas que duas fadas daqui roubaram. – Eu tentava parecer séria, substituindo Rouge na diplomacia.

– O que vos faz pensar que foram as minhas «amigas» a fazer tal acto horrendo? – O homem tinha uma voz arrastada e falsamente sedutora.

– Bem, *dah*! – Apontei para os tesouros à sua volta, sabendo que ele não compreenderia o sarcasmo inerente à expressão dos jovens terrestres.

– O que te faz pensar que estes tesouros não são meus? – O homem praticava o seu jogo psicológico comigo. Certamente que não sabia que eu era a Guerreira da Omnisciência… Conseguia ler os seus pensamentos facilmente.

– Meninas! Ajudem-me aqui! – murmurei para as minhas colegas Guerreiras perceberem que não era muito boa a negociar.

Não adiantou. Olhei para elas e pensei estar na presença de duas habitantes de Fruitilia. Rouge tinha um dedo na boca e estava de pernas trocadas e olhos enternecidos. Lily-Violet estava agarrada a um dos pilares, sacudindo o cabelo e com um sorriso maroto. Tinham sido estranhamente encantadas pelo homem. Com elas naquele estado, o que poderia fazer? Encurralada e impossibilitada de arrastá-las para fora dali, decidi ser mais estratégica e eficaz. Decidi fingir que estava como elas e, quando o homem se distraísse, procuraria as esferas e tentaria arranjar uma forma de despertá-las para fugir dali o mais depressa possível.

– Oh… desculpa! Como pude ser tão parva e duvidar de um homem tão delicioso e tentador… – Lembrei-me de ter dito a Lorelei e a Lily-Violet que eram péssimas actrizes quando tentámos entrar na Torre do Tempo. Afinal, eu era bem pior… Principalmente porque me era muito difícil representar o meu oposto: uma mulher sedutora e lasciva.

– Não faz mal, minhas lindas. Não costumamos ter raparigas tão bonitas perdidas por aqui. São sempre machos nojentos e sujos. Por isso, acho que vou mudar de… estratégia. – O homem levantou-se do trono, imponente e soberbo. Eu não estava enfeitiçada por ele, mas tive de reconhecer que tinha um corpo fantástico e era mesmo muito bonito. Fiquei curiosa em relação à forma como conseguiu seduzir Lily e Rouge tão rapidamente. – Venham comigo. Tenho uma surpresa para vocês. – O homem agarrou suavemente na face de Rouge, passando a língua pelo seu próprio lábio superior. Ela quase desmaiava.

Segui-o com Lily e Rouge até a uma grande árvore com umas escadas feitas de lianas. Subimo-las e chegámos a uma espécie de grande teia de aranha com lençóis de seda por cima. Era uma espécie de cama de rede. Fiquei nervosa quando a vi porque imaginei as intenções sexuais do homem. O meu coração disparou na iminência do acto que iria ser realizado ali. Maldita adrenalina que só atrapalhava e nem me ajudava a encontrar uma solução. Ele deitou-se de braços abertos e chamou por nós, para nos deitarmos a seu lado. Lily-Violet e Rouge atiraram-se literalmente para o seu lado, como se fosse o acontecimento mais feliz e ansiado das suas vidas.

– Venham minhas lindas, bajulem o rico rei das fadas!

– Aaah… Ó lindo e escultural… Rei. Posso ir à… casa de banho primeiro? – Era a minha última oportunidade, apesar da desculpa completamente esfarrapada. A minha cara era uma supernova de receio e vergonha por não ser melhor estratega e mentirosa. O homem olhou-me, desconfiado, mas deixou-me ir.

Desci as escadas tão rapidamente que escorreguei e caí lá em baixo. Não me preocupei sequer com o rabo dorido e desatei a correr descompensada. Não podia deixar que as raparigas hipnotizadas fizessem alguma coisa estúpida com aquele porco! Nunca me perdoaria! Enquanto corria pelas escadas de madeira para chegar ao local do tesouro, perguntei a mim mesma porque não tinha sido hipnotizada como as outras Guerreiras. Será que havia alguma coisa de errado comigo? Ou era a Omnisciência a proteger-me. O meu poder tinha muito de mental, por isso, um simples encantamento não seria suficiente para jogar com o cubo mágico que tinha enfiado no crânio. As pequenas fadas indignaram-se com a minha presença ali, mas não me impediram de avançar nem se dignaram em avisar o seu suposto chefe. Vasculhei os montes de objectos valiosos em busca das esferas. Foi então que vi um intenso brilho branco, outro amarelo e outro púrpura. Eram as esferas dos Entes Padroeiros! Agarrei-as como uma gananciosa egoísta e enfiei-as logo dentro da minha bolsa. Quando me preparava para começar a correr para ir buscar as outras Guerreiras, choquei contra duas pequenas fadas.

– O que fazes aqui no meio do tesouro do amo? – Uma fada de longos cabelos azuis e voz fina examinava-me desconfiadamente.

– Devolve o que roubaste, já! – Outra fada de cabelo amarelo apontava-me o dedo.

– Só estou a levar o que é nosso! Vocês roubaram o que não é vosso! Além disso, porque é que vocês fazem o que aquele presunçoso quer? Vocês viveriam bem sem ele, constantemente a dar ordens… Não é ele que vos manda roubar? Não preferiam antes… não sei… divertir-se?

Se havia coisa que tinha aprendido com Lily-Violet é que as fadas não gostam de receber ordens e adoram a diversão, mais que tudo. As duas pequenas fadas olharam uma para a outra, pensativas.

– E o pagamento que ele vos dá é ficar com os objectos brilhantes todos para ele. A esta hora, está lá em cima com as minhas amigas, a rir-se de vocês… – Afinal eu também era boa com os jogos psicológicos, principalmente com as fadas, que eram como crianças. Lily era o melhor exemplo.

As fadas olharam uma para a outra mais uma vez e voaram dali com um novo plano em mente. Eu não fiquei muito tempo a olhar para elas a afastarem-se e corri para a cama de teias. Quando cheguei lá em cima, Rouge preparava-se para despir a parte de cima do seu vestido de princesa. Pigarreei exageradamente para mostrar que tinha chegado, e de forma a impedir aquela loucura.

– Voltaste, linda morena de longo cabelo negro! Vem deitar-te a meu lado. Toca no meu corpo como se fosse o objecto mais desejado da tua vida!

– Aaah… Claro, claro, ó homem mais belo de Orbias. – Aproximei-me dele simulando os movimentos de uma gata. Eu condenava aquele tipo de comportamento devasso e pecaminoso, mas tentei abstrair-me disso. Estava apenas a tentar ajudar as minhas amigas. Cheguei ao pé das raparigas e fingi que as ia beijar, o que o deixou louco de felicidade. Se eu estava a representar para salvá-las, mais valia aproveitar a situação para deixá-lo o mais vulnerável possível. E não havia maior vulnerabilidade num homem do que perder a cabeça por causa da excitação. Quando estava prestes a tocar com os meus lábios nos de Rouge, parei e abanei o dedo indicador. Aquela provocação estava a dar cabo da cabeça dele. Soltei os meus cabelos pretos, gatinhei até ele, percorri o seu peito com a minha mão até à cintura, enfiei a mão nas suas calças e ele gritou de prazer!

– Ó porco paspalho! Olha para aqui! – Eu tinha na mão o orbe que ele tinha utilizado para hipnotizar as Guerreiras.

– Não! – O grito de prazer era agora um grito de pânico e vergonha.

Joguei-me para o lado de Rouge e dei-lhes dois estalos tão fortes que até virou a cabeça. Saltei para cima de Lily-Violet e fiz o mesmo. Como se tivessem acordado de um sonho, as raparigas olharam confusas em volta e assustaram-se quando viram que estavam quase em cima de um homem seminu.

– Como é que não foste hipnotizada por mim?! – Ele agarrava no meu braço com violência. Dei-lhe também uma estalada na cara, com toda a força que podia.

– Ordinarão! A atrair raparigas inocentes com truques sujos! Tiveste azar porque foram três Guerreiras que foram apanhadas na tua teia! – A marca da minha mão estava bastante visível no seu rosto.

– Grrr, vais arrepender-te!

O chefe das fadas ia atacar-me antes mesmo de eu poder invocar a minha arma ou transformar-me para me defender dele. Repentinamente, um grande anel brilhante formou-se à volta da cama de teias. Eram as pequenas fadas todas reunidas. Fiquei feliz por ver que lhes tinha aberto os olhos. Elas queriam vingar-se do corrupto ditador e bastava lê-lo nos seus olhos luminosos. Não fiquei ali a assistir, e agarrei nas minhas atordoadas amigas para sair dali. Quando chegámos ao solo, começámos a correr para fora da Floresta de Faylinn, saltando por cima das raízes das árvores. Atrás de nós, ouvi os gritos de dor dele. As fadas não estavam a poupá-lo à sua punição.

Exausta, corri com uma vontade imensa de sair daquela floresta perigosa. Não era a primeira vez que fugia de uma floresta – começava a ser um hábito. Quando, finalmente, avistei a luz do Sol reflectida na planície verde, saltei dali para fora, ofegante. Eu, que estava mais perto da floresta, assustei-me quando senti uma fada atrás de mim.

– Obrigado. Abriste os nossos olhos para a tirania daquele badalhoco. Ele já foi... castigado… Agora podemos seguir as nossas vidas normais de fadas.

– Isso quer dizer que vão parar de roubar? – perguntei esperançosa.

– Claro que não, humana estúpida. Vamos roubar ainda mais para guardar um tesouro ainda maior que o dele. Mas, desta vez, será todo para nós, hi, hi, hi! Adeus! – A pequena fada desapareceu na floresta, rindo.

Avancei vitoriosa em direcção às minhas envergonhadas amigas, piscando o olho e tirando as três esferas da bolsa. Mas fui interrompida pelo meu estômago revoltado e que andava a adiar o que ia fazer a seguir. Vomitei todo o seu conteúdo à frente das minhas enojadas amigas. Ter seduzido o chefe das fadas daquela forma libidinosa e ter tocado no seu corpo como se o desejasse foi mais difícil do que pensei.

Espectáculo

(Lorelei)

O sumptuoso Salão de Ópera de Grand City estava cheio de gente opulenta, que não conhecia outros interesses a não ser luxo ou falso gosto por cultura. Eu e Riddel estávamos num dos imensos balcões dourados que circundavam o salão. No entanto, não tínhamos ido ao espectáculo para nos entretermos. Riddel tinha comprado os quatro lugares num balcão para que ninguém interferisse com o seu plano. Eu ainda não sabia ao certo o que fazíamos ali, mas brevemente ela ia informar-me. Pelo menos, era o que eu esperava. Enquanto aguardávamos pelo começo da última noite do espectáculo de música e dança tradicional do Japão, pensei em fazer-lhe algumas perguntas que andavam na minha cabeça há muito tempo.

– Riddel, quando nós recebemos os nossos Entes Padroeiros no Palácio de Pérola, reparámos que a esfera da Guerreira do Gelo não estava lá. Sabes alguma coisa sobre isso? – Riddel hesitou e olhou para baixo antes de falar. Tirou uma esfera de um azul pálido da sua carteira de gala.

– Sabes porque é que os mundos não se separaram completamente quando as Guerreiras se sacrificaram no ritual? A Guerreira ancestral do Gelo… traiu-as. – Eu já sabia daquilo, mas quis ouvir a versão dela. – Vendeu-as aos Humanos. Praticamente ninguém em Orbias sabe disso, mas, nas minhas inúmeras investigações, deparei-me com escritos que relatavam esse facto. Parece que ela sempre se achou diferente delas. Sentia-se excluída. Daí ela ter deixado a sua esfera mágica numa caverna de gelo, inacessível a qualquer pessoa.

»Aparentemente, a solidão que sentia transformou-se em raiva e inveja. Por isso, traiu-as. Colocou em causa o destino dos dois mundos por razões mesquinhas e egoístas. Mas, quando viu que as outras Guerreiras se tinham sacrificado sem ela e tinham efectuado o Ritual da Reincarnação, a Guerreira da Omnipresença fez o mesmo para reincarnar também. Em mim, pelos vistos… – Riddel parou de falar durante alguns momentos e olhou para as suas mãos nervosas. – Tudo isto estava num diário de um orbiano que a investigou.

»Gosto de pensar que, apesar de ser a sua reincarnação, tenho a minha própria personalidade e livre arbítrio… Entendes agora porque receio aproximar-me de vocês e vos observo de longe? Não suportaria o preconceito. Eu não sou como ela e vou tentar prová-lo. – Sorriu tristemente.

Eu não consegui arranjar palavras para comentar a sua história, mas acho que ela não esperava que eu dissesse nada. Estava assombrada com o que ela me havia contado. Nunca imaginei que Riddel carregasse tamanho fardo pensando que foi por culpa do seu antepassado que os dois mundos tinham chegado àquele estado. Tive pena dela, tão solitária e sofrida. Ao mesmo tempo, imaginei o que seria se ela não conseguisse resistir à natureza da sua alma e traísse as Guerreiras, como fez no passado. De certa forma, eu confiava nela, mas preferia que Noemi estivesse a meu lado. Ela era muito melhor a ler pessoas do que eu. Aliás, eu não era nada boa nisso.

O espectáculo começava, entre as palmas educadas. Uma música muito bela e relaxante, tipicamente japonesa, fazia-se ouvir por entre os últimos sons do agitado público. As cortinas vermelhas abriram-se, exibindo um cenário com uma cerejeira em flor, uma lua branca e um templo japonês. Ao som da música calma, entraram três raparigas asiáticas de quimono e três homens vestidos de samurais. Era um espectáculo de ópera com alguma dança à mistura. Eu não percebia nem gostava. Preferia um bom concerto *rock* ou *pop*.

Riddel assistia à actuação com os binóculos, como se estivesse à espera de algo. Os dançarinos continuavam a encenação de uma lenda do Japão e agora juntava-se uma soprano que cantava diante de algumas caras ensonadas e outras maravilhadas. Quando voltei a olhar para Riddel para praticar a minha inexistente telepatia na tentativa de que me contasse o que estávamos a fazer ali enquanto as outras Guerreiras podiam estar em perigo, ela já não estava com os binóculos direccionados para o palco. Perscrutava os outros balcões em busca de algo ou alguém. Fixou-se num, o balcão mais central do Salão de Ópera. Agarrei nos meus binóculos e olhei para lá também. Estava lá um só homem a assistir ao espectáculo. Era loiro e vestia-se como um rei ou príncipe antigo. Havia diversos tipos de moda para se assistir a um espectáculo de Ópera, mas aquele homem estava exageradamente vestido, como um rei absolutista francês! Não que percebesse muito da História da França. As roupas das figuras nos manuais escolares é que me interessavam.

Reparei numa certa comoção e indignação entre o público lá em baixo. Uma figura levantava-se intempestivamente da plateia e dirigia-se ao palco, devagar e ameaçadoramente. Envergava um comprido casaco de pêlo preto até ao chão e tinha uns cobiçosos cabelos encaracolados.

– É a nossa deixa. Vamos, temos de chegar ao palco rapidamente – disse-me Riddel já à porta, impaciente. Nem a tinha visto levantar-se.

Corremos pelos corredores luxuosos do Salão de Ópera para chegar o mais depressa possível aos bastidores. Passámos por diversas árvores e enfeites de Natal, o que me lembrou que, de facto, era quase Natal. Com o vestido justo até aos pés, era difícil correr, mas tentava ser o mais veloz possível. Chegámos a uma porta guardada por um segurança. Na parede estava um papel onde se lia: «Proibida a entrada a pessoas estranhas». Vendo que nós vínhamos a correr em direcção a ele, barrou-nos a entrada e repreendeu-nos por andarmos a correr pelo corredor. Eu tinha a estratégia ideal para resolver o problema do segurança. Olhei para Riddel e ela percebeu. Deixei cair uma singela alça do vestido pelo meu ombro moreno, mostrando muita pele, e passei a mão pelo cabelo ondulado, soltando-o. Sabia que era o meu maior talento: a sedução dos homens, ou não fosse eu uma Sereia atraente. Riddel ficou a observar a cena e não demorou muito até que o homem se derretesse todo com o que lhe murmurei ao ouvido. Ri como uma lolita lasciva e chamei Riddel para dentro dos bastidores, fazendo um adeus tentador ao segurança embevecido.

Quando lá entrámos, ouvi os gritos ensurdecedores da assistência e um grande alvoroço por todo o Salão de Ópera. A mulher já tinha avançado com o ataque. Corremos pelas várias portas que davam para os camarins, abrindo caminho por entre actores, músicos e assistentes que fugiam apavorados para a saída. Chegadas ao palco, escondemo-nos por trás da cortina vermelha para analisar a situação.

A misteriosa mulher de cabelos encaracolados, já sem o casaco preto a cobrir o seu corpo, estava sozinha no palco, virada para a audiência em fuga. Estava vestida como uma moura, cheia de véus e medalhinhas, mas tinha uma máscara branca que lhe tapava metade da cara. Reconheci-a! Era a moura de Orville que tinha conhecido no baile do Palácio de Pérola. Qual seria o seu propósito ali? E porque estava a quebrar as regras e a causar tamanha comoção entre a população na Terra? Era exposição a mais! Com um breve esgar, Riddel disse-me para me transformar.

A moura pareceu surpreendida e, ao mesmo tempo, temerosa com o aparecimento inesperado de uma Sereia e de uma Mulher de Gelo. Disse-nos que não tinha tempo para lidar com amadoras e apontou para o balcão onde estava o suposto príncipe, com um orbe nas mãos. Daí surgiu uma corda que cresceu até onde ele estava, com enorme rapidez. Com um valente puxão, o príncipe quase voou até ao palco. Completamente atordoado e perdido nas suas vestes douradas e ricas, levantou-se de um salto e preparou-se para se defender. Não pude deixar de reparar como ele era bonito e tinha uma pele perfeita. Com a rapidez de uma serpente, a moura agarrou no pescoço emproado do príncipe e tentou asfixiá-lo. Ele debatia-se para afastá-la, mas não conseguia. Eu e Riddel corremos em seu auxílio, mas a moura, com um estalar de dedos e um riso sibilante, fez aparecer inúmeros buracos negros no palco, de onde os mágicos braços trouxeram diversos homens sinistros.

– Nenhuma outra Guerreira tocará na Moura Encantada de novo! – gritou a nossa inimiga.

– Lorelei, aquele é um príncipe de Orbias. É o detentor do último artefacto, de Merco. – Riddel segredava-me.

– Boa altura para me informares, Riddel – disse enquanto evocava os meus arcos e me desviava do ataque de um dos homem. Tinha sido ríspida para que ela reparasse no meu descontentamento. Odiava que me tomassem por burra e não me contassem logo as coisas.

Riddel evocou as suas pequenas espadas de gelo e começou a desferir golpes nos homens. Enquanto lutava com eles, notei que eles pareciam meros aldeões. Ou melhor, pareciam pescadores e marinheiros, até porque exalavam um certo aroma a maresia que me agradava. Mas tinham os olhos vazios, como se estivessem hipnotizados. Seriam vítimas da Moura Encantada? Subitamente, lembrei-me da visão que Noemi tinha tido em Seabeau. Fiquei feliz por ter resolvido o enigma sozinha – não estava habituada! Eles só poderiam ser os homens perdidos de Seabeau. Se os homens tinham sido levados por uma moura, só imaginava que tivesse sido a subordinada de Orville.

– Pára, Riddel! Eles são inocentes! – Não poderia permitir que os homens fossem feridos. Sentia uma estranha ligação com as mulheres de Seabeau, em especial Fedra. Apesar de loucas, não seria capaz de magoá-las. E seria óptimo para a minha reputação levá-los de volta às «viúvas de Seabeau».

Tínhamos a tarefa dificultada, pois sabíamos que não os podíamos ferir. Eles não tinham consciência dos seus actos. Riddel avançava implacável sobre eles, fazendo dançar as suas espadas numa explosão de gelo brilhante. Desviando-me de um golpe de um dos homens, eu só queria poder chegar ao príncipe e libertá-lo das garras da moura.

Mesmo encurralada, atirei um dos meus arcos aquáticos de forma a acertar nela. Com um golpe rápido, a minha experiente inimiga desviou o ataque, mas foi o suficiente para o príncipe lhe aplicar um forte pontapé na barriga. Ela soltou-o de imediato e ele aproveitou para correr dali, ainda a tossir depois de quase morrer asfixiado. A Moura Encantada saltou do local onde estava, pronta para se vingar dele, mas eu já estava ao seu lado e consegui impedi-la, agarrando-lhe no braço. Ela tirou uma adaga no cinto de medalhas e um duelo de lâminas afiadas estava iminente. Ao mesmo tempo que Riddel se defendia dos homens violentos, eu dançava tão rápida como o vento, infligindo golpes velozes e mortais com os meus aros de água. A moura estava com imensa dificuldade em defender-se da superior adversária, mas não desistia. Imprevistamente, consegui cortar a máscara branca do lado direito do rosto da Moura Encantada que caiu no chão estilhaçada. Tinha metade da cara completamente deformada, como se fosse de cera e estivesse a derreter. Tocando-lhe com os dedos, a moura ficou demasiado perturbada. Deixou-se cair sentada no chão, derrotada, o aro inexorável da Sereia no seu pescoço, pronto para ser cortado. Mas nunca o faria, não era capaz de matar uma pessoa!

Aproveitando a vantagem sobre os inimigos, Riddel invocou o seu Ente Padroeiro. No enorme Salão de Ópera já vazio, formou-se um globo de água gelada, de onde saiu um homem de barba castanha, com uma pala negra num olho. Nas mãos trazia várias folhas manuscritas, salvas do mar frio pelo amor à sua obra e à arte. Suspenso no ar, atirou-as para o palco, voltando para a esfera de água fria. Riddel agarrou em mim e saltou rapidamente para fora do palco. Deitada no chão, ainda consegui ver as folhas caírem no palco de madeira, perante o olhar incrédulo dos homens e da perturbada moura. Repentinamente, os papéis rasgaram-se em mil pedaços e daí cresceram compridas e afiadas estacas geladas. O palco japonês deu lugar a um cenário árctico. E tão depressa quanto apareceu, o gelo esvaneceu-se no ar. Porém, já não havia qualquer sinal dos homens nem da moura. Foram rápidos no transporte. Riddel exibiu uma cara de frustração e raiva por ver o seu ataque falhado. E eu por não ter sido capaz de salvar os homens de Seabeau…

Escondido atrás de uma das filas da plateia, surgiu a cabeça alourada do príncipe fugitivo. Eu e Riddel fomos ter com ele. Não tínhamos derrotado o inimigo, mas, ao menos, tínhamos sido bem-sucedidas no salvamento do detentor do artefacto de Merco. Os objectivos da Sociedade Índigo tinham sido adiados. Íamos dedicar algum tempo para explicar ao exuberante príncipe a sua nova situação e destino. Mas ia ser fácil, já que ele era um orbiano. Comecei a pensar no que fazia um orbiano na Terra, a assistir secretamente a um espectáculo de ópera. E como tinha ele passado pela segurança do inimigo e estava ali, calmo e sereno?

Começámos a caminhar os três em direcção a uma das saídas de emergência, de forma a não dar nas vistas. Não me tinha lembrado ainda do que poderia estar a passar-se lá fora, possivelmente um cenário semelhante ao do Centro Comercial de Grand City. Olhei para uma luz brilhante no chão. Quando me baixei para ver o que era, agarrei num telemóvel de última geração deixado ali por um homem apavorado. Estava com uma ligação de vídeo-chamada ligada. Desliguei-o rapidamente e tentei aceder a um canal de televisão através dele. Pude ouvir de imediato um jornalista a dar uma notícia de última hora acerca de um ataque terrorista no Salão de Ópera de Grand City, encabeçado por três mulheres bizarramente vestidas. Tudo o que aconteceu ali tinha sido filmado. As nossas imagens iam ser repetidas nas televisões mundiais durante dias. O YouTube ia ficar entupido com tantas visualizações daqueles acontecimentos sobrenaturais. Olhei aterrorizada para Riddel, mas ela abanou a cabeça como que para me acalmar e dizer que não era nada de especial. Saímos dali os três e eu fiquei esperançosa que aquele incidente fosse encoberto por qualquer uma das Sociedades. Eu só não queria que a minha identidade de Guerreira fosse comprometida. Tinha toda uma vida terrestre a defender.

Escarlate

Após horas a andar e a conversar e a rir sobre o episódio de Faylinn, chegámos finalmente ao nosso destino. Pelo menos, era o que Rouge nos tinha dito, porque nem eu nem mesmo Lily-Violet tínhamos estado ali. O caminho de terra paralelo à Floresta das Fadas deu lugar a uma estrada de pedra branca que passava por baixo de alguns arcos minuciosamente trabalhados. Representavam as Guerreiras ancestrais, a figura da Deusa e a guerra contra os Humanos que eventualmente conduziu à separação dos mundos. Admirei-me com a grandiosidade daquela entrada e sentia uma estranheza dentro de mim ao ver que a alma que tinha dentro de mim era tão velha que era representada em pedra já gasta pelo tempo. Ao fundo vi os lindos jardins floridos e bem tratados que antecediam a Catedral Niveus. Segundo Rouge, a sede da Sociedade Escarlate localizava-se secretamente nas catacumbas do edifício religioso.

A catedral era ainda mais magnífica que todos os seus arredores. Não tão bela quanto o Palácio de Pérola da Imperatriz dos Mares, mas era maravilhoso à sua maneira. As paredes estavam já enegrecidas com o passar do tempo, dando-lhe um aspecto alegórico. A altura da catedral era interrompida por esguios vitrais coloridos que também retratavam e homenageavam as Guerreiras e a Deusa. Por todo o lado havia inúmeras estátuas e relevos de personalidades históricas de Orbias, algumas até endeusadas pelos seus feitos no passado. Reparei que a Deusa era representada como uma humana naquele mundo, revelando uma certa proximidade entre ela e os Orbianos, ao contrário do que acontecia na Terra.

Entrando pelas imponentes portas de madeira escura, deparei-me com uma sala gigantesca. No entanto, não tinha as habituais cadeiras paralelas viradas para um altar. As cadeiras estavam dispostas em círculo, à volta de uma pequena mesa com a imagem da Deusa. Talvez fosse uma espécie de figuração da orbe redonda que tanto caracterizada aquele mundo mágico. Por toda a igreja havia mais flores, repuxos e panos coloridos, nada a ver com as sóbrias igrejas da Terra.

Três figuras femininas de batinas azuis vieram pela carpete verde para nos receber. Atrás delas vinha um homem idoso que parecia ser seu superior, pelo que carregava um comprido bordão de prata. Rouge fez-lhes uma vénia. Lily-Violet e eu imitámo-la, atrapalhadas e ignorantes.

– Eu sou Le Senne, Grande Sacerdote da Deusa e Senhor da Catedral Niveus. – O homem tinha uma voz séria e brusca, e parecia não gostar muito da presença das Guerreiras ali. – A Sociedade Escarlate avisou-me da vossa chegada. Sigam-me, por favor. – Não esperava que a Sociedade Escarlate soubesse que íamos ali. Era suposto ser uma visita surpresa, mas com tantos agentes espalhados por Orbias e pela Terra, depressa passei de surpreendida a frustrada.

Sinceramente, pensava que íamos ser recebidas com grande alarido. Não que o quisesse, pois odiava ser o centro das atenções. Mas, de certa forma, senti-me desrespeitada com a arrogância dele. Afinal, estávamos numa catedral onde prestavam culto à Deusa e às Guerreiras ancestrais, e Le Senne tinha sido o único a tratar-nos como se fôssemos umas indesejadas. Para além de Orville e das suas Musas, claro. Todas as sacerdotisas por que passávamos despertavam das suas rezas e rituais para nos olhar, esperançosas e alegres. Todas elas eram risinhos e simpatia para com as nossas esguias e despidas figuras a passar. Não podia deixar de sentir uma certa vergonha com as minhas modernas e arrojadas vestes, se comparadas com as castas batinas das sacerdotisas.

Dirigimo-nos a uma sala que mais parecia um armazém ou uma despensa. Le Senne bateu numa robusta caixa de madeira, que se abriu prontamente, e disse-nos para lá entrarmos. Incrédula com todo aquele sistema típico de um filme de agentes secretos, apertei-me lá dentro com Rouge e Lily. Vi o olhar de repulsa por cima do nariz adunco do homem antes de ele bater novamente com o bordão na caixa para esta se fechasse. Odiava que me tratassem assim e não suportava a ideia de alguém que não gostava de mim sem razão aparente ou sem me conhecer sequer. Planeava confrontar Le Senne a propósito do seu comportamento sobranceiro assim que saíssemos da sede da Sociedade Escarlate. Momentos depois de termos entrado no elevador mágico, assustei-me com Cordélia, que nos abriu a caixa. Desde o triste episódio da pobre aldeia de Orbias que não a via, pelo que fiquei verdadeiramente feliz por revê-la.

Aquele local era completamente diferente da sala empoeirada onde o estúpido sacerdote nos tinha deixado. Pelo que percebia, era um complexo subterrâneo, pois não havia qualquer tipo de luz natural. As paredes e chão avermelhados dos corredores faziam jus ao nome da Sociedade Escarlate. Por todo o lado passavam apressadas pessoas atarefadas com as suas funções. A ideia de que a Sociedade era desorganizada foi totalmente perturbada pelo aspecto sofisticado e moderno das instalações e dos seus membros. Tudo parecia muito profissional e bem estruturado.

Depois de uns apertados abraços contra o corpo anafado e robusto de Cordélia, e apresentações entre Rouge e ela, disse-nos que nos levaria rapidamente para o gabinete do Director da Sociedade Escarlate. Quando pensava na Sociedade, nunca me tinha apercebido que Sebastian e Cordélia tinham um superior que os dirigia nas suas funções. Estava curiosa e ao mesmo tempo receosa por conhecê-lo, isto porque não confiava totalmente na Sociedade. Ao menos ele também estava interessado em receber-nos. Certamente tinha notado a importância que tínhamos para salvar os dois mundos. Mentalmente, organizei as milhões de perguntas que lhe queria colocar, muitas delas sobre Sebastian. Tinha de obrigá-lo a tirar Sebastian daquelas missões perigosas.

Lily-Violet conversava com grande alegria e confiança com Cordélia. Perante aquela intimidade, calculei que tinham ficado grandes amigas durante aquelas semanas em que Lily ficou aos cuidados da Sociedade Escarlate. Achei que a excentricidade das duas combinava na perfeição, daí se entenderem tão bem. Os agentes da Sociedade estavam tão ocupados nos seus pensamentos que nem ligavam às Guerreiras que por eles passavam. Alguns até conversavam ao telemóvel, possivelmente com agentes secretos colocados na Terra.

Parámos à frente de uma porta cor de vinho ao fundo do corredor e Cordélia bateu três vezes. Uma voz anafada lá dentro ordenava que entrássemos. Ela abriu-nos a porta, deixando entrar as três Guerreiras, mas ficou lá fora. Era uma sala ampla, repleta dos mais diversos tipos de objectos de ouro e prata, a maior parte deles figurando alimentos, assim como os quadros expostos na parede. Por trás de uma secretária ricamente trabalhada, estava um homem de pé, duro e com uma capa vermelha por cima do entroncado corpo. Porém, não era ele o Director da Sociedade. O alto cadeirão ao seu lado rodou para a frente, mostrando um homem nédio, com chapéu de bobo da corte com guizos na ponta, barba grande adornando a cara redonda e inúmeros anéis nos dedos gordos. A sua face amarela era a de alguém pouco saudável, o que foi confirmado pelos doces e chocolates à sua frente e que recomeçou a comer quando nós entrámos. À primeira vista, não me inspirou a mínima confiança, pelo que as minhas previsões pareciam estar correctas. Não parecia uma pessoa muito responsável e competente para estar à frente de tão importante grupo de pessoas.

– As maravilhosas Guerreiras da Deusa! Que honra, que felicidade! – A sua voz soava a falso. Aliás, lembrava-me… – Sentem-se, sentem-se! Que honra, que honra! Brutus, serve-lhes um sumo de triganjas. – Lily-Violet franziu o nariz.

– Parece que o senhor Director esperava por nós e, ironia do destino, também nos dirigíamos para cá para falar com vossa excelência. Quer fazer o obséquio de nos dizer a que se deve a honra de tal facto?

– Eu não deixava de ficar surpreendida com a cordialidade de Rouge. Ela era uma princesa, e aulas de etiqueta deveriam ser uma constante na sua educação. Mas havia um travo a interesse na sua voz. Era subtilmente manipuladora para captar a confiança do regente.

– Fiquei muito feliz quando soube que a formosa filha de Monbel era também uma Guerreira. Muito feliz, muito feliz. – A satisfação dele materializava-se em palminhas, como uma criancinha. – Bem, primeiro as apresentações. Eu sou Herman, director e fundador desta fabulosa Sociedade Escarlate. E os vossos nomes, lindas meninas?

– Ela é Lily-Violet, a Fada da Criação, e esta é Noemi, Anjo da Omnisciência. – O guarda-costas Brutus servia-nos o sumo de triganjas. Lily-Violet pôs disfarçadamente o copo de lado.

– Oh, oh, maravilhoso, maravilhoso! Nunca pensei que fossem tão bonitas.

– É muito simpático, dom Herman… – Rouge não cessava as cortesias pervertidas.

– Bem, tenho pena que nos tenhamos encontrado nestas circunstâncias, principalmente com o desaparecimento da vossa companheira e do detentor do artefacto de Adão… – Nós já sabíamos onde estavam, graças às minhas visões, mas não lhe quis dizer. Rouge e Lily seguiram o meu exemplo. – Temos alguns assuntos a tratar, principalmente com a iminência da concretização dos planos dos idiotas dos índigos. Eles estão a um só artefacto de conseguir unir os dois mundos. – Mal ele sabia que queriam era destruí-los...

– E a Lorelei? E o Adam? E o Sebastian? Nós viemos para que nos desse informações sobre eles. É mais urgente do que o contra-ataque à Sociedade Índigo. – Explodi com aquela intervenção descontrolada perante o olhar reprovador de Rouge. Tinha estragado os seus planos e jogos mentais.

– *Nós* trataremos desses assuntos. Não vos compete a vocês meter-se nisso. Concentrem-se no que vos mando! – O homem parecia cada vez mais arrogante. Passava de uma criancinha mimada para um imbecil homem prepotente.

– Desculpe?! «Vos mando»?! – Levantei-me da cadeira, exaltada – O senhor pode ser director da Sociedade Escarlate, mas não manda em nós! Nós somos as Guerreiras da Deusa, as únicas capazes de combater a Sociedade Índigo e evitar a... – hesitei –… união dos dois mundos.

– Isso é um mito menina! As Guerreiras não passam de uma mera distracção e esperança para o povo ignorante. Foi para isso que vos despertámos! O povo adora figuras heróicas como vocês e nós achámos que seriam excelentes relações-públicas. Pensas que é por vossa acção que a Sociedade Índigo não uniu já os mundos? É tudo graças à Sociedade Escarlate, que eu criei.

– Eu sabia! – Rouge dirigia agora o olhar reprovador para Herman

– A Sociedade nunca deu qualquer valor às Guerreiras da Deusa. Deixaram-nos sempre de fora de tudo o que acontecia. Pois saiba que vamos encontrar a Lorelei, o Adam e as outras Guerreiras sem a vossa ajuda. – Levantou-se juntamente com Lily e virámos costas ao irritante Herman.

– Sem a nossa ajuda não conseguirão nada! Somos nós que temos acesso às informações das Sibilas. E foi por vossa culpa que perdemos o descendente de Adão! Vossa culpa! Este mundo está à beira da destruição e vocês são as culpadas! E não poderão fazer nada para o impedir, suas inúteis.

Com a voz de criança irritada atrás de mim, saí da sala do Director com as minhas companheiras e sem olhar para trás. Lily-Violet ainda fez cair de propósito uma estatueta de triganjas no chão, com um «Ups!» teatral, o que o aborreceu ainda mais. Os funcionários da Sociedade estavam agora parados nas suas posições, possivelmente chocados com a acesa discussão que se tinha passado naquela sala. Todos comentavam e segredavam enquanto nós as três passávamos pelos corredores escarlate.

Estava a prender a intensa vontade de chorar dentro do meu peito. Ia explodir em lágrimas a qualquer momento, mas não queria dar sinal de fraqueza perante todas aquelas pessoas. Eu era uma Guerreira da Deusa, poderosa o suficiente para salvar todas elas! E não era um homem baixo e gordo que podia fazer-me pensar o contrário. Mas será que eu realmente acreditava naquelas palavras que dizia a mim própria? O pranto iminente não era pela conversa com o Director nem pela preocupação com Sebastian e os meus amigos. Era porque, no fundo, eu acreditava nas palavras dele. Obviamente que uma rapariga como eu ou como as minhas amigas nunca teríamos força ou maturidade suficientes para salvar os dois mundos!...

Com Rouge e Lily-Violet a meu lado e todas aquelas pessoas a olharem para nós, senti-me pequena e indefesa. Era uma formiguinha ferida que se esforçava por se desviar dos gigantes pés das pessoas que passavam. Subitamente, Cordélia atravessou-se no nosso caminho com o seu enorme corpo a bloquear a nossa saída dos corredores da Sociedade Escarlate. Exibia uma expressão inquieta, diferente da dos restantes agentes.

– Meninas, acho melhor virem comigo. – A sua voz era inconstante, como se algo de grave tivesse acontecido.

Entrei numa sala da sede da Sociedade Escarlate com elas. No momento seguinte, o meu coração parou de bater. Os meus pulmões deixaram de inspirar mais ar. A minha força esvaiu-se pelo chão. O meu sangue evaporou-se de todo os meus vasos. Uma descarga de mil volts percorreu todo o meu corpo e eu senti que tinha deixado de existir. Sebastian estava à minha frente, ferido e moribundo numa cama.

Príncipe

(Lorelei)

Eu estava novamente sentada no sofá branco da casa de Riddel. Tinha-me deixado lá em casa com o príncipe de Orbias, Richart, e detentor do artefacto de Merco. Afirmou ter assuntos a tratar e para esperarmos por ela lá em casa, pois os transportes estavam a ser vigiados na altura. Não me tinha dito nada, mas percebi que a capacidade que ela tinha para se ausentar naquelas missões sozinha se relacionava com o seu poder de Omnipresença. Talvez conseguisse estar em vários locais ao mesmo tempo sem se tornar perigoso. Mas, nesse caso, porque não estava ali connosco? Odiava ser excluída das missões daquela forma, principalmente porque estava a fazer de ama-seca de um homem que mal conhecia. Sentia-me bastante inferior a Riddel. Ela agia como uma profissional e parecia ter muito mais experiência que eu. Aliás, eu tinha de admitir que ela era muito mais forte que eu. O meu poder da Vida não era nada eficiente em combate… E esse facto incomodava-me bastante.

Fazia-me imensa falta Noemi ali comigo. Há dias que não tinha notícias dela, embora soubesse que estava em Orbias na companhia das outras Guerreiras. O que mais me preocupava, o que me ocupava quase todos os pensamentos era Adam. Por causa da minha burrice, tinha permitido que fosse capturado pela Sociedade Índigo… Nem sabia sequer se estava vivo. Nunca me perdoaria se lhe acontecesse algum mal. Mas também não conseguia deixar de pensar na rapidez com que ele correu ao meu encontro para me salvar. Nunca nenhum rapaz com quem me envolvi tinha feito algo tão atencioso por mim… Mas talvez Noemi tivesse razão nas suas constantes dúvidas existenciais. Seríamos realmente fortes e capazes de lutar contra a Sociedade para salvar os dois mundos? Eu achava que era demasiado para umas rapariguinhas como nós… Agarrei numa revista de moda que estava em cima da mesa à minha frente e comecei a folheá-la para me distrair. Vi a fotografia de uma árvore de Natal e reparei que Riddel não tinha nenhuma. Que mulher amarga e solitária. De certa forma, tinha pena dela. Sem família, e a noite de Natal era já amanhã... Bem, em princípio eu também não teria família na noite de Natal. Tinha recebido um telefonema dos meus pais a dizer que os voos tinham sido cancelados por causa da neve… Mas o que é aquilo?!...

Richart saía da casa de banho em tronco nu e com uma minúscula toalha de mãos à cintura. Mesmo estando habituada a estar com rapazes naquele estado, não consegui evitar corar a pele morena do meu rosto. Ele tinha insistido para tomar banho assim que chegámos a casa. Dizia que se sentia sujo do combate. E esteve no chuveiro pelo menos quarenta minutos. Ele era realmente muito loiro, musculoso, com uma pele linda e um masculino maxilar perfeito. Parecia um autêntico príncipe de conto de fadas! Ou então, um modelo. Mais giro que os homens da revista nas minhas mãos.

– Realmente, aqui na Terra os chuveiros são fantásticos! Nem é preciso colocar orbes na água para aquecê-la; já sai quente do cano. É fantástico! Mas, Lorelei, olha para isto! Eu estou nojento, estou horrível. Olha para aqui! – Ele estava com uma expressão de derrota e apontava para três minúsculas borbulhas vermelhas no seu imenso peito musculado.

– Aaah… mas isso nem se nota Richart! Estás fantástico, não te preocupes. – Eu não conseguia falar com ele com tanta confiança como ele falava comigo. Afinal, eu nem o conhecia e achava-o um oferecido por aparecer assim ao pé de mim.

– Não percebes, isto vai dar cabo da minha reputação. Espera, vou vestir-me e explico-te tudo. – Saiu para o quarto de Riddel para vestir a sua roupa real.

Passada uma meia hora, apareceu na sala de novo e sentou-se no sofá ao lado do meu. Ainda assim, trazia um espelho de mão e uma escova para pentear o seu curto cabelo dourado. Comecei a perceber como os rapazes se sentiam quando esperavam por mim… Ele não falava; estava demasiado entretido a alinhar o cabelo vinte e sete com o trinta e dois. Decidi quebrar aquele gelo.

– Sei que deve ser muito difícil para ti. Eu própria também tive alguma dificuldade em aceitar que era uma Guerreira.

– Sim, ainda estou a recuperar. Não estava à espera que me aparecesse estas borbulhas, logo hoje. – Diversas pingas de desenho animado apareceram na minha cabeça.

– Aaah… Não é isso. Eu referia-me ao facto de seres o detentor do artefacto de Merco. Lembras-te? Como a Riddel te explicou no carro?

– Ah, sim. Não há qualquer problema. Conheço bem as lendas das Guerreiras e sei que estou seguro com vocês. De qualquer forma, sou forte o suficiente para derrotar quem quer que se coloque à minha frente. – Subitamente lembrei-me da altura em que ele fugiu da Moura Encantada no Salão de Ópera… – E, aliás, não me surpreende que tenha o artefacto; um príncipe belo, formoso e viril como eu. – Exibiu os seus dentes brancos perfeitos e, de repente, pareceu um modelo de uma publicidade a pastas dentífricas.

Ele irritava-me profundamente. Parecia-me tão vaidoso e egocêntrico. Mas acho que me irritava mais saber que ele era a minha versão masculina. E, se eu era assim, começava a não gostar muito de mim…

– Estou curiosa com uma coisa… O que estava um príncipe de Orbias a fazer num espectáculo da Terra quando nem sequer fazes parte de nenhuma das Sociedades?

– Bem, eu sou podre de rico. – Estava a achar que ele tentava seduzir-me com toda a sua vanglória. – Comecei a ficar farto da vida de corte no meu castelo em Orbias. A vida de deboche e frivolidade começou a enjoar-me um pouco e decidi pagar uma quantidade ridícula de dinheiro à Sociedade Escarlate para me deixar transportar para a Terra. Queria mudar de ares, conhecer gente e coisas novas… Vocês têm coisas fantásticas aqui! Tanta cultura, salões de beleza, lojas! E as mulheres daqui? Adoro! Além disso, também aproveitei o facto da minha princesa estar segura no seu castelo para dar uma escapadinha.

– A tua princesa? Como assim? És casado ou assim? – Aquilo parecia uma história para crianças. Aliás, Orbias sempre me pareceu um gigante livro de contos infantis.

– Sim, Orbias ainda tem a tradição estúpida de casar os filhos das várias casas reais. Quando ela nasceu, ficou-me logo prometida. E para minha desgraça, ela tem uma maldição qualquer que lhe traz sempre sarilhos. E tenho de ser sempre eu a salvá-la. Estúpido código de príncipes! Mas eu não a conheço muito bem. Quando a salvo, faço sempre questão de fugir dali. Odeio compromissos! Além disso, ela é mesmo muito pudica. Eu ainda sou tão lindo, jovem e inteligente. Quero é aproveitar a vida! Muitas mulheres, bebida, música, viagens, sexo…

– Ei! Calma lá, Richart. Mas não te importas que estejas a magoar a tua princesa? Não tentaste falar com ela? Ela pode pensar da mesma forma! – Por alguma razão, senti que aquela frase também se podia dirigir a mim em relação a todas as pessoas que possa ter magoado com a minha vida de… deboche.

– Hã?… Não. Não tenho coragem. – Ele falava comigo, mas continuava a pentear-se ao espelho. – Tenho a certeza de que é boa rapariga e tal, mas tenho outro tipo de preocupações, como ficar bonito para as *mujeres,* como dizem aqui na Terra. – Quando disse isto, pousou o espelho e a escova e olhou para mim como um manequim sorridente.

Como era possível que ele fosse tão parecido comigo?! Eu pensava exactamente como ele! Mas agora que ouvia aqueles pensamentos pela boca de outra pessoa, parecia-me um comportamento horrível. Eu condenava aquele pensamento em alguns homens, mas eu afinal era igual. Sou uma porca devassa! Uma *slut* à americana!

– Eu também sou curioso como tu, Lorelei. – Aproximou-se mais de mim de forma sedutora, mas parecia ridículo naquela roupa que aos olhos de um terrestre parecia de Carnaval. – Não é por isso que te transformas numa Sereia? – Cruzou as pernas e começou a gesticular para se explicar melhor – Tu és linda, mas, como Sereia, és irresistível… – Eu recostei-me no sofá, ofendida.

– Bem, para além de a Guerreira ancestral ter sido uma Sereia, as transformações das Guerreiras reflectem a verdadeira essência da pessoa. – Não fui feliz no comentário. Percebi que, afinal, a minha verdadeira essência era a de uma sedutora inveterada.

– A Lorelei transforma-se em Sereia porque é sedutora e bonita, mas também porque o seu poder da Vida está associado à água… – Riddel entrava em casa sorrateiramente. Virei-me para trás para fitá-la em agradecimento por me ter salvado da Lorelei em versão «macho».

– E tu em Mulher de Gelo porque és fria e distante… – interrompi-a bruscamente e sem consciência das minhas palavras. O meu descontrolo deixou Riddel pensativa. Passados alguns segundos, voltou a falar.

– Bem, parece que já somos famosas. – Ligou a televisão.

Em todos os canais falavam do «atentado» no Salão de Ópera e do rapto de um dos espectadores da Ópera do Japão. Imagens amadoras de telemóveis eram transmitidas vezes sem conta pelos serviços de informações. Falavam também de um grupo de homens terroristas, encabeçados por três mulheres que lançaram o pânico no espectáculo.

Parecia que as minhas previsões se tinham concretizado. Ainda ninguém da Sociedade Índigo tinha vindo a público falar e encobrir o incidente, como no episódio do centro comercial. Os repórteres perguntavam-se se se tratava de mais uma cena do famoso «filme mistério» ou se, de facto, eram terroristas com armas sofisticadas e roupas exóticas.

Comecei a mexer os dedos nervosamente. Roupas exóticas… Eu não era nenhuma *striper*! Para além de nos terem juntado à Sociedade Índigo na mesma falsa causa, as televisões divulgavam imagens das Guerreiras, embora irreconhecíveis. A Terra estaria a caminhar para a descoberta de Orbias? Senti-me ansiosa, mas também como se tivesse entrado nua num sítio cheio de pessoas. Não queria que as pessoas na Terra soubessem quem era na realidade a Lorelei. Não queria perder a vida normal que ainda mantinha ali.

– Tenho novas informações. – Riddel desligou o televisor para que lhe tomássemos atenção. – O transporte entre os mundos já é seguro. Podemos partir os três.

– Óptimo! Preciso de voltar para o meu castelo e tratar do meu peito. – Riddel não compreendeu o que Richart quis dizer com aquilo.

– Não. É melhor ficares num sítio mais seguro. Mas ainda estou à procura do local ideal.

– Eu sugiro o Palácio de Pérola. Além de ficar bem localizado, no meio do mar, a Imperatriz é alguém em quem podemos confiar a cem por cento. – Riddel olhou para mim. Senti um arrepio de frio. Ela limitou-se a acenar com o seu fabuloso cabelo encaracolado. – Bem, nesse caso, é melhor partirmos já. Quero reunir-me com as outras Guerreiras o quanto antes. – Levantei-me de imediato para me transportar antes que Richart falasse mais sobre ele próprio.

\*

Quando abri os olhos, percebi que definitivamente não estava em Orbias. Atónita, olhei em volta para o que parecia um armazém abandonado da Terra. Olhei para Riddel para a questionar sobre aquela situação, mas, pela sua perplexidade, percebi que não era aquele o nosso destino e também não sabia para onde nos tínhamos transportado. Virei-me para o local que Riddel fitava de semblante carregado. À nossa frente estava a Moura Encantada com o seu regimento de pescadores e marinheiros atrás de si. Entendi o que tinha acontecido. Tinha sido apanhada noutra armadilha!

– O nosso transporte foi comprometido. Fomos descobertas pela Sociedade Índigo! – Riddel colocou-se numa posição defensiva – Transforma-te, Lorelei. Richart, presumo que te desenrascas com uma espada. – Já transformada, Riddel entregou uma das suas pequenas espadas de gelo a Richart. Ele agarrou nela com determinação nos olhos. Já não parecia o mesmo narcisista de há minutos atrás.

– Olá, Guerreiras… Estava à vossa espera. Gostaram do comité de boas-vindas? – A sua voz era a de uma louca desdenhosa. Preparem-se. Não vão sair daqui vivas hoje! Nunca ninguém conseguiu derrotar-me duas vezes!

À sua frente já estavam uma Sereia, uma Mulher de Gelo e um Príncipe com as suas respectivas armas. Os homens dominados de Seabeau correram até nós, dirigidos pela moura de adaga em riste. Nós também corremos na sua direcção. Desta vez, não os deixaria escapar de novo. Queria mesmo salvá-los! Tinha um plano em mente: imobilizar os homens, para não os ferir, e tratar da moura mais tarde. Foi a primeira vez em que vi Riddel usar o seu poder de Omnipresença. Multiplicou-se em vários corpos e depressa havia inúmeras Riddel espalhadas pelo armazém. Com a ajuda de Richart, desferiam golpes com as espadas, empurrando os homens de forma a se concentrarem num dos cantos. Olhei à minha volta e notei que estavam algumas caixas de madeira empilhadas e presas com cordas. Atirei os meus dois arcos aquáticos de forma a cortar as cordas e depressa as caixas caíram para a frente dos homens, prendendo-os naquela zona do enorme espaço. Riddel voltou a unir-se num só corpo, perto de mim. Richart correu até mim ofegante.

Os prisioneiros pareciam baratas tontas a tentar, vezes sem conta, trepar a parede espessa e confusa feita com pedaços de madeira partida. Dois homens, isolados dos restantes, ainda correram para atacar Riddel, mas esta girou sobre si e atirou-os ao chão com um só pontapé de gelo estilhaçado. Quando o fez, não viu a Moura Encantada investir sobre si, fazendo-lhe um grande corte no braço. O vermelho invadiu a pele azul de Riddel de forma artística. Furiosa, girou a sua espada de gelo e arranhou-lhe uma das pernas. A moura correu para o centro do armazém, deixando as Guerreiras a pensar que ia fugir, cobardemente.

– É a minha oportunidade… O feitiço de ilusão – disse para si própria. Parou bruscamente e tirou um orbe de dentro da sua apertada túnica, de entre os seios.

Ia correr até ela para derrotá-la com as minhas armas, mas tive de me imobilizar. Comecei a ver as paredes e o tecto do armazém a ondularem como gelatina, como se não fossem reais. Um denso nevoeiro rosa inundou todo o armazém e senti a cabeça ficar cada vez mais pesada. Enquanto olhava em volta para tentar encontrar os meus companheiros, fui surpreendia por Riddel e Richart a atacar-me violentamente. Não tive hipótese senão defender-me rapidamente, mas era bastante difícil desviar-me de duas rápidas espadas de gelo. Não queria atacá-los, porque sabia que estavam sob o efeito do encantamento da moura e estava feliz por não ter sido apanhada como eles. Talvez fosse esse o seu propósito e ela quisesse que eu estivesse consciente enquanto era atacada por eles. Conseguia ouvir o seu riso estridente ao mesmo tempo que lutava contra os meus companheiros. Só desejava ser mais esperta para tentar arranjar uma forma de acabar com aquilo.

O meu poder da Vida não era muito eficaz em situações de combate, pelo que não podia confiar nele. Mas algo estava errado. Os ataques de Richart pareciam falhar propositadamente. Tentei a muito custo olhar para a sua expressão facial. Um dos seus olhos claros piscou para mim e eu percebi que também não estava hipnotizado. Será que Riddel também não estava hipnotizada? Podiam ter planeado alguma coisa enquanto não tinham chegado até mim.

– Ali! Lorelei, confiamos em ti. – Riddel agarrou-me num pé, juntamente com Richart, e impulsionaram-me num enorme salto até ao local onde estava a Moura Encantada.

Quando lá cheguei, tive a vantagem da minha inimiga estar em choque com aquela inversão dos acontecimentos. Era a minha oportunidade de mostrar a minha verdadeira força e vigor. Eu tinha de ser capaz de equiparar-me ou superar Riddel. Mas, acima de tudo, tinha de salvar aqueles homens! Comecei a atacar a moura com os meus aros enquanto ela se defendia, com dificuldade, fazendo uso da adaga. Os momentos em que lutei com ela pareciam uma eternidade. Eu só queria acabar com aquilo e ir ter com Noemi e as minhas amigas Guerreiras. Foi então que a minha oponente parou, com a sua arma empunhada. O seu olhar envidraçou-se de terror e dele caíram duas singelas lágrimas. Aquela cena foi-me estranhamente familiar! Atrás dela vi o corpo azulado de Riddel e percebi o que se tinha passado.

Riddel trespassou-lhe o corpo moreno com a rápida e esguia espada de gelo. O sangue vermelho escorria pela lâmina atrás das suas costas. Depressa as suas vestes de véus e caxemira se mancharam com o líquido escuro. A Guerreira da Omnipresença puxou a espada com violência e a moribunda moura acabou por cair no chão depois da sua nova máscara branca, já partida. A horrenda nódoa de sangue alastrou-se pelo chão escuro, a sua pele foi ficando cada vez mais pálida até que o seu corpo deixou de se mexer. Ouvi-a murmurar «Orville» antes de presenciar a sua morte. Chocada e aterrada com a macabra cena, baixei-me para lhe tocar na face que outrora tinha sido das mais belas que tinha visto. Estava fria como gelo. Mas não tão fria como a atitude de Riddel.

Riddel e Richart olhavam o corpo morto de Zorayde no chão, ela inexpressiva e ele com uma certa pena no olhar. Tive de reunir todas as minhas forças para conseguir falar depois daquilo.

– Ela… ela está morta! Eu posso tentar usar os meus poderes da Vida para trazê-la de volta. – Joguei as minhas mãos até ao coração inerte da moura, mas Riddel agarrou-me com força no pulso.

– Não! Não faças isso. Ela era nossa inimiga. Tu estás numa guerra, e quando tu aceitas entrar num conflito destes, sabes que podes morrer ou matar para não morrer!

– Mas nós somos os bons-da-fita! Não temos o direito de tirar assim a vida de uma pessoa! Se é esse o papel de uma Guerreira, então desisto agora mesmo de sê-lo! – Estava com tanta raiva, com tanto rancor, só queria bater em Riddel.

– Não sejas ridícula e imatura! Não podes simplesmente desistir de uma coisa que és. A alma da Guerreira da Vida escolheu-te e tens de lidar com isso. Aliás, estás ainda muito fraca. Possivelmente nem conseguirias ressuscitá-la. – Para acabar a discussão, caminhou até aos homens presos ao fundo do armazém, possivelmente despertos do encantamento da moura.

Teria tentado ressuscitar a moura, mesmo perante a oposição de Riddel. Mas a verdade é que acreditava que ela tinha razão. Eu era uma fraca, nunca conseguiria dar Vida a outro ser. Eu não era Deus ou a Deusa. Aliás, nem compreendia como tinha este poder que colocava em causa a própria figura divina e o poder que ela possuía. Eu não suportaria se o tentasse e não conseguisse. Queria deixar de ser Guerreira. Revoltava-me a ideia de não me ter sido dado a escolher outro caminho. Preferia viver a minha vida normal de rapariga terrestre, na ignorância da existência de um outro mundo. Richart estendeu-me a mão para me ajudar a levantar do chão. Mostrava assim a sua compaixão, mas eu só conseguia pensar no quanto odiava Riddel. Não pelo que tinha feito, mas por eu não ter força e frieza suficientes para ser uma Guerreira plena, tal como ela.

Reencontro

Estava sentada ao lado da cama de Sebastian, completamente destroçada. Segundo Cordélia me tinha dito, alguns agentes da Sociedade Escarlate encontram-no inconsciente e ferido nos arredores da Catedral Niveus. Possivelmente, tentava chegar até ali, mas acabou por sucumbir. Eu estava sozinha no quarto com ele. Cordélia, Rouge e Lily-Violet tinham saído para nos dar mais privacidade. Era uma espécie de consultório médico com alguns frascos cheios de orbes e ervas, possivelmente alguns tratamentos medicinais de Orbias.

Peguei na sua mão indolente. Já não emitia aquele calor que tanto me reconfortava. Tinha o cabelo ligeiramente maior e a barba por fazer. Consegui perceber que a verdadeira cor do cabelo dele era castanho claro com reflexos de mel. Os seus lábios perfeitos estavam agora machucados com algumas feridas. Os olhos encantadores estavam perdidos atrás das pálpebras enfraquecidas e escuras. O seu peito estava tão calmo que podia jurar não haver qualquer batimento cardíaco.

Como pude ser tão parva, tão estúpida, por ter sequer colocado a mínima dúvida sobre o nosso amor. Agora que estava à beira de Sebastian mais uma vez, e vendo-o naquele estado, tive a certeza de que ele era o amor da minha vida. Nunca voltaria a questionar o meu incondicional e irresistível amor por ele. E, definitivamente, não estava arrependida por lhe ter entregado o meu corpo e a minha alma. Eram os dois dele! O meu coração batia por ele, o ar que respirava era para me manter viva para ele e os meus pensamentos funcionavam em prol dele. Não suportaria… não aguentaria… Se Sebastian morresse, no segundo seguinte eu pegaria numa faca ou num frasco de veneno e morreria com ele! A minha vida era de Sebastian agora e não conseguia conceber um mundo onde ele não existia

Uma lágrima límpida e triste caiu em cima da sua mão. Nem me apercebi de que estava a chorar perante a minha íntima jura de amor. Como se a lágrima o tivesse chamado para mim, começou a mexer-se. Estava a acordar! Senti-me empalidecer, o estômago a contorcer-se e um arrepio a percorrer toda a minha coluna vertebral. Os seus olhos enigmáticos e brilhantes estavam baços e cansados, mas fitavam-me, felizes.

– Noemi! Encontrei-te finalmente! – Tinha a voz fraca, mas, ainda assim, mantinha toda a sua maravilhosa virilidade e paixão.

– Sebastian! Estás bem! Estava tão preocupada! – Não consegui controlar-me e desatei a chorar em cima dele. Acho que nem se tinham percebido as minhas palavras.

– Calma, Noemi. Eu estou aqui. Nunca mais vou sair do teu lado, nunca mais te vou deixar! Acredita em mim! – A voz era calma e serena, mas muito sincera. Eu continuava a jorrar rios de lágrimas a cada palavra sua, a cada som da sua voz. Ele também tinha os olhos rasados de água – Tem… acontecido muita coisa. E há muito para te contar. Chega de mentiras e secretismos para mim. Agora sei o que quero! – Sebastian endireitava-se com dificuldade na cama, visivelmente melhor, e de forma a poder falar melhor comigo.

– Nós cortámos relações com a Sociedade Escarlate. Desculpa! Eu não consegui admitir que o Herman…

– Calma, não tens de me pedir desculpa. E, aliás, fico feliz que o tenham feito. Chega-te aqui. – Aproximei-me da cara dele. No meu coração, desejava que me desse um beijo. Em vez disso, aproximou os lábios do meu ouvido e segredou de uma forma que me derreteu toda. – Eu não faço nem nunca fiz parte da Sociedade. – Abri a boca com incredulidade e voltei ao meu lugar. Ele falava agora normalmente, mas com voz baixa. – O único objectivo da Sociedade Escarlate, personificada no poder absoluto de Herman, não é proteger Orbias e acabar com a Sociedade Índigo… É tomar o seu lugar e governar os dois mundos. Até existem planos para invadir a Terra. Eles nunca se interessaram pelas Guerreiras. Quando as Sibilas da Sociedade Índigo revelaram que as reincarnações das Guerreiras ancestrais eram as únicas capazes de proteger os dois mundos, foi um choque e uma contrariedade para as duas partes. No entanto, a Sociedade Escarlate decidiu aproveitar a sua existência para usá-las como marionetas e combater a Sociedade Índigo, uma espécie de distracção para os regentes e para os demais orbianos.

– Eu sabia que não podíamos confiar neles! – disse eu, cerrando os punhos.

– Houve quem tivesse descoberto os verdadeiros planos da Sociedade Escarlate, nomeadamente, a Imperatriz dos Mares. Foi ela que me recrutou a mim, à Cordélia, à Fedra e a mais alguns orbianos para que integrássemos a Sociedade como agentes duplos. Roubaríamos informações e protegeríamos as Guerreiras da Deusa. Eu faço parte dessa Sociedade da Deusa.

– Porque é que nunca me disseste?! Porque é que tu, a Cordélia e a Imperatriz nos deixaram na ignorância. – Sentia-me verdadeiramente traída e excluída.

– Tens de perceber que este não é um ofício fácil. Não podemos andar por aí a contar quem somos. Tínhamos de proteger a nossa identidade. Afinal, eu tinha de parecer um fiel funcionário da Sociedade Escarlate… Eu tentei dizer-te, mas a Imperatriz proibiu-nos de vos dizer o que quer que fosse.

– Então, porque me estás a contar tudo isso agora?

– Porque te amo perdidamente e não suporto estar longe de ti e esconder-te as coisas desta forma. Não consigo! O meu coração enfraquece quando não estás comigo. Desconcentro-me…

– E o que te aconteceu para estares nesse estado? Algo correu mal na Sociedade Escarlate?

– Herman soube que me tinha aproximado demasiado de ti e temeu que me juntasse à vossa causa. Promoveu-me na Sociedade Escarlate e atribuiu-me uma nova missão, com mais responsabilidade: resgatar as Sibilas prisioneiras de Orville.

»Após semanas a estudar planos e estratégias, sozinho, infiltrei-me no Castelo de Mármore de Orville, em Marblia, para salvar as Sibilas. Disfarcei-me de guarda e consegui aceder às masmorras onde elas estavam prisioneiras. Acabei por encontrá-las numa sala com um gigantesco orbe de cristal onde uma menina, uma mulher e uma idosa estavam acorrentadas. Choravam incessantemente porque já tinham revelado quem possuía os artefactos sagrados e a identidade das Guerreiras. Sentiam que era por sua culpa que os dois mundos iam ser unidos e as Guerreiras mortas.

»Foi bastante difícil com tantos guardas, mas acabei por soltá-las. Fugimos do castelo, miraculosamente. Eu efectuei um feitiço de transfiguração com um orbe da Sociedade Escarlate. Elas transformaram-se fisicamente noutras pessoas. Dei-lhes as indicações para que fugissem para o Palácio de Pérola em segurança, e lá foram elas. Quando me preparava para voltar para a Sociedade Escarlate, ainda tive de lutar com uma das Musas de Orville. Consegui escapar, ferindo-a, mas também fiquei bastante ferido.

»Sabendo que não podia transportar-me, tive de caminhar até cá, mas não aguentei e tombei inconsciente. Felizmente encontraram-me e cá estou eu…

– Mas porque que é que foste para lá sozinho? Parece-me uma missão demasiado importante para uma só pessoa!

– Eu acho que Herman me mandou para lá para morrer… – Sorriu como se isso fosse uma piada. – Acredito que ele tenha desconfiado que estava a trabalhar para outro grupo. Só não pensou que eu conseguisse realmente cumprir com a minha missão. Na verdade, ele tinha razão. Eu vinha para cá para o informar de que as Sibilas não se encontravam lá e que a missão tinha de ser repensada.

– Tu passaste por tanto! Como aguentaste? – Eu estava realmente espantada com a sua força.

– Acho… que foste tu que me ajudaste a aguentar tudo. Só conseguia pensar em ti e na vontade que tinha em estar contigo de novo. – Queria tanto beijar a sua boca. Parecia que os meus lábios eram um íman e a boca dele o mais puro dos metais.

– Vamos sair daqui, Sebastian! Eu não quero continuar aqui e temo que também não seja seguro para ti – agarrei na mão dele com uma força apaixonada. Ele hesitava e eu ansiava que ele aceitasse cometer aquela súbita loucura comigo.

– Vamos! – disse ele, finalmente.

Não cabia em mim de feliz. Sebastian tinha a capacidade de transformar a minha personalidade. A insegura e frágil Noemi era agora aventureira e audaciosa. Agarrei na mão quente de Sebastian enquanto ele se levantava para se transportar comigo. Não quis pensar na insegurança e no risco que era um transporte para a Terra naquela altura. Não quis pensar nas minhas duas amigas Guerreiras e em Cordélia, ansiosas e preocupadas lá fora. Não quis pensar na posição de Sebastian na Sociedade Escarlate depois daquela fuga, ou até mesmo da possibilidade de terem ouvido a conversa daquele quarto, fosse de que forma fosse. Eu estava finalmente ao lado de Sebastian e essa era a única coisa que interessava naquele momento. Agarrámos firmemente na mão um do outro, fechámos os olhos e os braços mágicos do transporte levaram os nossos corpos.

\*

Quando abri os olhos, estava agarrada a Sebastian dentro do meu *Volkswagen* negro. Sorri para o meu amor a meu lado e ele sorriu de volta. Tínhamos conseguido transportarmo-nos em segurança. Estava feliz por voltar finalmente à Terra e ainda mais por Sebastian estar ali comigo. Olhei inadvertidamente para o relógio do carro. Marcava quatro horas da tarde. Mas, pior ainda, era véspera de Natal! Dei um salto de pânico com a situação e fiz força para que a Sociedade Escarlate, aquela que eu desprezava agora, tivesse feito alguma coisa para encobrir a minha ausência. Dali a algumas horas, a minha família estaria à minha espera para o tradicional jantar de Natal. Ocorreu-me uma ideia. Porque não fazer uma pausa na minha vida intensa de Guerreira e jantar calmamente com a minha mãe, tios, primos, avós… levando Sebastian também? A ideia de apresentar Sebastian à minha família era tão atractiva para mim, mesmo sabendo que ele não era daquele mundo. Mas era uma forma de oficializar a nossa relação no meu mundo.

Apesar de reticente em fazê-lo, Sebastian aceitou o meu convite para passar o Natal com a minha família. Embora ele tivesse dificuldade em entender o significado daquela data para os Terrestres, expliquei-lhe que era apenas um jantar familiar. Ele disse-me que, desde que estivesse a meu lado, não se importava com mais nada. Essas palavras serenas e sinceras na sua voz de veludo eram capazes de desfazer o céu, a terra e o mar para que só nós existíssemos em total harmonia.

Comecei a conduzir o carro em direcção a uma loja de roupa masculina. Sebastian tinha um ar abatido e esfarrapado, e convinha que estivesse impecável para a noite que aí vinha. Enquanto percorria as estradas entupidas de pessoas em busca dos últimos presentes de Natal, começou a pesar-me na cabeça o facto de ter deixado Rouge, Lily-Violet e Cordélia sem um aviso. Pedi a Sebastian que usasse o meu telemóvel para enviar uma mensagem a Cordélia a tentar explicar tudo e para que cuidasse das minhas amigas. Enquanto ele escrevia a mensagem, fiquei mais calma e liberta.

Chegámos a uma loja conhecida. Tive algum receio que as pessoas reparassem em Sebastian, ainda ferido, mas acho que o medo inconsciente se devia principalmente ao facto de ele ser um orbiano a passear livremente entre terrestres. Era uma estupidez. Ele era como qualquer outra pessoa, apenas mais bonito e perfeito ao meu olhar. De qualquer forma, as pessoas remexiam selvaticamente nas últimas peças de roupa antes do Natal, absortas. Procurar vestuário decente ali parecia-me uma missão pior do que aquelas que cumpria enquanto Guerreira…

Sem nunca largar a mão ardente de Sebastian, agarrei em algumas peças de roupa consoante a aprovação dele. Ele parecia-me estranhamente pacífico com tudo à nossa volta e com tudo o que eu dizia. Enquanto esperei impacientemente que ele experimentasse as roupas, senti as pernas fraquejarem quando apareceu ao pé de mim. O Sebastian que eu tinha conhecido há meses estava ali à minha frente em todo o seu esplendor. Camisa branca aberta no colarinho, calças pretas, sapatilhas brancas, colete cinzento. Adorava aquele *look* dele, que misturava clássico e casual de uma forma perfeita. Enquanto ele sorria para mim à espera da minha opinião, eu só conseguia emitir o som pesado da minha respiração apaixonada.

– Presumo que isso seja um sim. – Soltou uma divertida, mas suave gargalhada que tanto o caracterizava. – Mas insisto para que também experimentes alguma coisa. Sem reparares, trouxe uma coisinha que acho que te ficará lindamente. Entra aqui.

Entrei dentro da cabine onde ele tinha experimentado a roupa nova. Pendurado estava um vestido branco lindo, em tons brilhantes e uma cintura de princesa. Não era tão glamoroso como o vestido do baile da Imperatriz dos Mares, mas era certamente mais especial. Naquele pequeno espaço claustrofóbico, senti o cheiro enlevado e doce da pele de Sebastian. Por momentos, inspirei sofregamente, como se quisesse armazenar o máximo daquele odor maravilhoso dentro de mim. Mas o meu fraco corpo obrigou-me a expirar quando cheguei ao limite. Ele saiu de lá com um sorriso malandro de menino e enfiei o vestido escolhido pelo meu namorado. Mesmo não me achando bonita, senti-me a pessoa mais bela dos dois mundos. Senti-me uma princesa pura e deleitosa, embora estivesse muito simples. Amarrei o cabelo num rabo-de-cavalo, tal como gostava, e saí. A reacção dele foi ainda mais expressiva que a minha. Quase sentia a testosterona a fervilhar no seu corpo de deus perante a visão da rapariga arlequim à sua frente. Não foram precisas palavras para perceber que estava aprovadíssima.

Fomos pagar as roupas e ele insistiu em assumir a despesa. Não me surpreendeu que ele tivesse dinheiro terrestre, já que ele passava grandes períodos de tempo pela Terra em missões secretas da Sociedade Escarlate. Pedimos à empregada para mudar a roupa mesmo ali na loja e saímos para o carro como um casal perfeito, unido e extremamente sensual. Já dentro do carro, usei um pouco da maquilhagem que mantinha no porta-luvas para emergências. Usei também um pouco de base em Sebastian para disfarçar as marcas dos seus ferimentos.

Quando finalmente chegámos a casa da minha tia, em Grand City, onde se realizaria o jantar de Natal da família Ethereal, o meu coração começou a rebentar de nervosismo. Era conhecida na família por ser demasiado tímida e casta, pelo menos no que toca a rapazes. Entrar por lá adentro com o homem mais bonito que tinha conhecido na minha via, certamente ia forçar muitas bocas a abrir de espanto. E nem queria pensar no êxtase da minha mãe que finalmente ia ver a sua filha desencalhar!

Agarrei firmemente na mão de Sebastian (ele não estava mesmo nada nervoso) e, com um longo suspiro, lá entrei na vivenda excessivamente carregada de enfeites de Natal. As minhas previsões estavam correctas e até tinham sido superadas. Senti-me numa passagem de modelos cheia de flashes, num casamento ou numa coroação de reis. Enquanto passávamos pelo corredor, os meus familiares sorriam, cumprimentavam-nos e segredavam entre si, espantados. O facto de ter Sebastian a meu lado ajudou-me a superar o facto de odiar ser o centro das atenções. Estar a seu lado tornava-me mais forte e capaz de superar o mais irracional ou íntimo dos meus medos. Como se de um videojogo se tratasse, ao fundo do corredor estava a minha mãe, o nível final.

– Noemi! Estava tão preocupada contigo! Nunca mais chegavas. Realmente, foi um azar teres tido todos aqueles exames em cima do Natal – Sociedade Escarlate… – E este jovem, quem é? – A minha mãe sorria estupidamente para Sebastian.

– Mãe, este é o Sebastian. O meu… namorado. – Apesar de amá-lo incondicionalmente, admitir que Sebastian era o meu namorado perante a minha mãe foi a coisa mais difícil da minha vida.

– Oh, muito prazer, Sebastian. É um gosto receber-te no «famoso» jantar de Natal da família Ethereal. E deixa-me dizer-vos que vocês estão lindíssimos! Parecem um casal de uma novela!

A minha mãe deixou-nos para ajudar as minhas tias na confecção de mais uma fabulosa ceia natalícia. Enquanto eu conversava sobre trivialidades com alguns familiares, Sebastian aproveitava para se manter discreto. Estava a brincar com alguns primos pequeninos.

\*

No final do jantar, e já depois da abertura dos presentes à meia-noite, a família foi-se dispersando. A minha mãe ia ficar a dormir em casa da minha tia para ajudá-la a arrumar tudo no dia seguinte. Ainda não tínhamos tido notícias de Orbias ou de qualquer perturbação, pelo que fomos para a minha casa em Handyport. Só então me apercebi de que ia estar completamente sozinha com Sebastian de novo. O meu coração palpitou como um colibri dentro do meu peito cada vez mais enfraquecido com todas aquelas emoções fortes.

Entrámos e tive uma sensação estranha. Há semanas que não entrava dentro da minha própria casa. Parecia que tinha feito uma longa viagem. Levei-o para o meu quarto sem qualquer palavra. Acendi a luz fraca do candeeiro de mesa. Já era tarde e não queria ser ofuscada com a luz forte do tecto do meu quarto. Ele sentou-se na minha cama, suspirando de cansaço. Olhei em volta e pareceu-me tudo na mesma, tal como tinha deixado antes de partir para a Universidade em Lighto Town. À excepção de um bilhete destacado em cima da secretária. Pequei nele e reconheci a letra tosca de Cordélia. Talvez fosse perigoso enviar mensagens de telemóvel na altura, com tantos espiões e vigias… «Não se preocupem, está tudo bem. A Rouge e a Lily estão bem. Aproveitem o descanso que bem merecem. Cordélia.» Sessenta quilos que tinha em cima da minha cabeça esvaneceram-se subitamente. Ainda faltavam os restantes quilos destinados à minha constante preocupação com Lorelei e Adam. Quando os seus rostos surgiram a pairar na minha memória, senti uma dor incómoda no dedo. Tinha-me cortado com o papel do bilhete e uma fina linha de sangue começou a escorrer timidamente.

– Magoaste-te? – Sebastian levantou-se da cama, agarrou no meu dedo e enfiou-o na sua boca para limpar o sangue. Quando o fez, a sua boca quente e húmida transformou as minhas pernas em duas canas no meio de um vendaval. Que belo e sensual vampiro era ele!

Durante anos, tinha-me enganado a mim própria. Achava que era forte o suficiente para resistir aos instintos que tanto caracterizam o ser humano. Achava que os meus princípios e ideais de castidade conseguiam resistir às minhas pulsões mais fortes. Como eu estava enganada! Tinha fraquejado na noite em que fui de Sebastian. E agora tinha a certeza de que não passava de uma humana fraca. Mas era uma confirmação que não me perturbava nem um pouco. O toque da boca de Sebastian no meu dedo provocou uma explosão atómica dentro de mim, uma explosão de onde saiu uma Noemi selvagem, luxuriosa e com um desejo insaciável pelo toque daquele homem que eu tanto amava!

Joguei-me para os braços do surpreendido Sebastian. Agarrei-lhe na face com as duas mãos e uni os meus lábios sedentos aos seus lábios de mel. Eu estava louca, insaciável. Queria consumir o máximo de Sebastian possível com medo de que voltasse a desaparecer da minha vida. Arranquei-lhe o colete e a camisa branca, e passei as mãos pelo seu tronco nu. Os nossos corpos abraçados e lascivos caíram em cima da minha cama. Ele beijava-me todo o corpo com uma intensidade tão apaixonada e ardente que eu não me achava merecedora de tão forte desejo. Todavia, ele parou de me beijar e afastou os lábios dos meus. Era como se um filme tivesse parado a meio sem que pudéssemos ver o seu final.

– Não, Noemi. Não vamos fazer isto hoje. Podemos simplesmente ficar aqui deitados?

Eu não cabia em mim de feliz. Era o elemento que faltava para que a nossa relação fosse perfeita aos meus olhos. Não era um namoro baseado no prazer físico. Sebastian queria simplesmente ficar deitado a meu lado e apreciar a minha companhia e o contacto com o meu corpo. Isso era mais transcendente do que mil noites de sexo. Acenei para ele com um sorriso e encostei a minha cabeça no seu peito. Senti-me tão protegida quando ele me envolveu com os seus braços e começou a acariciar os meus cabelos e a minha face com a ponta dos seus dedos! Ficámos ali os dois em silêncio, ouvindo a respiração e o coração um do outro. Por mim, podia ficar assim para a toda a eternidade…

Memórias

Estava num estado de confusão tal que não percebia se estava a sonhar ou acordada. Olhei em volta para o meu quarto e nem queria acreditar na imensa felicidade que me preenchia a alma. Tinha a cabeça repousada no peito nu de Sebastian. Ele dormia profundamente com um braço à volta dos meus ombros. A minha cabeça baixava e subia conforme o ritmo da sua respiração pesada. E conseguia sentir o coração dele a bater no meu ouvido. Era algo que adorava! Tentava acertar o meu ritmo cardíaco com o seu só para provar que o meu coração só batia por ele. O toque da sua pele na minha fazia-me sentir segura, mas também que eu fazia parte do seu corpo ao receber aquelas vibrações e aquele calor. O quarto estava escuro e silencioso, iluminado apenas por uma fraca luz azulada que entrava a partir da rua.

Forçava as minhas pálpebras cansadas para não se fecharem. Queria aproveitar todos aqueles momentos em que o meu corpo respirava em sincronia com o corpo Sebastian, em que tinha realmente a sua companhia. No fundo, eu ainda guardava no recanto mais profundo do meu ser o receio de voltar a perdê-lo. Todas aquelas semanas depois do baile em que nem uma notícia tinha dele, fez-me sentir como a mulher de um soldado que ia para a guerra. E aquela ausência ainda ardia bastante dentro de mim. Meio acordada, fui derrotada pelo que pensei ser sono. Não percebi de imediato que o maldito poder de Omnisciência se voltava a manifestar…

\*

O que poderia ser um doce sonho, encostada ao corpo de Sebastian, era apenas uma das minhas inconvenientes e irritantes visões. Fiquei com vontade de renunciar àquele poder, que julgava inútil só pelo simples facto de ter afastado a minha mente de perto de Sebastian. Foi preciso um minuto para me arrepender daqueles pensamentos. Encostado à familiar parede escura e gélida estava Adam, a fitar o vazio e perdido nos seus pensamentos miseráveis. Fiquei bastante aliviada por ver a força que ele ainda concentrava para não perder a sanidade. Adam era uma pessoa emocionalmente frágil e toda aquela situação deixaria qualquer um de rastos, mas ele aguentava como um verdadeiro guerreiro, o que me deixou orgulhosa. O meu coração, que até há momentos estava preenchido com o amor de Sebastian, despedaçou-se perante o meu amigo que passava a noite de Natal numa prisão. Livrei-me de todos os meus pensamentos e esperei para ver o que aquela visão tinha para me oferecer.

Adam ainda pensava nas palavras de Mefisto, o mestre da Sociedade Índigo. Não cessava de pensar também em mim e em Lorelei, e no quanto nos tinha desiludido. Gostava bastante de nós, embora de maneiras diferentes. Também se lembrava da noite passada a conversar comigo, que guardava num local especial da sua memória. Era uma amizade que ele queria cultivar… se conseguisse sair dali vivo. Corei com aquele seu simples e sincero desejo. Adam era um rapaz muito especial e tinha pena que as pessoas ao seu redor não o compreendessem melhor. Ele ainda sofria muito com os anos de preconceito e estereótipo: drogado, de brinco e tatuagens; homossexual que não tem namoradas ou que não gosta de futebol ou de carros…

Ele tentava esforçadamente afastar aqueles pensamentos perigosos para a sua estabilidade de emoções. Olhou para o lado. A pequena rapariga de pele escura ainda não tinha despertado do choque do rapto. Mesmo passados todos aqueles meses!… Não comia nem bebia quase nada. Simplesmente, estava ali, encostada à parede, cada vez mais magra e desnutrida. Veio-me à cabeça a imagem das crianças pobres de Orbias, vítimas da exploração de magia naquele mundo. Adam tentava desesperadamente encontrar as palavras certas para falar com ela. Não a deixaria morrer naquele lugar.

– Ei, ainda não me disseste o teu nome, menina linda. – Ele debatia-se na sua mente, não sabia o que dizer e a menina continuava a olhar para o vazio. – Vais ter de comer alguma coisa senão ficas fraca. Eu sei que a comida é horrível, mas tens de fazer um esforço. Olha, vou contar-te uma história para te animares…

E Adam contou tudo o que se tinha passado com ele e a existência de Guerreiras mágicas que os iriam salvar. Sorri perante a forma romantizada como ele se referia a nós e às nossas proezas. Senti-me a heroína mais poderosa do Universo! Elena também ouvia o que Adam contava, mas mantinha-se inexpressiva. Tentei mais uma vez lê-la, mas fui ineficaz. Havia qualquer coisa nela…

Miraculosamente, aos poucos, a menina tomava atenção à voz de Adam, virando a cabeça lentamente para ele. Os olhos vazios deram lugar a uns grandes olhos pretos e brilhantes com a esperança a crescer. Quando ele acabou de falar, a menina dirigiu-se ao seu prato de comida e devorou-o, esfomeada. Depois fitou os olhos negros de Adam.

– Sou a Carolina. – Sorriu para ele, deixando-o mais que contente. Ele sorriu também, algo raro em si.

Aquele momento de ternura foi interrompido. Entrava Jynx seguida por Merovingian, o assistente de Mefisto. Os olhos envenenados de Jynx cruzaram-se com o olhar destemido de Adam. Depois olhou para as outras prisioneiras, como se estivesse a escolhê-los para alguma coisa. O homem engravatado olhava para Elena sem razão aparente. Jynx aproximou-se da cela de Adam.

– Tu deste-me muito trabalho. Vais ser o primeiro! Merovingian, ficas responsável por prepará-lo para amanhã. – Depois disso, saiu da prisão com o mensageiro atrás de si.

– Foi aquele homem que me raptou quando estava no jardim da catedral… – disse Elena, visivelmente perturbada.

– E a mulher… – Olhou para a cara assustada de Carolina e percebeu que tinha sido sua raptora também.

Já que eu estava ali e não havia sinal de terminar aquela visão, decidi seguir os meus dois inimigos com o objectivo de obter algumas informações que nos auxiliassem no futuro. Aliás, eu tinha de saber o que Jynx quis dizer com aquilo que disse a Adam. Se lhe iriam fazer alguma coisa amanhã, tinha de saber para que o pudesse impedir de alguma forma. Não deixaria que magoassem o meu amigo! Atravessei a porta da masmorra e entrei num sítio completamente diferente.

\*

Jynx separava-se de Merovingian no corredor daquelas masmorras sem nenhuma palavra. Nunca tinha trocado qualquer palavra com ele, mesmo tendo subido na hierarquia da Sociedade Índigo. Decidi segui-la a ela, deixando ir aquele que era um simples mensageiro da Sociedade Índigo. Aliás, era muito fácil ler os seus pensamentos, pelo que tinha a certeza que ia obter muita coisa. Ela subiu umas escadas em caracol à sua direita até chegar a um novo corredor, desta vez mais luxuoso. Tinha longos tapetes azuis, grandes candelabros e quadros de arte medieval nas paredes. Continuou a caminhar até chegar ao seu quarto, nesse andar. Era muito simples, embora muito rico. Ser uma subordinada directa do Mestre garantia-lhe uma vida melhor dentro da Sociedade Índigo. Tinha-se mudado para a Terra, para a sede da Sociedade, pelo que já não dormia no mesmo quarto que os guardas de Orville nem comia da mesma comida que eles no Castelo de Mármore. Tinha outro tratamento, pelo qual lutou bastante, com disciplina e esforço.

Despiu o casaco de napa verde e atirou-o para cima da cama. Soltou o cabelo oxigenado e abanou a cabeça para soltá-lo da rigidez quase militar. Quando o fez, a cauda de escorpião embateu numa pequena jarra da cómoda, partindo-a. Olhou para os cacos espalhados pelo chão e para a sua cauda venenosa. Não era a primeira vez que lhe acontecia algo assim. Apesar de muito útil, considerava a cauda como uma deficiência que sempre a impediu de ter uma vida normal.

Outrora, fora uma rapariga do campo que vivia com o pai. Nunca conheceu a mãe, pois não tinha resistido ao parto. Não tinha amigos porque, ou gozavam com ela, ou fugiam dela. Os seus únicos amigos eram o pai e uma bonequinha de pano deixada pela mãe. Viveu assim durante muito tempo, ajudando o pai no campo. Até que um dia, com uns dezasseis anos, conheceu um rapaz que passava pela sua casa. Foi amor à primeira vista! Ele nem se importava que Jynx tivesse uma cauda. O pai percebeu as intenções de ambos e tentou impedir o namoro, sem que ela percebesse porquê. Uma noite, Jynx esgueirou-se para se encontrar com ele. Agarrados, repletos de amor, preparavam-se para dar o primeiro beijo. Jynx estava verdadeiramente feliz. Os seus lábios estavam colados, num eterno beijo, quando, de repente, sentiu os lábios do seu amor escorregarem para baixo. Olhou para ele e estava deitado no chão, morto. Tinha um estranho líquido verde a escorrer da boca. Confusa e chorosa, fugiu para casa para contar tudo ao pai. Com muita dificuldade, ele disse-lhe que não podia relacionar-se intimamente com ninguém, tinha o corpo cheio de veneno. Em vez de sangue, tinha o líquido maldito a ser bombeado a cada batimento cardíaco. Perguntou como tinha conseguido relacionar-se com a sua mãe e ele disse-lhe que não era o seu pai verdadeiro. Apenas a tinha ajudado a dar à luz e, com a sua morte, adoptara Jynx, mesmo sabendo que tinha herdado o poder venenoso da mãe. Era raro, mas, em Orbias, havia pessoas que nasciam com poderes depois de sofrerem uma sobreexposição à magia bruta daquele mundo. Não entendia como poderia ser tão infeliz, como poderia a Deusa tê-la amaldiçoado daquela forma. Não merecia ver recusada a felicidade de amar alguém.

O pai ajudou-a a fugir, porque tinha assassinado aquele rapaz. Não tardavam a aparecer os aldeões enfurecidos com o crime da deficiente. Passadas semanas a fugir, cheia de fome e fraca, deambulava pelos subúrbios de uma cidade quando o seu caminho se cruzou com o de Orville. Ciente dos seus úteis poderes, convidou-a para ir para Marblia. Aceitou de imediato, cega pelas técnicas de sedução de Orville. No Castelo de Mármore, todas essas esperanças foram deitadas por terra. Tornou-se numa espécie de escrava. Orville tinha-a levado para integrar a sua guarda real. Mas ela treinava sem parar para se tornar a melhor e a mais poderosa entre eles. Só assim podia retribuir a bondade do homem para com uma deficiente. Ao fim de algum tempo, começou a aceitar que o seu poder era bastante importante e útil. Depressa se tornou numa das Musas de Orville, as subordinadas directas dele e que representavam as mais altas patentes do exército. Quando Orville integrou a Sociedade Índigo, aceitou as suas novas missões como uma militar obediente. No entanto, encontrou oponentes muito fortes: as Guerreiras. Depois de alguns falhanços, Orville deixou de olhar para si como a sua subordinada preferida. Todos aqueles anos dedicados a ele foram ignorados e esquecidos. Uma maior obsessão apoderou-se dela – vingar-se do regente de Marblia! E ter sido aceite como subalterna do Mestre permitiu-lhe revelar o seu verdadeiro potencial… E poder vingar-se de Orville e das Guerreiras era a prioridade máxima.

Olhou para o espelho da casa de banho, a sua face era a de uma mulher amarga e fria. Levou a mão atrás das costas e acariciou uma cicatriz recente provocada por uma espada de gelo, a espada de Riddel. Era um milagre estar viva e devia-o ao mestre, que a tinha salvado. No fundo, sentia que não tinha culpa de ter chegado àquele ponto. Teria aceite de bom grado uma vida simples e cândida no campo com o seu amor. Era culpa do destino e da Deusa, que a afastaram desse sentimento desde a sua nascença. Olhou para o ralo do lavatório. Uma lágrima verde caiu na porcelana branca. Afinal, sempre tinha sentimentos naquele coração envenenado.

O telemóvel tocou. Sabia que era para se apresentar ao Mestre. Lavou a cara, vestiu o casaco e saiu do quarto para ir ter com ele. Eu segui-a.

Jynx era minha inimiga. E já tinha feito muito mal às Guerreiras, aos detentores dos artefactos e a Orbias em geral. Mas eu não consegui evitar sentir uma imensa compaixão quando li as suas memórias tristes e sofridas. No fundo, naquele coração envenenado e amargo ainda sobreviviam alguns sentimentos bons. Ela era como eu e como todos os Terrestres e Orbianos. Só queria sentir-se amada.

\*

Depois de algum tempo a subir um elevador dourado, chegámos ao que parecia ser o último andar do edifício. Saí do elevador com Jynx. Passámos por uma elegante recepcionista atrás de um luxuoso balcão e, sem palavras, entrámos numa sala com uma porta dupla de madeira.

Era a mesma sala ampla da minha primeira visão, de quando me transformei pela primeira vez! À minha frente, num estranho *déjà-vu*, estava Mefisto a olhar para a cidade barulhenta e movimentada lá em baixo e com um copo de *whisky* na mão. Brincava com os dois cubos de gelo lá dentro, perdido nos seus negros pensamentos. Tudo se mantinha igual desde aquela visão. A única diferença estava na nitidez com que via e lia tudo à minha volta. Desta vez, até reparei que na parede estava o logótipo da sua empresa, a mais rica e poderosa de todo o mundo: Asmodeus. Constantemente alvo de manifestações por parte de ecologistas e defensores dos direitos humanos, a empresa monopolista controlava os mais diversos sectores da economia mundial, passando por cima do ambiente, países pobres, explorando os recursos naturais ao máximo… tal como estava a fazer em Orbias. Nunca nenhum habitante da Terra se tinha perguntado como a empresa tinha chegado àquele nível de riqueza. Aliás, ninguém, nem mesmo o mais inteligente e astuto dos terrestres, sabia que a empresa era também uma fachada para uma sociedade secreta. Para além de controlar o mundo, queria apoderar-se de um outro mundo desconhecido, Orbias. A partir daí, e conforme eu já sabia através do meu poder de Omnisciência, o seu Mestre queria destruí-los para criar um novo mundo, à semelhança dos poderes de Deus e da Deusa. Mas desse objectivo só ele sabia…

Olhei com mais atenção para Mefisto, aquele homem velho que parecia inofensivo. Ele estava-se nas tintas para toda a sua riqueza. Considerava-se uma fénix! Tinha renascido das cinzas da pobreza para realizar o feito sobre-humano de se tornar o homem mais rico do mundo. Claro que a magia de Orbias tinha dado um valente empurrão. No entanto, lá estava, velho, sozinho, controlando indirectamente toda a Terra, a caminho do controlo de Orbias também. Tudo o que ele queria era um mundo novo, onde todos pudessem ser felizes e iguais… A feliz utopia de um louco.

Os seus pensamentos foram interrompidos pela entrada de Jynx na sala. Vinha sozinha. Pelo menos aos seus fracos olhos, porque eu também estava ali.

– Mestre Mefisto. Os preparativos para os testes dos detentores dos artefactos já estão prontos. Creio que o descendente de Adão é o mais apto. – Jynx adoptava uma postura de militar.

– Óptimo. Quero que sejam rigorosos nos testes. Quero desco brir qual a melhor forma de extrair os artefactos, sem «danificações». – Bebeu um trago de *whisky*. Ia tratar de outro assunto agora, mas não dispensou Jynx. Queria que ela estivesse ali para uma observação viciosa da sua atitude perante quem ia chamar. – Orville!

De um buraco negro ao lado de Jynx apareceu Orville, o anterior chefe dela. Lado a lado, os dois estavam indiferentes perante a presença de cada um. Mas sentia-se o clima pesado e espesso no espaço que os dividia.

– Afinal, a tua subordinada revelou-se muito prestável. Os seus falhanços eram culpa do seu mentor, estou a ver… – Orville estremeceu de raiva – A… – hesitou – … união dos mundos está iminente. Falta apenas capturar o detentor do artefacto de Merco. Quero que trates disso o mais depressa possível. E, se não for pedir muito – a sua voz era violentamente sarcástica –, quero que elimines todos os que possam impedir o ritual.

– As Guerreiras da Deusa?

– As Guerreiras, a Imperatriz dos Mares, os Regentes, as marionetas da Sociedade Escarlate… Usa a tua imaginação. Nem quero saber se Orbias se transforma numa enorme piscina de sangue, desde que isso liberte o nosso caminho. E as Sibilas, algum sinal delas?

– Não, Mestre. Depois de revelarem a identidade do descendente de Merco, o Sebastian resgatou-as e levou-as para local incerto.

– E tu deixaste, imbecil?! – A calma de Mefisto dava lugar a um ódio demoníaco, quase emanando ondas de energia vermelhas. – Não falhes na missão que te dei agora! Jynx, vai com ele. A partir de agora és sua superior. E tu, Orville, obedeces à sua vontade!

– Sim, mestre. – Azedo e irado, retirou-se para o buraco negro com uma prepotente Jynx atrás de si.

Esteve prestes a matar Mefisto naquele momento, tal era o seu ódio. Era um regente de Orbias e não admitia que ninguém falasse assim com ele. Recusava-se a obedecer a uma antiga subordinada. Mas lembrou-se do tamanho poder de Mefisto. Decidiu fazer o que este lhe mandava, mesmo que isso significasse engolir o orgulho como uma laranja seca. Mefisto continuou a olhar pela janela. Para o mundo que tanto odiava. Estava para breve o momento em que teria o seu mundo novo…

Com a situação mais calma, parei um pouco para pensar naquele diálogo arrepiante. Confirmei que nunca se deve confiar nas aparências. Mefisto parecia um velho cansado. Mas, se até Orville e Jynx tinham medo dele, imaginei a magnitude do poder daquele homem. Eu ainda não conseguia ficar amedrontada com ele ou sentir-me ameaçada, mas tinha de ser cautelosa e reconhecer que, para se ser a figura máxima de uma Sociedade que domina dois mundos, deveria concentrar uma imensidão de poder dentro de si. Aqueles planos para eliminar todas aquelas pessoas de Orbias, inclusive eu e as Guerreiras, eram um prenúncio dos tempos difíceis que se avizinhavam. Enquanto tudo escurecia e eu voltava para o lado do meu namorado, matutei sobre o que mais me tinha intrigado naquela conversa: a forma directa como se referiram a Sebastian, como se o conhecessem pessoalmente há imenso tempo.

Espelhos

(Lorelei)

Transportei-me para o Palácio de Pérola juntamente com Riddel e Richart. Tínhamos decidido que aquele era o melhor local para que Richart, detentor do artefacto de Merco, se escondesse das investidas da Sociedade Índigo. Riddel, calada e solitária como sempre, não tinha tecido qualquer comentário sobre a confiança que eu depositava na Imperatriz. Às vezes só me dava vontade de chegar ao pé dela e dizer: «És uma parva, sabias?» Mas a verdade é que não queria criar conflitos com ninguém, especialmente com uma Guerreira poderosa e uma mulher que eu mal conhecia.

Saímos os três do buraco negro que se tinha formado no grande salão do Palácio de Pérola. Estava vazio, sem o aparato do último baile. Mas tinha uma luminosidade e uma vista fantásticas. Tinha acabado de amanhecer. Manhã de Natal na Terra… À nossa espera estava já a Imperatriz e para, surpresa minha, Cordélia.

– Lorelei. Que prazer ver-te de novo! – Sairen falou-me com uma voz maternal. – E príncipe Richart, é sempre um prazer receber-te no meu palácio. Já mandei preparar o teu quarto com tudo o que precisas para te sentires bem aqui. – Ela sorria gentilmente.

– Imperatriz Sairen, esta é a Riddel, a Guerreira da Omnipresença.

– Por favor, Lorelei. Trata-me simplesmente por Sairen. Muito prazer, Riddel. Espero poder ser-te útil sempre que necessário. – Havia ali uma certa antipatia entre as duas, mas acho que a principal razão era Riddel, que apenas acenou com a cabeça perante o cumprimento e simpatia de Sairen.

– Bem, devem estar exaustas depois de todo aquela emoção do combate. Excelente trabalho em resgatar os homens de Seabeau! As mulheres de lá estão eternamente gratas por isso. A cidade voltou a sorrir e a prosperar. Mas, por favor, podem ir para os quartos que vos preparei para descansarem um pouco. Falaremos mais tarde.

Depois disto, cada um foi para o seu quarto, em locais separados e restritos. Pedi a Cordélia para vir comigo. Precisava de alguém com quem conversar, alguém em quem eu confiava. Enquanto caminhávamos pelo interminável corredor luxuoso e branco, com uma carpete vermelha e portas de madeira negra, não pude deixar de reparar em como os passos dela eram barulhentos.

– Que foi, Lorelei. Que súbita cara de desespero é essa?

– É dia de Natal. É um feriado importante na Terra e eu não estive com a minha família… Também não há crise. Os meus pais não iam estar presentes. Estão outra vez em viagem de negócios. – Não me admirei por Cordélia não me perguntar o que eles faziam. A Sociedade Escarlate devia saber tudo sobre a minha vida.

– O que querias falar comigo? – A forma como Cordélia falava comigo era quase infantil.

– Queria perguntar-te o que achas da Riddel. Não achas que há qualquer coisa estranha nela?

– Não sei. Não a conheço muito bem. Parece-me muito antipática, mas também parece igualmente poderosa. Afinal de contas, ela é uma Guerreira, não é? Não pode ser tão má pessoa assim.

Não fiquei muito feliz com a resposta. Cordélia não era a melhor pessoa para falar sobre isso. Era demasiado ingénua, tal como Lily-Violet. Desejava que ela me dissesse que Riddel era uma espécie de agente secreta ao serviço de uma misteriosa agência em Orbias. Ou que ela era uma princesa perdida que tinha ficado apática após a morte do namorado. Qualquer coisa que se aproximasse de um filme de acção e aventura. Mas, afinal, era mais aborrecido que isso…

Quando estava quase a chegar ao meu quarto, apareceram três mulheres, uma velha, uma adulta e uma criança, que deslizavam pelo chão como três fantasmas.

– Ah, Lorelei. Estas são as Sibilas. O Sebastian resgatou-as do Castelo de Mármore, em Marblia, e trouxe-as para aqui. Acho que o Palácio de Pérola é um excelente local para esconder prisioneiros. – Começou a rir estrondosamente. – Elas têm algum poder de Omnisciência, tal como a Noemi. Mas, ao contrário dela, que só consegue ver o passado e o presente, elas também vêem o futuro. Graças a elas, conseguimos identificar as Guerreiras e os detentores dos artefactos.

Depois de cumprimentá-las, deixei Cordélia com elas e entrei no meu quarto. Era o mesmo quarto luxuoso e maravilhoso onde eu tinha estado no dia do baile. Corri para o armário repleto de vestidos e passei a mão por todos eles. Corri para o toucador cheio de perfumes e maquilhagens e senti o agradável odor exótico e excitante. Corri para a cama gigante e saltei para cima dela, feliz. Sentia-me uma adolescente eufórica que nunca tinha visto aquele género de riqueza e opulência. Olhei para o tecto branco e trabalhado. Não era nas Guerreiras que eu pensava, mesmo estando preocupada com elas. Não era em Riddel que pensava também, mesmo desconfiando das suas verdadeiras intenções. E muito menos na Sociedade Índigo, os nossos inimigos. Eram apenas duas coisas que saltitavam na minha cabeça como duas bolinhas de pingue-pongue. Richart e Adam. Eu era impossível. Com tantas coisas em que pensar, e eu pensava em rapazes! Mas não conseguia evitar.

Richart mexia comigo da mesma forma que os rapazes giros nas discotecas mexiam comigo. Era pura atracção física que me deixava louca de desejo. Aquele cabelo loiro, aquele rosto perfeito e o corpo musculado, como um deus, tiravam-me do sério. Só me apetecia saltar-lhe para cima, beijá-lo intensamente e senti-lo a agarrar-me possantemente com as suas grandes mãos. Ainda por cima, ele era de facto um príncipe! O que é que uma rapariga da minha idade podia desejar mais?

Mas Adam também lá estava como um guarda, na minha devassa e perversa mente. O que sentia por ele era ligeiramente diferente.

Tinha-o como um grande amigo. Mas, por outro lado, sentia que queria mais dele. Sentia necessidade de tomá-lo nos meus braços e fazer-lhe festas na cabeça uma noite inteira para acalmá-lo dos seus demónios interiores. E sentia também que podia conversar com ele durante horas e horas sem nos cansarmos, algo que eu não encontrava nos rapazes com quem normalmente saía. Ele era giro à sua maneira, e eu sempre tive secretamente um fraco por tatuagens, *piercings* e rapazes rockeiros. Tinha a certeza de que, se quisesse parar com a minha vida boémia e quisesse assentar, era com Adam que queria investir numa relação. Mas será que queria parar já com a minha vida boémia? Ser uma Guerreira tinha-me feito crescer de alguma forma. Sentia-me mais adulta e responsável, não a miúda rica e mimada de outrora. Mas, ainda assim, não queria mudar a minha vida tão repentinamente.

Tive uma ideia para acabar com aquele duelo de namorados na minha cabeça. Ia testá-los! Procurei as Sibilas pelo palácio e levei as três para o meu quarto. Perguntei-lhes se era possível que elas conseguissem mostrar-me Adam. Aleguei estar preocupada com ele (e estava). Elas assentiram de imediato perante a minha cara de gatinho abandonado. As três fecharam os olhos e formaram um triângulo com os seus braços esticados. Eu fiquei no centro. Estava apavorada com o que podia acontecer, mas queria mesmo voltar a ver Adam.

Segundos depois, comecei a ver tudo escuro à minha volta, como se estivesse prestes a desmaiar. Subitamente, fez-se luz e vi-me numa prisão cinzenta e desconsolada. Então era assim que Noemi tinha as suas visões?! Fui estúpida ao ponto de correr em direcção a Adam e falar com ele, mesmo depois de Noemi me ter explicado como se processavam as suas visões. Era a minha mente que estava ali, não o meu corpo. Logo, ele não me podia ver, ouvir ou sentir. Ele estava sentado no chão, encostado à parede e compenetrado nos seus negros pensamentos. Os seus olhos esverdeados continuavam brilhantes para alívio meu. Olhei em volta e vi uma rapariga loira e uma menina de pele escura, uma criança ainda.

Olhando para Adam, há dias naquela prisão desconsolada, fria e húmida, senti uma terrível pena. O meu coração inundou-se com a vontade que tive em abraçá-lo, acalmá-lo e de dizer uma coisa estúpida só para ele se rir. Não havia nada que me fizesse mais feliz do que ver Adam sorrir. Por fazê-lo tão raramente, cada sorriso dele era especial e sincero, e preenchia-me a alma com o calor mais doce.

À minha volta voltou a ficar tudo negro e depressa estava de volta ao meu quarto no Palácio de Pérola, dentro do triângulo que as Sibilas formavam à minha volta. Elas olhavam-me com uma expressão comprometida e envergonhada.

– Desculpe, menina Lorelei. Só conseguimos ter visões durante um curto espaço de tempo. Espero que tenha ficado mais aliviada.

Não lhes respondi. Saí do quarto a correr. Tinha urgência em passar ao outro teste. Corri como uma louca desvairada pelos corredores do palácio, à procura do quarto de Richart. A melhor forma que encontrei foi seguir o seu perfume másculo. Bati à porta uma vez, e de lá de dentro a sua voz grossa e valente deu-me autorização para entrar. Entrei. Ele estava em tronco nu e a exibir uns torneados e bronzeados músculos. Estava em frente a inúmeros espelhos amontoados como um intricado *puzzle*, e que lhe permitiam ver o seu corpo e face em vários ângulos. Tinha uma escova na mão e olhava-me com uma expressão confusa e inquiridora.

Sem palavras, aproximei-me dele, saltei para o seu colo como uma lapa e comecei a beijá-lo selvaticamente. Beijos intensos, com muita língua. Eu sabia reconhecer um rapaz cheio de testosterona a borbulhar, e Richart estava prestes a ter uma overdose dela. Ele retribuía os meus beijos como um louco esfomeado, como se me quisesse comer inteira. Eu agarrava-lhe nos cabelos loiros e puxava-os, arranhava as suas costas masculinas… Ele rodou sobre si e atirou-se para a cama comigo em cima dele. Queria dar o passo seguinte. Eu estava com dificuldade em resistir ao que estava prestes a acontecer. Estava cheia de vontade. E Richart estava no *top* 10 dos rapazes mais desejados por mim. Quando ele estava já a passar as enormes mãos pelos meus seios ainda cobertos, o rosto de Adam surgiu na minha mente como um cachorrinho abandonado. Ia descolar-me de cima de Richart e dar-lhe o maior corte da minha vida. Ia arrepender-me, mas sabia que era a decisão certa. Mas, em vez de ser eu a desistir, foi ele. Empurrou-me gentilmente para o lado e deixou cair a face na cama, ainda ofegante.

– Desculpa, eu não consigo fazer isto. És muito atraente e muito bonita, Lorelei. Mas eu sou comprometido com a… minha princesa. É muito difícil para mim, principalmente porque ela é demasiado pudica e casta, e eu sou um homem insaciável; mas a verdade é que a amo e quero manter-me fiel…

Soltei uma gargalhada, mas fiz questão de lhe explicar que não estava a gozar com ele. Afinal, éramos ainda mais parecidos do que eu pensava. Eu também tinha uma «princesa» chamada Adam. Mas só agora tinha recebido a confirmação disso. Sentindo uma grande empatia com Richart, confessei-lhe o meu esquema para testar o meu dilema entre amor e desejo. Pedi-lhe desculpa por estar a usá-lo daquela forma. Ele sorriu e disse-me que não havia problema. E que eu beijava extraordinariamente bem! Ainda ficámos uns bons minutos a conversar, deitados na cama, ele a falar da sua princesa e eu a falar de Adam, das Guerreiras, das minhas frustrações, medos, sucessos. Sem querer, tinha feito um amigo improvável. Igual a mim, mas em versão masculina. Era como se me estivesse a aceitar e à minha inconsciente mudança.

Despedi-me dele com um beijo na cara, deixando-o pensativo na cama, em tronco nu. Fechei a porta atrás de mim e desatei a ri-me sozinha. No entanto, fui interrompida pela voz de Riddel, tão dura como uma geada matinal.

– Lorelei. Vou ter de me ausentar. Mas antes precisava que me fizesses um favor. Aliás, é mais um pedido. – Ela parou de falar como se esperasse a minha confirmação. Acenei com a cabeça. – Provavelmente, vais ter com as outras Guerreiras agora e vais ficar um tempo sem me ver. Tenho alguns trabalhos a fazer. Só te peço que, aconteça o que acontecer, não fales sobre mim e faças um esforço por nem sequer pensares em mim.

– Mas porquê? – Aquele pedido era ridículo. Ela era uma Guerreira, não era um rato.

– Promete-me que o fazes. Eu vou fazer coisas perigosas, e falares ou pensares em mim enfraquece o meu poder de Omnipresença.

Se o fizeres, algo de mal pode acontecer-me. Não queres que isso aconteça, pois não?

– Claro que não! És uma Guerreira, nossa companheira. Mas, se vais fazer algo perigoso, porque não me levas contigo? Posso ajudar!

– Trabalho melhor sozinha. – Ela tinha começado a andar pelo corredor e falava-me de costas. – Quando quiseres, podes transportar-te, é seguro. Deves querer passar o dia de Natal com a tua família, não é? Até à vista, Lorelei.

Ela desapareceu na penumbra do corredor comprido. Odiei a forma sarcástica como ela se referiu ao Natal e à minha família. O meu coração até se apertou de mágoa. Riddel era estranha e misteriosa. A justificação para não poder falar ou sequer pensar nela era muito suspeita. Havia ali mais qualquer coisa. Nem era preciso ser muito inteligente para perceber isso. Em vez de me transportar de imediato, fui procurar a Imperatriz e Cordélia. Não fazia sentido transportar-me para a Terra para passar o Natal sozinha. Porque não passar com elas? Eram pessoas de que gostava muito. Tive pena de não ter comprado prendas para elas. Sempre era melhor que levar semanas a comprar prendas para pessoas que não me ligavam no Natal… Era sempre assim. Corri pelos corredores relembrando-me de coisas boas na minha vida, como as minhas novas amigas e… Adam!

Ciúme

Acordei com o chilrear dos pássaros lá fora e com um raio de Sol que invadiu o quarto pela fresta da janela até à minha cara. Estava sozinha na minha cama. As memórias da visão que me raptou de perto de Sebastian ainda ardiam na minha mente. Quase nem me conseguia lembrar de como voltara da Sociedade Índigo e adormecido de imediato. Sebastian não estava a meu lado, o que me provocou uma sensação de pânico com o receio de perdê-lo de novo. Mas esse medo não durou mais do que dois segundos. Quando olhei para a ombreira da porta da minha casa de banho privativa, lá estava Sebastian a olhar para mim de sorriso matreiro. Tinha o cabelo molhado e uma toalha à volta da cintura, pelo que depreendi que tivesse tomado banho enquanto eu dormia.

– Bom dia, amor. – Quase me desmanchei em sorrisinhos quando me tratou por «amor». Sentia-me uma adolescente em plena explosão hormonal. – Acordaste há muito tempo?

– Há pelo menos uma hora. – A sua voz veludosa era a melhor forma de acordar num dia de Natal. – Não quis acordar-te, então vim tomar um banho e, quando terminei, não consegui evitar ficar aqui a olhar para ti. Sabes que és linda e deliciosa a dormir? Como um anjo.

– Mas eu sou um anjo. – Levantei-me da cama, agarrei no seu rosto perfeito e beijei-o perseverantemente. A sua barba por fazer picou-me a pele fina de uma forma agridoce.

A muito custo, larguei-o para também eu tomar banho. Entrei no chuveiro e nem senti frio com os primeiros jactos de água devido ao vapor que pairava após o banho de Sebastian. Enquanto ele se vestia no meu quarto, contei-lhe todos os pormenores das minhas visões nocturnas, mesmo da casa de banho. Não via as suas expressões, mas já o conhecia bem demais para saber que estaria a fazer a sua habitual cara de preocupação com o sobrolho carregado e uma pequena linha que se formava por cima do nariz levemente arrebitado.

Vesti umas calças de ganga escuras e um corpete verde seco. Já tinha coragem para usar aquele corpete elegante, uma prenda de aniversário esquecida no armário por vergonha e pudor meus. Quando voltei ao quarto, Sebastian estava com a sua roupa nova vestida e sentado na minha cama à minha espera como um menino obediente. Quis beijá-lo de novo, tal era a minha vontade de tocar e sentir o seu sabor, mas fui interrompida pelo meu telemóvel. Uma mensagem de Cordélia. «A última Guerreira já foi identificada por nós. Está em Dark Versalia. Procurem na grande mansão do centro. Cordélia.»

A última Guerreira… Já tinha passado assim tanto tempo? A lembrança do meu papel e objectivos enquanto Guerreira foram relembrados após toda aquela distracção e encantamento com Sebastian. Por mais obcecada que estivesse por ele, não podia esquecer as minhas obrigações. Senti-me mal por não me preocupar mais com as minhas amigas Guerreiras. Se a Guerreira ancestral era a líder delas e eu era a sua reincarnação, eu não estava a fazer um bom papel. Aliás, pouco ou nada sabia de Riddel, e Lorelei andava desaparecida há vários dias. Mas tinha consciência de que nada podia fazer por essas duas Guerreiras, por agora, até porque o meu poder de Omnisciência não mostrava mais nada. O que tinha de pensar era no presente. A última Guerreira iria ser recrutada por nós agora e, a partir daí, teríamos de nos organizar e preparar para os tempos difíceis iminentes.

Agarrei no casaco pendurado no meu armário, o que a minha mãe me tinha oferecido na noite anterior, e preparei-me para me transportar com Sebastian a meu lado. Os braços gélidos e silenciosos levaram os nossos corpos embevecidos de volta para Orbias.

\*

Aparecemos perto de uma cidade que supus ser Dark Versalia. Sebastian olhou para lá com um semblante carregado. Talvez já tivesse estado ali, mas tive a sensação de que a sua história com aquela cidade ia mais longe do que uma simples visita. Era lá que se encontrava a última Guerreira. Apenas uma pessoa se interpunha entre a Sociedade Índigo e os seus objectivos; a nós faltava-nos também apenas uma pessoa para lhe fazermos frente. Olhei à minha volta e reparei que o céu azul estava oculto por umas carregadas nuvens pretas. As folhas das árvores agitavam-se em presságio com profundos ventos fortes que adivinhavam a iminência de chuva.

Nem me apercebi que tínhamos companhia. Lily-Violet e Rouge apareceram ao nosso lado. A primeira vinha alegre e feliz, como habitualmente. Abraçou-me como se não me visse há séculos. Rouge só acenou. Conseguia ler perfeitamente no seu rosto rígido que estava chateada por me ter transportado irresponsavelmente com Sebastian, sem aviso ou explicação. Ela era excessivamente sensata e racional. Lembrei-me de mim própria antes de ter conhecido Sebastian e desejei que ela tivesse uma experiência amorosa como a minha para se libertar da prisão da sua habitual tensão.

Depois de uma breve conversa, em que contámos o que tínhamos feito enquanto estivemos separadas, descobri que as minhas amigas Guerreiras tinham ficado alojadas em casa de Cordélia, a poucos quilómetros da Catedral Niveus. E agora estavam ali comigo, avisadas por Cordélia para resgatar a última Guerreira.

Quando nos preparávamos para entrar em Dark Versalia, fomos interrompidos por uma voz que reconheci de imediato e que me preencheu o coração numa explosão de alegria e alívio. Era Lorelei! Aparecia de um buraco negro e quase se arrancou dos braços brancos para correr na nossa direcção. Agarrou-me a mim e a Lily num largo abraço sincero e depressa as lágrimas dos nossos seis olhos começaram a jorrar pela face abaixo.

– Tinha tantas saudades vossas! Senti tanto a vossa falta! Principalmente a tua, Noemi! – A voz bamboleante de Lorelei era agora descontrolada e insegura. Reparei também que a sua expressão era diferente desde a última vez. Parecia mais madura.

– Estávamos tão preocupadas contigo! Mas eu sabia que estavas bem. Tive uma visão de ti em casa da Riddel. – Lorelei pareceu hesitante, surpreendida por eu saber da existência da Guerreira Riddel.

– Ainda bem! Estava com receio que tivessem tido um ataque de coração com a minha longa ausência, mas não tive hipótese. Tenho tanto para vos contar!

– Vou querer saber tudo, até porque precisamos de organizar todas as informações que temos. Mas… porque que é que a Riddel não veio contigo?

– Aaah… Ela vem ter connosco mais tarde. Ela precisou de tratar de uns assuntos primeiro. – Algo na voz de Lorelei não soava bem. Não sei se achava isso por eu própria desconfiar de Riddel e da sua influência sobre a susceptível Sereia, ou por achar que Lorelei me estava a esconder as coisas deliberadamente.

Apresentámos Rouge a Lorelei. Embora nunca se tivessem encontrado, notei ali uma certa incompatibilidade. A tensão entre as estranhas era tão activa que pareciam dois ímanes a repudiarem-se. Liguei as engrenagens da minha cabeça para entender aquela conflagração entre as duas, mas não consegui chegar a nenhuma conclusão. Começava a não me agradar os elos fracos que ligavam as cinco Guerreiras. Esperava que a última Guerreira fosse uma forma de nos unirmos e nos tornarmos mais amigas, como as Guerreiras ancestrais.

Decidimos entrar na cidade. Sebastian e Rouge iam um pouco mais à frente, silenciosos. Eu ia com Lily-Violet, e Lorelei no meio de nós. Ela contou-me todos os fantásticos, mas também horrendos acontecimentos desde que a vi na minha visão. Eu e Lily fizemos o mesmo. Decidi cingir-me a contar apenas os factos que diziam respeito a Orbias e da nossa missão de Guerreiras. Queria confidenciar o desenvolvimento da minha relação com Sebastian à minha amiga, mas senti vergonha e receio que Sebastian ficasse embaraçado.

Enquanto falávamos, entretidas, Lily escorregou numa poça de água e nem as suas esguias asas de borboleta lhe serviriam para evitar a queda ridícula. Abafei um riso malvado, mas soltei-o assim que a vi rir-se como uma louca encharcada no chão. Ajudámo-la a levantar-se e atrás dela vi uma família de kutchis adiantar-se para dentro de uma grande árvore oca e velha dentro da cidade, assustados com as trovoadas que rugiam no céu. Já estava com saudades daqueles bichinhos fofos e amorosos!

O temporal piorava à medida que nos embrenhávamos pela cidade. Era tão sinistro que, em conjunto com a arquitectura e ambiente de Dark Versalia, pensei estar num filme de terror. Havia muralhas cinzentas a toda a volta, imponentes e funestas. Com a escuridão, eram ainda mais assustadoras. Ao lado dos portões de ferros das casas pitorescas estavam algumas abóboras grandes e iluminadas, iguais àquelas que tinha visto no campo de triganjas. A arquitectura das casas e edifícios era semelhante à de Seabeau, embora mais sombria e tétrica. Chegámos a uma grande praça central com a estátua da Guerreira ancestral no centro. Parecia uma espécie de feiticeira com um bastão, pelo que concluí ser o antepassado da última Guerreira. Ao fundo da praça, em vez de se verem as habituais casas de dois andares, estava uma comprida mansão. Ao olhar para ela, só me lembrava dos magníficos palácios franceses.

Conforme a mensagem de Cordélia, aquele era o nosso destino. Era ali que estava a última Guerreira, o derradeiro objectivo daquela nossa missão. Mais célere e viperina que nós, Rouge agarrou no puxador de metal das portas cinzentas e bateu com ele. Senti que ela tentava afirmar-se perante nós como uma espécie de líder. Não me sentia à vontade para liderar as Guerreiras, mas não gostei daquela atitude impertinente. Reparei que eu já tremia de frio com as pingas molhadas na minha pele e roupa. Sebastian foi um querido e embrulhou-me nos seus braços quentes. Não era só o calor corporal que me aquecia, era também o calor do seu amor. Lorelei sorriu abertamente perante aquele assumir do nosso namoro. Um ou dois minutos depois, um mordomo com casaco de grilo e nariz adunco abriu a porta rangente com um longo «Sim?».

– Aaah… Boa tarde, gentil senhor. Está a chover imenso. Será que podemos pedir abrigo por algum tempo? O meu pai é o regente de Grimmus e tenho a certeza de que ficaria maravilhado se soubesse que fui bem recebida em Dark Versalia… – Rouge voltou a demonstrar as suas excelentes capacidades diplomáticas, resultado da sua educação. Aquela estratégia para indirectamente descobrir a última Guerreira era excelente. Mas continuava a detestar aquela atitude caprichosa.

– Certamente…Vou chamar a Madame! – O mordomo recuou irresolutamente, deixando-nos entrar para o *hall*. – Aguardem aqui, por favor.

A casa por dentro não correspondia à opulência do exterior. Estava vazia, empoeirada e muito desconsolada. Por todo o lado, havia gigantes teias de aranhas, possivelmente ali há meses. A dona da casa apareceu a descer a grande escadaria com grande emoção e com o ponderado mordomo atrás de si. Era uma senhora gorda e baixa, muito pálida com seu pó de arroz, mas com duas rosas pintadas, com um vestido muito rico e uma peruca cinzenta muito alta e penteada. Abanava um leque partido como se estivesse com muito calor. Eu podia jurar ter visto um rato a passar pelos falsos cabelos.

– A princesa Rouge de Grimmus! Que maravilha! A que se deve a distinta visita? Sou a Madame Margawse d’Avignon. Sabe que eu pertenço às mais nobres famílias da região de Dark Versalia e desde cedo me habituei a lidar com regentes e personalidade importantes de Orbias? E… quem são os seus acompanhantes? – A luzidia mulher olhava enojada para Lily-Violet, suja de terra devido à anterior queda na rua.

Depois das apresentações, as minhas dúvidas dispersaram-se. Estava perante uma arrogante nobre em decadência que julgava as pessoas pelo seu sangue. Afinal, também havia pessoas daquelas em Orbias, mas mais pitorescas e peculiares. Na Terra, não havia nobreza daquele género, mas havia igualmente muita gente preconceituosa.

Fomos dirigidos pelo mordomo e pela mulher até a um salão onde tomaríamos chá. Achei ridícula a situação, mas assenti depois de ver os olhos condescendentes de Sebastian. Sentámo-nos num sofá repleto de pó, perto de uma lareira que não sentia fogo há anos. O imperturbável mordomo serviu-nos chá em chávenas lascadas que mais parecia água suja. Achei melhor não bebê-lo. Olhei à minha volta e só Lily-Violet sorvia aquele líquido.

– Espero que não se importem com o aspecto da casa. Estamos em… arrumações. Dizia-me que… – Dirigia-se a Rouge, embora, na realidade, ela não estivesse a dizer nada de especial quando o chá foi servido.

– Cara Madame Margawse. Decerto já ouviu as notícias de que as Guerreiras ancestrais renasceram para salvar os dois mundos do grande flagelo que os ameaça. – A mulher acenou, mas parecia não estar assim tão informada. – A verdade é que eu e as minhas companheiras somos, de facto, as novas Guerreiras. O senhor que nos acompanha é Sebastian, representante da Sociedade Escarlate. – A mulher parecia cada vez mais impressionada, como pude ver pelo seu papo a inchar-se e pelo pó de arroz branco a estalar perante o amarelado sorriso rasgado.

– Oh, mas que honra ter tão ilustres convidados em minha casa! Se soubesse desta visita, teria organizado o mais fabuloso banquete que Dark Versalia alguma vez conheceu!

– A verdade é que nós estamos em missão para resgatar a última Guerreira a ser acordada. Foi-nos informado pela Sociedade Escarlate que ela estaria aqui, na mansão de Dark Versalia. Por acaso a senhora não tem informações sobre esse facto? – Rouge era uma excelente manipuladora. Não só porque, de facto, era excelente comunicadora, mas porque notava-se o prazer que tinha em liderar as conversas para obter as informações que queria.

– Hã… Não sei. Nesta mansão só vivo eu, o meu mordomo e a minha filha, Belladonna. Mas duvido que ela seja quem procuram.

– Porque diz isso? – Agora era eu que intervinha. Não podia deixar Rouge ofuscar-me com a sua voz colocada e conversa socialmente correcta.

– Bem… a Belladonna sempre foi muito rebelde. Sempre fez tudo para me fazer infeliz. Duvido que alguém assim seja uma Guerreira… – Aquelas palavras estavam carregadas de ressentimento.

– E será que podemos falar com ela? – Agora era Lorelei que me ajudava na luta contra o protagonismo de Rouge. Consegui ver o olhar reprovador desta última.

– Ela passa muito pouco tempo cá em casa. E esse pouco, passa a dormir. Provavelmente já foi… trabalhar! – Aquela palavra parecia ter saído de um engasgo melindroso. Os olhos dela já estavam aguados.

– E sabe onde podemos encontrá-la?

A mulher já não conseguia falar devido aos soluços. Ela era tão engraçada a chorar que não consegui ter pena dela. Até porque não sabia a que se devia tamanha tristeza. Com a sua mão rechonchuda, acenou ao mordomo que estava especado à entrada do empoeirado salão. Ele veio até nós e entregou-nos um cartão que dizia simplesmente «Cabaret Coeur – Dark Versalia». Comecei a ver uma imensidão de pontos de interrogação a surgir em todas as nossas cabeças, excepto na de Sebastian. Ele estava estranhamente nervoso e apreensivo.

Quando saímos da mansão para visitar o tal cabaré (e que eu achava ridículo haver um em Orbias…), reparei que já tinha anoitecido. Estava tanto frio na rua que ninguém se atrevia a sair de casa. Só uma ou outra figura negra e fugaz se dirigiam para a mesma rua. Fomos até lá, comentando entre nós o estranho comportamento da senhora gorda.

Chegámos a um edifício velho com uma singela e escondida placa degradada onde se lia «Cabaret Coeur». Era ali que estaria a última Guerreira. Mas… num cabaré? Eu desejava com todas as minhas forças que aquele estabelecimento não fosse como eu pensava. Podia ser um simples local cultural. Rouge bateu à porta e uma pequena janelinha deslizou para revelar uns atormentadores olhos.

– A senha? – A voz era gutural como um monstro de um pântano.

– Senha? Que senha? – Rouge olhou aturdida para nós.

– A senha é «kutchy». – Sebastian chegou-se surpreendentemente à nossa frente.

– Correcto. Podem entrar.

O que queria dizer aquilo?! Sebastian já tinha estado naquele cabaré?! De que outra forma ele saberia a senha de um local tão escondido e camuflado? Mais do que anteriormente, eu desejei que aquele local não fosse como a imagem que a minha mente fantasiosa teimava em construir.

Entrámos os cinco. O meu queixo caiu ao chão e o sangue subiu-me todo ao rosto perante aquela visão aterradora. Aquele cabaré era pior do que imaginava! Num estilo vitoriano e quase burlesco, estava decorado com papel de parede vermelho-vivo, bancos redondos, também vermelhos, e uma carpete cor de vinho. Perto de nós, um comprido bar com uma miscelânea de bebidas alcoólicas. Ao fundo, um palco fechado com cortinas vermelhas. Por todo o lado só se viam homens bem vestidos a beber incessantemente e a brindar pelas mais variadas razões. A música de piano alegre era tão alta como uma discoteca terrestre.

Mas o pior não eram as coisas que eu mentalmente descrevia, nem o excessivo vermelho que fazia o cabelo de Rouge desaparecer. Era a multiplicidade de mulheres de *lingerie* cintilante, plumas e meias de rede, que se sentavam ao colo dos homens, lhes serviam bebidas e riam perante as apalpadelas. Era o deboche completo, capaz de fazer corar a mais inanimada das rochas! Tamanha devassidão ia completamente contra a minha moralidade. Todo aquele cenário enojava-me, todos aqueles ricos homens libertinos que se aproveitavam das mulheres seminuas. E as mulheres que se deixavam usar, para seu próprio prazer também. Todos aqueles risos e divertimento de luxúria! Eu até estava atordoada por entrar num sítio daqueles! E… e Sebastian já tinha estado ali?! O meu mundo começou a desabar como num titânico terramoto.

– Se não estão aqui para nos divertir, saiam do caminho. O espectáculo está a começar. – Um homem embriagado atravessou-se no nosso grupo com uma sorridente e saltitante dançarina pela sua mão.

– Meninas, é melhor sentarmo-nos. Vamos para ali.

Quase tive de ser arrastada pela mão de Sebastian. De repente, já não me parecia tão confortavelmente quente. Estava a ferver de devassidão na minha mão! Sentámo-nos numa mesa livre num canto escuro do cabaré. Só conseguia ouvir os risinhos das galdérias e as palavras grosseiras que os homens porcos lhes diziam. Tirei um momento para analisar os rostos das minhas companheiras. Rouge estava ainda mais enojada que eu. Lorelei exibia um pequeno sorriso, mas também estava pouco à vontade. Lily estava divertidíssima com toda a alegria da grande sala. Sebastian continuava nervoso e evitava olhar para mim. Não parava quieto com a mão, mesmo estando agarrada à minha.

Fez-se silêncio e o cabaré escureceu lentamente até a luz incidir apenas no palco. Começou a tocar uma música festiva que eu só conseguia associar aos verdadeiros cabarés da Terra. As duas longas cortinas vermelhas apartaram-se e de lá apareceu um grupo de seis dançarinas burlescas. Tal como todas as outras, estavam cobertas por plumas cor-de-rosa, meias de rede e *lingerie* brilhante. No entanto, todas elas tinham fascinantes máscaras que lhes cobriam os rostos. Começaram a dançar ao som da música, fazendo o máximo uso do seu corpo e de todos os movimentos sedutores que conseguiam fazer com ele. A sua dança estava sincronizada, mas não conseguia apreciá-la porque sentia o rosto arder como as profundezas do Inferno!

Os homens gritavam, impetuosos e loucos de prazer, enquanto atiravam orbes para o palco para que as dançarinas os seduzissem ainda mais… ou para tirarem a mínima roupa que tinham. Depois do martírio e da eternidade que a música parecia durar, o cabaré voltou ao calmo deboche anterior. As dançarinas desceram do palco e dirigiram-se às mesas espalhadas para continuarem a entreter os homens. Mas já não tinham as suas máscaras. Uma delas dirigiu-se à nossa mesa. Era muito alta, elegante, com as pernas mais compridas e bonitas que alguma vez tinha visto, e muito mais voluptuosa que Lorelei ou Rouge juntas! O seu cabelo era de um cobre liso e luminoso, e a sua pele rosada. Perante a música alta, aproximou o rosto de Sebastian e disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. No meio daquelas plumas todas, até podia estar a dar um beijo a escassos centímetros de mim que eu nem via. Ela afastou-se e ele pareceu ainda mais nervoso. Mordia os lábios e tentava olhar para todos os pontos daquela sala, excepto para mim.

Não aguentei, larguei a sua mão e saí disparada para a rua. As lágrimas estavam prestes a cair em cascata dos meus olhos. Ignorei o segurança à entrada e abri a porta para levar uma chapada do frio. Comecei logo a chorar, mas a minha cabeça não conseguia ainda organizar as informações que me levavam a tal sentimento de tristeza e revolta. As emoções tinham falado mais alto. Porém, aquela crise de choro não durou muito. Senti um forte choque nas minhas costas e, quando dei por mim, estava a gritar de dor e a ser projectada para o fundo daquela rua estreita. Completamente atordoada, estava a oscilar entre a consciência e a inconsciência.

Deitada no chão frio de pedra, a minha cabeça era um *flashback* e *flashforward* de imagens aleatórias e sem sentido. Ao longe só ouvia vozes familiares e o que parecia ser um combate. Subitamente, senti umas mãos desconhecidas agarrarem em mim. Eram um pouco ossudas e desconfortáveis, mas, por alguma razão, sentia-me protegida.

– Não te preocupes, Noemi. Vou levar-te daqui! – A sua voz era melodiosa, e parecia-me que já a conhecia de algum lado. Porém, a minha visão desfocada e confusa não conseguiu identificar a mulher que me segurava.

Enquanto tentava correr com o braço apoiado no ombro da mulher, consegui começar a perceber o que se passava à minha volta. Estava a chover e eu estava já a tremer de frio, mas também de dores nas costas. Olhei mais concentrada para o meu lado e vi que a mulher que me carregava era uma das dançarinas do cabaré. Pior, parecia-me aquela que tinha assediado Sebastian mesmo à minha frente. Instintivamente, larguei-a, mas, como ainda estava atordoada com o ataque anterior, caí redonda no chão.

– Noemi, eu não tenho nada com o Sebastian. Estava só a cumprimentá-lo. É um velho amigo. Eu sou a Belladonna. – A estranha estendeu-me a mão.

– Larga-me, não preciso da tua ajuda! E tu beijaste-o à minha frente! – Eu estava com os olhos a encher-se de lágrimas pelas dores no corpo e pela descoberta recente daquele sentimento hediondo: o ciúme.

– Não foi nada disso. Eu estava apenas a falar-lhe ao ouvido por causa da música alta. Acredita em mim!

A sua voz chilreante foi interrompida por uma voz que eu conhecia pelas piores razões. Era Jynx que aparecia ao fundo da rua, sozinha. Não havia sinal de Sebastian e das outras Guerreiras.

– Parece que o meu plano resultou. Consegui separar as Guerreiras com a ajuda dos meus monstros. Agora vai ser mais fácil matar duas coelhinhas com uma só ferroada… Uma por vingança, outra porque nem sequer despertou ainda.

O golpe que me tinham infligido à saída do cabaré só podia ter sido provocado pela cauda venenosa de Jynx, dura e fria como o aço. Mais veloz que nunca, a nossa inimiga correu até nós no seu fato militar. Fechei os olhos, antevendo o seu ataque no meu corpo desprotegido, mas o que senti foi apenas um enorme calor. Quando os abri, vi Belladonna a envolver-me com os seus braços e a gritar de dor perante os ataques de Jynx. Ela estava a proteger-me! Mas porquê?! Se eu morresse às mãos da nossa oponente, podia ficar com Sebastian só para si. Não era isso que ela queria? O sofrimento que Belladonna estava a passar por minha causa abriu-me um buraco no coração, fundo como o abismo. E perdida nesse abismo estava eu, completamente arrependida pela minha cegueira de ciúmes.

Ela continuava a berrar a cada golpe da impiedosa cauda de Jynx. Fraca e aturdida com tudo o que estava a acontecer, fiquei ali paralisada como uma pedra inútil. Até que os clamores de Belladonna cessaram. Demorei uns segundos até processar a informação. A roupa dela estava diferente. Tinha um vestido semelhante ao de uma bailarina, de cor púrpura, o cabelo de cobre apanhado num rabo-de-cavalo, a cara pintada como um mimo, e meias e mangas às riscas pretas e brancas. Perante aquele momento de crise, ela tinha sido levada ao limite, a ponto de se transformar em Guerreira. A última Guerreira tinha sido finalmente acordada!

Jynx mantinha-se atrás de si. Tentava disfarçar a sua frustração e perplexidade, mas eu conseguia lê-la tão bem como um livro. Belladonna levantou-se e saltou sobre a sua oponente. Ao fundo da rua e completamente ofegantes, vi chegarem Sebastian, Lorelei, Lily e Rouge. Certamente, tinham estado a combater os servos humanóides de Jynx. Mas eu notei que Sebastian não as deixava aproximar do combate da última Guerreira com a nossa inimiga venenosa. Eu não era capaz de ficar especada a olhar, tinha de ajudar a minha nova companheira. Devia-lhe a minha vida! Transformei-me em Anjo e voei até à zona de combate das duas. Depressa Sebastian se colocou à minha frente de forma a impedir que me aproximasse das duas. Eu não conseguia compreender e debatia-me nos seus fortes braços para me soltar.

– Não, Noemi! Não podes! – A sua voz era urgente e violenta, como se estivesse a dar uma ordem a uma criança desobediente.

Olhei para as duas, mas não havia qualquer movimento. Repentinamente, Jynx espetou a sua afiada cauda mortal no peito níveo de Belladonna. Todo o meu corpo sofreu um arrepio tão intenso que parecia um choque eléctrico. Sem cair no chão, a Guerreira colocou a sua mão ossuda no peito de Jynx, mas nenhuma cedia. Ficaram paradas naquela posição pelo menos dois minutos, com os músculos rígidos e olhar fulminante. Foi a nossa adversária a ceder e a cair no chão, com a cara cada vez mais pálida e membros frouxos.

Na bolsa que eu trazia à cintura, alguma coisa ardia veementemente contra a minha pele. Abri-a e a única esfera que tinha lá brilhava com a mesma cor púrpura da roupa da Guerreira Belladonna. Eu sabia que ela brilhava para ser entregue à sua verdadeira dona. Gritei pelo nome da minha nova companheira e ela agarrou na esfera à primeira.

Entre ela e Jynx, começou a formar-se um denso fumo negro. Dele surgiu um homem de fato e chapéu pretos, de óculos redondos e com um pequeno bigodinho. Com um ar muito frágil e pensativo, estendeu as duas mãos brancas. Numa delas apareceu um papel e noutra uma caneta. Começou a escrever muito depressa e selvaticamente, e do papel divergiram inúmeras sombras, as várias personalidades daquele escritor. As sombras agarraram-se aos fracos membros de Jynx, que se contorceu no chão aos berros. Pouco depois, as sombras e o escritor esvaneceram-se em pleno ar, mas, quando voltei a dirigir o olhar para o corpo inanimado de Jynx, já os braços do transporte a estavam a levar.

Tínhamo-la vencido mais uma vez. Mesmo ferida e envenenada, Belladonna mantinha-se no mesmo sítio, sem se mexer. Olhei para Sebastian, confusa. Não tinha percebido nada do que se tinha passado ali.

Árvore

Já tinha parado de chover, mas o céu continuava escuro e sombrio em Dark Versalia; e eu olhava pela janela embaciada da mansão da Madame Margawse para a rua cinzenta. Após uma grande cena de discussão entre ela e Belladonna, com direito a muito choro, gritos e vasos velhos atirados contra a parede, eu já não suportava estar perto de ninguém. Precisava de tempo para mim, para reflectir um pouco. A conversa da noite anterior, depois do combate, não tinha sido muito pacífica ou esclarecedora. Depois de me reunir com as Guerreiras e Sebastian, descobri que o poder de Belladonna era a Morte. Nenhuma das Guerreiras se tinha aproximado, nem me deixavam a mim aproximar, pois, tendo ainda dificuldade para controlar os seus poderes, era possível que me matasse. O ataque de Jynx não tinha tido qualquer efeito nela porque, sendo mortal, era rechaçado numa espécie de ricochete. O mesmo acontecia com Jynx, embora o poder de Belladonna tenha sido mais forte. Que poder horrível, o poder da Morte! Como é que uma mulher tão linda tinha a capacidade para matar alguém se assim o desejasse? Aqueles poderes das Guerreiras já não me maravilhavam assim tanto. Começava a assombrar-me com aquelas capacidades que punham em causa o poder divino, as verdades dogmáticas e a própria razão…

Depois de dormirmos na mansão, acordámos com os gritos deMadame Margawse, que não queria acreditar que a filha devassa e rebelde era uma Guerreira e ia deixar a cidade para combater a Sociedade Índigo. E que tudo o que ela queria era que a filha casasse com um bom partido e levasse uma vida recatada na sua casa luxuosa. Ridículo! … E, agora, ali estava eu, sozinha num imenso salão vitoriano a cair de podre. Os meus pensamentos foram interrompidos pelos passos libidinosos de Lorelei.

– Está tudo bem, Noemi? – Eu acenei com um meio sorriso. Sabia que ela não era parva a ponto de acreditar em mim. – O Sebastian queria falar contigo a sós. Disse que podias encontrá-lo na colina à direita da mansão.

Levantei-me, sem palavras, e agradeci a mensagem com um sorriso, desta vez mais sincero. Ansiava aquele momento em que ia esclarecer as coisas com Sebastian. Mas, ao mesmo tempo, queria adiar tanto quanto possível aquela conversa com medo do que poderia ouvir ou de Sebastian me repudiar pelo meu comportamento envenenado de ciúmes.

Arrastei os pés para fora da mansão fria e desconsolada. Já começava a ficar alérgica a todo aquele pó concentrado. Inspirei profundamente e expirei lentamente. O ar estava frio e húmido, tal como estaria na Terra, talvez… Era normal, o Sol ainda era um bebé, a nascer pela primeira vez naquele dia, e a noite tinha sido madrasta. Olhei à minha volta na tentativa de encontrar um motivo para não ter de ir ao encontro de Sebastian. Até os meus passos eram extraordinariamente mais curtos e lentos. O meu coração batia depressa, mas, ao mesmo tempo, parecia ter uma mão a apertá-lo como se espremesse uma laranja.

A colina ficava para lá das muralhas da cidade, numa saída que ficava perto da mansão. Atravessei o portão enferrujado e retorcido. Quando o caminho passou de pedra para terra molhada, levantei a cabeça do chão e olhei para o cimo da colina. No pico estava uma velha árvore. O orvalho da manhã e o brilho fracamente amarelado do Sol matinal garantiam àquele local um aspecto místico e maravilhoso, como num sonho. Sentado numa das grossas raízes da árvore anciã estava Sebastian. Um deus imaculado inserido naquela atmosfera mágica.

Por momentos, não me consegui mexer. Mas já não era por não querer enfrentar Sebastian. Estava novamente enfeitiçada pelo meu amor cego e incondicional. Sentindo a minha presença, o objecto da minha paixão e devoção virou-se para trás. Com um sorriso irresistível, estendeu uma das suas mãos para me receber. Protegi os meus olhos fracos, não sei se por causa da luz do Sol, se pela beleza deslumbrante de Sebastian. Muito ao longe, ouvi a sua voz de seda chamar-me para perto de si. Tinha o poder único de despedaçar o meu céu e abrir o meu chão para que só ele existisse à minha frente. Ele queria embrulhar-me nos seus braços para que eu não sentisse o frio gélido de Inverno. Subi a encosta, tentando perceber se estava num sonho ou se, simplesmente, a realidade é que era assim idílica. Estiquei os meus braços para envolver a sua cintura quente e ele agasalhou-me com as suas mãos confortantes. Estava tudo bem.

– Precisamos de falar, Noemi. – A sua voz era séria e quase impetrante. Pronto, o momento estava perturbado!

– Não é preciso. Vamos ficar assim. – Segundos depois, notei que a minha voz estava demasiado aguda, quase parecia a de uma criança. Contrariando o meu desejo, ele agarrou nos meus braços e sentou-me gentilmente na raiz onde anteriormente estava. Mas ele não se sentou. Ficou de costas para mim a pensar cuidadosamente nas palavras que ia dizer. Eu só desejava ter o meu poder de Omnisciência mais desenvolvido para ler todos os seus pensamentos.

– Antes de mais, quero que saibas que nunca tive qualquer envolvimento romântico com a Belladonna, se era nisso que estavas a pensar quando saíste disparada do cabaré. – As palavras dele estavam carregadas de infelicidade. Virou-se para trás para me fitar com os seus olhos suplicantes. – Como pudeste duvidar do meu amor por ti, Noemi? Eu amo-te incondicionalmente. Toda a minha vida esperei por ti, pelo meu grande amor. – Se fosse um cubo de gelo, tinha derretido instantaneamente.

– Eu… Desculpa… – Comecei a analisar distraidamente uma pedrinha que estava no chão. Sentia-me pessimamente, só queria desaparecer dali.

– Mas eu até compreendo a crise de ciúmes que tiveste. – Voltou a colocar-se de costas para mim, mas, desta vez, andando de um lado para o outro, ansioso. – Afinal, sou um habitante de outro mundo; ainda estás a aprender a lidar com isso. A verdade é que também não sabes praticamente nada do meu passado… Eu conheci a Belladonna há alguns anos. Como sabes, em Orbias os poderes das Guerreiras manifestam-se desde o seu nascimento, devido à magia natural que existe cá. Como o poder dela é a Morte, imaginas os dissabores que isso lhe trouxe durante toda a sua vida. Um dia, se ela se sentir à vontade, conta-te tudo. Mas digamos que, durante muito tempo, a Belladonna só era capaz de se aproximar de mim. A nossa relação é muito forte, mas não passa de amizade.

– Mas não tinhas medo de te aproximar dela? Não tinhas medo de morrer?

– Não. E era sobre isso que queria falar contigo. – Fez uma pausa dramática. – Eu não fui completamente honesto contigo. Não porque quisesse esconder-te isto, mas porque não fui capaz de te contar… até hoje. Ontem à noite, tive a confirmação do que sentias por mim e do efeito que causo em ti. – Fiquei triste por ele não ter percebido ainda o quanto eu o amava. Já tinha dado provas suficientes. – Acho melhor ser directo, já não aguento mais. Noemi, eu sou eterno!

– Eterno?! Como assim, eterno? – Aquela frase não fazia sentido e atingiu-me como uma chapada. Parecia que ele estava a esquivar-se à discussão que realmente interessava. Em vez de me responder de imediato, afundou-se na terra à minha frente, olhando-me com os seus olhos negros e molhados.

– Ouve apenas esta história e tira as tuas próprias conclusões. Antes de se dirigir para Deep Hollow com as suas companheiras para separar definitivamente os mundos, a Guerreira ancestral da Omnisciência despediu-se do seu namorado, do seu grande amor. Quando ela desapareceu para sempre da sua vista, para a morte certa, o homem ficou tão destroçado, tão inconsolável que decidiu pôr termo à sua vida também. Tentou encontrar um precipício e atirou-se sem hesitar. Para sua surpresa, acordou minutos de pois, na base do precipício, sem qualquer ferimento. Sem entender completamente o que lhe tinha acontecido, correu até ao rio mais próximo, determinado em acabar com a sua vida sem sentido. Mergulhou lá dentro para nunca mais voltar à superfície. Mas, quando ficava inconsciente, pensando que estava morto, acordava sempre a boiar na água. Molhado e sentindo-se um louco, agarrou numa pedra afiada, ali mesmo na praia fluvial, e cortou os pulsos sem piedade. Por mais sangue que escorresse pelos braços, ele não conseguia morrer. Parecia que era impossível morrer, que era imortal.

»Sem alma, sem acção e desconhecedor do seu problema, o homem soube dias mais tarde que a separação dos mundos tinha falhado. As Guerreiras não tinham sido bem sucedidas na separação dos mundos, embora eles estivessem separados. A barreira teria várias falhas e, sabendo disso, as almas delas vagueariam pelo universo até os dois mundos precisarem da sua ajuda novamente. A culpa desse falhanço devia-se a uma das Guerreiras, traidora.

»Porém, algo atormentou a cabeça do homem. E se a separação dos mundos não tivesse falhado apenas devido àquela Guerreira? E se ele próprio também concentrasse em si um poder divino, necessário para a separação definitiva? O poder da Eternidade! Era por isso que ele não conseguia morrer! Tinha nascido com um dos poderes da Deusa, mas, desconhecendo a existência desse poder, nada tinha feito. E tinha estado tão perto de poder sacrificar-se junto ao seu grande amor, à sua alma gémea. E, agora, ela tinha morrido em vão e ele teria de viver eternamente com esse sofrimento no seu coração. Ia enlouquecer, certamente. Ninguém era capaz de viver para sempre! – Sebastian falava como se ele próprio tivesse vivido todos esses momentos, mas obviamente que era impossível. – Passados muitos anos de revolta, o homem chegou à conclusão que a sua vida podia tomar sentido se tentasse fazer os possíveis para tornar Orbias num mundo melhor. Mas ele queria mais que isso, algo que o motivasse a seguir em frente. Secretamente, desejava que os mundos voltassem a estar em perigo para a sua amada reincarnar e poder reunir-se com ela. Com isso em mente, pelos séculos e séculos da sua vida, o homem conseguiu seguir em frente na sua eternidade maldita.

– Quer dizer que esse homem está vivo ainda? Quem é ele? – Eu estava a negar as evidências. A minha cabeça era como um espelho que reflectia todas as provas prenunciativas da minha desilusão e tristeza.

– Está à tua frente. Esse homem sou eu. Conhecido por alguns como o Guerreiro Perdido. Percebes agora porque a Belladonna se afeiçoou tanto a mim. A mim ela não era capaz de matar. – A sua voz desvaneceu-se como uma borboleta brilhante num nevoeiro cerrado.

Fiquei calada e atónita durante o que me pareceram horas e horas. O Sol parecia ter dado cinco voltas por cima de nós. A minha cabeça perdeu-se no carrossel de emoções que girava em torno do meu coração. Sebastian começou a revelar todas as suas facetas, como uma espécie de *puzzle* mental. Na minha cabeça, eu gritava de incompreensão, revolta, dor, angústia, desilusão, assombro, mas não saía qualquer som. O tal silêncio ensurdecedor de que eu tinha ouvido falar, mas não compreendia, parecia o elemento ao qual eu estava mais habituada na minha vida. A muito custo, cuspi as primeiras palavras que consegui.

– Tu… és eterno?! Vives há séculos, desde a separação dos mundos?! – A minha voz era um murmúrio dorido. Sebastian não podia ser capaz de percepcionar aqueles fracos bafos de ar.

– Sim… Eu sei que é muito difícil conceber essa ideia, mas é a mais pura verdade. Noemi, eu esperei mesmo muito, muito tempo por ti. O dia em que voltei a ver-te na tua rua foi o momento mais feliz da minha vida. Senti-me uma flor adormecida há milhares de anos e que estava a desabrochar pela primeira vez perante os raios de Sol. Passado tanto tempo, voltei a ser feliz porque te reencontrei, meu amor.

Eu estava a ter sérias dificuldades em processar aquela informação na minha mente. Pensar na vida eterna de Sebastian era como tentar perceber como tinha surgido o Universo ou como tinha aparecido o Homem. Coisas que o contacto com Orbias me tinha ensinado, mas que, por mais que batalhasse por compreender, ainda tinha dificuldade em assimilar informações aparentemente absurdas, irracionais e profundamente… estúpidas. Mas algo mais estava a perturbar a minha mente, conforme Sebastian tentava explicar a sua surreal existência. Algo que me aterrava mais do que saber os milhares de anos que uma pessoa era capaz de viver. Mais do que saber que eu, um dia, eventualmente, morreria e ele mantinha-se para sempre jovem a meu lado…

– «Reencontraste»? Eu nunca te tinha conhecido. A primeira vez que te vi foi na minha rua.

– Tu és o meu amor reencarnado. Voltaste para mim, agora que os dois mundos estão em perigo.

– Eu… eu não sou a Guerreira ancestral! Eu sou a Noemi!

– Mas com a alma dela. Eu sinto-a a chamar por mim. Sinto-a a tocar na minha alma desde aquela noite em que despertaste! – A sua voz era cada vez mais suplicante, como se estivesse a dizer a verdade mais absoluta que pudesse haver.

– Eu posso ter a alma dela, mas sou uma pessoa totalmente diferente! Tenho a minha própria alma também, o meu próprio coração, a minha própria personalidade!

– Não podes negar a realidade, Noemi. Quando te transformas, até ficas igual a ela. Mesmo passados estes anos infinitos, ainda me lembro dos seus cabelos negros, da pele branca, dos lábios finos e vermelhos…

– Cala-te! Já não consigo ouvir mais! Eu não sou a Guerreira ancestral!!! E estou farta de tantas mentiras e omissões! Eu já não sei se devo acreditar no que falas! Cada vez que falas mais a sério comigo é para confessares alguma coisa ou desdizer outras que já tinhas dito. – Tomei coragem para lhe fazer a grande pergunta final. – Mas… mas afinal quem amas tu? Amas-me a mim, Noemi, ou alguém que te deixou há milhares de anos e já não existe. – Pela sua expressão enfurecida, mas ao mesmo tempo confusa, percebi que tinha ido longe demais.

– Mas são a mesma pessoa, tens de perceber isso! Eu amo-te a ti!

– És ridículo! Eu nem sei a que «ti» te referes! – Comecei a chorar lágrimas de raiva, frustração e desespero. – Todas aquelas promessas de amor, todo o feitiço que lançaste sobre mim… Quem amas afinal, Sebastian?! – O meu grito foi tão alto que senti unhas grandes arranharem-me a garganta de cima a baixo.

– Preciso de tempo para pensar

Tinha conseguido abrir-lhe os olhos, de certa forma. Os meus argumentos tinham libertado Sebastian da cegueira provocada por anos e anos de tristeza, sofrimento e esperança. Saí pesadamente da colina, deixando Sebastian sentado no chão a remoer toda aquela dolorosa discussão e afastando-me da horrível árvore velha que presenciou a quebra de inquebráveis laços de amor. Eu já não estava a chorar. As lágrimas de então foram tão intensas e tão fortes que os meus olhos se secaram quase instantaneamente. Queria rasgar a minha pele e a minha carne para arrancar a alma da Guerreira ancestral. Queria deitá-la fora, mesmo que isso significasse deixar de ser Guerreira. Sentia-me mal, nojenta, incomodada, invadida por aquela alma desconhecida. Eu tinha a minha própria alma, a alma da Noemi! Era eu que estava apaixonada por Sebastian!... Ou será que estava iludida e enfeitiçada por aquela alma estranha para amar Sebastian? Será que era realmente eu a amar perdidamente Sebastian, desde o primeiro momento em que o vi? Ou era a Guerreira ancestral a falar por mim? Ainda assim, era a ela que Sebastian amava e por quem tinha esperado séculos e séculos! Obviamente, não se iria apaixonar assim por mim, a desengonçada e estranha Noemi! Ou será que eu era realmente a Guerreira ancestral, mas ainda não o tinha percebido? Afinal, era impossível manter duas almas dentro de mim… Que confusão! Que desgosto! Que vontade de morrer das piores e mais desumanas formas possíveis! Odiei-me naquele momento, odiei o meu corpo, o meu coração despedaçado, a minha mente confundida e estúpida. Odiei ser Guerreira, odiei ter poderes, odiei o facto de haver outro mundo! Queria que os mundos se destruíssem já, estava-me nas tintas! Todo aquele sofrimento, todo aquele sentimento de vazio abismal eram piores que essa destruição!

Completamente naufragada naqueles pensamentos, esbarrei contra Lorelei à porta da mansão de Belladonna. Contrariamente ao que poderia ser habitual, não chorei no seu ombro. Não soltei uma única gotícula. Em vez disso, limitei-me a sorrir sem palavras, surpreendida com a minha força. Mas depressa percebi a razão desse poder. Na cavidade onde costumava estar o meu coração fulgurante, estava agora uma caixinha de metal velho e enferrujado onde guardava todo o mal que se afigurava à minha frente.

– Aaah… Falaste com o Sebastian? – A voz dele revelava um certo receio em falar comigo. Como seria a minha expressão para causar tamanho medo?

– Falei. Ele disse-me que vai estar ausente do nosso grupo por alguns dias. Já temos novo destino? – Soei seca e fria, como uma verdadeira líder deveria ser.

– Sim. Aliás, íamos chamar-te agora mesmo. A Rouge está muito nervosa. A Cordélia enviou uma mensagem a dizer que a Sociedade Índigo planeia atacar uma reunião dos regentes de Orbias, em Grimmus, a terra dela. É o pai que vai presidir à reunião. Foram as Sibilas que viram que isso iria acontecer daqui a algumas horas.

– Então, estão à espera de quê? Vamos partir já! – Lorelei franziu o sobrolho, pelo que percebi que ela não estava a gostar do meu acesso de arrogância. A caixa velha começou a encher-se no meu peito.

\*

Quando nos preparávamos para sair da cidade de Dark Versalia, a qual eu odiava profundamente e aonde nunca mais queria voltar, Belladonna pediu-nos para ir ao cemitério. Era lá que estava enterrado o seu irmão. A minha caixinha não me deixava permiti-lo, até porque continuava a não gostar de Belladonna. Mesmo tendo sido salva por ela, mantinha algum ódio dentro de mim e que guardava aos poucos dentro dessa caixa. Porém, ainda mantinha alguma piedade e altruísmo, pelo que assenti ir lá, juntamente com as outras Guerreiras. Ela estava mais vestida do que no cabaré, mas ainda usava um estilo muito provocador, com peças de roupa muito curtas. Trazia uma espécie de bastão e eu imaginei que fosse a sua arma.

O cemitério em nada tinha a ver com os da Terra. Ainda não tinha tido oportunidade de pensar como é que os Orbianos encaravam a morte e de que forma os finados eram homenageados. Passando os muros negros e o portão de ferro enferrujado, entrámos num local onde várias pessoas conservadas em âmbar amarelo estavam paralelamente colocadas em cima de pedestais de pedra gasta onde se liam os seus nomes. Vendo o olhar deslumbrado e de alguém que não compreende o que vê, Rouge explicou-me que em Orbias não se enterravam os mortos como na Terra. Conservavam os seus corpos em âmbar, material bastante comum naquele mundo, para que familiares e amigos lhes prestassem culto e os visitassem como se se mantivessem entre eles, tal como se lembravam deles.

De início, pensei que o facto dos corpos estarem conservados e visíveis pudesse ser bastante perturbante para quem tem dificuldades em esquecer a dor de perder alguém muito querido. Mas vendo aquelas pessoas tão bonitas, sorrindo, quietas, percebi que se poderiam lembrar deles daquela forma. Mesmo que tivessem um passado pecaminoso, os seus familiares e amigos poderiam lembrar-se deles assim, em calma e harmonia.

Belladonna aproximou-se de um rapazinho muito bonito e com cabelo de cobre como ela. Começou a falar de costas para nós, como se tivesse sentido necessidade de nos contar a triste história da sua vida.

– O Janvier tinha oito anos. Na altura, eu tinha sete. Estávamos a brincar no quarto de brinquedos de nossa casa. Adorávamos lá estar. Nesse tempo, os meus pais ainda mantinham a riqueza construída a partir do fabrico de orbes de magia. Tínhamos tantos, mas tantos brinquedos que levávamos os dias inteiros ali. Um dia, zanguei-me com ele. Tinha-me tirado a minha boneca favorita, só para me irritar. Enervada, toquei-lhe com a mão no coração. Ele ficou pálido e com os olhos envidraçados, e caiu à minha frente. Estava morto!

»Nunca ninguém me culpou por isso, mas eu sabia que tinha sido eu a matá-lo. Os meus pais tiveram um imenso desgosto, que foi intensificado pela falência da fábrica. Afogado em dívidas, o meu pai suicidou-se e deixou-me a mim e à minha mãe na miséria… Durante anos, sobrevivemos com a piedade de amigos e vizinhos. E sofríamos todos os dias com a morte do meu pai e irmão. Refugiei-me em casa, levava meses sem sair. Nem sequer falava ou tocava em ninguém com medo de os matar….

»Até que um dia o Sebastian chegou à cidade. – Ela olhou de esguelha para mim. Certamente sabia do segredo de Sebastian e que ele já me tinha contado. – Com o seu sorriso matreiro, disse-me que eu era especial e que tinha um grande poder. Passou a ser ele a ajudar financeiramente a minha família. E eu ansiava as visitas dele à nossa casa. Ele fazia-me sentir bem.

»Uma noite, ele levou-me ao cabaré da cidade e fiquei maravilhada. Adorei aquele ambiente, a música, a dança, o divertimento, até a devassidão! Quis trabalhar com aquelas raparigas lindas e talentosas. E consegui. Tornei-me numa das estrelas do Cabaret Coeur. Com tanta morte dentro de mim, conseguia sentir-me viva e desejada naquele local. E não tinha qualquer receio de me descontrolar com os meus poderes porque era demasiado cuidadosa. Além disso, eu recebia rios de dinheiro, o que dava para pagar o sustento da minha mãe e a nossa imensa casa.

»Mas, ontem à noite, quando voltei a ver Sebastian passados todos estes anos, acompanhado por tão belas raparigas que eu sentia já conhecer, soube que tinha chegado a hora. A hora de usar os meus poderes amaldiçoados para o Bem. Dentro de mim, sabia que era uma Guerreira. Apenas estava a adiar o meu dever… – A sua voz esvaneceu-se, mostrando que tinha terminado de falar.

A sua história parecia-me semelhante à de Jynx, mas a nossa inimiga não tinha tido tanta sorte no seu percurso de vida. Olhei sem querer para Lily-Violet. Ela escondia a cara com a mão para encobrir as finas lágrimas que lhe caíam dos olhos esverdeados. Lembrei-me que, tal como Belladonna, também Lily tinha perdido macabramente o irmão para a bruxa da Floresta Florida. Era tão pequena que nem se lembrava dos pais e do local onde vivia. Ainda não tinha pensado nisso com a atenção merecida, mas Lily-Violet não tinha casa nem ninguém naquele mundo, apenas as suas novas amigas. Talvez por isso fosse tão eufórica connosco. Nunca tinha tido ninguém com quem partilhar a sua vida e tinha medo de perder-nos. Por mais que tentasse, não conseguia imaginar o sentimento violento de não ter onde pertencer nem a quem voltar depois daquela batalha terminar. No interior daquele corpo magro e desajeitado, estava alguém com a força de mil touros.

Belladonna colocava duas chaves de bronze por baixo do seu irmão petrificado. Como uma boa guia turística em Orbias, Rouge disse-me num murmúrio que, em Orbias, era hábito oferecer chaves aos defuntos, em vez das habituais flores na Terra. Assim, as almas poderiam experimentá-las na grande porta que dava para a Sala da Deusa, para que vivessem eternamente felizes a seu lado. Achei muito bonitos aqueles hábitos. Era uma espécie de paralelo com o Paraíso a que os Terrestres tanto ansiavam chegar. Mas não tinham acesso a ele com chaves, apenas com uma vida repleta de boas acções e livre de pecados. Caso contrário, iam parar ao Inferno. Nunca tinha acreditado muito nessas teorias, mas o facto de estar a pisar um mundo mágico, paralelo ao meu, fez com que me tornasse muito mais aberta a tudo isso, por mais surreal e absurdo que me parecessem.

Reunião

Desde que tínhamos saído em direcção a Grimmus, a norte de Dark Versalia, que Rouge estava irritadiça. Até o seu rosto de bonequinha de porcelana estava vermelho, evidenciando uma ou outra imperfeição na sua cara de princesa. Mais do que preocupada com o pai, estava revoltada com quem quer que fosse que lhe queria fazer mal. Além disso, amava Orbias, e assassinar os regentes de um mundo que ela tanto adorava e conhecia, mesmo que em livros, era como um atentado a ela própria. A verdade é que tínhamos de ser rápidas. O momento do ataque antevisto pelas Sibilas aproximava-se como um furacão de uma aldeia de cabanas de palha. Depois da minha última visão, sabia que era Orville e Jynx a orquestrar o atentado. Esse pensamento fez-me lembrar o pobre Adam, preso há tanto tempo com Elena e Carolina, e as terríveis experiências que estariam a fazer com ele para extrair o artefacto de Adão. Estremeci do couro cabeludo à ponta dos pés perante a minha traição em relação a ele. Passado tanto tempo desde que foi raptado, a verdade é que ainda não o tinha salvado e podia ter feito muito mais para inverter essa situação. Guardei essa frustração pessoal dentro da caixa de metal no meu peito.

Havia outra coisa que me perturbava enquanto caminhava silenciosa ao lado de Lorelei, Rouge, Belladonna e Lily-Violet. Riddel. Onde estaria ela? Que estaria a fazer? Lorelei não tinha revelado muito em relação a ela, como se estivesse a protegê-la. Mas se o seu poder era a Omnipresença, podia estar ali connosco. Cada vez mais consciente do meu papel de líder das Guerreiras, não podia permitir que uma delas andasse por aí a trabalhar sozinha, secretamente. E conforme as minhas visões de Omnisciência, não confiava nela. Principalmente porque, por mais que tentasse, não conseguia ler-lhe os pensamentos nas visões. Abri a caixa e coloquei essa desconfiança lá dentro também.

Levantei os olhos do chão. As Guerreiras estavam silenciosas, cada uma perdida nos seus pensamentos. Tirei um momento para observar e tentar ler cada uma delas. Estava a levar demasiado a sério o meu papel de líder, pelo que decidi elaborar e esquematizar uma espécie de ficha de identificação mental para cada uma delas. As suas fraquezas, virtudes, personalidade…

Lorelei. A minha amiga da Terra, despertada quase ao mesmo tempo que eu. Linda, sedutora, forte, mas ainda imatura e insensata. Talvez até um pouco «burrinha». Sentia que tinha crescido naqueles meses em que era Guerreira, mas, ainda assim, continuava a não levar tudo aquilo muito a sério. Embora fosse uma Guerreira poderosa, o seu poder da Vida ainda estava muito fraco e era ineficaz em combate. Gostava bastante dela, era uma das minhas melhores amigas, mas, desde que ela ficou para trás na missão de resgate de Rouge, sob a asa gelada de Riddel, achava que já não a conhecia e que a estava a perder num campo enevoado. Tinha de ter uma conversa muito séria com ela, embora tivesse receio que tocasse no campo «Sebastian», algo que eu me recusava a confidenciar por enquanto.

Lily-Violet. A minha grande amiga Fada. Inocente, pura, ingénua, divertida, desengonçada como eu nos seus membros compridos. Apesar de ter quase a minha idade, parecia estar constantemente a lidar com uma criança, uma irmãzinha mais nova que nada compreende da vida. Tinha sido penalizada pelos anos de clausura na floresta, que ela própria criou, e por uma bruxa psicopata. Estava ainda a aprender a viver e a lidar com pessoas, especialmente com a maldade que pairava no coração de muitas delas. Tinha um poder maravilhoso, da Criação, embora tivesse pouco controlo sobre ele. Sabia que era uma grande amiga, com quem podia contar. Mas conversar seriamente com ela era inútil. Era como falar sobre o conflito israelo-palestiniano com uma criança de seis anos.

Rouge. Arrogante, altiva, séria, ponderada, mas muito poderosa e uma importante ajuda em Orbias. Era uma espécie de guia e diplomata em todo aquele mundo que me era estranho. Personificava o estereótipo de uma princesa. De uma beleza estóica, formosa, com vestes ricas e lindas, mas que se julgava superior a todos à sua volta, só por ser da realeza. Não que fosse insuportável, mas era-me tão fácil ler-lhe nos olhos a reprovação quando Lily era mais excêntrica ou quando agíamos baseadas no instinto. Ainda assim, gostava dela, embora entrasse em picardia com ela quando tentava sobrepor-se a mim enquanto líder. O seu poder da Destruição era perigoso e imenso, mas ela sabia controlá-lo bem, como se treinasse há muito tempo.

Belladonna. Ainda não conhecia muito sobre si, mas as primeiras impressões não foram mais do que um prato de espinafres à minha frente. Eu odiava espinafres! Daqueles ódios irracionais que quase me faziam vomitar. De todas nós, era a que mais se aproximava de uma verdadeira mulher, não uma rapariguita. Alta, espadaúda, com classe e deveras voluptuosa. A típica *femme fatale*. Também era aquela com o poder mais perigoso e terrível – o poder da Morte. Ainda me custava a acreditar que uma simples humana pudesse ter a capacidade de matar alguém, poder esse que meses atrás eu reservava apenas a Deus ou ao destino. Ela acabava por representar tudo aquilo que eu abominava! Trabalhava como dançarina num cabaré e entregava-se ao prazer lascivo com todos aqueles homens famintos. Mas pior. Ela apreciava essa vida de devassidão e deboche. Continuava a achar que essa secreta vida nocturna que levava era um reflexo da revolta por ter morto o irmão em pequena. Mas, ainda assim, não conseguia conceber alguém que agia somente pelo prazer e pelo dinheiro. Acho que o meu ódio por ela não era apenas pela vida que levava, até porque não tinha nada a ver com isso. Era por ver, num simples murmúrio ao ouvido de Sebastian, que a sua velha intimidade e confidências eram maiores do que aquelas que eu tinha com o meu amor… ou ex-amor. Mais uma para ti, caixinha!

Estava a falhar a minha missão de afastar Sebastian do meu pensamento. Até na análise estúpida das minhas amigas Guerreiras não conseguia manter-me à tona e insistia em afogar-me na mágoa que sentia ao imaginar o seu rosto afundado aos pés da velha árvore da colina. Essa lembrança triste entrou para dentro da caixinha enferrujada como um ratinho a entrar na sua toca na cozinha. Voltei a olhar para as minhas botas enquanto andava, e concentrei-me na contagem de todos os furinhos e de todos os cordões que elas tinham.

Nos campos verdejantes que antecediam o Reino de Grimmus, avistei algumas borboletas gigantes e coloridas a pousarem nas árvores frondosas ali perto. Lily-Violet maravilhou-se ao olhar para elas, de mãos juntas encostadas à sua face. Estavam todas calmamente pousadas quando, repentinamente, levantaram voo, assustadas. Algumas aves das árvores circundantes também voaram dali, perdendo-se no céu que se tornava nublado. Algo estava errado. Instintivamente, olhei para cima e ao fundo, num monte, destacavam-se duas figuras em contraluz. Era uma menina acompanhada de uma figura gigantesca: um ogre, igual ao da floresta perto do circo Orbes Mágicos.

– É a Sociedade Índigo! São subordinados de Orville. Devem ter calculado que viríamos. Temos de sair daqui depressa – gritou Rouge.

– Vão andando. Eu e a Belladonna tratamos deles! – disse Lily-Violet, olhando para Belladonna, que lhe acenou, já transformada em arlequim da morte.

Não podíamos perder mais tempo. Decidi concordar com o plano de Lily e corri com Rouge e Lorelei o mais que podia para chegar a Grimmus. As duas Guerreiras estavam já de armas em punho, preparando-se para o combate. A menina subiu para o ombro do ogre e este deu um enorme salto do elevado monte, caindo à frente das Guerreiras e rachando o chão debaixo de si. Ela saltou do ombro dele e começou a lutar contra elas, atirando-lhes orbes incandescentes de uma mochila de pele que trazia.

Mesmo correndo, senti um brilho quente e amarelo atrás de mim. Virei-me para trás, pensando que algo tinha corrido mal, e vi que Lily-Violet tinha invocado o seu Ente Padroeiro. À sua frente estava já uma alta senhora com vestes de rainha, caminhando levemente por entre flores que se formavam a seus pés. Chegando perto do ogre, estendeu uma cesta com pão que se transformou em perfeitas rosas vermelhas. Atirou-as ao ogre, espetando-se na sua pele espessa. Recomecei a correr por ver que tudo corria a nosso favor, enquanto ouvia os rugidos de dor do monstro.

Passados alguns minutos a correr – mais do que alguma vez corri na minha vida –, avistei ao longe o que pensei ser o reino de Grimmus. Um bonito castelo esbranquiçado, de pontiagudas torres, impunha-se no meio de casinhas e ruas medievais. Se houvesse um sítio em Orbias que me lembrava mais os contos de fadas da Terra, era definitivamente Grimmus. Todo o reino transmitia a fantasia de um livro para crianças. Tive pena de não poder apreciar melhor aquela cidade, pois continuava a correr até chegar a uma ponte levadiça coberta com cartazes a anunciar a Grande Reunião dos Regentes de Orbias. As atarefadas e alegres pessoas nas ruas comentavam a chegada de Rouge, algumas até a cumprimentavam com cortesia. Mesmo apressada, não deixava de ser simpática e educada com elas. Quando, finalmente, chegámos às portas vermelhas do castelo, os guardas aí especados vieram receber-nos. Mas, para meu espanto, era uma recepção bastante hostil. Até me questionei se realmente Rouge era a princesa daquele castelo.

– Já de volta, Princesa? Salva outra vez pelo Príncipe, presumo? O seu pai está ocupado neste momento e…

– O meu pai está prestes a ser assassinado! Ele e todos os regentes! Mobilize todos os guardas e prendam o regente de Marblia e a mulher que está com ele.

– Tenho muita pena, Princesa. O seu pai deu ordens para não deixar entrar ninguém no Castelo de Grimmus, nem deixar que nada perturbe a Reunião. Nem mesmo a menina. Além disso, o regente de Marblia não estará nesta reunião.

– Ridículo! Deixe-me passar, neste instante!

– Tenho muita pena, princesa… – O guarda tinha agora o sobrolho carregado e barrava-nos a entrada com a sua lança.

Rouge grunhiu de irritação e retirou-se dali comigo e Lorelei atrás de si, perdidas naquela cidade estranha. Percebi que não queria causar alarido entre a população com uma entrada espalhafatosa no castelo. Quando chegou a meio da rua principal, fez um desvio para a esquerda, para um beco estreito entre as casinhas altas com estendais de roupa branca a ligá-las. Certamente, ela tinha conhecimento de uma outra entrada para o castelo, uma entrada secreta. Nunca tinha visto Rouge naquele estado, tão fora de si. Era tão calma e ponderada, e agora estava irada e repetia que ia «mandar cortar a cabeça àquele guarda nojento». Estávamos a dar a volta às paredes altas do castelo. Quando chegámos a um cantinho fétido e sujo, Rouge olhou para a alta torre para se certificar de que estava por baixo de uma minúscula janela lá no alto.

– Eu consigo entrar lá com a ajuda dos meus cabelos. Noemi, tu podes voar, por isso consegues levar a Lorelei até lá em cima. Certo? – As suas palavras atropelavam-se em completa ansiedade demente.

Concordei com o plano de Rouge. Transformei-me em Anjo, apesar de odiar ter a alma da outra Guerreira mais presente. Tentei fechá-la dentro da caixa velha. Fui bem sucedida, mas a caixa estava quase a rebentar de indignação. Lorelei e Rouge também se transformaram. Ter aquelas duas beldades, lindas e esplendorosas à minha frente, fez-me sentir momentaneamente inferior, uma lagarta no meio de duas borboletas. Acrescentei mais esse pensamento ao meu novo coração de metal. Abri as minhas asas. Lorelei agarrou-se a mim e, com alguma dificuldade, voei até à janela da torre. Rouge atirou os seus cabelos de carmesim para a parede de pedra e estes subiram a torre como rápidas heras. Chegado lá em cima, o cabelo prendeu-se à janela e Rouge diminuiu o tamanho dos seus cabelos, subindo pela torre e entrando para dentro do quarto, onde já estava o Anjo e a Sereia.

Estávamos no quarto de Rouge. Completamente cor-de-rosa, com véus, peluches, com uma cama de dossel com véus, estantes e estantes de livros. Era tal e qual o quarto de uma adolescente rica da Terra. Não fiz qualquer tipo de comentário àquela opulência, até porque a situação era séria. Ao tentarmos sair do quarto, fomos interceptadas por duas meninas, ainda muito pequenas. Vinham agarradas a bonecas muito lindas e requintadas.

– Rouge! Voltaste. Já estávamos com saudades – disse uma das crianças, com voz aguda. Não devia ter mais de quatro anos, com o cabelo em cachos castanhos e grandes olhos pretos.

– Meninas, que saudades! – Abraçou-as como uma gentil irmã mais velha. – A mana vai tratar de uns assuntos com as amigas dela, está bem? Prometo que volto para brincar convosco daqui a pouco. Mas façam uma coisa. Fiquem aqui no quarto da mana, brinquem com o que quiserem, mas não saiam daqui, aconteça o que acontecer! – Saiu do quarto comigo e Lorelei depois de dar um beijo na cabeça das irmãzinhas. Eu não tinha irmãos, mas quase conseguia tocar no amor e preocupação de Rouge em relação às suas irmãs, quase suas filhas.

Seguimos Rouge pelos corredores ricamente medievais daquele castelo. Ela vivia ali, por isso era fácil encontrar o local onde os regentes se reuniam. Um pouco mais atrás delas, olhei para os longos cabelos carmesins de Rouge e os cabelos de avelã ondulados de Lorelei que balançavam devido à velocidade com que corriam. De braços esticados e mãos abertas, Rouge abriu duas opulentas portas ao fundo de um corredor. Lá dentro, parecia tudo normal, excepto as caras de admiração e até pavor dos orbianos sentados ao longo da rectangular mesa de madeira escura. Suspirei ao comprovar que Orville ainda não tinha avançado. Reconheci algumas daquelas caras do baile no Palácio de Pérola, mas não fazia a ideia de quem eram. Nessa noite estava entretida de mais com Sebastian. A caixa abriu de novo e enchia cada vez mais…

Rouge não conseguia falar. Eu ouvi as engrenagens da cabeça dela funcionarem num conflito interior por ter interrompido uma reunião daquela importância. Monbel, pai de Rouge, sentando na cabeceira da mesa, quebrou o silêncio enfadonho.

– Rouge, filha! Voltaste. E que preparos são esses… – Ele olhou para as curtas e espampanantes roupas curtas de Guerreira de Rouge – Meus senhores, esta é a minha filha mais velha, a princesa Rouge.

– Pai, o regente de Marblia planeia assassi… – Ela interrompeu o pai no mesmo atropelo de palavras que a caracterizava naquela tarde. Mas a sua revelação foi interrompida por Orville, que apareceu subitamente na sala, transportado do buraco negro pelos braços neutros. Atrás de Monbel, foi célere a colocar a sua espada comprida e afiada no pescoço do regente de Grimmus.

– Não se mexam, Guerreiras, ou corto a cabeça do Regente! – Os restantes regentes saltavam de Orville para nós, chocados e aturdidos. – Mab, ajuda-me aqui!

Uma mulher magra, de nariz adunco e chapéu abobadado, levantou-se da sua cadeira. Era a regente de Faylinn, a terra das fadas. Infelizmente as nossas suspeitas no baile estavam correctas. Ela pertencia à Sociedade Índigo. Lily-Violet ia ficar desolada ao saber disso, pois era a regente daquela que seria provavelmente a sua terra natal.

– Orville, disseste-me que não iríamos ser perturbados. Este tipo de situação cansa-me a beleza. E não é nada divertido haver ainda mais litros de sangue derramados aqui. – A mulher suspirava, caprichosa.

– E não vamos ser perturbados. Aliás, até vamos ser beneficiados. – Orville exibia um sorriso rasgado, cheio de dentes, e um olhar animalesco. – Além dos regentes, vamos matar três Guerreiras!

– Então… faz isso rápido. – Uma série de braços brancos agarraram-lhe as sedas e véus azuis que vestia e transportou-se para fora da sala como uma cobarde.

– Jynx! – Orville chamou por ela e apareceu a mulher de verde e cauda de veneno em cima da longa mesa. Trazia algo que reconheci como uma sofisticada bomba da Terra.

– Como sempre, atrapalhado nas missões. O Mestre tem razão quando diz que és irresponsável e prepotente, Orville.

Foi estranha aquela inversão de papéis. Jynx era agora superior de Orville e zombava dele com uma enorme ligeireza. Observei a expressão dele: as sobrancelhas carregadas e a cara vermelha do agora trapalhão regente de Marblia. Jynx baixou-se para programar a bomba. Com um estalar de dedos, as portas e janelas da sala fecharam-se. Orville largou o regente de Grimmus e preparou-se para se transportar. Porém, Jynx virou-se para ele e estalou os dedos na sua direcção.

– A subida de cargo na Sociedade deu-me novas habilidades. Agora não te podes transportar, Orville. Todos os anos de insultos e maus-tratos… Vou vingar-me de ti por isso! Tu até já estavas riscado na Sociedade, por isso, acho que até te faço um favor. Adeus, Orville. – Jynx transportou-se, psicótica com todo o culminar da sua vingança.

Orville estava completamente abalado com a traição. O olhar de animal era agora baço como o mármore do seu próprio reino. Com um rosto de incredulidade, ficou indefeso por momentos. Quando percebeu que tinha baixado a guarda, voltou a ameaçar Monbel com a espada. Contudo, sentiu uns macios e quentes cabelos carmesim à volta do pescoço. Como uma serpente pronta a atacar, Rouge apertou os cabelos, asfixiando Orville. Tinha aproveitado a sua distracção com Jynx para se esgueirar por baixo da mesa. Foi tão sorrateira que nem eu tinha percebido o que tinha feito. Orville gritou de dor ao sentir os cabelos de Rouge a queimar a sua pele. Um brilho nos seus olhos dementes deixou-me perceber que estava a descobrir quem tinha provocado as queimaduras a Zorayde e Erzbeth. Começou a gritar com uma força de prostração quando Rouge começou a usar os seus poderes da Destruição para acabar com Orville a partir do seu interior. Eu imaginei que os seus órgãos e vasos sanguíneos estariam a derreter dentro daquele corpo robusto e possante. Era ela que tinha um olhar animalesco agora. Olhei para Monbel, que nem reconhecia a sua filha. A fragilidade e pureza tinham dado lugar a uma mulher destemida e intrépida.

– Noemi, a bomba! – Lorelei acordou-me daquela visão horrível. Mas eu não fazia ideia de como resolver a situação. Como é que podia impedir que uma bomba terrestre tão complexa explodisse naquela sala cheia de gente, matando-nos a todos como baratas? Lorelei tentou abrir as portas e janelas com os poucos regentes que não estavam bloqueados com medo ou com a consciência da morte iminente. Tinha de tentar fazer alguma coisa!

– Rouge, não mates o Orville. Vamos precisar dele. Tenta fazer com que ele nos diga como desactivar a bomba! – A minha voz era urgente e ríspida.

– Não! Vou matá-lo agora! Ele já fez muito mal a Orbias! – Rouge desobedecia-me, completamente desvairada.

– Faz o que te digo! – A caixinha no meu peito fraco começou a tremer com a overdose de coisas más que eu teimava em deitar lá para dentro. Não sei o que passou pelos meus olhos azuis, mas Rouge estremeceu e retraiu-se para cumprir a minha ordem.

Saltei para cima da mesa para analisar a bomba, perante os olhares assustados de certos regentes. Era realmente do mais sofisticado que já tinha visto. Nem nos filmes tinha visto uma bomba assim. Mas era normal, se as poderosas e desenvolvidas empresas Asmodeus eram a fachada para a Sociedade Índigo. Era inútil, não havia hipótese de desactivá-la sem qualquer conhecimento ou prática, e restava-nos apenas um minuto antes de explodir. Estaríamos condenados? Morreríamos estupidamente naquele local, levando todos os regentes de Orbias e sem cumprir heroicamente a nossa missão de salvar os mundos? Ia morrer sem saber a resposta de Sebastian? Se me amava a mim, Noemi, ou à sua namorada de há milhares de anos, a Guerreira ancestral… Ainda havia esperança para mim, pelo menos cinquenta por cento! Não podia morrer ali sem saber se os meus cinquenta eram os vencedores. Como que lendo os meus pensamentos, Orville falou, mesmo sufocado e torturado pelos cabelos e poderes dantescos de Rouge.

– Nunca vais ficar com o Sebastian! Mesmo que sobrevivesses a esta bomba, nunca serias capaz de ficar com um homem que é tão velho como Orbias! Ele é uma força da Natureza, quase tão poderoso como a Deusa! Uma rapariga fraca como tu nunca seria mulher para ele! Ias morrer cedo e não passarias de um minuto na sua longa vida! Além disso, ele morreu interiormente no momento em que a Guerreira ancestral morreu. É só um espectro que está ali. – Começou a rir como um lunático selvagem e psicopata.

Foi como se os meus piores pensamentos desse dia se tivessem materializado nas palavras pérfidas e sórdidas de Orville. Enfiei aquelas frases na já transbordante caixa de metal enfiada no meu peito destroçado. Mas não fui bem sucedida. Começou a tremer incessantemente, completamente cheia com as coisas más que vinha a acumular até então. A caixa explodiu em mil pedaços, fazendo com que o meu peito sangrasse de dor. Todo o mal concentrado dentro daquela caixa de Pandora soltou-se e começou a consumir-me a sanidade como sanguessugas devoradoras. A minha cabeça começou a latejar com violência. Comecei a suspirar rápida e sonoramente, como se todo o meu corpo quente fosse estourar. Tombei na mesa, perto da bomba. Já faltava pouco tempo. Todas as pessoas à minha volta desapareceram, as paredes ficaram negras, a bomba e a mesa dissiparam-se. Já não tinha coração. A mente estava a ceder perante tudo. E agora a alma esta a ser arrancada dali. Explodi e implodi em milhões de pequenos pedaços e fundi-me com o Universo!

Vinte segundos.

Vi a minha mãe, o meu nascimento, a minha infância em torno de bonecas, amigos, feridas nos joelhos e birras na escola. Vi as minhas primeiras paixonetas por rapazes imaturos. Vi o limoeiro na casa da minha avó. Vi o quadro minimalista na sala da amiga da minha amiga. Vi as pedrinhas coloridas da pulseira à venda na loja do meu bairro.

Dez segundos.

Vi uma criança ferida no meio dos destroços de uma guerra num país asiático. Vi uma flor amarela a brotar num canto cinzento de uma cidade escura. Vi o beijo entre dois velhotes que prometiam o seu amor eterno. Vi o gelo crepitante atrás dos patins de uma patinadora artística.

Cinco segundos.

Vi duas crianças que brincavam com um orbe encontrado num arbusto como se se tratassse de um tesouro. Vi uma árvore frondosa que abanava rigidamente ao leve sabor do vento. Vi um peixe saltitar na água como uma criança feliz. Vi pessoas que brindavam ao nascimento de uma nova criança. Vi uma gota de água descer de uma nuvem até à terra molhada lá em baixo.

Três segundos.

Vi Rouge, Belladonna, Cordélia, Fedra, a Imperatriz dos Mares, a trupe inteira dos Orbes Mágicos, Melusina. Vi a escova que usava todos os dias para escovar os meus cabelos negros.

Dois segundos.

Vi Lorelei, Lily-Violet, Adam, Jonas. Vi o copo que teimava usar para beber água, mesmo com uma pequena racha.

Um segundo.

Vi a minha mãe. Vi o meu quarto estrategicamente arrumado por mim.

Zero.

Vi Sebastian!

Belvue

(Lorelei)

Belvue era uma região mercantil a alguns quilómetros de Seabeau, ficando na mesma costa leste que antecedia o mar de Orbias. Era um local particularmente único, composto apenas por lojas e restaurantes, construídos dentro das próprias rochas, que se estendiam num corredor agarrado aos altos rochedos brancos da praia. A cidade serpenteava pelas protuberâncias das rochas até onde a vista podia alcançar, numa imensidão, com lojas coloridas, palmeiras muito verdes e muitos orbianos às compras. Era como se fosse o grande centro comercial de Orbias, num ambiente tropical, e onde todos vinham comprar o que precisavam, ou simplesmente passear. Um Sol intenso e uma extensa praia de areia homogeneamente branca a penetrar no mar azul-esverdeado lembravam-me a costa de Handyport, na Terra. E, por isso mesmo, sentia-me bem por estar ali, sentindo o sabor do mar fabuloso.

Naquele dia, todos os comerciantes estavam em alvoroço. A Imperatriz dos Mares vinha visitar a cidade. Tal como Seabeau, Belvue era uma cidade independente, sem regente. Mas também consideravam a imponente Imperatriz dos Mares como sua regente «emprestada». Todos tinham um carinho muito especial por ela e, por isso, um grande respeito e admiração. Eu também estava ansiosa com a sua chegada, não só porque gostava imenso dela e da preciosa ajuda e apoio que nos dava, mas porque tinha esperança em voltar a ver Richart, que, certamente, viria com ela.

Eu estava sentada numa esplanada de um café com Lily-Violet e Belladonna. Rouge tinha-se ausentado por algumas horas, mas não nos deu qualquer explicação. Irritava-me bastante aquela atitude arrogante, sempre empertigada. Não entendia porquê, mas, desde o primeiro momento em que a vi, senti uma gigantesca antipatia por ela. O mesmo tipo de sentimento que nutria por algumas das minhas maiores inimigas do liceu ou da faculdade. Mas era irracional ter aquela opinião formada sobre Rouge. Nem sequer a conhecia muito bem nem tínhamos conversado praticamente sobre nada. Eu sabia que ela também não gostava de mim. Os sinais, gestos e expressões eram demasiado óbvios. Teria ciúmes por achar que ela era mais bonita e inteligente que eu? Ou seríamos tão parecidas a ponto de nos repudiarmos como dois ímanes?

Estava a enrolar o meu cabelo ondulado com o dedo indicador da mão direita. A mão esquerda apoiava a minha cabeça. Fitando aquele mar maravilhoso, só conseguia pensar que há quase uma semana que não tratava do meu cabelo, pele e unhas. Sentia-me uma mulher das cavernas! Invejei Rouge e Belladonna por parecerem sempre tão limpinhas e perfeitas, mesmo quando andávamos arrojadas pelo chão cheio de pó e a lutar contra adversários nojentos. Outra coisa passava na minha cabeça. A passagem de ano! O dia trinta e um era dali a três dias e eu andava para ali a «saltitar» para salvar os dois mundos. Não tinha feito planos com amigos e quase de certeza que não podia festejar. Uma das Sociedades havia de arranjar problemas para nos ocupar nessa data festiva, a que eu mais adorava em todo o ano. Costumava divertir-me tanto, mas tanto com os meus amigos, que por vezes dava por mim a esperar trezentos e sessenta e cinco dias até à nova passagem de ano.

Cada vez mais odiava ser Guerreira. Não era uma pessoa negativa por natureza, mas era demasiado difícil ter aquele tipo de responsabilidade. Se eu pudesse, entregava o meu poder a alguém com mais estofo e paciência que eu, talvez Fedra ou a Imperatriz dos Mares. Eu só queria ser uma rapariga terrestre normal, a divertir-se à noite com amigos e rapazes, tal como uma rapariga da minha idade. Estava-me nas tintas se secretamente estivesse a decorrer uma batalha que ditaria o futuro de dois mundos. Aliás, de que valia ser uma heroína, ser reconhecida e adorada se ninguém na Terra sabia o que eu estava a fazer? Preferia mil vezes ter fãs terrestres do que orbianos loucos que nem me conhecem. Essa era a minha terra e só esse mundo me interessava. E eu não me sentia uma heroína. Ter o poder da Vida era inútil. Nem humanos conseguia ressuscitar ou curar com eficácia. Apenas animais e folhas mortas…. De que valia isso? Nem num combate isso era eficaz… Belo poder o meu! Dava tudo para ser poderosa como as outras Guerreiras!

Suspirei. Era o único som entre nós as três desde há horas. Nem Lily, habitualmente faladora, emitia qualquer som. Olhei para ela e Belladonna e concluí que deveriam estar completamente exaustas do conflito com a menina e o ogre. Os hematomas e feridas provavam-no. De súbito, Lily-Violet explodiu naquele silêncio aterrador. Pela rapidez com que falou, depreendi que se estava a conter há muito tempo.

– Lorelei, quando é que nos vais contar o que se passou no Castelo de Grimmus? Já se passou um dia inteiro! Precisamos de saber o que aconteceu, estamos preocupadas!

– Aaah… E vocês também ainda não me contaram como se safaram do ogre e da menina. – Tentei mudar de assunto, ineficazmente evasiva. Não queria mesmo falar sobre aquilo; pelo menos, não agora. Belladonna agarrou na mão fina de Lily e olhou para mim, compreensiva com a minha evasão.

– Depois da Lily invocar o seu Ente Padroeiro, ficámos claramente em vantagem. Só que o ogre era muito resistente. Bem, e a menina também. Dei por mim em cima do ogre, a bater-lhe na cabeça com o meu bastão, e Lily-Violet a fugir com a menina às costas, a bater-lhe com orbes já usados. – Belladonna olhou para uma nódoa negra na testa de Lily. – O meu poder da Morte não estava a funcionar com eles. Ainda não consigo controlá-lo muito bem. Mas ainda bem, não quero provocar mortes quando não são necessárias.

– A menina diabólica não parava, parecia hiperactiva! Mais do que eu! Depois de muito tempo nessa situação, vimos aquele brilho incandescente e o som destrutivo ao longe, vindo de Grimmus. Sentimos que tinha a ver com alguma de vocês. Como se alguém os chamasse, o ogre e a menina transportaram-se. Exaustas, eu e a Belladonna fomos ter com vocês ao castelo, mas não nos deixavam entrar. Afinal, o que aconteceu?! – Lily levantou-se da cadeira, mais irritada do que alguma vez tinha visto.

– *Okay*, *okay*. Não queria ser eu a contar. Mas já que insistem tanto…

Inspirei e desejei desmaiar com o excesso de ar dentro de mim. Mas não aconteceu. Contei-lhes tudo o que tinha acontecido em Grimmus. A nossa entrada furtiva no castelo, a ameaça de Orville, a bomba trazida por Jynx e a tentativa de Noemi em proteger os Regentes e as Guerreiras da explosão. Tentava acrescentar o máximo de detalhes possíveis para adiar o clímax daquela história. Mexia nervosamente no copo de sumo antes de contar o resto. Inspirei novamente, mas, mais uma vez, não desmaiei.

– Bem, a Noemi tentou usar a sua energia e força ao máximo para evitar que a bomba explodisse. Eu tentava a todo o custo abrir portas e janelas com alguns regentes. A Rouge estava a tratar do Orville, mas largou-o por momentos e usou o seu poder da Destruição para rebentar as portas. Fugimos todos dali. A Rouge ficou exausta com o poder que usou e desmaiou. Teve de ser o pai a levá-la para fora. Quando voltei atrás para trazer a Noemi comigo, era demasiado tarde… O estrondo foi tão grande e tão violento que todos fomos projectados contra as paredes dos corredores do castelo. – Tive de parar um pouco. Inspirei novamente, mas, desta vez, porque estava excessivamente nervosa.

– E o que aconteceu depois? O que aconteceu à Noemi?! – A voz de Lily era urgente, como a de uma criança a fazer birra por não receber a prenda desejada no Natal.

– Atordoada, levantei-me do chão. No meio das tossidelas e do fumo provocado pela bomba, corri até aos destroços da sala de reuniões do castelo. Eu estava completamente louca e alucinada. Não queria acreditar no que tinha acontecido. Nem tenho noção se gritei ou se estava ferida. A verdade é que, quando cheguei ao que eram as portas da sala, vi algo difícil de explicar.

– Tenta! – Era agora Belladonna que me colocava contra a parede. Senti-me encurralada entre as duas Guerreiras e a cena que não queria descrever.

– A Noemi estava no mesmo local onde a tínhamos deixado, completamente imóvel. À sua volta pairavam os destroços da sala, mil pequenos pedaços de pedra e madeira. Era como se o tempo estivesse parado e a explosão tivesse sido interrompida a meio. À volta dela, também vi uma imensidão do que me pareciam ecrãs com imagens aleatórias, como se fosse uma sala de vigilância ou inúmeras televisões em canais diferentes. E a aparência da Noemi tinha mudado. Estava quase nua, com as roupas esfarrapadas pela explosão, os cabelos pareciam ainda mais longos e negros, as asas já não eram brancas, eram simplesmente só luz! Dois rasgos de luz nas costas dela! E dos olhos azuis dela estavam a jorrar lágrimas de sangue que lhe tingiam a face branca. O sangue era o único elemento da sala que aparentava algum movimento. Tudo o resto estava parado no tempo. Subitamente, todos os destroços, que teriam explodido ainda mais com a bomba, esvaneceram-se em pleno ar, como pó ou vapor, e a Noemi desmaiou. – Lily e Belladonna olhavam-me de olhos arregalados, como se estivessem a imaginar a cena exactamente como eu a tinha visto. – O pai da Rouge disse-me que a Noemi usou o máximo dos seus poderes de Guerreira, os poderes de Omnisciência. E só assim a bomba não explodiu em pleno. A sua destruição foi interrompida pelo poder da Noemi. Ele também me disse que era quase impossível compreender e descrever o poder máximo de uma Guerreira, quase tão grande como o da Deusa. E que a Noemi estava ainda muito fraca para naquele momento tê-lo usado daquela forma… – Quase fiquei sem voz com o dramatismo das lembranças na minha cabeça.

– E é por isso que estamos em Belvue, não é? Para a Noemi ser vista pelo médico daqui e percebermos porque ainda não acordou, não é? – Lily estava apavorada com o que tinha acontecido à sua amiga.

– Sim, ela parece ter ficado em coma desde aí. Não sei quando ela vai acordar e é demasiado perigoso levá-la a um médico da Terra. Acho que nos resta esperar e rezar à Deusa… Deus… Seja o que for…

– Lorelei, e o Orville? Que lhe aconteceu? – Belladonna mantinha o sangue-frio, mesmo sabendo que a sua companheira Guerreira estava mal.

– Quando saímos da sala, ele também ficou lá. Mas não havia sinal dele quando a Noemi parou a explosão. Presumo que tenha fugido…

– E o Sebastian, alguém o avisou destes acontecimentos? – Como uma criança, Lily não se conseguia concentrar no nosso papel de Guerreiras. Mas eu estava como ela.

– Acho que não. A Noemi teve uma conversa com ele na manhã em que saímos de Dark Versalia. Mas ela voltou estranha de lá. E ele desapareceu depois disso. Ela não me contou nada, mas eu sei que algo aconteceu entre os dois… – Belladonna olhou para o chão, pensativa. Ela sabia de alguma coisa e não nos tinha contado. Afinal, ela já conhecia o namorado da minha amiga há algum tempo. Não quis perguntar nada; a minha cabeça estava demasiado cheia.

Com a conversa terminada, o silêncio voltou. Recomecei a enrolar o cabelo e a fitar o mar azul. Reparei num pontinho preto que se aproximava no horizonte. Olhei para as Guerreiras e apontei com a cabeça. Levantei-me das cadeiras de madeira com elas e agarrei-me ao corrimão para ver melhor o que era. Seria a Sociedade Índigo com novo ataque? Depressa me acalmei quando vi uma figura majestosa na superfície do mar calmo: a Imperatriz dos Mares. Sairen Atlantia vinha num pequeno atrelado de coral, puxado por três grandes gatos. Extraordinariamente, o veículo pairava à superfície sem sequer mergulhar dentro de água. O seu cintilante tridente reflectia o Sol quente, iluminando algumas zonas de Belvue. Com mais atenção, reparei que atrás dela vinha o príncipe Richart, o cabelo louro ao vento, os olhos da cor do mar e as vestes douradas sobre o seu corpo musculado.

Alcançando a areia esbranquiçada, a Imperatriz continuou a comandar os seus gatos em direcção às rochas onde estavam os corredores de Belvue. Os animais estacaram e Sairen e Richart desceram do atrelado. Pelo que ouvi de um comerciante que passava perto de nós, era comum a Imperatriz ir até à cidade sozinha, embora desta vez tivesse vindo com o seu novo protegido, Richart. Por toda a cidade de Belvue, comerciantes e consumidores assomavam nos corrimões para acenarem a Sairen, como se fosse uma grande celebridade. Achando piada, também nós lhe acenámos. No entanto, eu só olhava para Richart. Tinha verdadeiramente saudades dele. Mas porque seria? Já me tinha libertado da atracção que ele exercia sobre mim. Mas, pelo que percebi, esquecer Richart não era tão fácil assim, principalmente quando olhava para o seu corpo de modelo! Mudei os olhos para Sairen. Ela estava longe, mas, ainda assim, percebi que estava a olhar directamente para mim.

Porém, o inesperado aconteceu, como uma nódoa preta num puro lenço branco. Atrás da isolada Imperatriz, formaram-se incontáveis buracos negros de transporte. Os braços brancos trouxeram inúmeros humanóides esverdeados – os subordinados de Jynx. Debaixo daquele Sol intenso, pareciam feitos de plástico tóxico. Quase me fizeram lembrar novamente as fotografias, falsas ou não, de alienígenas na Terra. Atrás deles, apareceu um titânico buraco negro de transporte, o maior que alguma vez vi. A quantidade de braços que apareceram de lá também eram demasiados para poder contá-los. Trouxeram um gigantesco canhão cinzento metalizado, uma espécie de tanque terrestre. Em cima dele estavam Jynx, Mab, a regente das Fadas, e um desconhecido de fato, gravata e óculos negros que percebi ser o homem da Sociedade Índigo que levou Adam.

O meu impulso foi correr pelos corredores até encontrar um lanço de escadas que me ajudasse a chegar lá abaixo. Porque que é que eu não era uma Guerreira com asas como Lily ou Noemi? Os comerciantes e transeuntes de Belvue começaram a correr apavorados, como se fugissem de uma onda gigante. Muitos deles gritavam horrores sobre a iminência da morte da Imperatriz. Quando me preparei para sair dali com Lily e Belladonna, fui interrompida por um som estridente vindo do interior do café onde estávamos. No segundo seguinte, o proprietário do pequeno local saltou por cima das mesas da esplanada e fugiu pelo corredor, apavorado. Logo a seguir, as paredes de rocha do café foram destruídas pelo ogre de Grimmus. Ao seu lado, surgiu a menina diabólica, carregada de novos orbes para nos atacar. Não estava à espera que se transportassem para um sítio pequeno! Mas, definitivamente, era uma armadilha para nos manter ali e não ajudar Sairen. Mas porquê?! Transformámo-nos para lutar contra eles naquele espaço confinado.

– Lily, leva a Lorelei até lá abaixo. Eu trato disto. Tenho umas contas a ajustar com eles! – Não hesitámos quando Belladonna nos sugeriu aquele plano. Lily agarrou-me nos braços e voou até à areia branca lá em baixo com a ajuda das suas asas de Fada que brilhavam ainda mais ao Sol, como papel de lustre colorido. Enquanto não chegávamos lá, olhei para o combate perto do mar. Totalmente em desvantagem, a Imperatriz e Richart lutavam contra os humanóides, girando o tridente e a espada com perícia. Estavam rodeados por eles, mas combatiam graciosa e corajosamente. Jynx, Mab e o homem mantinham-se imóveis, em cima do majestoso canhão. Já na areia, eu e Lily corremos por entre as pessoas apavoradas, que tentavam sair da praia para se refugiar nas lojas e restaurantes lá em cima. Eu não queria acreditar que estava perante um combate tão importante e grave, e Noemi nem estava a meu lado para me ajudar. Tínhamos sido apanhadas de surpresa. Se ela estivesse acordada, certamente teria tido uma visão da iminência daquele ataque. Talvez tivessem descoberto o seu estado e aproveitassem para nos atacar daquela forma!

As pernas já me doíam de tanto correr. Quase soltei um grito quando Lily já estava a disparar a sua metralhadora de sementes para atingir os humanóides. Evoquei os meus arcos aquáticos e arremessei-os para a série de inimigos à minha frente. Quando chegámos lá, forçámos a nossa entrada no círculo cerrado onde estavam Sairen e Richart, e ajudámo-los no combate. Eles sorriram para nós, nos poucos segundos que tinham livres para olhar para eles.

Lily usava o seu poder da Criação para fazer nascer montes de areia que serviam de barreira para nós. E eu tive uma ideia fabulosa. Com todas as algas e conchas espalhadas na praia, usei o meu poder da Vida para animar aqueles montes de areia. Começaram a lutar contra os humanóides como se eles próprios fossem humanóides de areia, nossos aliados.

Ainda assim, estávamos em desvantagem. Não eram os habituais humanóides com que já tinha lutado em Seabeau ou em Dark Versalia. Pareciam mais treinados, como se fossem as forças especiais daquele grupo de militares surreais. Quando dei por mim, nós os quatro já não nos esforçávamos por nos defendermos. Esforçávamo-nos para levar menos pancadas.

Foi então que vi um pequeno grupo de inimigos cair no chão em agonia. Olhei em frente e vi Rouge correr até nós, já transformada em Guerreira, com o seu longo cabelo carmesim ardente. Não podia estar mais feliz por vê-la ali para nos ajudar. Quando ela chegou até ao nosso cada vez mais apertado círculo, esboçou uma expressão admirada. Estava a olhar para Richart.

– Richart?! Que fazes aqui?! – A sua voz estava descontrolada, algo que acontecia quando estava muito nervosa.

– Rouge?! És uma Guerreira?! – A voz de Richart soava ainda mais a incredulidade do que a de Rouge.

Não havia tempo para conversas, pelo que eles recomeçaram o combate. Mas eu percebi tudo, enquanto me desviava de um ataque de um humanóide e atirava um arco molhado a outro a meu lado. Rouge era a princesa de Richart e Richart era o príncipe de Rouge! O casal maravilha de Orbias, a princesa linda e perfeita sempre salva pelo príncipe heróico e perfeito! Que ridículo! Realmente, Orbias era um mundo mesmo muito pequeno! Comecei a odiar ainda mais Rouge e a compreender de onde vinha aquele ódio irracional. Eu não queria nada com Richart, mas, ainda assim, tinha a sensação de que ela me queria roubar o namorado! Bem, era eu que tinha estado a tentar roubá-lo. Mas era a pior coisa que me podia acontecer. Uma mulher entre mim e o homem que eu quero! Mesmo que o quisesse só por um bocado! A minha cara começou a encher-se de sangue fervilhante na esperança de poder ficar da cor do cabelo da estúpida! Talvez assim Richart olhasse mais para mim e não para ela. O ridículo agora era eu ter este tipo de pensamento enquanto lutava contra aqueles inimigos e estava em perigo de vida. E também porque tinha decidido lutar por Adam. Eu não tinha emenda!…

Completamente rodeados, nem me apercebi que Sairen entrava lentamente no monte de humanóides que pareciam nunca mais terminar. Ainda tentei abrir caminho para ajudá-la, mas eu, Lily, Rouge e Richart estávamos cada vez mais encurralados e derrotados.

– Tragam-na! – Jynx gritou finalmente, lá do fundo.

Tragam-na?! Querem a Imperatriz?! Mas porquê?! Só por ser regente? Não faria mais sentido querer as Guerreiras, suas inimigas, ou então Richart, detentor do artefacto de Merco?!

Foram precisos três humanóides para levar a alta mulher para junto do canhão de Jynx. Curiosamente, a Imperatriz não se debatia. Parecia aceitar a sua futura captura com tristeza, mas com dignidade. Vendo-a a ser levada, apercebi-me com dificuldade que Sairen dizia qualquer coisa e li-lhe os lábios finos. Pareceu-me dizer: «Sala dos Entes». Nos seus olhos li também um profundo adeus que me machucou mais do que todos os humanóides que me socavam e pontapeavam. Não, não posso deixar! Tenho de salvá-la!!! Olhei para as duas Guerreiras e para Richart suplicando que me ajudassem, mas estavam ainda mais atarefados do que eu.

Chegada ao pé de Jynx, a Imperatriz foi lançada violentamente para o chão. A outrora imponente Imperatriz dos Mares parecia agora uma serva, uma escrava, aos pés dos seus horríveis amos. Jynx deu um salto do alto do canhão e caiu ao lado de Sairen. Agarrou no arrumado cabelo preto dela e puxou-o para trás com força para que olhasse para si.

– O teu reinado acabou, Sairen! O Mestre Asmodeus manda cumprimentos! Merovingian! – Dirigiu-se ao desconhecido, que também saltou do canhão, embora parecesse que estava a voar. – Mata-a! E quanto a ti, Mab, destrói a cidade com o canhão. E não fujas de novo. A Mab respondeu cerrando as sobrancelhas, despeitada.

Contrariando a ordem dada a Mab, Jynx fez aparecer um buraco negro para sair dali. Mas mais rápida do que habitual, esticou a sua cauda venenosa, agarrou Richart por entre a multidão e desapareceu cobardemente com ele sequestrado no buraco negro do transporte. Não! Aquilo não estava a acontecer! O último detentor de artefacto capturado! E ainda por cima Richart! A única coisa que me reconfortava era o facto de ele poder estar com Adam e aí podia salvar os dois de uma vez.

Quando desapareceu, Merovingian estalou os dedos e a Imperatriz sentiu a terra tremer por baixo de si. Uma soberba cruz de prata ergueu-se das areias brancas, elevando-se com a Imperatriz em cima dela. As mãos e pés dela foram amarrados à cruz com cordas de ouro com outro estalar de dedos de Merovingian.

– Uma morte digna para alguém igualmente digno. – Merovingian não enfrentava nos olhos a Imperatriz crucificada. A sua voz era profunda e mecânica.

Evocou duas pistolas prateadas e apontou-as a Sairen. Esta olhava para o céu, como se estivesse a aceitar honrosamente o destino que a Deusa lhe traçava. O som horrendo das balas disparadas pelas armas de prata tornou aquele dia no mais triste da minha vida. Foi como se eu própria tivesse levado aqueles tiros malditos. Ferida e derrotada pelos humanóides, nem conseguia sentir qualquer tipo de dor física perante aquela visão aterradora! Vi ao fundo a cabeça tombada da Imperatriz sobre a grande cruz. Lily deixava cair grossas lágrimas sobre a areia. Rouge estava atónita. Notando a derrota à minha volta, gritei de dor e de revolta.

Era contra a morte e contra o facto de as Guerreiras matarem alguém. Condenei Riddel por ter morto a Moura Encantada. Mas tudo o que quis naquele momento era matar Merovingian da pior forma possível! Arrancar-lhe as entranhas, arrancar-lhe a pele, decapitá-lo! Não queria acreditar que uma pessoa tão gentil e bela como a Imperatriz tinha morrido tão estupidamente. E tudo por culpa da Sociedade Índigo! No meu íntimo, jurei vingança. A mais atroz vingança para quem a tinha assassinado!

– Não te esqueças que a tua missão é apenas destruir Belvue. Nada de tocar nas Guerreiras. – A voz de Merovingian continuava rígida e constante como uma máquina, sem que o assassínio de uma pessoa inocente o incomodasse. Depois da ordem a Mab, transportou-se para dentro do buraco negro.

Eu, Rouge e Lily estávamos ajoelhadas, prisioneiras dos humanóides que nos tinham derrotado. As feridas nos meus joelhos em contacto com a areia infligiam-me uma dor incómoda, mas mais nada me importava. Não fazia ideia de como estava Belladonna ou se Noemi estava bem, na sua cama. Olhei para cima. Mab estava visivelmente ofendida por ter aquelas pessoas a dar-lhe ordens. Como que para aliviar o seu orgulho ferido, carregou numa série de botões nos controlos daquele canhão mecânico. Com um som automático e terrível, o canhão foi apontado a Belvue. Um grande número de pessoas ainda corria em pânico, algumas chorando com a morte da Imperatriz. Eu só desejava que as pessoas conseguissem fugir a tempo daquele ataque e que Belladonna e Noemi também já não estivessem lá.

Rouge segredou-nos que aquele era um canhão de magia. Tão poderoso que era capaz de consumir toda a magia numa extensão de quilómetros para concentrar um poder imensamente destrutivo com um só ataque. Estava ali uma das provas da sobre-exploração de magia em Orbias pela Sociedade Índigo.

Numa gradação de um som maquinal crescente, formou-se dentro do canhão uma bola incandescente. Tão grande como uma casa de dois andares, até fez com que os pêlos dos meus braços se eriçassem e o ar à nossa volta ficasse carregado.

Uma autêntica bola de fogo branco foi lançada pela gigante arma, embatendo numa das rochas de Belvue. Passou mesmo por cima das nossas cabeças, mas foi tão rápido e sonoro que nem deu para notar. Quando abri os olhos depois do estrondo, ainda vi a capa e vestido azuis de Mab a ondular com o impulso que a arma provocou. Olhei instintivamente para trás. Por entre as pernas verdes dos humanóides e do fumo formado pelo ataque, vi um colossal buraco na rocha de Belvue, como se numa parede tivessem aberto um furo tão grande como ela. Numa questão de segundos, uma rocha inteira tinha sido dizimada com o poder mortífero da magia daquele planeta. Num rasto de ruína, vi centenas de destroços de madeira e alguns orbianos que jaziam na areia adulterada.

Como uma louca sedenta de sangue, Mab preparava a arma para arremessar novamente uma daquelas bolas horrendas à parte central de Belvue. Com os dedos prestes a accionar novamente o canhão, vi um vapor gelado e cintilante a sair de lá. Mab levantou uma das mãos e berrou. Tinha uma lâmina gelada atravessada nos seus músculos e ossos. Ao longe, atrás das ondas de calor que a areia quente emanava, estava Riddel, ainda com a mão esticada, a mão gélida que atirara uma das suas pequenas espadas.

Finalmente, algo a nosso favor. Não compreendia porque Riddel só chegava agora, mas estava grata por ter evitado que Belvue fosse novamente atingida. Tinha cumprido a minha parte do acordo e não tinha falado ou sequer pensado nela, mesmo sem entender verdadeiramente as suas razões. Mas ela não tinha cumprido a sua parte. Tinha chegado demasiado tarde e a sua demora tinha custado a vida de inúmeros orbianos, de Sairen e talvez até das Guerreiras.

Mab retirou a arma branca da sua mão com tanta dor que quase desmaiava. Estava confusa e percebeu que não estava em condições para lutar com aquela Guerreira naquele momento. Ia fugir, tal como Jynx tinha dito para Mab não fazer. Mas, antes mesmo de formar o buraco negro à sua volta, já Riddel estava ao seu lado a espetar a outra espada de gelo no coração da regente de Faylinn. Foi tão célere e letal que a nossa inimiga morreu instantaneamente aos seus pés. Antes mesmo de ela tombar, já o seu poder de Omnipresença tinha multiplicado o seu corpo pelos vários humanóides à nossa volta. Um a um, tombaram todos no chão com ferimentos gelados da arma da Guerreira.

Eu estava bloqueada e aturdida com todos aqueles tristes e terríficos acontecimentos, principalmente com a morte de Sairen e sequestro de Richart. Mas houve algo mais que mudou em mim. Aquilo que eu achava ser desconfiança em relação a Riddel era mais forte que isso. Era medo! Eu tinha medo dela, do seu poder e da frieza com que era capaz de matar outras pessoas. Nem Belladonna, que tinha o poder da Morte, era assim. Ao pé dela, sentia que podia morrer a qualquer momento. O que pensava serem tremores por causa do seu corpo gelado, não passavam de temores de que me matasse a qualquer momento, com o mesmo olhar azul inexpressivo com que matava as suas vítimas. Era como lidar constantemente com uma cobra venenosa. Eu era fraca e ela excessivamente poderosa para uma Guerreira. Esmagar-me-ia como uma barata.

Ignorando aqueles pensamentos e o facto de Riddel estar atrás de mim, corri até ao corpo inanimado de Sairen. Eu tinha o poder da Vida, caramba! Tinha o poder de uma Deusa! Tinha de dar tudo por tudo para ressuscitá-la! Tinha de resultar! Estiquei os meus braços e concentrei toda a minha força no seu corpo inanimado e no quanto eu queria que ela saltasse dali com o seu olhar maternal e sorriso gentil. À volta da cruz, algas e conchas movimentavam-se perante a sua surpreendente ressurreição a partir do meu poder. Mas ela não renascia. Parecia ainda mais pálida e imóvel. Esforcei-me e esforcei-me até sentir o sangue escorrer-me do nariz e contornar-me os lábios. As pernas perderam a força e tombei no chão, mas os braços continuavam a tentar dar vida a Sairen. Fui uma fraca, perdi todas as forças do meu corpo e rebolei pela areia branca manchada com o sangue puro da Imperatriz. Não conseguia mexer um músculo, mas conseguia ver Lily e até Rouge correrem até mim para me ajudar. Riddel mantinha-se ao fundo, inexpressiva e inexpugnável, de braços cruzados, no meio da chacina de monstros à sua volta.

Redenção

À minha volta sentia uma enorme calma, uma serenidade tão grande que pensei estar numa das minhas habituais visões. Mas não. Parecia estar a acordar de uma noite bem passada. Mas não me conseguia mexer da posição horizontal em que estava. Estava sozinha numa sala de rocha branca. Cheirava-me intensamente a ervas aromáticas, por isso, os meus sentidos ainda estavam activos e eu não estava morta. Não me esforcei por me lembrar de tudo o que estava para trás daquele momento presente. Estava tão bem, tão descansada ali. Não me interessava minimamente pelo passado. Deixei-me ficar ali, calma, sozinha, folgada…

Alguém entrou na sala e importunou o meu descanso. Se pudesse, levantava-me da cama e empurrava essa pessoa para fora do quarto. Mas o meu corpo estava num estado dormente, a mente é que estava mais activa e dinâmica que nunca.

Esperava qualquer pessoa naquele quarto. Excepto aquele homem. Mefisto. Eu não fazia ideia de onde estava, mas a aproximação daquele homem demoníaco fez-me acreditar que estava prisioneira da Sociedade Índigo. Sociedade Índigo? O que é isso? Fiz força para me tentar lembrar de tudo o que estava para trás na minha vida. Mas nada. Apenas um grande vazio que me pesava sobre o peito, como se me tivessem aberto um buraco no coração.

Os seus sapatos de verniz ressoavam pelas paredes inocentes do quarto. Ele aproximava-se de mim lentamente, a mesma forma de andar da minha visão na prisão onde estava Adam. Visão? Adam? Esforcei-me mais uma vez para aclarar a minha mente enevoada, mas não estava a conseguir. Parecia que a minha cabeça era um computador com muitos fios desligados ou uma enchente de vírus informáticos. Ele estava já perto de mim. Tão perto que pude sentir o cheiro a perfume caro e inebriante, a respiração pausada e tranquila, e as intensas vibrações de maldade.

Esticou o braço e tocou-me na face ao de leve, como se tivesse medo de me partir como uma frágil boneca de porcelana. O seu toque era frio como gelo e as mãos grossas paradoxalmente macias. Passou da face para os meus cabelos negros, passando-os entre os dedos como se estivesse a brincar. Começou a falar, a sua voz perfurando aquele gelo como um lança-chamas.

– Meu lindo Anjo… Ainda não compreendeste, pois não? – Era estranho ouvir a sua voz fora da minha visão. – Tão linda, tão pura, tal como os antigos Anjos de Deus. – Eu queria acordar e soltar-me do domínio das suas mãos das trevas. Sentia-me invadida, mas impotente. – Como todos os anjos, tu mereces morrer. Mereces libertar-te do corpo em que estás. – Ele estava agora com a boca quase colada ao meu pescoço, embora meticulosamente ele não lhe tocasse com receio de conspurcar a minha pele. A sua mão esquerda estava a tocar-me muito ao de leve nos lábios vermelhos, passando para o contrastante queixo branco. – Deixa-me arrancar-te as asas insolentes para que nunca mais possas voar. Deixa-me arrancar-te os lábios perfeitos para que nunca mais possas falar ou beijar. Deixa-me furar-te os olhos para não veres mais. Deixa-me consumir o teu cérebro para que nunca mais possas pensar. Deixa-me sugar-te todo o sangue da tua pele pálida para nunca mais poderes sentir. E deixa-me arrancar o teu coração para nunca mais amares! Deixa-me ser eu a libertar-te de tudo para que possas tornar-te una com os dois mundos!

Eu estava completamente apavorada e aterrada com as palavras daquele homem. A forma como ele descrevia os seus desejos mais íntimos em relação a mim gravavam as cenas imaginadas na minha mente. E o pior era ele nem sequer me tocar, limitando-se a fazer uso das palavras para me ferir. Imaginei-o como um terrível e velho vampiro a seduzir-me para depois me morder sem piedade. Ou então como um monstro deformado que despedaçava cada centímetro do meu corpo. Horrorizada e com medo do meu verdadeiro inimigo, questionei-me sobre as verdadeiras razões que o levaram até ao quarto onde estava o meu corpo inanimado. Qual era o interesse dele em estar ali sozinho comigo? E porque não me matou de imediato, estando eu tão desprotegida? Porque estava ele a fazer a minha mente sangrar de medo com as palavras afiadas como espadas? Só havia uma coisa que me dava esperança naquele momento. O facto de saber que eu não tinha coração para Mefisto arrancar. Já alguém o tinha tirado do meu peito, deixando um buraco vazio como um abismo.

Fora do quarto, ouvi uma grande comoção de pessoas. Gritos e passos a correr, chamaram Mefisto para a realidade, e o velho nojento e malévolo levantou-se de cima de mim para olhar para a porta do quarto. Um buraco negro formou-se no meio do quarto esterilizadamente branco e de lá saiu Merovingian, o misterioso secretário de Mefisto.

– Mestre. O nosso objectivo foi atingido. A Imperatriz Sairen está morta. E já temos o último detentor do artefacto de Merco. Podemos avançar com o ritual. É melhor sairmos daqui. A regente Mab vai atacar com o canhão de magia. – A voz era fria como a de um robô.

– Óptimo. Finalmente, essa sonsa morreu. Ninguém a obrigou a descobrir os meus verdadeiros objectivos de destruição e renovação dos dois mundos. Tudo está a correr como planeado. Vou voltar para a sede. Merovingian, traz contigo a Guerreira. – E Mefisto desapareceu num buraco negro.

Se eu estivesse acordada, teria certamente chorado imenso com as horríveis e angustiantes notícias que ouvi pela boca daquele homem de fato e gravata à minha frente. Sairen morta e os quatro detentores dos artefactos reunidos. Tínhamos falhado redondamente. Falhado o quê? Eu ainda não estava a conseguir lembrar-me do meu passado, as ideias estavam desorganizadas. Merovingian veio até mim e colocou as suas mãos frias por baixo do meu corpo deitado. Quis bater-lhe, atacá-lo, mas nada. Ia ser levada com ele para a Sociedade Índigo, onde seria objecto dos mais horrendos actos por parte de Mefisto. Estava tudo acabado.

Subitamente, a porta do quarto rebentou. Um homem esbelto, de cabelo castanho claro curto e olhos negros, entrou e, num salto, pontapeou a cara rígida de Merovingian, fazendo saltar os seus óculos escuros. O meu corpo voltou a cair em cima da cama com um estrondo. Os dois homens começaram a lutar naquele local confinado e claustrofóbico. Quase não consegui acompanhá-los, tal era a rapidez dos seus ataques. O recém-chegado estava em vantagem, mas parecia-me que Merovingian não estava sequer a tentar atacá-lo. Não estava minimamente interessado em lutar contra ele. Passados alguns minutos, um buraco negro formou-se ao fundo do quarto e o assessor de Mefisto saltou lá para dentro num mortal para trás.

Desaparecido o perigo, o homem veio ter comigo, ainda ofegante com o combate. A sua expressão era de dor e sofrimento. Agarrou-me nos ombros inertes e abraçou-me a chorar. Pude sentir o seu cheiro que me era docemente familiar. A minha mente parecia estar a ligar as engrenagens e as minhas ideias, memórias e lembranças começaram a organizar-se como um cruzamento de comboios. Estava a lembrar-me de tudo. As Sociedades, a Deusa, as Guerreiras, Orbias, a bomba, Sebastian! Ele desviou-se para trás e tocou com os lábios macios e deliciosos nos meus lábios finos e adormecidos.

Algo de transcendente aconteceu ao meu corpo. O anterior buraco abismal que tinha no peito, e que anteriormente tinha hospedado uma ferrugenta caixa de Pandora, foi preenchido por mil borboletas brilhantes que batiam as asas alegremente enquanto construíam o novo habitante do meu peito quente. Senti algo a bater cá dentro com um ritmo feliz e enamorado. Era o meu coração que estava de volta e estava a bater por aquele homem que me tocava tão gentilmente. Todo o meu corpo acordou e eu senti que tinha voltado ao mundo.

– Sebastian! – Abracei-me ao meu amor num salto que o jogou para trás com o impulso.

– Noemi, acordaste! Estava tão preo…

– Perdoa-me, perdoa-me! Eu não quis dizer-te aquelas coisas horríveis, não quis colocar-te naquele posição! Eu amo-te, eu amo-te! Quero ficar contigo para sempre, aconteça o que acontecer. – Eu abraçava-o selvaticamente, como se quisesse fundir o meu corpo no dele, como se quisesse consumi-lo para nunca me deixar. – Não me interessa que ames a Guerreira ancestral em vez de mim, desde que nunca me abandones. Eu não consigo ficar longe de ti!

– Calma. – Ele afastou os meus braços delicadamente e olhou para os meus olhos com um sorriso. – Desde que me deixaste ao pé daquela árvore que não tenho parado de pensar. Eu não consegui ainda tomar uma decisão, Noemi. Mas, quando soube o que te tinha acontecido e quando te vi inanimada nesta cama, percebi que te amo mais que tudo neste mundo. Mesmo passados estes séculos todos, não consegui esquecê-la. Não foi tempo suficiente para lidar com a mais pura verdade. Ela morreu, saiu da minha vida para sempre. – A voz dele falhou e precisou de uns segundos para se recompor. – Conhecer-te, mudou a minha vida. Eu agora não vivo para te encontrar. Vivo para te amar. Dá-me só um pouco mais de tempo para tentar lidar com o facto de seres uma pessoa diferente, mas que eu amo tanto ou mais que o meu passado longínquo.

– Sebastian… – Estava feliz com aquelas palavras. Mesmo sabendo que os sentimentos de Sebastian se encontravam num carrossel, prometi a mim mesma que ia lutar para fazê-lo descer do seu cavalo branco e beijar-me ardentemente para sempre.

Algo distraiu Sebastian dos meus olhos azuis. Fiquei perdida quando os seus profundos olhos negros se desviaram dos meus. Era Belladonna à porta do quarto. Numa voz urgente, gritou-nos que tínhamos de sair dali depressa. Um canhão de magia ia destruir tudo. Tão depressa como virou a cara, Sebastian agarrou no meu corpo ainda fraco e correu para fora do quarto comigo ao colo. Lá fora, objectos e móveis estavam no chão como se alguém os tivesse deitado ao chão ao sair de lá a correr. Quando chegámos à rua, fiquei encadeada com o Sol fogoso e quente. Não via praticamente nada, mas ouvia os passos rápidos de Sebastian e Belladonna a correr sobre madeira. Ao longe, apercebi-me do som de máquinas a trabalhar. Quando o enorme estrondo destrutivo atingiu o local onde estávamos, numa confusão de fumo, madeira, rocha e destroços, já eu estava a voar nos braços de Sebastian até cair segundos depois numa textura areosa.

Com a cara colada na areia e com o corpo ainda meio adormecido de todo o cansaço e longo tempo a dormir, a minha cegueira solar desaparecia. À minha frente estava Belladonna, desmaiada de barriga para cima e cabeça tombada. A meu lado, Sebastian também estava inconsciente, mas mantinha o seu corpo e braços por cima de mim a proteger-me. Outro tipo de brilho distraiu-me de todo aquele caos. Ao fundo, perto do que me parecia ser o mar, vi inúmeros focos de luz esbranquiçada, do tipo de luminosidade que o gelo emite quando exposto ao Sol. Ao seu lado, vários pontinhos verdes iam caindo um a um. Os pontinhos brancos uniram-se todos num ponto ainda mais brilhante. Tentando perceber se aquilo que via era um sonho ou uma miragem, fiquei inconsciente também.

Funeral

Depois de sinceros abraços de felicidade a Lorelei e às outras Guerreiras, e de uma curta apresentação de Riddel a todas nós, dirigimo-nos para a cruz de prata onde jazia o corpo finado da Imperatriz dos Mares. A luz vermelha do pôr do Sol parecia estar de acordo com o sangue derramado por Sairen. Sebastian cortou as cordas de ouro que apertavam a pele de Sairen, carregando-a levemente para a areia branca. O ambiente entre nós era tão pesado como uma gigante rocha. O facto dos gatos do seu atrelado estarem a miar de dor também ajudava àquele cenário negro. Entretanto, Rouge dirigia-se para o canhão de magia para usar nele o seu poder da Destruição e inutilizá-lo completamente.

Eu própria estava imensamente triste. Mas, no meu interior, não conseguia sentir-me demasiadamente angustiada. Só me tinha encontrado com a Imperatriz uma vez, e pouco ou nada sabia dela. Estava mais chocada com a forma horrível com que tinha morrido. E também com o desespero estampado na cara de Sebastian e Lorelei. Ele porque tinha perdido uma grande amiga e mentora na secreta Sociedade da Deusa. Ela porque se tinha afeiçoado a Sairen e porque tinha tentado usar todo o seu poder da Vida para trazê-la de volta, mas em vão. A frustração no seu rosto era de partir o coração até a um demónio.

Sebastian disse-nos que a Imperatriz iria ter um funeral digno da mulher mais poderosa e importante de Orbias. As suas palavras eram exageradas, mas não deixavam de fazer sentido. Sairen era uma figura muito acarinhada pelos Orbianos. Uma espécie de celebridade carismática e caridosa. Não pude deixar de estabelecer um paralelo entre ela e a princesa Diana de Gales.

Tinham morrido pelo menos trinta orbianos com o gigantesco ataque do canhão de magia da Sociedade. Outros tantos estavam feridos, mas sem grande gravidade. Todo o ambiente alegre e tropical era agora desgostoso e escuro. Os comerciantes e demais habitantes de Belvue recusaram a nossa ajuda e já tinham começado os preparativos para os funerais das vítimas. A falecida Regente das Fadas, Mab, tinha sido deixada no meio da areia, completamente ao abandono. Aqueles orbianos estavam magoados e demasiado revoltados para lhe fazer seja o que for, pelo que a deixaram ali à espera que os habitantes de Faylinn fossem buscar o seu corpo. Era uma imagem horrível e cortava-me o coração ver o corpo de uma pessoa ao abandono. Mas, por outro lado, aquela mulher tinha causado sofrimento a inúmeras famílias, matando sem piedade ou misericórdia. Não senti pena pela sua morte.

Lily-Violet e Belladonna estavam a meu lado. A primeira chorava incessantemente como uma criança. Tentei desviar o olhar dela. Não suportava ver alguém chorar, e começava a chorar também, como se fosse contagioso. Belladonna mantinha-se estrategicamente colada a mim, como se me tentasse proteger. Depois de todos os intensos acontecimentos daqueles últimos dias e da renovação da minha relação com Sebastian, eu já olhava para ela com outros olhos. Já não havia qualquer ressentimento no meu coração e já não conseguia julgá-la pelas decisões que tomou na sua vida. Ela já me tinha dado provas suficientes de que era uma verdadeira amiga e que apenas pretendia fortalecer os laços connosco. Começava a vê-la como uma espécie de irmã mais velha, super-protectora e maravilhosa, e para quem passaria a olhar como um modelo a seguir.

Rouge estava um pouco mais atrás de nós. A sua habitual expressão altiva estava agora insegura e desesperada. Pelo que consegui perceber a partir do que Lorelei me tinha contado há pouco, o detentor do artefacto de Merco, recentemente raptado pela Sociedade Índigo, era Richart, o príncipe de Rouge…

Riddel estava longe de nós, afastada o suficiente para não ter de lidar com a nossa choradeira ou o nosso contacto humano. Era a primeira vez que estava em presença dela, mas a minha opinião não tinha mudado. Continuava a desconfiar dela, mesmo depois de ter salvado as Guerreiras com a sua imensa força e poder de Omnipresença. Continuava a não conseguir ler a sua expressão…

Voltei a olhar para Sairen, para as suas vestes azuis manchadas pelo seu sangue real. Com a ajuda de Belladonna e Lorelei, Sebastian levou a Imperatriz para o porto de Belvue. A cerimónia do seu funeral seria realizada no Palácio de Pérola, onde todas as anteriores imperatrizes dos Mares estavam sepultadas. Íamos aguardar a chegada do barco Llyr e de um representante da religião da Deusa.

Enquanto caminhávamos ao longo da extensa praia de Belvue, Rouge aproximou-se de mim, provando que tinha retomado a sua sensatez. Talvez ela tivesse percebido que eu não estava tão perturbada como as outras Guerreiras, mas eu sabia que a urgência daquela conversa se devia à preocupação com o príncipe Richart.

– Noemi. As Guerreiras da Deusa estão finalmente reunidas. O final deste combate está iminente, até porque a Sociedade Índigo vai avançar com o seu objectivo máximo. Como líder das Guerreiras, és tu que nos vais guiar daqui para a frente. O que fazemos agora? – Por um lado, fiquei irritada com Rouge, por estar a murmurar tal assunto num momento tão inoportuno. Mas fiquei feliz por perceber que finalmente tinha aceite o meu papel de líder das Guerreiras. Talvez estivesse eternamente agradecida por tê-la salvado, a ela e ao pai, ou reconhecesse que era agora uma das Guerreiras mais fortes, por ter atingido o poder máximo de Guerreira no Castelo de Grimmus.

– Vamos para o Palácio de Pérola. Segundo a Lorelei, o último pedido da Imperatriz foi para irmos à Sala dos Entes Padroeiros. Deve haver alguma coisa lá. – Tentei colocar a minha voz num volume e tom perfeitos para Rouge perceber que estava tudo bem entre nós e que eu gostava bastante dela. Com o seu sorriso de princesa, entendi que a mensagem tinha passado.

\*

Era final da tarde e entrávamos no barco de coral, Llyr, em direcção ao Palácio de Pérola. Connosco embarcou, para nosso desagrado, Le Senne, o terrível Sacerdote da Deusa da Catedral Niveus que odiava as próprias Guerreiras da Deusa. Rouge explicou-me que ele era o único com poder e autoridade para conduzir a cerimónia fúnebre de uma figura importante em Orbias.

Ele tinha chegado poucas horas antes para realizar os funerais das outras vítimas de Belvue, após muita insistência de Sebastian. Le Senne era preconceituoso o suficiente para se recusar a fazer tal coisa por orbianos «pobres e rafeiros». Enojei-me com estas suas palavras. Como podia ser possível o representante de uma religião ser tão desumano?!

Desagradado, ele iniciou a cerimónia à frente dos trinta corpos, e no meio de muitos choros e berros dos habitantes de Belvue. Era algo semelhante aos funerais da Terra. Le Senne, uma espécie de padre, falou sobre as vítimas, Belvue, o infortúnio da morte e de como elas seriam enviadas para a Deusa. Agarrou no seu bordão com um orbe encrustado na ponta e abanou-o à frente dos mortos. Os corpos finados foram envoltos em âmbar e uniram-se às rochas brancas, pela vontade dos comerciantes de Belvue. Daquela forma, poderiam visitar os seus amigos e familiares sempre que quisessem, como se aquele local fosse uma espécie de monumento memorial. Enquanto descíamos para o barco, ainda vi algumas pessoas deixarem chaves perto dos cubos de âmbar dos seus queridos. Nos seus rostos, já não havia tristeza, apenas esperança de que os seus amigos encontrassem o caminho para a Deusa, para a eterna felicidade.

Agora, estava no barco, sentada ao lado de Sebastian, no convés, calma e serena, a acariciar a sua mão quente para acalmar a sua dor. Lily-Violet estava perto de nós e conversava alegremente com Belladonna. Como a habitual criança que me fazia lembrar, o seu sofrimento era de muito pouca duração. Rouge estava fechada na cabine do barco, depois de ter dito que não gostava muito do mar. Mas eu sabia que ela estava secretamente fechada lá dentro para chorar à vontade, sem que ninguém a visse. Ainda tinha muita dificuldade em deitar os seus sentimentos cá para fora.

Lorelei tinha mergulhado nas profundezas do mar de Orbias, nadando com as gigantes baleias, transformada em Sereia. De vez em quando, desaparecia da superfície para tentar chegar às grandes formações de coral, tocando na grande variedade de peixes, multiformes e coloridos. Era uma forma de terapia para Lorelei, que relaxava no meio deste pequeno mundo, com a sua esguia cauda de peixe, azul e cintilante, a ondular, esquecendo todos os problemas da sua vida.

Olhei para Riddel. Já tinha uma ficha identificativa imaginária para cada uma das Guerreiras. Faltava-me ela. Pouco ou nada sabia sobre si. Nem Lorelei tinha entrado em muitos pormenores. Podia tentar lê-la com o meu poder de Omnisciência, mas ainda estava fraca depois de tê-lo usado ao máximo no Castelo de Grimmus. De qualquer forma, nas minhas visões não tinha sido capaz de ler os seus pensamentos, sentimentos, como se, de facto, houvesse ali uma barreira de gelo. Estava encostada à cabine do Llyr, de braços cruzados, muito pensativa e sisuda. Parecia uma mulher cheia de segredos dramáticos e solitários. Sentindo que estava a ser observada, Riddel olhou para mim com a sua típica inexpressividade. Sorri-lhe para me mostrar simpática, mas era um sorriso simulado e vão que servia apenas para testá-la. Ela não me retribuiu a simpatia e voltou a fitar um ponto no horizonte. Odiei aquele desprezo. Ia ser muito difícil agir como uma líder perante uma mulher assim tão forte, solitária e… fria.

Chegámos, finalmente, ao Palácio de Pérola, imponente e grandioso no horizonte. Entrámos lá dentro e deparámo-nos com os servos da Imperatriz todos alinhados em direcção a uma sala no cimo das escadas brancas. Os gatos do palácio, sentindo que a sua dona tinha partido daquele mundo, pareciam cabisbaixos e quietos demais. Estava lá também Fedra e as suas três filhas, acompanhadas de um homem.

– Não te tinha dito ainda. Derrotámos a Moura Encantada e descobrimos que tinha sido ela a levar os homens de Seabeau para trabalharem como escravos guerreiros. Trouxemo-los todos de volta – Lorelei sorriu para mim depois daquele segredo ao meu ouvido, de forma a não perturbar o silêncio fúnebre. – Aquele é o marido da Fedra, representante de Seabeau.

Fiquei sinceramente contente. No meio da tristeza, da morte e do perigo da destruição dos dois mundos, ainda havia alguma réstia de felicidade e alegria. Retribuí o sorriso a Lorelei sem nenhuma palavra. Continuámos a seguir os homens que levavam a Imperatriz, agora ainda mais ricamente vestida, até à sala do primeiro andar.

Entrámos numa sala comprida e escura. Várias mulheres, bonitas e altivas como a Imperatriz, brilhavam nas paredes, envoltas em água cristalina do mar de Orbias. O brilho azul tornava-as ainda mais bonitas e etéreas, em várias vitrinas ao longo da sala. Havia uma abertura na longa parede, destinada a Sairen Atlantia.

– Esta é a Sala das Imperatrizes. Aqui são colocadas todas as imperatrizes dos Mares desde a construção deste palácio. Nascidas do mar, as imperatrizes são envoltas em água do mar de Orbias, como se regressassem ao local onde nasceram. – Le Senne falava alto para todos ouvirmos, como se fosse uma pequena introdução à cerimónia. Continuou a falar e relembrou a importante figura diplomática e apaziguadora que ela tinha sido em Orbias, o seu carisma, solidariedade para com os povos afectados pela exploração de magia, e falou ainda da fabulosa personalidade de Sairen.

Depois das palavras sisudas do homem que eu odiava, dois criados colocaram a Imperatriz na abertura, e Le Senne, com gestos complicados do seu bastão, encheu o orifício de água. A imperatriz Sairen estava ainda mais bela dentro de água, como se estivesse adormecida e prestes a acordar. No final da curta cerimónia, quando todos saíram pesadamente da sala, sabendo que a Imperatriz ia entrar num descanso eterno, Sebastian ficou para trás. Decidi ficar com ele e ajudei-o a colocar uma chave perto da Imperatriz, como forma de despedida. Uma relação amorosa não parte apenas de atracção física, amor arrebatador e desejo de estar com essa pessoa o tempo inteiro. Também significa saber apoiar a nossa metade a superar o sofrimento e a dor, partilhando desses mesmos males. Mesmo sem estar instruída a acreditar nas práticas e tradições religiosas de Orbias, desejei com todo o meu coração que a chave de Sebastian servisse para a Imperatriz poder entrar na Sala da Deusa. Ela merecia a felicidade eterna.

– Sabes, conhecia-a desde bebé. Aliás, conheci todas as imperatrizes dos Mares. Ajudei a sepultar cada uma delas aqui nesta mesma sala. Mesmo assim, Sairen foi sempre a minha favorita. Era mesmo muito especial para mim, como uma irmã. Tinha uma personalidade fantástica e um sentido de humor inigualável. Nenhuma destas imperatrizes me causou tamanha dor como ela… – Sebastian começou a chorar e a soluçar como se tivesse estado a acumular lágrimas há milhares de anos. Era a primeira vez que o via chorar. O facto de ver um homem a chorar daquela forma, principalmente sabendo que é o homem que amo, provou que Sebastian não era perfeito ou o deus eterno que eu imaginava. Era simplesmente um homem, com fraquezas e sentimentos. Tal como eu. Ver isso, ajudou-me a compreender que afinal éramos mesmo duas metades de um grande amor que nos une. Cada lágrima que ele deitava, agarrado a mim como uma criança, era testemunha do grande amor que sentia por ele.

Saímos da grande sala muitos minutos depois. Sebastian suspirava para tentar controlar o choro e tentar seguir em frente com a vida depois daquela tragédia. Os seus lindos olhos negros estavam agora inchados e vermelhos depois do choro. Ao olhar para eles, nem reparei em três mulheres, uma criança, uma adulta e uma idosa, que vinham ter connosco. Uma delas, a adulta, agarrou a mão trémula de Sebastian com afinco.

– Senhor Sebastian, lamentamos imenso esta enorme perda. A Imperatriz era uma mulher boa, gentil. Não merecia isto. Agora que está aqui, queríamos também agradecer-lhe mais uma vez por nos ter resgatado do Castelo de Mármore. Nunca o poderemos retribuir.

Eram as Sibilas, ex-prisioneiras de Orville e as ingénuas causadoras de toda a confusão nos dois mundos. Tinham poderes de Omnisciência, tal como eu. Não consegui deixar de sentir uma enorme empatia por elas. Mas, infelizmente, o poder delas era ambíguo. Nas mãos erradas, foi o causador da reunião dos quatro detentores dos artefactos que iriam destruir os dois mundos. Nas mãos certas, permitiram acordar as Guerreiras, as únicas capazes de impedir essa mesma destruição. Sebastian tinha-lhes garantido que poderiam ter uma vida mais calma e segura, longe de más intenções, ali, no Palácio de Pérola e que esse seria certamente o desejo da Imperatriz. Elas agradeceram-lhe com sinceridade. Agora que todos os elementos daquela batalha estavam despertos, os limitados poderes das Sibilas já não tinham qualquer uso. Fiquei feliz por isso. Finalmente, aquelas mulheres iam ter a paz que mereciam.

\*

Durante a noite, tinha combinado com as outras Guerreiras esgueirarmo-nos para o salão do palácio para descermos até à Sala dos Entes Padroeiros. Não tinha dito nada a Sebastian, que dormia tranquilamente a meu lado. Ele estava demasiado exausto, por isso, quis deixá-lo ter o descanso merecido. Lorelei bateu levemente à minha porta para irmos juntas até lá. Hesitei em abrir quando olhei para o corpo seminu de Sebastian. Quis ficar ali deitada, sentindo o calor do seu corpo, na mesma cama onde tinha perdido a virgindade, na noite mais maravilhosa da minha vida. Mas tinha de ir. Tinha aprendido que, além de namorada de Sebastian, também era uma Guerreira e uma terrestre. Tinha de saber equilibrar e conciliar todas essas coisas. Levantei-me e fui ter com ela, ligeiramente mais animada só com o simples facto de me ter ao seu lado.

Passámos pelos gatos adormecidos e estátuas iluminadas pela luz da Lua que entrava pelas janelas altas. No salão, já estava Riddel. Tinha ficado reticente em pedir-lhe para vir connosco. Lembrei-me que o seu Ente Padroeiro nem sequer estava naquela sala devido à traição da Guerreira ancestral. Mas Lorelei tinha-me convencido de que, de facto, ela era uma Guerreira como nós. E se eu considerava que tinha uma alma para além da alma da Guerreira ancestral dentro de mim, tinha de ter o mesmo bom senso para aceitar as duas almas de Riddel. Passaram cinco minutos até Lily-Violet chegar apressadamente com Belladonna e Rouge atrás de si.

– Desculpem, estava um criado a rondar o nosso corredor – disse Belladonna, ofegante.

– E agora, como descemos? Não temos o tridente… – disse Lorelei, desanimada, começando a caminhar sobre o círculo no chão. Subitamente, à sua volta formou-se a bolha que nos levaria até lá a baixo.

– Ah! Afinal, a Imperatriz tinha razão. Realmente tu não precisas do tridente para accionar isto, Lorelei – disse Lily-Violet, feliz e aos saltinhos.

Colocámo-nos as seis dentro do círculo e descemos numa bolha de ar até à profunda Sala dos Entes. A Sala estava mais escura com a ausência do brilho das esferas, mas mantinha aquele ambiente misterioso, mágico… e húmido. Era estranho voltar ali sem a companhia de Sairen, mas tentei afastar a lembrança da sua ausência na nossa vida.

– E agora? O que devemos fazer aqui? – inquiriu Rouge, visivelmente desorientada por não haver plano algum para ela se preparar.

– Experimentem colocar as vossas esferas nos respectivos locais – lembrou-se Lorelei.

Tanto eu como as outras Guerreiras tirámos as nossas esferas coloridas nas nossas bolsas e colocámo-las nos seis orifícios que rodeavam a sala. Riddel colocava a sua esfera ali pela primeira vez. Não pude deixar de reparar que ela perscrutava a sala toda em redor, como se estivesse a analisar cada ponto do compartimento. Lembrei-me das minhas séries televisivas de agentes secretos e estabeleci um paralelo com as suas técnicas de reconhecimento local.

De volta à realidade, olhei para a divisão que se enchia de brilhos psicadélicos, como um arco-íris. No centro, formou-se uma espécie de holograma da Imperatriz. A voz parecia distante e ecoava na sala.

– Se estão a ver este Feitiço de Revelação é porque decidi aceitar o destino que a Deusa me reservou… e estou morta. As Sibilas previram a minha morte nas suas visões. Peço-vos que não deixem que isso vos perturbe na vossa jornada pela salvação dos dois mundos. Sei que onde quer que esteja, estarei na companhia feliz da nossa grandiosa Deusa. Gravei esta mensagem momentos antes de partir para Belvue. Por esta hora, já devem saber que sou a mentora da Sociedade da Deusa e que o Sebastian, a Cordélia e a Fedra trabalham para mim. Tudo o que fiz foi para honrar a Deusa e as suas Guerreiras. Se vos desiludi de algum forma, peço-vos perdão.

»Todavia, a razão pela qual vos deixo esta mensagem não é apenas para vos pedir desculpa por vos ter deixado sozinhas. Estão, decerto, cientes de que a Sociedade Índigo está a um passo de cumprir o seu objectivo de destruição dos dois mundos. A Sociedade Escarlate também já deve estar pronta para derrotá-la. Mas a cegueira de Herman não o deixa ver que os seus métodos bélicos podem levar ao esgotamento de toda a magia de Orbias. As florestas morrerão, os mares secarão e, aos poucos, os Orbianos acabarão por cair na miséria. É como se a épica guerra da separação dos dois mundos, de há milhares de anos atrás, se estivesse a repetir.

»Não foi só a minha morte que as Sibilas viram, nas últimas sobras dos seus poderes. Elas viram também as Guerreiras a atacar a sede da Sociedade Índigo e a resgatar os detentores dos artefactos. Resta-vos descobrir como entrar lá e cumprir a visão delas. A Sociedade está a controlar os transportes agora, mas há um local em Orbias onde podem transportar-se em segurança para a Terra. Dirijam-se para o Deserto Diamantia. O Sebastian saberá o local exacto.

»Tenham cuidado. Mefisto Asmodeus, o Mestre da Sociedade Índigo, é um homem muito perverso e poderoso. Ele está cego com o sangue que pode derramar com a destruição dos dois mundos e com a criação do seu novo mundo perfeito. Só as Guerreiras da Deusa serão capazes de derrotar as duas Sociedades e proteger Orbias e a Terra… Até sempre… Guerreiras da Deusa.

O holograma desapareceu lentamente, como um leve nevoeiro. Olhámos umas para as outras, perturbadas e ao mesmo tempo confusas com as palavras de Sairen. As Sibilas tinham visto o nosso ataque à Sociedade Índigo. Elas conseguiam ver o Futuro, algo que eu ainda não dominava com o meu poder de Omnisciência. Mas até que ponto é que essa visão, perdida em subjectividade, correspondia ao que realmente ia acontecer?

– Noemi, o que fazemos agora? Parece que este é o combate final, mas nem sabemos onde é a sede da Sociedade Índigo. – Lorelei estava nervosa. – Riddel, sabes onde é? – Virou-se para a Guerreira gelada, sabendo que, com o seu poder da Omnipresença e tácticas secretas, esta poderia ter conhecimento da localização da sede da sociedade inimiga. Mas ela abanou a cabeça.

– Eu acho que sei onde é. – Lembrei-me de todas as minhas visões na Sociedade Índigo, principalmente da minha primeira visão. Um edifício muito alto e rico, com o símbolo das empresas Asmodeus. Uma imensa cidade luminosa lá em baixo. A sede da Sociedade só podia ser o arranha-céus gigantesco das empresas Asmodeus, em Grand City. Tão alto que quase desafiava o poder de Deus lá no céu.

Diamantia

Caminhava de mão dada com Sebastian num deserto abrasador. Tanto eu como as Guerreiras estávamos transformadas, com receio de um novo ataque pela Sociedade Índigo. Céleres e urgentes na nossa missão, íamos por um trilho de terra ladeado por ervas secas e cactos disformes às riscas vermelhas e azuis. Ao longe, os grandes rochedos avermelhados do Deserto Diamantia. Aquele local era demasiado parecido com os desertos do sudoeste da América do Norte e eu estava com dificuldade em perceber que estava, de facto, em Orbias.

A nossa jornada de há horas foi interrompida por um desfiladeiro que impedia o nosso progresso. Lá em baixo, vi um lago de pouca profundidade, escondido na sombra fresca daqueles montes rochosos. Para descer daquela altura, abri as minhas asas, agarrando em Sebastian. Lily-Violet voou até lá a baixo com Lorelei nos braços. Belladonna desceu com Riddel e Rouge numas escadas de rocha que Lily criou com o poder da Criação.

Lá em baixo, o lago à sombra do desfiladeiro chegava aos meus calcanhares. A água parecia mais fresca do que o habitual, talvez porque o meu corpo suado estava demasiado quente por andar há horas ao Sol. Olhei para baixo para ver as ondinhas na terra vermelha, ainda virgem, que a água tinha provocado. Perto de nós, onde o lago acabava, havia uma porção de areia branca repleta de diamantes e pedras preciosas. Percebi de onde vinha o nome Diamantia e também o interesse das empresas Asmodeus, para além da magia.

Decidimos separarmo-nos e procurar alguma pista que indicasse algum portal ou entrada para a Terra. Sebastian sabia que era aquele o local, mas, para se proteger de estranhos, estava sempre a mudar de sítio. Enquanto tocava nas paredes rochosas, na estúpida esperança de accionar algum botão secreto, deixei voar uma das minhas mangas, que tinha tirado por ter calor. Corri atrás dela até a ver cair na entrada de uma pequena gruta. Lá dentro, haveria uma saída, pois o Sol iluminava o seu interior. Entrei e descobri um grande moinho de vento no centro das rochas. Chamei pelas Guerreiras e por Sebastian, feliz por ter sido eu a descobrir alguma coisa. Senti-me como uma arqueóloga a descobrir uma relíquia escondida há em milhares de anos.

Não entendia a construção de um moinho de vento num local daqueles tão fechado, onde não havia condições para mover a grande roda. Sabia que tinha de ter outro propósito. Aproximámo-nos da porta de madeira tosca e Rouge empurrou-nos para ser a primeira a abri-la. Mas quando lá entrou, foi projectada para trás numa confusão de cabelos carmesim. Um altivo homem velho, de armadura de lata, surgiu do interior do moinho.

– Quem se atreve a entrar no Grande Moinho, entrada para o Outro Mundo? – A voz grossa metia respeito, mas deixava notar uma imensa velhice.

– Somos as Guerreiras da Deusa. Queremos entrar para cumprir o nosso destino e salvar os dois mundos. – Coloquei-me à frente de todos, para afirmar a minha liderança.

– Ninguém entra sem responder a este mistério, independentemente de quem seja: Qual é coisa qual é ela que de manhã tem quatro pernas, de tarde tem duas e à noite tem três?

Que ridículo! Era a adivinha mais famosa da Terra. Toda o terrestre de respeito sabia. Como é que alguém que guardava um local tão importante tinha uma medida de segurança tão ineficaz?! Era Lorelei a chegar-se agora à frente.

– *Dah*! Toda a gente sabe isso. É o homem! – Lorelei lançou o cabelo ondulado para trás, presumida.

– O quê?! Como é que adivinhou tão depressa?! Rendo-me à sua inteligência! – O cavaleiro parecia chocado com tamanha perspicácia.

Eu e Riddel mantínhamo-nos impassíveis, mas, quando olhei para as Guerreiras de Orbias, quase explodi de riso. Lily-Violet, Belladonna e principalmente a inteligente e orgulhosa Rouge também olhavam chocadas para Lorelei. Quase não respiravam e os olhos estavam arregalados de assombro com a súbita «inteligência» de Lorelei. Elas sabiam que a Sereia primava mais pela beleza do que pela esperteza, e não conheciam aquela adivinha de lado nenhum.

– O homem?! O homem porquê?! – Rouge parecia ofendida com a resposta irrisória e por ter sido ultrapassada por Lorelei. Estava mais arrogante que nunca, com o nariz levantado e os olhos fechados.

– Então, a manhã representa a infância, quando gatinhamos; a tarde a vida adulta, quando andamos; e a noite a velhice, quando andamos de bengala… Eu sei, para além de linda e maravilhosa, sou esperta. – E riu-se, trocista.

Lorelei sorria presunçosa perante uma Rouge imensamente corada e irritada consigo mesma por não ter percebido o enigma. Lorelei só agradecia ter nascido na Terra e ter tomado atenção numa aula em que falavam disso. Quase me queimei com as faíscas que saíam dos olhos amarelados de Rouge, como raios laser a fulminar Lorelei. Esta também estava felicíssima por ter irritado a Guerreira dos cabelos carmesim. Ainda não compreendia a antipatia entre as duas…

– Meu velho amigo, estou a ver que ainda usas a velha adivinha que te ensinei. Desculpa termos aparecido assim, mas os motivos são urgentes. – Surpreendentemente, Sebastian aproximou-se do homem e deu-lhe palmadinhas no ombro revestido de lata como se cumprimentasse um velho amigo.

– Sebastian?! Nem te reconheci no meio de tantas mulheres bonitas. Que sortudo!

– Pois é, mas eu só tenho olhos para uma delas. – Olhou para mim com os seus olhos hiper mega fofos. – Prometo que te faço uma visita um dia destes. Mas, agora, temos alguma pressa. E não te esqueças de mudar de adivinha que até a Lorelei acertou. – Ele brincou com a Sereia, que se irritou imenso com ele.

O cavaleiro recuou para nos deixar passar. Dentro do escuro, empoeirado e bafiento moinho estavam umas fundas escadas em espiral. Sem palavras, o cavaleiro já velho apontou-nos as escadas. Entrámos um de cada vez, descendo por elas perante o olhar animado do velho.

Já descíamos há vários minutos e a escuridão era cada vez maior. Acabámos por atingir uma sala de pedra, muito antiga, já gasta pelo tempo. Era bastante pequena, repleta de gravuras e textos já quase ilegíveis. No centro redondo, estavam inúmeros braços em diamante, muito semelhantes àqueles que transportam as pessoas de mundo em mundo. Por cima do círculo, estavam estátuas da Deusa e dos quatro seres humanos originais dos mundos. Sebastian disse-nos que aquele tinha sido o primeiro local de Orbias onde o transporte tinha sido possível, e que, por alguma razão, estava livre do domínio de transportes entre mundos por parte da Sociedade Índigo.

Colocámo-nos no centro da sala, demos as mãos e concentrámo-nos nos nossos poderes, como se nos fôssemos transportar. Os braços de diamante moveram-se, pavorosamente, e agarraram-nos. Das mãos da estátua da Deusa saíram faixas negras que nos envolveram. Deixei de ver, embora sentisse as mãos de Sebastian e de Lorelei a agarrar nas minhas mãos. A sensação de transporte era igual à que costumava sentir. Estava com as minhas amigas e com o meu amor. Estávamos a caminhar a passos largos para o combate final. Mas eu não tinha medo. Estava mais confiante e determinada que nunca. Ia lutar por dois mundos melhores para poder viver com eles em felicidade.

Traição

Quando abri os olhos, estava de volta à Terra. Não que houvesse algum sinal que identificasse o meu mundo imediatamente. Mas havia qualquer coisa terrivelmente familiar na atmosfera à minha volta e que contrastava com o ambiente natural de Orbias. Talvez fosse da poluição, do som dos carros ao fundo ou da luz artificial que nos rodeava. Tínhamo-nos transportado para um beco escuro de Grand City. Soube-o porque, ao longe, por cima dos prédios baixos que nos rodeavam, consegui avistar o alto edifício Asmodeus. Era aquele o nosso destino. Olhei para as minhas amigas. Belladonna e Rouge estavam visivelmente afectadas por estar naquele mundo estranho. Pelas suas expressões faciais, percebi que não estavam a gostar da primeira visita à Terra. O ambiente também não era propício: um beco escuro, com contentores de lixo e escadas de incêndio metálicas.

Riddel começou a liderar o nosso caminho até lá. Nós seguimo-la. Havia muito barulho na cidade, mais do que o habitual numa noite fria daquelas. Olhei para Lorelei e murmurei algo que a fez acenar. Era o último dia do ano, o *Réveillon*. Como era possível o tempo passar tão depressa?! Tinha passado cinco dias em Orbias sem dar por isso. O *timing* não podia ser pior. Infiltrarmo-nos naquele arranha-céus quando toda a cidade estava em festejos. E sendo uma cidade e com muitos atractivos, deveria estar cheia de turistas. Tínhamos de ter o dobro do cuidado com as consequências dos nossos actos.

Tentámos ser o mais discretos possível até lá. Àquela hora, do jantar, muita gente estaria enfiada em restaurantes e em festas, por isso, também não foi muito difícil. Atravessámos uma das principais avenidas da cidade. Rapazes bêbados num carro assobiaram e lançaram piropos ao estranho grupo de lindas raparigas que se dirigiam ao edifício encerrado. Chegámos lá e deparámo-nos com as portas de vidro fechadas. Lá dentro, caminhavam dois hirtos seguranças de camisa azulada e *taser* na cintura. Que bela protecção para a sede de uma sociedade daquelas… Era ridículo tentar entrar pela porta principal, mas a verdade é que não tínhamos tempo para procurar outra entrada.

– Deixem-me ser eu a tratar disto. Escondam-se em algum lado que eu já vos chamo.

Belladonna sacudiu o seu cabelo de cobre e enrolou a sua saia de xadrez para parecer ainda mais curta. Parecia-me uma lolita colegial, muito alta, elegante, peitos explosivos e com uma magnífica pele rosada e perfeita. Não foi preciso ela desenvolver mais o seu plano. Enquanto nos escondíamos e a víamos bater levemente na porta de vidro, percebi de imediato o que ela pretendia. Uns dias atrás, eu teria condenado o que ela ia fazer com os seguranças. Mas a urgência de entrarmos no prédio não me deixava margem para imaginar sequer o que se estava a passar lá dentro com Belladonna e os dois homens. Passados dez minutos, acenou-nos da porta e fomos ter com ela.

– Eu nem te vou perguntar o que fizeste aqui dentro, Belladonna. – Lorelei soltou um risinho maroto depois de lhe dizer isto. Só aí percebi o quanto elas eram parecidas no que tocava a homens…

– Não sejas ridícula. Não fiz nada demais. Apenas uma seduçãozinha aqui, um charme ali, e dois seguranças que só vão acordar amanhã. – Deu uma piscadela a Lorelei e começaram as duas a rir como duas devassas. Não me quis meter nisso, mas confesso que me deu vontade de rir com elas. Eram minhas amigas e tinha de aceitar a sua maneira de ser, quer concordasse com as suas práticas ou não.

O *hall* de entrada daquele edifício era gigantesco. Tentei calcular quantas casas minhas cabiam ali, mas não tinha sequer noção. A sua opulência e luxo eram um exagero, mas correspondiam à riqueza e poder das empresas Asmodeus. Quase tivemos de correr para conseguir chegar finalmente aos elevadores ao fundo do *hall* vazio. Entrámos no elevador de madeira, decorado em dourado, num estilo «à la New York», que tinha o tamanho do meu quarto. Nós os sete cabíamos lá na perfeição, e ainda caberiam mais sete.

– E agora? Para onde? – Lorelei mordeu o lábio como habitualmente fazia quando estava confusa.

– Bem, nas visões que tive aqui só tenho a certeza do gabinete do Mestre Mefisto, no último andar. Não sei onde fica a prisão ou as outras salas da Sociedade. – Antes que eu tivesse tido oportunidade para carregar no botão que marcava o centésimo andar, o último, Riddel saiu do elevador.

– Vão para lá. Com o meu poder de Omnipresença consigo procurar mais facilmente outras entradas para a sede da Sociedade Índigo. Vou ter convosco mais tarde.

– Espera! Não é melhor alguém ir contigo? – Mais perspicaz e desconfiada que todas nós, Rouge chegou-se à frente para contaminar o plano de Riddel.

– Não é preciso. Só me iriam atrasar. E eu trabalho melhor sozinha. – A sua voz era ríspida como um corte de papel.

– Rouge, Belladonna, vão com ela. Riddel, tenho muita pena, mas eu sou a líder das Guerreiras e não acho seguro que andes por aí sozinha, sabendo que o perigo pode estar atrás de qualquer porta. – Rouge sorriu-me triunfantemente e saiu do elevador.

Riddel lançou-me um olhar faiscante e suspirou de raiva enquanto caminhava para as escadas com Rouge e Belladonna atrás de si. Foi a primeira vez que vi uma emoção mais intensa em Riddel, mas sabia que tinha tomado a melhor decisão. Confiava em Rouge e em Belladonna para ficarem de olho em Riddel. Além disso, eram as Guerreiras mais fortes que tínhamos entre nós. As portas fecharam-se e senti o meu corpo ascender juntamente com o elevador.

Passados uns dois minutos, que pareciam uma eternidade ao olhar para os números que correspondiam aos andares que alcançávamos, chegámos ao nosso destino. Já ali tinha estado, na luxuosa recepção, embora agora não estivesse ali nenhuma elegante senhora para nos receber. As luzes amarelas e fracas do corredor levaram-nos até à grande e minimalista sala de Mefisto. Parámos antes de entrar. Sentia o meu coração a agitar-se violentamente de medo e nervosismo. Depois de um olhar lançado a Lorelei e a Lily-Violet, transformámo-nos em Guerreiras. Agarrei na mão de Sebastian e entrámos de rompante.

Quando lá entrei, o meu coração quase parou e a respiração foi interrompida de tal forma que quase sufoquei. Não era Mefisto que estava lá. Era Le Senne, o horrível Grande Sacerdote da Deusa, que sempre odiou as Guerreiras e que, horas antes, estava à nossa frente a realizar a cerimónia fúnebre da Imperatriz.

– Você?! Devia ter adivinhado que fazia parte da Sociedade Índigo! Como foi capaz de trair Orbias e a Deusa dessa forma? – A minha voz estava demasiado aguda com a raiva que sentia em relação a ele.

– Vocês são uma aberração dos dois mundos. Não fazem jus às grandes Guerreiras ancestrais. Como ousam intitular-se como Guerreiras da nossa Deusa. São uma fraude! Uma fraude! Devia ter-vos assassinado na catedral, assim que vos vi! – Os gritos do homem ecoavam violentamente na sala vazia. Le Senne preparava-se para me bater violentamente na cara com o bordão, mas Sebastian agarrou-o antes que me tocasse. Lorelei e Lily-Violet também se colocaram à minha frente para me proteger.

– Nós somos as Guerreiras da Deusa, sim! E vamos proteger Orbias e a Terra para que todos, incluindo pessoas más como o senhor, possam viver em felicidade e em paz. – Lorelei falava com veemência.

– Você é um velho estúpido e mau que não devia representar a Deusa! – Lily-Violet também interveio, à sua maneira.

Le Senne recuou e empunhou o seu bordão misterioso. Da orbe que estava na ponta começaram a sair intensos trovões eléctricos que nos atingiriam se não tivéssemos sido ágeis o suficiente. Lorelei tentava atirar-lhe com os arcos aquáticos e Lily com a sua metralhadora de sementes, mas o velho era demasiado rápido. Evoquei a minha arma, as correntes e a bola de ferro, e tentei atingi-lo também, embora sem sucesso. Sebastian esgueirou-se por trás de Le Senne para atacá-lo com os seus fortes golpes de artes marciais. Mas até ele falhava.

Os seus raios espalhavam-se por toda a sala e nem as minhas asas eram suficientemente fortes para me defender. Ele era estranhamente forte e rápido. O bordão devia ser a fonte do seu poder. Tive uma ideia! Enquanto Sebastian distraía o velho, eu e Lily voaríamos o mais rápido que pudéssemos pela sala, agarrando Lorelei. Até ao momento em que a largaríamos por cima dele para que lhe tirasse o bordão.

Foi isso mesmo que aconteceu. Quando dei por mim, já Le Senne estava inconsciente no chão, depois de Sebastian o ter atacado. Lorelei e Lily saltitavam de alegria com o nosso triunfo, enquanto a primeira atirava ao chão o bordão já partido.

– Meninas, ainda temos muito trabalho pela frente. Procurem pistas na sala. – Sebastian falou de forma séria para trazer as Guerreiras à realidade.

Espalhámo-nos pela enorme sala. Fui para a excessivamente comprida secretária de Mefisto. Em cima dela ainda estava um copo vazio com gelo derretido. Parecia ter sido usado há muito pouco tempo, pois ainda se sentia o cheiro intenso a álcool lá dentro. Fora isso, só estava a encontrar papéis inúteis sobre as empresas Asmodeus: contratos, facturas de milhões, novos projectos. Estava a ficar desanimada com o meu falhanço quando me lembrei das minhas séries americanas de agentes secretos. Afastei a sua poltrona vermelha, baixei-me e olhei para baixo do tampo da secretária. Bingo! Carreguei no botão que lá estava e abriu-se uma porta secreta na parede onde Lorelei estava a apalpar.

Antes de me dirigir para lá, olhei mais uma vez pela alta janela envidraçada. Conseguia ver quase toda a extensão da ultra-desenvolvida, enorme e iluminada cidade de Grand City. Tantas pessoas que viviam ali. E na Terra inteira. Pessoas que ignoravam a existência de Orbias, das Guerreiras e da perigosa batalha que se avizinhava. Começou a chuviscar e, curiosamente, pensei no quanto isso podia estragar a passagem de ano. Por segundos, pensei como uma simples terrestre e não como uma Guerreira. Esse pensamento aqueceu-me um pouco o coração. Tirei o meu elástico do pulso e fiz um rabo-de-cavalo. Passados vinte anos de vida, percebi que o fazia sempre que me sentia nervosa ou com medo. Olhei para o meu amor e para as minhas duas amigas e entrei no minúsculo elevador com eles.

\*

O tempo que demorámos a descer de elevador foi quase o dobro que tínhamos levado até ao último andar. Concluí que a sede da Sociedade Índigo só poderia localizar-se no subsolo. Era demasiado óbvio. Aliás, aquele elevador cinzento e malcheiroso só tinha um botão, por isso só nos podia mesmo levar até lá. Quando finalmente a porta se abriu, estávamos num sítio completamente diferente. Lembrei-me da própria Sociedade Escarlate, mas, em vez de corredores vermelhos, havia corredores de um azul esterilizado e metalizado. Não havia ninguém a percorrer os corredores, nem sinal de Riddel, Belladonna e Rouge. E pareciam intermináveis, labirínticos e cheios de portas. Começámos os quatro a percorrer o local e a abrir cada uma das portas. Dentro das várias salas, estava tudo demasiado escuro e silencioso. Entrámos em laboratórios, salas de reuniões, escritórios, salas de documentação e até numa espécie de museu com materiais e objectos de Orbias. Parecia uma banal empresa terrestre, não fosse o seu propósito a exploração de Orbias e a futura destruição dos mundos. Comecei a pensar se realmente os funcionários da sede da Sociedade Índigo sabiam o que estavam a fazer ou se não eram assim tão inocentes.

Depois de alguns minutos a pesquisar todos os compartimentos daquela base secreta do subsolo, vi um brilho avermelhado no chão, que contrastava com o ambiente azul. Aproximei-me lentamente e vi que o brilho se prolongava num rasto comprido. Baixei-me para lhe tocar e percebi de imediato que era sangue. Trémula, segui lentamente o rasto de sangue até chegar ao corpo inanimado e ensanguentado de Belladonna no chão. Um arrepio imenso consumiu-me desde a cabeça aos pés, e corri até ela. Quando agarrei gentilmente no seu corpo, ela acordou e reparei na ferida que ela tinha na barriga. Parecia de uma facada. Chamei pelos outros e eles correram até nós com uma expressão de pânico.

– Belladonna! Não! Não me faças isso. – A minha voz era dramática. – Ainda tenho de te xingar pela vida de deboche que levas! – Ri estupidamente numa tentativa fraca de animar a situação. Ela sorriu para mim.

– Até podes levar dez anos a xingar-me que não vou desistir da minha luxúria. – Sorriu frouxamente e tossiu – A Riddel. Foi a Riddel que me atacou com a sua espada. Estávamos a pesquisar as salas e ela atacou-me por trás. A Rouge foi atrás dela. Têm de ajudá-la! Eu fico bem, a sério.

– Lorelei. Por favor, fica com ela e ajuda-a. – O meu olhar suplicante fê-la assentir e perceber que eu me referia ao seu poder da Vida.

Ela baixou-se para cuidar de Belladonna e eu comecei a sentir-me pessimamente por obrigá-la a fazer aquilo mais uma vez. A frustração por não ter conseguido ressuscitar a Imperatriz ainda estava muito presente e, se falhasse ao tentar curar Belladonna, seria um golpe fatal para ela. Ainda assim, deixei-as às duas e saí a correr com Sebastian e Lily-Violet para o local onde Rouge tinha ido.

Eu não queria acreditar que Riddel era mesmo uma traidora. Tinha sido descuidada e uma má líder e amiga quando enviei Belladonna e Rouge com ela, sabendo que, a qualquer momento, ela podia apunhalar-nos pelas costas. Tentava compreender o porquê de ela ter voltado a repetir o erro do passado, a razão pela qual os dois mundos não tinham sido definitivamente separados. Teria sido a sua própria vontade? Ou a alma da Guerreira ancestral tinha levado a melhor? Ou afinal ela só tinha apenas uma alma, a mesma da velha Guerreira. Se a terceira opção fosse a vencedora, então também eu era simplesmente a Guerreira ancestral e a Noemi nunca tinha existido. Se tal fosse, Sebastian tinha razão…

O corredor em que estávamos acabava numa porta. Entrámos e o choque da familiaridade foi tão grande que até senti uma pontada na cabeça. Era o corredor luxuoso da minha visão com Jynx, o tal com os quadros e objectos medievais. Para surpresa dos meus dois companheiros, corri para a porta que já sabia dar à prisão. Estava trancada. Revelando uma força maior do que o seu elegante corpo, Sebastian arrombou-a de uma só vez. Descemos as escadas em caracol e chegámos ao nosso destino. Era a húmida e desconsolada prisão onde Adam, Carolina e os outros estavam há dias. Infelizmente estava vazia, algo que eu já adivinhava. Quando a toca do lobo está completamente vazia, é óbvio que as presas também já não estão lá.

Um som alertou-nos para a existência de mais alguém numa sala do corredor medieval. Corremos até à origem do barulho, numa outra sala desse corredor. Era Rouge, a lutar esforçadamente contra Orville. Fiquei bastante surpreendida por vê-lo ali. A última vez que o tinha visto, estava ele a meu lado na sala do Castelo de Grimmus, prestes a explodir comigo. As lembranças marcantes desse momento queimaram-me a cabeça com uma intensidade cruel. Eu própria ainda não tinha conseguido assimilar com clareza o que me tinha acontecido nesse momento. Nem sequer compreendia muito bem o que era chegar ao pico final do poder de Omnisciência.

Ela alongava os seus longos cabelos carmesins para tentar chegar a Orville e usar o seu poder da Destruição. No pescoço dele, ainda se viam as marcas do ataque de Rouge em Grimmus. Nos seus olhos, o desejo louco e selvagem de vingança. Imaginei que o poder da Destruição de Rouge lhe tinha provocado danos suficientes no sistema nervoso a ponto de perder alguma da sua sanidade. Estavam os dois tão entretidos a lutar que nem repararam na nossa chegada. Rouge estava claramente a perder, e eu percebi porquê. O regente de Marblia envergava um cinto com uma dezena de orbes coloridos. Tinha uma espécie de invencibilidade e força garantidas pelo poder mágico dos orbes. Quando ele virou os seus olhos dementes para nós, deu um salto para trás e desapareceu num portal que eu até então não tinha reparado.

Olhei em volta com mais atenção e estava numa sala vazia, com azulejos brancos no chão e nas paredes, e um círculo negro suspenso no meio. Caídos no chão, ao pé de si, estavam braços brancos, impiedosamente cortados. Fizeram-me lembrar os braços dos manequins das lojas, mas eu sabia serem os braços que tão gentilmente nos transportavam de um mundo para o outro. Aquele buraco negro parecia-me diferente. Quando eu me transportava, sentia uma grande calma e harmonia. Mas dali de dentro saía uma fria energia negativa. Rouge falou-nos com uma voz ofegante e pausada por estar a recuperar a respiração.

– A Riddel encontrou um elevador que dava para aqui. Enquanto pesquisávamos as salas, vi-a apunhalar Belladonna com a sua espada. Corri atrás dela até esta sala, mas ela já tinha desaparecido. Foi então que o Orville saiu de dentro do portal e começou a atacar-me.

Atrás de nós, apareceram Lorelei e Belladonna parcialmente recuperada. Suspirei de alívio por ver que os poderes da Vida de Lorelei tinham resultado na recuperação da Guerreira da Morte. Não pude deixar de pensar na dicotomia daqueles dois poderes: a Vida e a Morte.

Demos os seis as mãos com uma força corajosa. Todos nós sabíamos que aquele portal nos levaria para o combate final com a Sociedade Índigo, o combate definitivo que ia decidir o destino dos mundos. Podíamos morrer todos e os dois mundos poderiam ser destruídos. Ou podíamos vencer gloriosamente, embora ainda corrêssemos o risco de ter algumas baixas. Eu, Noemi, a Guerreira Anjo da Omnisciência, Lorelei, a Guerreira Sereia da Vida, Lily-Violet, a Guerreira Fada da Criação, Rouge, a Guerreira Princesa da Destruição, Belladonna, a Guerreira Arlequim da Morte. E agora também Sebastian, o Guerreiro Perdido da Eternidade e meu grande e maravilhoso amor. Juntos e determinados, íamos lutar com todas as nossas forças para salvar Adam, Richart, Elena e Carolina das garras de Mefisto, Orville, Jynx, Merovingian e os demais inimigos. E também Riddel, a terrível Guerreira Gelada da Omnipresença. E também da traição… Lembrar-me dos nomes de todos os intervenientes da batalha foi como se tivesse feito *reset* na minha cabeça para que me concentrasse no combate final e começasse a escrever uma nova história. De mãos dadas, entrámos lá.

Final

Enquanto nos estávamos a transportar para o local desconhecido, tentei forçar uma visão. Desde o episódio no Castelo de Grimmus que nunca mais tinha feito uso do meu poder de Omnisciência.

A facilidade com que agora controlava as minhas visões provou-me que realmente eu me tinha transformado numa Guerreira forte. Estava feliz comigo própria. Tinha crescido e amadurecido em todos aqueles meses, tanto enquanto Guerreira, como enquanto pessoa. Era uma pessoa diferente. Já não era a Noemi frágil, descoordenada, insegura e solitária. Era uma pessoa mais forte, segura de si própria, comunicadora e com uma relação amorosa mais arrebatadora que o mais lindo romance de ficção. Concentrei-me na imagem que se formava na minha mente, a visão que me permitia preparar para o combate como uma verdadeira guerreira estratega.

Já ali tinha estado. Era o interminável jardim para onde me tinha transportado irresponsavelmente e onde os militares terrestres me tinham atacado. Recordei-me também que Riddel me tinha salvado. Fiquei um pouco confusa ao acumular a essa lembrança as vezes que ela nos tinha salvado. Quais eram as verdadeiras intenções dela? Ora nos salvava, ora nos atacava pelas costas. E eu que nunca conseguia lê-la para saber o que pretendia realmente.

Olhei em volta. Mefisto caminhava com água pelos tornozelos, no seu fato de veludo azul-escuro, na imensa planície de plantas e flores verdes e rosa. O céu estava avermelhado, com o Sol ainda mais vermelho. Ao longe, uma pequena ilha rodeada por água cristalina, no meio de um abismo negro. Nunca a tinha visto ali, mas senti já ter ali estado. Tinha cinco estacas de madeira velhas com heras entrelaçadas, dando-me a garantia de estar no local lendário da separação dos mundos: Deep Hollow. Era o exacto local histórico onde as Guerreiras se tinham sacrificado em vão para tentar separar os dois mundos. Tudo por culpa da Guerreira ancestral da Omnipresença. Bem, também era inevitável terem falhado, pois era necessário que Sebastian também se tivesse sacrificado, mas nem ele nem ninguém sabia disso.

Mefisto estava sozinho naquele espaço etéreo. Aproximou-se da ilha e quase não se apercebeu do escuro abismo que estava a seus pés, tal era o seu deslumbramento. Levantou a cabeça e admirou as flores que tinham nascido com o derramamento do sangue puro das Guerreiras.

O Mestre da Sociedade Índigo agarrou numa pequena pedra ao lado de uma delicada flor azul que estava a pisar e atirou-a por cima da ilha. A pedra bateu em algo duro como uma parede, caindo no profundo abismo. Parecia uma barreira. Com um olhar mais atento, Mefisto notou que, a atravessar todo o abismo e a ilha, estava uma interminável barreira brilhante, como se fosse de vidro. No entanto, reparou também que havia pequenas falhas, como se o vidro estivesse estilhaçado nalgumas zonas. Era por isso que os mundos não estavam completamente separados. O incompleto ritual das Guerreiras tinha criado uma barreira imperfeita e facilmente quebrável.

Do lado de lá da barreira, havia três estacas de madeira e, do lado de cá, duas. Se existisse a sexta, estaria do lado de cá, pensei eu. Mefisto viu que Deep Hollow ainda não estava cheio da escumalha da Sociedade Escarlate. Estremeci ao pensar nesse terceiro grupo do qual me tinha esquecido completamente. Será que iam entrar naquela batalha? Eu sabia que eles não eram propriamente nossos aliados e só podiam fazer duas coisas: ajudar ou atrapalhar completamente. Lembrar-me de Herman e de todo o seu egoísmo e infantilidade fez suspirar a minha própria mente. Tomei atenção ao solitário Mefisto novamente, enquanto ele estalava os dedos. Pareceu haver movimento na barreira, como se fosse um lago calmo e tivesse sido perturbado com uma pedrinha atirada para lá. Como se tivesse vida, da barreira formaram-se inúmeros braços brancos, os braços do transporte, que se dirigiram para um buraco negro de vários metros, do lado da Terra. Então era assim que o transporte realmente funcionava! Os braços eram a própria barreira… Eles entraram dentro do buraco e puxaram para a planície um conjunto de militares terrestres (com um aspecto bastante duro, de forças especiais), e um grupo de humanóides viscosos de Jynx. À frente deles, a própria Jynx, Orville e Merovingian. Nada de Riddel. Será que ela não fazia parte da Sociedade Índigo? Quem era Riddel, afinal?

– Eles estão quase a chegar. É melhor começarmos o ritual o quanto antes. – Mefisto gritava para que todos ouvissem. A sua voz ecoou em toda a extensão do infinito jardim.

Olhei com maior atenção para o grupo dos meus inimigos. Junto a eles, amarrados e ajoelhados no chão, estavam os prisioneiros que nos cabia salvar: Adam, Carolina, Elena e Richart. Voltar a ver Adam fez-me estremecer e perceber o quanto tinha saudades dele, do meu amigo que me compreendia tão bem como eu o compreendia a ele.

Merovingian deu um passo em frente e estalou os dedos para fazer surgir quatro enormes cruzes de prata onde os prisioneiros foram amarrados, debatendo-se inutilmente. Segundo o que Lorelei me tinha contado, foi assim que o assessor de Mefisto tinha assassinado a Imperatriz. Na iminência da morte daqueles quatro inocentes, tentei lutar na minha mente para voltar à realidade e chegar a Deep Hollow o mais depressa possível.

– Tens a certeza de que é esta a melhor forma de extrair os artefactos? – Jynx dirigiu-se a Merovingian com um ar de desconfiança. Ele acenou com a cabeça apenas, como se quisesse ignorá-la.

– Meus amigos… Está tudo pronto. O nosso objectivo máximo, e sonho maravilhoso, vai ser concretizado. Ninguém nos pode impedir agora. Nem os cobardes da Sociedade Escarlate se dignaram a aparecer. – O mestre estava diabolicamente feliz.

No entanto, pela cara apreensiva de todos os que estavam à sua frente, percebeu que algo se passava. Do outro lado da barreira, os braços brancos traziam outro batalhão, desta vez do lado orbiano. No mesmo número dos guerreiros da Terra, surgiu a Sociedade Escarlate. Contra todas as expectativas, tinha dezenas de membros preparados com uma grande variedade de armas mágicas, com orbes e armaduras vermelhas. Porém, o que realmente assustava a Sociedade Índigo eram os três monumentais canhões de metal branco. Estavam prontos a explodir a magia que tinham consumido em Orbias. Em cima do canhão central, estava um pequenino Herman, com a sua cara de criança gorda e mimada. Mesmo naquela situação, trazia uma fatia de bolo na mão. Condenei veementemente a Sociedade Escarlate. Combatiam a Sociedade Índigo para proteger Orbias, mas, no final, estavam ali a utilizar as mesmas armas mágicas que provocavam o definhamento do seu mundo. Entendi, então, que a Sociedade Escarlate estava ali para nos atrapalhar e não para ajudar no combate.

– Já percebi a razão para a magia rarear em Orbias, Herman. Afinal, não é apenas a Sociedade Índigo a fazer uso das fantásticas potencialidades da magia. Fico feliz por ver que vamos às mesmas «lojas». – Mefisto tinha de gritar para o dirigente da Sociedade Escarlate conseguir ouvir.

– Tudo para te destruir, Mefisto! Nós sabemos dos teus planos. Não queres unir e dominar os mundos. Queres destruí-los! – Jynx e Orville exibiram uma expressão algo atónita. – Mas nós é que vamos dominar os mundos! Queres uma demonstração do nosso poder? – Herman ordenava aos funcionários da Sociedade para carregarem um dos canhões. Esfregava os dedos gordos como se fosse uma criancinha ansiosa.

– Senhor, o canhão está pronto.

– Mefisto, a Terra vai ser minha!!!

Com um baixar de braço, o gigantesco canhão lançou uma enorme bola brilhante de magia concentrada. Esta embateu na barreira de vidro que, surpreendentemente, abriu um buraco. Os estilhaços criaram uma espécie de ponte de vidro sobre o abismo. Mefisto mantinha o rosto inalterado perante aquele som estridente, confiante na sua vitória. Tanto ele como Herman elevaram os braços como que dando início à batalha.

Era o momento ideal para eu e os Guerreiros aparecermos. Ainda sentia a mão quente de Sebastian a agarrar firmemente uma das minhas mãos, e a mão nervosa e suada de Lorelei a agarrar na outra. Fechei os meus olhos mentais para finalizar a visão e voltei à realidade.

\*

Saímos do buraco negro de mãos dadas, como se estivéssemos a sair da sala da sede da Sociedade Índigo naquele preciso momento. Olhei para toda a planície ilimitada de Deep Hollow e para todas as pessoas que manchavam aquela paisagem pura com as suas mentes bélicas. O início da batalha tinha sido interrompido com a nossa chegada e eu senti aqueles inúmeros olhos colocados sobre nós com ira.

– As Guerreiras da Deusa! Bem-vindas. Estava à vossa espera também. Assim a nossa «festa» pode começar. – O sarcasmo terrível de Mefisto deixava passar um certo grau de insegurança. De súbito, como se o tempo parado tivesse sido accionado de novo, todos começaram a correr na planície de Deep Hollow. O choque mortal entre uma mancha vermelha contra outra de azul camuflado.

Perante o início da batalha, senti o meu coração explodir e lançar sangue para todo o meu corpo com uma enorme intensidade. A partir da minha visão anterior, tinha tido tempo suficiente para criar um bom plano de defesa e ataque. Murmurei rapidamente às Guerreiras: Rouge dirigir-se-ia aos canhões da Sociedade Escarlate para destruí-los, com Lily-Violet a proteger-lhe a retaguarda. Lorelei iria salvar os quatro detentores de artefactos. Eu, Sebastian e Belladonna íamos atacar Jynx, Orville e Merovingian o tempo suficiente para as outras Guerreiras terminarem as suas missões e reunirem-se connosco. O que anteriormente pensei ser um triângulo amoroso estava agora unido num triângulo de ataque. Sorri interiormente com o pensamento. Não me preocupei de imediato com Mefisto porque Herman parecia bastante tentado em não largá-lo um segundo. Senti uma pinga de curiosidade para saber a verdadeira história dos dois.

Olhei para as cruzes de prata ao longe. Do alto dos seus crucifixos, Adam, Elena, Carolina e Richart assistiam assustados ao desenrolar do combate, impotentes. Adam fitava-me com uma expressão brilhante e feliz. Se havia alguém que confiava a cem por cento nas Guerreiras como forma de salvar os dois mundos, era ele.

Ataque! Corremos todos nas várias direcções das nossas pequenas missões. Eu evoquei as minhas correntes e comecei a girá-las entre monstros viscosos e militares para desimpedir o nosso caminho até aos nossos verdadeiros inimigos. Sebastian fazia o mesmo. Belladonna fazia uso do seu poder da Morte, mas tendo cuidado de apenas fazê-lo nos monstros tóxicos artificialmente criados por Jynx. Bastava-lhe um toque das suas mãos rosadas e ossudas no peito onde deveriam bater os seus corações, para que caíssem a seus pés. Mefisto estava impossibilitado de começar o ritual por estar encurralado por Herman, já fora do seu canhão e de orbes em punho. Mas eu teria de ter cuidado para, ao mínimo sinal, evitar que ele se aproximasse das cruzes de prata.

Tentei olhar para o lado da Sociedade Escarlate para analisar a situação de Rouge e Lily. A primeira já tinha destruído um dos canhões, enquanto a Fada dançava com as suas asas, criando barreiras à sua volta e à volta do canhão onde Rouge estava. Mesmo estando longe, conseguia ouvir o riso lunático e desvairado de Lily. Daquele lado, tudo bem, pensei eu.

Por todo o florido campo de batalha, militares de azul mediam forças com membros da Sociedade Escarlate. Ninguém parecia estar em vantagem. Antes que tivéssemos tido tempo de chegar até eles, já Jynx, Orville e Merovingian estavam sobre nós.

– Adam, nós vamos ajudar-vos, não se preocupem! – gritei-lhe por cima de toda a confusão. Ele simplesmente sorriu, daqueles sorrisos raros e sinceros dele que me transmitiam mais que mil palavras.

Sebastian lançou-se de imediato sobre Merovingian, como se tivessem recomeçado o combate interrompido em Belvue. Tal como nesse dia, parecia-me que Merovingian só se defendia e não fazia o mínimo esforço para atacar Sebastian. Belladonna estava já em cima de Jynx, também recomeçando o conflito de morte em Dark Versalia. O seu cabelo oxigenado mantinha-se intacto com os movimentos fatais da sua cauda de escorpião. Mesmo com o poder da Morte que Belladonna lhe lançava, Jynx parecia anulá-los com o seu veneno esverdeado.

Ainda mais louco que na sala do portal, Orville atacava-me com a ajuda do cinto de orbes. Eu arremessava-lhe a bola de ferro das minhas correntes, mas era como atingir uma rocha. Voava para me desviar dos seus ataques, mas ele arranjava sempre forma de me acertar. Era um combate desigual em que ele podia usar uma quantidade imensa de magia fabricada e eu só podia contar com a fraca magia natural que me corria no sangue. Orville empurrou-me para o chão como uma velha boneca de trapos. A minha irritação com aquela desigualdade de forças era a única coisa capaz de me distrair das dores dos hematomas que se iam formando. Nos poucos momentos que tive para olhar de novo para as cruzes, protegendo-as de Mefisto, vi uma triunfante e sorrateira Lorelei a desamarrar apressadamente as cordas de ouro que prendiam os detentores dos artefactos. Porém, um velho de fato azul já estava lá perto, rindo-se como um fanático.

Dei um salto ascendente com a ajuda das minhas asas e voei o mais rápido que pude por cima de toda a batalha até chegar às cruzes. Nem me importei com Orville nem com o facto de Sebastian e Belladonna terem agora um terceiro elemento a atacá-los.

Quando pousei o pé no chão para atacar Mefisto, fui envolvida por uma terrível sensação de pânico. Toda a planície estava silenciosa, como se não estivesse ninguém ali. Todo o som beligerante tinha cessado. Olhei para Mefisto e ele exibia uma expressão confusa dirigida para toda a planície. Lorelei e os prisioneiros também. Estavam todos a olhar para as minhas costas. Virei-me lentamente com as pernas a tremer. O único som que ouvia era o do meu coração acelerado.

Monstros verdes, militares e soldados da Sociedade Escarlate estavam parados e hirtos. Mesmo os que estavam inanimados no chão, estavam agora de pé a olhar directamente para mim. Não conseguia ver com clareza as expressões deles, mas pareciam autênticas estátuas. De súbito, um intenso brilho branco e fracamente azulado ofuscou-me os olhos. Protegi-os instintivamente com o braço. Quando o tirei, percebendo que naqueles segundos podia ser atacada, uma profunda sensação de terror trespassou-me o coração. Por entre as pessoas que me olhavam desconfortavelmente, apareceu Riddel a bambolear-se como uma garça. Começou a correr na minha direcção, tão rápida como uma flecha. Fechei as minhas asas para me proteger do ataque iminente dela, mas não veio nada. Abri-as com cuidado e completamente atemorizada. Mefisto fitava-me com um olhar vidrado. Começou a sangrar da boca e caiu duro no chão com uma espada de gelo nas costas. Riddel estava atrás dele, completamente implacável e invencível.

Eu não estava a conseguir processar toda aquela informação. Em questão de segundos, Riddel tinha dominado completamente aquela batalha, interrompendo as acções de todos, e tinha morto Mefisto, o nosso maior inimigo e Mestre da Sociedade Índigo. Isso queria dizer que afinal estava do nosso lado? Olhei em volta para procurar alguém que me ajudasse naquela demanda por respostas. Rouge e Lily-Violet atravessavam a ponte de vidro na nossa direcção com uma expressão de profundo pânico. Parecia-me que os canhões já estavam destruídos. Lorelei estava à frente dos quatro enfraquecidos prisioneiros, em posição de ataque e com a respiração pesada, enquanto fixava Riddel com desconfiança. Belladonna e Sebastian ainda se debatiam com os seus três inimigos, mesmo tentando vir ao nosso encontro para nos ajudar. Mesmo no meio de todas aquelas pessoas que olhavam para mim como espectros, consegui destacar Herman no chão, morto por Mefisto.

– Merovingian! – A voz autoritária e séria de Riddel soou séria e severa como uma tempestade de neve em pleno Inverno.

Antes de olhar para ele, já Orville e Jynx estavam caídos no chão. As pistolas dele estavam a fumegar depois do estrondo com os dois tiros dados aos nossos dois inimigos. Mas, afinal, o que significava aquilo? Estavam a ajudar-nos? Sebastian e Belladonna estavam no mesmo impasse que eu. Tudo estava a decorrer bizarramente à minha volta e eu não conseguia montar as peças daquele *puzzle* complicado. Nem o poder de Omnisciência me estava a valer agora.

A prova de que de facto estava perante novos e misteriosos inimigos veio quando Elena, a frágil sacerdotisa da Deusa se levantou perante o olhar de Lorelei e caminhou até Riddel, colocando-se estrategicamente do seu lado esquerdo. Merovingian já estava do seu lado direito. Aquela surreal mistura dos três parecia um sonho, daqueles que não conseguimos sequer compreender se poderá ser um pesadelo. Mefisto gemeu no chão e pronunciou as suas últimas palavras.

– Gostava de ter sido eu… a fazer tudo aquilo que te prometi, meu anjo. Infelizmente, fui tão enganado como tu… – A sua voz desvaneceu-se num último suspiro aos pés daquela trindade aterrorizadora. A sua cara mergulhou na água e o sangue diluiu-se naquele pouco profundo lago.

– Imagino como deve estar a tua cabeça, Noemi. – Riddel falava-me com uma simpatia paradoxal, entre o sarcasmo e a brincadeira. Parecia que a voz podia vir de qualquer pessoa, menos da frígida Riddel. Entretanto, já todos estávamos reunidos: Sebastian, as Guerreiras e os três prisioneiros. As dezenas de pessoas da planície ainda olhavam para nós. – A verdade é que ninguém sabia o que estava para vir. E Mefisto e os pacóvios de Orbias – ela começou a rir caprichosamente –, que belas marionetas se revelaram. Tão fragilmente emotivos e susceptíveis. Foi tão fácil orquestrar todas as acções de Mefisto com a história falsa dos detentores dos artefactos e da posterior destruição e renovação dos mundos. Isso nunca existiu.

Olhei confusa para Adam, Richart e Carolina perto de Lorelei. Aquela história não estava a fazer sentido. Ou era eu própria que não queria entendê-la por ser tão irreal. Riddel mexeu numa pequena bolsinha na sua saia cor-de-rosa e mostrou-me um orbe.

– Antes de mais, eu não sou nenhuma Guerreira. A «Omnipresença» que vocês viram não passava de magia concentrada neste orbe. – Deixou-o cair da sua mão, mergulhando na água do pequeno lago com um som abafado. – Aliás, nunca existiu nenhuma Guerreira da Omnipresença. A velha história de que teria sido ela a trair as Guerreiras e a provocar o falhanço da separação é uma farsa inventada por nós.

Que mentira era aquela?! Que farsa estava a pairar sobre nós? Senti-me no centro de uma complexa e intrincada conspiração de proporções planetárias. Tudo à minha volta estava a soar a falsidade. Senti-me pequenina e sozinha naquela planície cheia de gente. Não sabia a quem me dirigir para pedir ajuda, parecia que todos me escondiam alguma coisa, que estava a viver um pesadelo onde eu era a única vítima dos predadores famintos. Tomei coragem para falar, embora a voz me tivesse saído fraca e irregular.

– Mas, afinal, quem és tu? Quem são vocês? O que querem de nós? – O tom das minhas palavras dirigia-se às três figuras à minha frente e a todos os militares, monstros e soldados de escarlate à minha volta. Estava convencida que também Mefisto, Orville e Jynx tinham sido vítimas daquele que me parecia o maior e mais complicado espectáculo de terror.

– Não precisas de saber quem somos. Não é relevante. Mas podemos dizer-te o que queremos. – Riddel levantou a sua mão congelada e azulada e apontou para o fundo da planície. As cabeças das Guerreiras e dos prisioneiros viraram-se para o destino do seu dedo. Era Sebastian!

– O Sebastian?! O que querem dele?! – Dei um passo ameaçador em frente, com a minha arma em punho.

– Não percebes, Noemi? É assim tão difícil? – Ela suspirou como se estivesse a falar com uma criança. – A separação dos mundos não aconteceu por causa dele. Nós estamos aqui para garantirmos que desta vez ele morre para a separação ser definitiva! – As suas palavras cortavam-me a carne como lâminas ferrugentas. – Nem imaginas o quanto é difícil engendrar um plano suficientemente grandioso para matar um homem que é eterno. Foram precisas muitas mentiras, sociedades, encobrimentos. E todas as pessoas nesta planície pensam da mesma forma que nós, ou não tinham entrado nesta orquestra. Não percebes? Nenhum de nós quer que os mundos se misturem. As coisas estão bem como estão, e a separação definitiva já devia ter ocorrido há muito tempo.

»A melhor forma era atrair-te para aqui. – Ela olhou com uma expressão nociva para Adam, Carolina e Richart, e depois voltou a olhar-me com aquele olhar frio e distante. – Atrair-te e matar-te à frente dos olhos dele, tal como o Mefisto queria fazer! Vamos roubar-lhe a única coisa que ainda o prende à vida!

Ainda Riddel não tinha acabado de falar, já as Guerreiras corriam na sua direcção para atacá-la com as suas armas. Mas ela e os outros dois tinham uma barreira invisível à sua volta e os ataques fizeram ricochete. Reparei em Adam e Richart que também tentavam atacá-los à sua maneira. Todos eles se tinham colocado à minha frente como se estivessem dispostos a dar a sua vida para proteger uma espécie de tesouro. E eu ainda estava parada no mesmo sítio, sem me conseguir mexer ou sequer pensar. As palavras de Riddel voavam na minha mente como folhas de papel num tornado.

– Que ridículo!… As Guerreiras são uma anedota. Elena, trata delas. Merovingian, trata do Sebastian. A Noemi é minha.

Elena moveu-se nas suas vestes de sacerdotisa da Deusa. Com o seu cabelo loiro, quase branco, parecia-me um espectro. Lorelei, Rouge, Lily e Belladonna tentaram atacá-la com as suas armas e poderes, mas nem um cabelo de Elena se movia. Sem se mexer, e com o que pareciam poderes telepáticos, ela conseguiu levantar as quatro no ar e apertá-las com uma espécie de mãos gigantes e invisíveis. Os meus ouvidos foram invadidos pelos seus gritos de dor e pelo arrepiante estalar de ossos. Sebastian levava uma enorme sova de Merovingian, que agora revelava a sua verdadeira força sobrenatural. Não sabia se havia de ajudar as Guerreiras ou Sebastian. Senti-me mortalmente dividida, queria dividir-me em duas. Só quando Riddel estava sobre mim é que entendi verdadeiramente que eu é que precisava de ajuda.

Com um grito de força, atirei-lhe com a minha bola de ferro, mas só conseguia atingir a grande rocha dura que a rodeava. Mesmo antes de me defender com as asas, Riddel deu-me uma chapada tão grande que caí no chão e quase me afoguei com a cara enterrada no pequeno lago de flores. O meu poder de Omnisciência não me ia salvar agora, até porque eu não fazia ideia de como voltar a usá-lo ao máximo. Levantei a cabeça e ainda vi quatro corpos inanimados voarem para bem longe, cada uma para um lado do planície. Elena tinha vencido as Guerreiras. Sebastian ainda lutava. Umas esguias pernas álgidas taparam-me subitamente a visão. Por alguma razão que eu não conseguia explicar por estar atordoada com o ataque da minha oponente, recordei-me das palavras terríveis e mórbidas de Mefisto quando eu estava no consultório de Belvue. A frase que Riddel me segredou ao ouvido que estava a zunir confirmou a razão pela qual me lembrei dessas palavras.

– Os Anjos merecem morrer!

Riddel agarrou-me nos cabelos já emaranhados e atirou-me para o ar. Tentei bater as asas para não voltar a cair, mas senti as suas mãos geladas agarrar-me nelas em pleno ar.

*Deixa-me arrancar-te as asas insolentes para que nunca mais possas voar.*

A dor que senti a seguir foi algo que nunca poderia explicar. Foi pior do que se me tivessem arrancado braços e pernas ao mesmo tempo. Sem piedade ou misericórdia, e com uma força desumana, Riddel tinha-me arrancado as asas brancas. Com a visão meio desfocada e sentindo o meu dolorido corpo em queda livre, vi duas manchas brancas brilhantes completamente manchadas com a cor violenta do encarnado. Quando caí em cima das flores anteriormente puras, apercebi-me que as minhas costas estavam excessivamente quentes com o sangue que me escorria das asas arrancadas, contrastando com a água gelada que me molhava o corpo.

*Deixa-me arrancar-te os lábios perfeitos para que nunca mais possas beijar.*

Riddel estava sobre mim outra vez. Agarrou-me nos cordões do corpete para me levantar do chão, tocou com os lábios duros e gelados nos meus e arrancou um pedaço de carne dos meus lábios. De imediato, senti o sabor quente e metálico do sangue sobre toda a minha face e boca.

*Deixa-me furar-te os olhos para não veres mais. Deixa-me consumir o teu cérebro para que nunca mais possas pensar.*

Ainda agarrada à minha roupa, Riddel colocou a mão sobre a minha cabeça e começou a simular que estava a puxar alguma coisa. E estava. Como se estivesse a puxar um pequeno lenço branco perdido num emaranhado de toalhas pretas molhadas, Riddel puxava todos os meus pensamentos para fora da minha cabeça e com eles a minha capacidade de ter visões a partir da Omnisciência. Começou a escorrer sangue dos meus olhos, tal como tinha acontecido no Castelo de Grimmus, e a minha visão ficou cada vez mais desfocada até só conseguir ver negro à minha volta.

*Deixa-me sugar todo o sangue da tua pele pálida para nunca mais poderes sentir.*

Com uma das suas pequenas espadas de gelo, Riddel infligiu-me um corte na barriga. O sangue começou a jorrar de uma forma quase desumana. Eu senti que todo o sangue estava a esvair-se do meu corpo pálido. Eu já nem sentia dor ou sofrimento, apenas um grande frio e uma imensa vontade de dormir. Tinha sono e queria descansar. Era isso. Com o sangue espalhado e colado em todo o meu corpo, com a visão enegrecida, deixei-me levar pelo sono profundo, ignorando tudo à minha volta e tudo o que tinha acontecido na minha vida até então… Ainda que faltasse um dos itens da promessa de Mefisto e que Riddel estava a cumprir…

Dor

Fui invadida pela mesma sensação que tive quando me transformei pela primeira vez. Não sabia se estava viva ou morta. Tinha consciência do que tinha acabado de acontecer e da terrível reviravolta que aquele combate tinha levado. A paz e a calma típicas das minhas visões estavam ali. E a minha mente, apesar de Riddel ter tentado apagá-la de vez, estava a funcionar. À partida, não estava morta. Mas via o meu corpo ensanguentado, violentado e inanimado aos meus pés. O meu coração já não batia e, com aquela quantidade de sangue a misturar-se nas águas de Deep Hollow, certamente nunca mais me iria levantar dali. Não tive qualquer tipo de reacção ao vê-lo. Normalmente, nas minhas visões, as minhas emoções eram muito contidas, como se estivesse sob o efeito de drogas calmantes.

Um grito sofrido fez-me levantar a cabeça mentalmente. Se não tivesse olhado, não tinha reconhecido a voz habitualmente quente de Sebastian. Ele estava a alguns metros de mim, dominado por Merovingian. Olhava para o meu corpo morto no chão. Mesmo àquela distância, vi o brilho dos seus olhos provocado pelas lágrimas que lhe escorriam copiosamente pelo rosto ferido. Demorei alguns segundos até perceber que ele gritava e chorava por mim, olhando para o meu corpo falecido. Assolou-me a angústia por não ser capaz de, nas minhas visões, perceber imediatamente que Sebastian tinha acabado de perder o grande amor da sua vida. Aquele por quem ele tinha esperado milhares de anos!

Riddel tinha-se juntado a Elena e às dezenas de espectadores que olhavam para aquele horroroso espectáculo. Orbianos e Terrestres, cúmplices de todos aqueles actos ferozes, assistiam a tudo passivamente, como se fosse uma coisa normal, algo que eles sabiam que ia acontecer e pela qual ansiavam. Com a racionalidade típica das minhas visões, entendi que todas aquelas pessoas tinham um objectivo em comum – separar de uma vez por todas os dois mundos! Mas isso só era possível às custas da minha vida e de Sebastian! Aquelas pessoas queriam evitar mais mortes, mas, ao matar um casal enamorado daquela forma, o que eram senão uns assassinos desumanos? Não seriam iguais àqueles que tentavam destruir os dois mundos, como Mefisto? Toda aquela conspiração em torno de mim, Sebastian e as Guerreiras fez-me sentir que a minha aventura foi uma grande mentira, páginas queimadas num livro.

Merovingian largou Sebastian, deixando-o cair de joelhos na água. Sebastian levantou-se sozinho e começou a caminhar pesadamente até à pequena ilha. Eu percebi de imediato o que ele ia tentar fazer e comecei a correr mentalmente. Atravessei todas as pessoas que olhavam para ele, inexpressivas. À medida que eu passava por elas, também elas se começaram a mexer como se se estivessem a organizar num tabuleiro. Vermelho no lado orbiano e azul no lado terrestre. Eu tinha de chegar a Sebastian o mais depressa possível, tinha de impedi-lo! Eu… eu podia fazer um esforço para não morrer se isso significasse continuar a ouvir a voz dele, sentir o toque da sua mão ou o seu olhar meigo sobre mim!

Por mais que tentasse correr, nunca mais chegava lá, como num sonho sem sentido. Riddel, Elena e Merovingian estavam à beira do abismo, a olhar para a ilha do sacrifício das Guerreiras, onde Sebastian já tinha chegado. Continuei a correr, a correr, a correr. Planei sobre a ponte de vidro que dava para a ilha e cheguei ao pé dele. Ele olhava para uma das estacas e eu soube que tinha sido aquela a trespassar o coração da Guerreira ancestral, que Sebastian amava de todo o seu coração.

Ele caminhou lentamente em direcção à estaca, agarrou-a com as duas mãos para apontá-la ao seu coração despedaçado. Comecei a gritar ao seu ouvido, na tentativa inútil e infrutífera de que ele me ouvisse! Comecei a empurrá-lo para o lado contrário, mas as minhas mãos atravessavam o seu corpo como um fantasma. E foi naquele preciso momento que o meu mundo acabou e a promessa de Mefisto e Riddel se cumpriu.

*E deixa-me arrancar o teu coração para nunca mais amares*.

Sebastian trespassou o seu coração eterno com a estaca da Deusa e foi como se o meu próprio coração também tivesse sido atingido. Ele continuava a chorar, os seus olhos cada vez mais baços e enegrecidos. O sangue começou a escorrer-lhe do peito, manchando a camisa branca, tal como tinha acontecido com as minhas asas. A minha mente começou a chorar também, lágrimas enormes e grossas, um verdadeiro rio de dor e sangue. Tentei agarrar-lhe a cabeça para que ele olhasse para os meus olhos. Surpreendentemente, ele fixou-me e sorriu, como se realmente estivesse a olhar para mim.

– Perdoa-me, Noemi. Não te consegui salvar. Eu escolho-te a ti. Agora é a tua vez de escolher.

Depois daquelas intrigantes palavras murmuradas, a sua respiração amena parou, o rosto ficou lívido, os olhos vidrados e o corpo completamente inerte. Sebastian tinha morrido nas minhas mãos espectrais e impotentes. Gritei, mas não havia qualquer som. Chorei, mas não havia qualquer lágrima… Ele era eterno, não podia estar morto. Ele ia levantar-se imediatamente! Não era possível ele ter vivido milhares de anos à minha espera para agora morrer só para separar dois mundos tão cruéis! Mas, tal como o meu poder de Omnisciência não era perfeito, também a Eternidade de Sebastian não era perfeita, e ele estaria morto à minha frente…

Deixei cair a cabeça para trás. O meu corpo estava morto. Faltava a minha mente. Fechei os olhos, forçando a minha morte definitiva. Queria a todo o custo juntar-me a Sebastian novamente, onde quer que ele estivesse agora. Não queria saber da minha família, amigos, vida. A minha razão de viver tinha-me sido roubada. O meu coração tinha desaparecido e o abismo no meu peito era agora definitivo. Pensei novamente nas palavras horríveis de Mefisto. Já não fazia sentido voar se Sebastian não estava ali para me motivar. Não fazia sentido ter lábios porque não podia beijá-lo. Não fazia sentido ver se não podia vê-lo. Não fazia sentido pensar se ele tinha morrido. Não fazia sentido sentir se não me podia tocar mais. Não fazia sentido amar porque ele era o meu único, interminável e incondicional amor. Estava preparada para morrer, para desistir definitivamente de caminhar e lutar por uma vida sem sentido! Deixei-me cair sobre o corpo morto de Sebastian, parecendo que ele me agarrava e protegia enquanto dormia. A ilha começou a tremer e despedaçou-se, caindo no infinito abismo. Deixei-me cair, imaginariamente agarrada ao meu grande amor.

Desilusão

-Noemi? Noemi? Acorda! – A voz de Lorelei estava longe, como se estivesse no fundo de um poço. Tentei ignorar o facto de ela me estar a chamar. Eu já estava morta, e aceitei esse desfecho pacificamente só para estar com Sebastian – Noemi! Eu sei que me estás a ouvir. Por favor, acorda! – Será que Lorelei também estava morta e estava a chamar por mim, onde quer que fosse? Abri os olhos rapidamente para abraçar Sebastian.

– Sebastian? Sebas… – O meu chamamento foi interrompido por um ataque de tosse. Só aí tive consciência das dores lancinantes que sentia por todo o meu corpo. Depois de a minha visão aclarar, vi Lorelei, Lily, Rouge e Belladonna a olhar para mim de cima. Acima delas, um intenso céu vermelho. – Onde está o Sebastian? Porque é que eu ainda estou aqui? Não morri?

– Calma, Noemi. Não te esforces tanto. – Ela ajudou-me a sentar-me. Olhei para o meu corpo coberto de sangue seco. Com aquela quantidade de sangue, eu certamente estaria morta. Então, porque que é ainda estava em Deep Hollow?

– Eu estou viva? Mas… a Riddel matou-me! E eu vi… Sebastian… – Recordando-me da morte de Sebastian, a minha cabeça ardeu de dor. Percebendo que eu tinha tido uma visão onde tinha visto toda a horrenda cena, Lorelei voltou a falar.

– Nós perdemos os nossos poderes quando a alma das Guerreiras se uniu com a barreira. Mas, mesmo assim, consegui usar uma réstia do poder da Vida para curar a ti e às outras Guerreiras. – A voz dela era inconstante, como se estivesse prestes a chorar.

– Porquê?! Porque é que não me deixaste morrer com ele?! Odeio-te Lorelei, odeio-te! A minha vida não faz sentido agora! – Agarrei-me a ela a chorar e a dar-lhe pequenos socos fracos. Na verdade, eu queria agradecer-lhe por me ter salvado a vida, mas não conseguia. Ela agarrou na minha cabeça maternalmente.

– Desculpa, mas eu não era capaz de te deixar morrer. Eras tu ou ele, Noemi. Eu decidi tentar ressuscitar-te e consegui, pela primeira vez na minha vida de Guerreira. O último sopro de poder foi para renascer a minha melhor amiga, que eu amo como se fosse minha irmã! – As suas palavras sinceras calaram as minhas lamúrias e limitei-me a ficar agarrada a ela, chorando, molhando a sua roupa e a pele morena. O momento foi interrompido pela voz estranhamente suplicante de Rouge.

– Lorelei, temos de ir. A barreira vai fechar-se.

– Noemi, temos de nos despedir delas… – A voz de Lorelei era demasiado triste. – Consegues levantar-te?

A minha resposta veio sem palavras. Levantei-me ainda trémula e agarrei-me a Lorelei para conseguir caminhar. Quando o fiz é que consegui ter uma melhor visão sobre a planície de flores. Estava completamente vazia, sem as dezenas de pessoas que ali estavam até há bem pouco tempo. Perto de nós, estavam Adam, Carolina e Richart, assustadíssimos e tristes com tudo aquilo. Todos juntos, caminhámos para o local onde o canhão de magia tinha aberto um buraco na barreira. Esta estava a brilhar intermitentemente. Estava a preparar-se para se fechar de vez… graças a Sebastian.

– O que aconteceu à Riddel e aos outros dois? – Mesmo fraca, a minha voz denotava raiva e mágoa.

– O Adam é que presenciou tudo. O Orville morreu com o tiro do Merovingian. Ele também já estava quase morto por dentro desde o Castelo de Grimmus. Mas, demasiado irónico para ser verdade, a Jynx não morreu e, com a ajuda da Belladonna e da Rouge, vingou-se daqueles três. Enquanto eles olhavam para o Sebastian a… – Lorelei não desenvolveu o resto da frase. – Elas empurraram-nos para o abismo. Ainda bem que assim foi!… Foram as primeiras pessoas a quem desejei a morte, em toda a minha vida!… Depois disso, os orbianos e os terrestres transportaram-se de volta para o seu mundo, os monstros da Jynx evaporaram-se e eu fui acordada pelo Adam, que me ajudou a encontrar-vos e a curar-vos. – Ela olhou para todos com um sorriso triunfante. Finalmente, nos últimos momentos, o poder dela tinha sido eficaz, contra todas as suas frustrações. – Entretanto, a Cordélia e a Fedra apareceram. Elas estão lá ao fundo à nossa espera com a Jynx.

Olhei para o fundo, atrás da barreira, e, de facto, estavam lá as três. Não consegui entender o que sentia em relação a Jynx. Depois de todo o mal que tinha feito, não havia dúvidas de que ela era uma pessoa má e perigosa. Mas, analisando a sua expressão confusa e arrependida e lembrando-me da minha visão com ela, o meu coração acabou por perdoá-la. Tinha sido uma vítima como nós. Agia conforme as ordens dos seus superiores, quase como um robô, sem emoções ou vontade própria. Todos nós merecíamos uma segunda oportunidade na vida. Desejava que Jynx recomeçasse a sua vida do zero, tomando as melhores opções para ela e para Orbias.

Chegámos finalmente à ponte de vidro. No centro dela, havia um buraco onde anteriormente estava a ilha com o corpo de Sebastian e a minha própria mente. Ainda bem que já não lá estava. Eu não aguentaria ver o corpo morto de Sebastian, principalmente porque eu ainda estava viva e ele não.

Eu e Lorelei abraçámos fortemente Rouge, Belladonna e Lily-Violet. Nenhuma de nós abraçou Richart. Eu por não conhecê-lo. Lorelei por não querer e por não parar de olhar para as mãos dadas de Rouge e Richart. Desatámos todas a chorar, até a emocionalmente contida Rouge. Mesmo conhecendo aquelas raparigas há pouco tempo, era uma amizade intensa e verdadeira, talvez fruto dos elos já criados pelas Guerreiras ancestrais, mas que nós agora tínhamos fortalecido. Mas, mesmo sem a alma da Guerreira ancestral dentro de mim, eu amava-as da mesma forma. Iria ter tantas saudades delas como de Sebastian.

– Meninas, foi um prazer. Nunca mais vos esquecerei, nem dos bons e magníficos momentos que passei com vocês. Vou carregar-vos para sempre nas minhas memórias e no meu coração – disse, mesmo sabendo que eu já não tinha coração. Tinha caído no abismo juntamente com Sebastian. Talvez elas pudessem ocupar o lote vazio que estava no meu peito, embora fosse um local muito escuro, frio e triste.

– Foi um prazer igualmente para nós, Noemi e Lorelei. Temos pena que tudo tenha terminado desta forma, mas há uma coisa boa em tudo isto. Podemos viver em paz, sem ameaças de um mundo sobre o outro. Era assim que deveria ter sido desde o início. – Rouge brindava-nos com um último vislumbre da sua típica diplomacia.

As suas palavras ressoaram na mminha cabeça. «Paz». Que ideia mais utópica! Era só menos uma ameaça para qualquer um dos mundos. A Terra ainda tinha todas as suas guerras, destruição, fome, sofrimento, pessoas mal intencionadas e egoístas. Orbias também não se ficava atrás. Enquanto existissem Terrestres e Orbianos, as preciosas criações de Deus e da Deusa, os mundos nunca seriam locais pacíficos. E não eram cinco simples raparigas e uma única batalha que iam mudar esse rumo. É a dualidade natural. Da mesma forma que há um Deus e uma Deusa, para o Bem existir e ser reconhecido, tem de haver um Mal contrastante.

Lily-Violet ainda me deu um último abraço, completamente lavada em lágrimas. Ia ter muitas saudades daquela criança pura e ingénua. Era uma irmã mais nova que perdia. As três raparigas atravessaram a ponte de vidro com Richart. Quando chegaram à beira do precipício, viraram-se para trás para se despedir uma última vez e assistir à separação definitiva dos dois mundos. Fedra, Cordélia e Jynx juntavam-se-lhes. Eu, Lorelei, Adam e Carolina fizemos o mesmo. Abatidos e feridos, acenámos uns aos outros num último e triste adeus.

A barreira começou a brilhar com maior intensidade até produzir um brilho constante. Protegemos os olhos daquela luz intensa e, quando os voltámos a abrir, à nossa frente estava uma parede interminável de pedra, quase da mesma cor do barro. Já não era o habitual vidro transparente que deixava ver o lado orbiano. Pronto, os dois mundos estavam separados, nunca mais ia ver as Guerreiras nem todas as pessoas que tinha conhecido em Orbias. Podia apagar da memória aqueles últimos meses se quisesse. Saber que não ia voltar lá provocou em mim uma grande angústia. Era como se tudo tivesse sido um sonho, do qual eu não queria acordar.

Olhei para trás, ainda apoiada nos ombros de Lorelei. Ao fundo, estava um buraco negro que nos esperava, provavelmente o último que daria acesso a Deep Hollow. Mais ninguém voltaria a pisar aquele terreno puro e ao mesmo tempo dramático. Tudo estava como era suposto estar desde há milhares de anos. Aquele local era para ser esquecido. Agora, tinha de lidar com o facto de só haver uma Terra e um Deus.

Avançámos para o buraco negro, embora agora já não houvesse os habituais braços para nos levar. Já não existiam. Quando saímos de lá, estávamos no mesmo beco onde tínhamos chegado à Terra, perto do edifício Asmodeus. O buraco negro esvaneceu-se e eu cambaleei com a ajuda de Lorelei, enquanto Adam vinha atrás de nós com Carolina pela mão. Era o primeiro dia do novo ano. O Sol estava quase a nascer. Semicerrei os olhos com a sua luz brilhante celestial que me ofuscava. Nem os grupos de homens bêbados que passavam por nós a cantar repararam no grupo de estranhos, esfarrapados e ensanguentados que saíam da penumbra de um beco sujo.

Aquele nascer do Sol no primeiro dia daquele ano foi mais simbólico para mim do que eu pensava. Mesmo destruída por dentro, a epifania surgiu! Tinha perdido Sebastian, as minhas amigas Guerreiras e Orbias. Toda aquela aventura tinha-me tornado numa pessoa forte. E, para provar a minha recém-adquirida força, ia entregar-me à vida. Era muito mais difícil encará-la do que à morte. Eu amava Sebastian e ele amava-me também. As suas últimas palavras foram para me dizer que eu era o seu grande amor. E eu tinha a certeza de que, amando-me daquela maneira, ele quereria que eu vivesse e sobrevivesse da melhor forma possível, numa busca incessante pela felicidade. Era o meu único consolo. Que Sebastian ficasse feliz comigo e com a minha vida, onde quer que ele estivesse. Eu tinha de lutar, tinha de escavar o meu caminho por entre os escombros do meu ser, por entre as cinzas dos escombros que tinha cá dentro.

Vida

Q*ueria dizer-te que tenho pena de não poder estar aí, mas estou a tratar de alguns assuntos pendentes. Era só para te desejar uma boa noite, e que tenhas bons sonhos. Dorme bem, Noemi.*

A voz de Sebastian inundava o quarto como uma doce melodia. Doía-me a cabeça por estar há tanto tempo deitada na minha cama a olhar para o orbe de boa noite de Sebastian, que eu guardava como um pequeno tesouro. O meu quarto estava escuro, com a persiana para baixo, embora a luz do Sol teimasse em invadir alguns pontos daquele espaço através das frestas. À minha volta, tudo compulsivamente arrumado. Naquela tarde, já tinha ouvido o orbe pelo menos sete vezes. Normalmente, só ouvia uma, ao deitar-me à noite. Mas tinha muitas recaídas e momentos de profunda tristeza em que passava horas a ouvi-lo. Nessas alturas, sentia-me como se um torniquete estivesse a comprimir o meu coração e só aquele pequeno objecto era capaz de salvá-lo.

Tinham passado sete meses desde aquele dia fatídico. O calor apertava cada vez mais e eu já tinha trocado os camisolões e as calças grossas por *T-shirts*, calções e saias. O resto do meu percurso académico tinha decorrido sem problemas, mas também sem entusiasmo. Ali estava eu, licenciada, ainda sem emprego, a lutar para sobreviver contra todas as adversidades da minha vida.

Lorelei e Adam tinham sido uma preciosa ajuda em todo aquele percurso de espinhos e vidros estilhaçados. Foram-me dando alguns metros de corda para que conseguisse sair do abismo em que eu ainda me encontrava. Tinham-me ajudado a estudar para os exames, tinham-me arrancado de casa quando eu passava semanas inteiras na mesma linha: faculdade, casa, faculdade, casa…. Tinham-me feito rir, quando tudo o que queria era encontrar a lâmina mais próxima. Até Adam, que habitualmente lutava contra a sua própria instabilidade emocional, fazia tudo o que estava ao seu alcance para me fazer sorrir. Por diversas vezes, dormimos os três juntos no sofá da sala, perante o meu choro interminável. Eram os meus melhores amigos e eu já não sabia viver sem eles. Davam-me força e energia para que eu própria construísse aos poucos a minha autonomia.

Para além da lembrança de Sebastian, também me recordava com carinho e saudade das minhas amigas Guerreiras e de todas as pessoas com quem me cruzei em Orbias. O orbe do Ente Padroeiro, estrategicamente colocado ao pé da televisão do meu quarto, e agora uma bola cinzenta completamente inutilizável desde a separação dos dois mundos, era o único objecto que me lembrava essa vida passada. Por vezes, sonhava com elas, mas eu sabia ser uma réstia do poder da Omnisciência, que me permitia ver como estavam e o que estavam a fazer. No entanto, esses sonhos iam desaparecendo a pouco e pouco como água evaporando.

Via Rouge de mão dada com Richart, perdidamente apaixonados, como adolescentes, a passear por jardins intermináveis, embora as suas discussões fossem constantes. Ora por causa da arrogância dela, ora por causa da vaidade dele e do excessivo cuidado com a imagem em frente ao espelho. Mas as suas discussões acabavam sempre intensamente, na cama ou em ostensivos banquetes.

Também via Belladonna a trabalhar no cabaré, sendo ela agora uma das atracções principais, a fantástica «dançarina e cantora, Bella». Continuava a provocar a sua mãe com a vida de devassidão vitoriana que levava, mas estava contente por poder fazê-lo em liberdade, e porque, simplesmente, gostava daquela vida.

Lily-Violet, a minha querida amiga, que aparecia como uma fadinha feliz nos meus sonhos, tinha iniciado uma viagem por Orbias, revisitando os locais por onde tínhamos passado e visitando novos e exóticos lugares. No último sonho que tive com ela, tinha chegado a Faylinn, a terra das fadas, e abraçava um casal. Desejei serem os pais dela. Depois de uma vida inteira prisioneira da sua própria criação e de uma raptora fanática, ela merecia tudo aquilo.

A pouco e pouco, Orbias ia desaparecendo da minha vida, um sonho surreal que se esvanecia a cada dia que eu acordava. Eu estava a seguir a minha vida, a recomeçá-la do zero após aquele ponto de viragem. Olhei para o relógio. Estava quase na hora.

Levantei-me pesadamente da cama, limpei a lágrima teimosa, que queria a todo o custo fugir dos meus olhos azuis, e abri as persianas. O Sol brilhou dentro do meu quarto com uma fulgurância feliz. Liguei a televisão para me distrair daquele momento de introspecção. Cada vez estava mais parecida com Adam. Uma notícia que eu aguardava há muito tempo captou a minha atenção.

*Na conjuntura de crise económica e financeira mundial, o conglomerado económico Asmodeus, um dos mais poderosos de todo o mundo, declarou recentemente a falência da maior parte das suas empresas. A notícia, avançada após o misterioso desaparecimento do seu presidente, em Janeiro passado, Mefisto Asmodeus, trouxe a público vários casos de corrupção, desvio de fundos e criação de empresas-fantasma no interior da organização. As empresas dos diversos sectores serão vendidas, não afectando a sua existência. Este acontecimento controverso teve consequências profundas na política de alguns países, já que alguns governantes tinham ligações à empresa. Connosco temos o comentador…*

Desliguei de imediato a televisão. Não tinha por hábito tê-la ligada. Achava a programação péssima. Só a ligava na esperança de ouvir, finalmente, a notícia da queda do império Asmodeus. O surpreendente desmembramento do grupo Asmodeus, a fachada da Sociedade Índigo, só vinha confirmar a extinção desta. Os seus influentes membros e financiadores de todo o mundo tinham perdido o pilar, Mefisto, e também o contacto com o objecto secreto da sua riqueza, Orbias. Já não fazia sentido continuarem com aquela fachada. Mas era uma questão de tempo até outra grande empresa aparecer e dominar o mundo, tal como o grupo Asmodeus fazia.

Abri um jornal à minha frente para me distrair daquele notícia agridoce. Reparei num pequeno artigo que falava de Carolina, a menina raptada pela Sociedade Índigo por pensarem que tinha o artefacto de Eva. Falava de um prémio de uma competição de Matemática que ela tinha ganho. O seu sorriso na fotografia denotava a grande felicidade em que vivia. E eu também estava muito feliz por ver a sua vida seguir sem problemas. Segundo Adam, ela nunca referiu nada sobre o episódio de Orbias. Nós os quatro tínhamos um novo elo entre nós e tínhamos decidido nunca mais falar sobre aquele assunto. A menina tinha cumprido com essa promessa.

Olhei para a cruz que tinha na parede, por cima da televisão. Já não tinha o mesmo valor para mim. Era apenas um objecto de madeira. Aquela aventura fez-me repensar tudo o que a Escola e a Igreja me tinham contado até então. Todas as guerras religiosas, todos os princípios criados a partir de Deus, toda a Ciência… Tudo foi posto em causa no momento em que conheci Orbias. Uma série de questões filosóficas sem sentido passaram-me pela cabeça. Teria Orbias sido apenas um sonho? Até que ponto é que podia acreditar na existência de um Deus e de uma Deusa perversos, que observam atentamente as escolhas das suas criações? Não seria a Ciência um meio vicioso de Deus brincar com os Terrestres, mantendo-os longe de qualquer suposição da existência de um mundo paralelo, onde a magia prospera? Talvez tivesse medo que a sua criação se virasse contra si… Outra coisa passou-me pela mente. Será que, sendo habitante da Terra, poderia tentar «entrar na sala da Deusa»? Tinha a certeza de que Sebastian estaria lá à minha espera, impetuosamente. Agarrei no orbe dele, coloquei-o delicadamente na minha gaveta junto aos seus bilhetes que ainda mantinham o seu cheiro. Coloquei ao pé dele duas chaves. Recentemente tinha adquirido o hábito de, uma vez por mês, tentar encontrar chaves para colocar ao pé do orbe. Uma delas seria a indicada para abrir a porta da Deusa!

Olhei uma vez mais para o relógio. Estava a ficar atrasada. Fui para a casa de banho. Olhei-me ao espelho. As minhas feições estavam um pouco diferentes do que me lembrava. Aqueles momentos de tristeza e depressão tinham-me agraciado com uma cara mais pesada e sisuda. Passei lápis preto nos olhos, pintei os lábios com um tom suave de vermelho e amarrei o cabelo num rabo-de-cavalo. O meu cabelo parecia mais negro e longo do que o habitual. Olhei para a minha roupa a ver se estava bem. Envergava um vestido curto azul-escuro quadriculado e umas botas *All Star* pretas. Lá em baixo, na rua, ouvi uma apitadela de carro que soube ser dirigida a mim.

Corri para a entrada da casa e peguei nas duas malas de viagem que estavam lá à minha espera. Com um último olhar, despedi-me da casa e desci as escadas do prédio. Lá fora, Adam e Lorelei esperavam-me no seu novo *Mazda* azul. Cumprimentaram-me com um sorriso brincalhão atrás dos seus óculos escuros. Coloquei as malas no porta-bagagem e entrei para o banco de trás da viatura.

– Olá, gaja boa! – Lorelei parecia mais alegre do que o normal.

– Olá, Lorelei. Olá, Adam. Obrigado por me levarem ao aeroporto.

– Tens a certeza de que queres mesmo fazer esta viagem sozinha? Se esperares pelos meus exames, podemos ir todos juntos! – Lorelei falava-me sem me olhar, pois já estava a fazer-se à estrada, excedendo a velocidade máxima permitida, como uma louca.

– Não, eu prefiro ir sozinha. Preciso de estar longe daqui por uns tempos. Preciso de tempo para mim e para reflectir sobre a minha vida. – Enquanto falava, notei um clima estranho entre Lorelei e Adam. Quase parecia haver um nevoeiro cor-de-rosa e florido entre os dois. – Passa-se alguma coisa que eu deva saber? – Tentei parecer brincalhona.

– Bem… não fiques chateada connosco. Há algum tempo que estávamos para te contar… Eu e o Adam começámos a namorar. – Adam colocou a sua mão gentilmente sobre a de Lorelei que estava pousada no manípulo das mudanças. Ele olhou para mim. O brilho nos seus olhos e o sorriso cintilante provaram-me que estava ali um novo Adam.

– Fico muito feliz por vocês. A sério. Espero que dê certo. – A minha voz era calma e eu estava a ser mesmo sincera. Os meus dois melhores amigos estavam juntos, enamorados e felizes. Estava tão feliz por eles que escondi no meu interior o sabor amargo da solidão que sentia.

Tínhamos chegado ao aeroporto. Despedi-me dos meus amigos com um abraço e um beijo carinhoso. Dali a alguns meses, estaria de volta. O dinheiro ganho no Verão anterior, as poupanças acumuladas durante meses de depressão e uma pequena ajuda da minha mãe tinham-me permitido marcar aquela pequena volta ao mundo. Era mesmo o que estava a precisar. Conhecer o mundo, colocar todo o meu passado para trás, pensar na minha vida e tomar algumas decisões. Passada uma hora, já eu estava dentro do avião, a primeira vez que voava desde que era um Anjo. A sensação de liberdade não era a mesma, mas, ainda assim, serviu para me recordar de como era bom poder voar.

\*

Estava num país histórico e ao mesmo tempo exótico. O Verão ali era quente e agradável. Num fim de tarde, decidi ir passear pelos planaltos que davam para a praia. Aquele lugar lembrava-me tanto Orbias! Ao longe, vi uma rocha que se atrevia a entrar no mar, muito semelhante àquela que eu tinha sobrevoado à noite, em Seabeau. Decidi ir até lá, mesmo sabendo que era perigoso. Estava na ponta daquele precipício. Sentia o vento vindo do mar a passar por mim e a remexer o meu cabelo negro. Abri os braços e fechei os olhos. Que sensação tão boa! Voltei a abrir os olhos e vi o mar lá em baixo e as rochas afiadas como espadas. Era tão fácil atirar-me dali e acabar com tudo… Bastava um simples passo em frente. Meses atrás, eu pensava assim. Agora não.

Sebastian tinha-me provado que as almas gémeas existem e que o amor é real. Tinha-me provado também que não existe tal coisa como a eternidade, ou não teria morrido dramaticamente nos meus braços. As lembranças más tinham sido dizimadas da minha mente. Agora só me agarrava aos bons momentos que passei com ele, os mais felizes da minha vida. E só ao fazer isso é que percebia que, afinal, a eternidade existe. Sebastian era eterno! Ele estaria eternamente no meu coração. Mas, agora, não era o meu coração que batia por Sebastian. O meu coração era o próprio Sebastian. E o buraco oco e vazio no meu peito estaria preenchido por ele até ao fim dos meus dias, altura em que eu me reuniria com o meu eterno Amor!

Epílogo

Eu continuava a fitar aquele mar azul maravilhoso no penhasco que mais parecia um altar. Atrás de mim, senti uma presença e, instintivamente, voltei-me. Sebastian caminhava pela rocha. Tinha o cabelo mais crescido, espetado com gel, camisa branca aberta no colarinho e mangas, e calças pretas. Na sua cara, o habitual sorriso matreiro de menino e os intensos olhos negros.

– Estás atrasado. – Comecei eu, sorrindo sedutoramente para ele.

– Desculpa. Não foi muito fácil sair de lá.

– Não faz mal. – Abracei o seu peito quando chegou ao pé de mim. – Sabes o quanto foi difícil fazer de coitadinha todos estes meses? Já estava enjoada de tanto fingir que estava a chorar e a definhar. E eles sempre de volta de mim como se estivesse quase a suicidar-me.

– Comecei a rir perversamente.

– Dona Noemi!… Foi preciso chegares ao pico do teu poder de Omnisciência para perceberes tudo e esconderes isso de todos durante tanto tempo?! Afinal não és a «anjinha» que eu pensava que eras. – Puxou-me para a sua frente e deu-me um atrevido beijo molhado.

– Sou mais esperta do que pensas. – Pisquei-lhe o olho.

– És uma dissimulada, isso sim. Mas é isso que me faz amar-te tão loucamente. Fico feliz que tenhas percebido a mensagem em Deep Hollow e me tenhas escolhido a mim.

– Achas que eu não te escolheria? Achas que preferia um bando de pessoas de que nunca gostei? Isso cansa-me a beleza! Sua delícia de homem! Não via a hora de te cobrir de beijos, *sexy boy*.

– Adoro quando és assim, insaciável, Noemi. Deixas-me louco de desejo.

– É como eu sou. E depois de matarmos saudades, o que fazemos?

– O que ambos desejamos há muito tempo. Matamo-los!

– Boa! Já não era sem tempo. Esperámos tempo de mais. E arriscámo-nos muito com a Riddel e os outros.

– Bem, isso em breve vai acabar. Tens a certeza de que é isso que queres?

– Claro. Desde que esteja contigo, para mim nada mais importa. Nós agora somos só um e a vontade de um é a vontade do outro. Mesmo que isso signifique que nós sejamos um par de manhosos e malvados «lobos». – Comecei a lamber os lábios e o pescoço de Sebastian de forma lasciva.

– Eu amo-te perdidamente, minha lobinha favorita.

– E eu amo-te a ti, meu lobão grande e *sexy*.

Beijámo-nos selvaticamente durante alguns minutos naquele cenário idílico. Quis levar Sebastian para o meu quarto e ficar lá com ele durante todos aqueles meses de férias, entregues ao mais profundo prazer libidinoso. Estava com ele e só isso me interessava. Nada mais!

Agradecimentos

O nascimento desta obra não podia ter acontecido sem a ajuda e o apoio de um grande número de familiares e amigos bastante importantes para todo o mundo de Orbias e suas personagens.

Nesse sentido, gostaria de agradecer sinceramente às seguintes pessoas: À minha mãe, à minha irmã e à minha sobrinha, por serem as mulheres da minha vida.

Ao Hugo, à Diana e à Sofia, pela grande amizade, apoio e esperança.

À Cátia, à Tânia, à Ticha, à Linda e à Carla Silva, por serem tão boas leitoras.

À Filipa, por ser a minha fã número um, a amiga mais velha e a mais fiel leitora.

À Isabel Garcia, editora da Casa das Letras, pela simpatia e por ter defendido *Orbias* com «unhas e dentes».

À Carla, por todo o apoio numa fase negra, e cuja sombra foi de férias com a minha.

Às bandas Evanescence, Paramore e Panic at the Disco, que proporcionaram a banda sonora perfeita para este texto, contribuindo assim para a sua criação.